

Espírito / Matéria

José Lacerda de Azevedo

Espírito / Matéria

Novos Horizontes Para A Medicina

7ª Edição 2002

Ficha Catalográfica

Elaborada por Miriam Moema Loss CRB-10/801

A994e Azevedo, José Lacerda de
 Espírito/Matéria: novos horizontes para a Medicina
 / José Lacerda de Azevedo. - Porto Alegre.
 296 p. : il.

1. Espiritismo 2. Espiritismo - Medicina 3. Medicina - Espiritismo I. Título

CDU 133.9
133.9:61
61:133.9

Direitos reservados à José Lacerda de Azevedo

VEC

Gráfica e Editora Ltda.

Rua Marista, 279 - Fones/Fax: (51) 3336-3707/3339-4641

CEP 90520-120 - Partenon - Porto Alegre - RS

vec@graficavec.com.br

A

Maria Evangelina Lacerda de Azevedo, minha mãe (que plasmou meu corpo físico);

Arzelinda De Barros Lacerda, minha tia materna (que formou meu espírito), e

Yolanda Lacerda De Azevedo, minha esposa (a quem devo todas as realizações materiais e espirituais),

Preito de Amor.

Espírito / Matéria

Agradecimento

Nosso preito de gratidão aos ilustres presidentes do Hospital Espírita de Porto Alegre,

Dr. Conrado Ferrari

e

Sr. João Amado Venâncio.

ambos falecidos. O primeiro, fundador dos trabalhos espirituais na "Casa do Jardim", com a técnica da Apometria. O segundo, seu continuador.

Hoje, desligados do Hospital Espírita, podemos bem avaliar o desassombro e a integridade de caráter desses dirigentes. Com serenidade fraterna eles nos deram irrestrito apoio desde os movimentos iniciais, permitindo que medrassem as primeiras sementes de técnicas mais avançadas, no campo do mediunismo.

Este livro é dedicado a todos quantos trabalham no campo do psiquismo, dos médiuns aos médicos.

Jardim Desvelado

Este livro é consequência natural da silenciosa atividade da Casa do Jardim de Porto Alegre, ao longo de mais de vinte anos. Não se trata de obra de um indivíduo, mas de todo um grupo de pessoas das mais variadas condições sociais e culturais (médicos, advogados, engenheiros, militares, técnicos, donas de casa, operários, estudantes etc.), irmanadas pelo ideal de aliviar não só sofrimentos psíquicos como também doenças que abrangem quase todos os registros da patologia médica. Na base deste ideal, incandescia-nos o Amor. E é bem possível que tenhamos chegado a praticar a Caridade, embora nos sintamos meros instrumentos de uma Realidade cujas fîmbrias apenas tocamos.

Ao longo desses muitos anos de perseverante esforço, a vontade de servir nos colocou em contato com variados e incontáveis fenômenos psíquicos, dando-nos oportunidade de pesquisar causas e evolução, bem como o comportamento dos doentes. Da repetição dos fenômenos surgiram hipóteses de equacionamento que foram se transformando em soluções. E em Leis.

É exatamente isso que o leitor encontrará aqui. Verá como certos "mistérios" se condensaram em hipóteses que, em seguida, se cristalizaram em Leis ao longo de caudaloso fluxo de fatos e histórias clínicas, de fenômenos e formulações.

Espírito / Matéria

Uma Flor

Foi numa manhã fria de maio de 1985 que conheci o Dr. José Lacerda de Azevedo. A "Cara do Jardim" do Hospital Erpwa de Porto Alegre regurgitava de gente à espera de atendimento, pessoas de todas as classes sociais, que ali chegavam no rastro de uma esperança de cura.

Como todos os outros, eu esperava.

Quando meu nome foi anunciado, entrei em corredor transitado por pessoas de jaleco azul. Lembro-me de que me dirigi a mais de um dos tranqüilos senhores grisalhos, pensando que algum deles fosse o Dr. Lacerda.

Encontrei-o, por fim. E surpreendi-me.

O homem me pareceu humilde até na estatura, olhar doce mas amorosamente vivo. Irradiava fé, uma luminosa determinação que esvoaçava em cada gesto suave, na mansidão da voz, nas contrações dos lábios fortes. Naquele primeiro momento não lhe vi a idade sessentona, as vestes simples, os cabelos embranquecidos em torno da discreta calva. Encantei-me com aquela silenciosa compaixão escondida em sorriso que parecia sempre prestes a desabrochar; ofuscava-me aquela sinceridade mansa, aberta de par em par.

Eu não sabia. Naquele momento estava nascendo, acompanhada de indefinível veneração, talvez a mais profunda amizade que a vida poderia me oferecer.

Devagar, em contatos que se tomaram mais e mais freqüentes, fui conhecendo em detalhes um trabalho espiritual de enorme importância, realizado com admirável persistência durante cerca de um quarto de século. Paciente e silenciosamente, o Grupo liderado pelo Dr. Lacerda vinha explorando dimensões do Espírito, ousando penetrar em Universos escondidos pelas limitadas percepções de nossos sentidos. Hipóteses foram se cristalizando em Leis, Leis que transformam em coisas simples e naturais muitos mistérios antigos, Leis provadas e comprovadas durante muitos e seguidos anos. Para discussão dos fenômenos (tanto velhos e clássicos como novos), para formulação de hipóteses sobre causas, inter-relações, alcance de efeitos e possíveis Leis, para as permanentes decifrações era necessário estudo contínuo, atenção de microscopista e ao mesmo tempo de astrônomo, um olho nos princípios da Física Nuclear ou Quântica e o outro nos mais amplos horizontes do pensamento filosófico, em seu vôo pelo Espírito e pelo Cosmo. Uma tarefa formidável, sem dúvida. Mas que de forma alguma poderia ser realizada com tantos êxitos, descobertas e curas, se não estivesse centrada nos ensinamentos do Divino Mestre e se não tivesse merecido a cobertura e proteção de Mentores espirituais de elevadíssimo grau evolutivo.

Diante dos horizontes que o trabalho permanentemente abria, vi no Dr. Lacerda e seus companheiros a sabedoria dos que se sabem eternos aprendizes. Era como se as gigantescas surpresas com que agora se defrontavam - decifrando-as - não fossem diferentes daqueles fenômenos de que trataram nas primeiras reuniões do Grupo pioneiro, quando o trabalho se restringia quase que apenas às reflexões sobre o Evangelho e à doação de fluidos energéticos para uso dos Espíritos caridosos, em sua faina samaritana.

Pesquisa, permanente pesquisa. Cuidadosa vigilância contra preconceitos, fanatismos, fantasias e, principalmente, contra vaidades. Ousar, experimentando: pôr à prova, ad nauseam, o conhecimento recém-adquirido, de modo a dar-lhe consistência de diamante. Enxergar o Desconhecido não como algo aterrador, mas simplesmente novo à espera de desbravamento que deverá torná-lo velho, um dia. Ter os olhos muito abertos, sempre, mas imersos na Eternidade. Embora empurrando a mente até os limites quase impensáveis, abrir, ao mesmo tempo, o coração; amar com Amor que tudo abarque, sentir em si próprio pulsar a Humanidade de todos os tempos

Espírito / Matéria

em todos os planos de Vida - eis o resumo incompleto das facetas que vi na postura com que labutam os trabalhadores da Casa do Jardim. Na base de tudo, a caridade. Não a untuosa, aquela tão sublinhada e calculadamente consciente que chega a se contaminar do seu oposto. Caridade límpida, luminosa, Natural. E, por isso mesmo, humilde como violeta.

Conheci Grupos idênticos em Brasília, independentes, mas usando técnicas e conhecimentos da "Casa do jardim". Ali, os médicos Victor Ronaldo e Edson Veiga há anos já trabalhavam no silêncio e igual constância, com assombrosos resultados. Havia Grupos em Pelotas, Santa Maria, Rio de Janeiro.

Mas se eram tantos os comprovados êxitos desses Grupos, por que não se divulgavam os conhecimentos arduamente acumulados, de modo que brilhassem "sobre o candeeiro, para que dessem luz a todos"? Soube: havia um livro em fase final de preparação, obra que deveria ser editada assim que concluída.

Procurei o autor, Dr. Lacerda. Ele me passou os originais do livro ainda inacabado, dois espessos calhamaços redigidos em fins-de-semana e nas poucas horas de fazer de seu trabalho de médico e na "Casa de jardim".

Li. E gostei.

Meu entusiasmo foi espontâneo como o impulso de me oferecer para auxiliar na revisão final. Nisso eu poderia colaborar. Ainda que pequeno meu serviço, mal ou bem eu queria colaborar.

Para minha alegria, o Dr. Lacerda aceitou.

Comecei, então, meu trabalho de escreva, atrevendo-me a burilar textos alheios. No princípio a responsabilidade me assustou e quase me arrependi. Sentia-me lidando com palavras importantes demais. Se eu cometesse uma involuntária falsificação de conceito básico, seria difícil encontrar modo ou oportunidade de me redimir do erro, fosse perante o autor, fosse ante seus leitores.

Várias vezes falei sobre isso ao Dr. Lacerda. Apresentei exaustivas versões de textos, medroso até mesmo de vírgulas, julgando-me temerário por ter ousado transposições, cortes e uma ou outra síntese. Ele sorria dos meus pruridos culposos. Quase sempre aprovava, mas reprovava também - com a sem-cerimônia e espontaneidade de um pai. Discutimos, algumas vezes. E, no trajeto para o texto definitivo, tive lições de Física, Química, Botânica, Biologia, História, Filosofia, Medicina, Farmacologia, Espiritismo etc., e sobre assuntos que nenhum livro ensina. Procurando dar, vi-me enriquecido.

Certo dia, falando do livro ainda sem título nem editor, pedi ao Dr. Lacerda o privilégio de escrever umas duas ou três páginas de introdução à obra. Ele concordou de pronto, irradiando alegria. "Mas há um detalhe" acrescentei. "Meu nome não poderá aparecer. O texto terá como autor um escritor anônimo."

O Dr. Lacerda protestou. Mas eu sabia que estava certo, certeza imensa de que se sabe mínimo ante as dimensões da construção de que ele era o arquiteto visível, ajudado por outros construtores de carne e osso, médicos, advogados, engenheiros, oficiais das Forças Armadas, técnicos, donas-de-casa, etc.. Havia ainda a causa e fulcro de todo o trabalho, os construtores invisíveis, Espíritos Superiores que orientam e assistem a atividade de conjunto dos Grupos e cada um deles isoladamente.

Com efeito, eu nada construí. Pude tão-somente polir palavras, escreva que sou. E, se andei certo em meu trabalho, nem mesmo nisto posso me arrogar algum mérito. Fiz tudo por amor. Amor que os trabalhadores da "Casa do Jardim" sem querer me infundiram, fazendo-me pensar na ventura que você, leitor irmão, haverá de sentir, lendo este livro.

Espírito / Matéria

Agora que, abertas estas páginas, você está prestes a fruí-las, confesso que a finalidade única deste meu depoimento é o prazer de oferecê-lo a você como se fosse flor. Singela flor que ponho em seu coração, no instante em que você entra numa festa de Luz.

Um escritor anônimo

Nosso Prisma

Muitos são os espíritas que não se interessam pelos fenômenos da alma. Chegam mesmo a desprezá-los, seja por não os compreenderem, seja por comodismo imobilista. Preferem um Espiritismo que enxergam como uma religião. E religião em moldes já ultrapassados: um ninho de certezas transcendentais, onde as pessoas se acomodem, fabriquem dogmas, intocáveis ortodoxias, carismas, mitos ... e bem delineados limites à investigação, por mais sadia e necessária que seja.

Em respeito a essas pessoas, acreditamos ser conveniente proclamar, desde já e no pórtico de entrada desta obra, a nossa posição frente a tema tão importante quanto complexo, de modo que se possa antever o conteúdo destas páginas.

Cremos que a finalidade básica da Doutrina Espírita é redimir os homens. E redimir evangelizando-os, elevando-lhes os sentimentos e pensamentos, aperfeiçoando-os de modo a colocá-los em condições vibratórias que lhes permitam evolução espiritual rápida e segura. Não se deve desejar da Doutrina que ela transforme todos os homens em cientistas, pois a Ciência não é sinônimo de elevação espiritual; pelo contrário, é apenas instrumento desta. Sabe-se, à saciedade, que esforços intelectuais, pura e simplesmente, não levam à meta; áridos, despovoados de vivências, só passam a ter fecundidade quando submergidos na prática da caridade evangélica. Julgamos de fundamental importância, por isso, incrementar a faceta religiosa do Espiritismo por todos os modos e meios a nosso alcance, porque ela constitui um alicerce indestrutível para a elevação espiritual das criaturas e da Humanidade como um todo.

Cremos também que a religião, unindo a criatura ao Criador, deve ser entendida e vista em sua natural amplitude, isto é, dentro de um contexto cósmico. Precisa ser vivida de modo arejado, cada criatura se sentindo imersa em sua própria eternidade, aberta a horizontes infinitos, e ungida de fé inabalável - porque sempre pronta à iluminação, à pesquisa e ao aprendizado. Uma vez que a criatura vislumbre o Cristo Cósmico em si própria, a meta se torna próxima. E a atrai.

Cremos que a Doutrina Espírita, em respeito às próprias formulações e à ampla visão de seu Fundador, não deve enveredar pela trilha fácil e descendente dos decadentes. Estaríamos, assim, no bojo de mais uma religião estática, limitada por dogmatismos sectários e infestada de particularismos e personalismos rasteiros. Infelizmente, esta degradação já se esboça no Espiritismo. Em prejuízo do Espírito.

Cremos que a intolerância religiosa e o culto artificial da pureza doutrinária são incompatíveis com os horizontes da Doutrina dos Espíritos, dinâmica e sempre atual por sua própria natureza, ensejando progresso e aprendizado contínuos. Limitar-se ao passado, em nome de pureza e cânones ortodoxos, é voltar a cair no poço de onde KARDEC e os Espíritos quiseram tirar a Humanidade. Não podemos esquecer: foi, precisamente, invocando a pureza da Lei Mosaica, que o Sinédrio crucificou JESUS. A intolerância medieval também invocou a pureza dos ensinamentos de CRISTO para levar milhares de criaturas à morte, em fogueiras infamantes e cárceres infectos.

Não é possível o Amor sem Liberdade. O Amor à Verdade, também.

Este é o nosso prisma.

I - Parte

Ciência do Espírito

1. Generalidades

Ciência (do latim "scientia", de "scire", saber) em sentido restrito é o conhecimento que se tem de uma coisa. Em sentido lato, designa o saber que se adquire pela leitura, estudo, meditação; ou, também, o somatório de conhecimentos restritos que se tem das coisas e fatos relacionados a determinado objeto, ou a conjunto de objetos. O conhecimento de todos os fenômenos observados se chama, genericamente, Ciência. É o conhecimento sistematizado.

A Ciência pode ser dividida em ramos, conforme seu objeto. Temos ciências físicas, econômicas, humanas, morais ... e psíquicas - estas, o mais recente horizonte dos conhecimentos sobre o Homem. Métodos e normas específicas orientam as investigações de cada uma das ciências experimentais. E experimentais são também as ciências psíquicas, embora se valham de métodos que se poderia denominar, com certa propriedade, de mente-experimentais.

2. Ciências psíquicas, um desafio

Em todas as ciências - sejam físicas, químicas ou segmentos das biológicas há postulados (e parâmetros deles derivados) sem os quais não se podem armar equações ou soluções, nem concluir resultados mensuráveis de experiências.

Quando se trata de investigação em planos transcendentais (como os que envolvem a existência da alma, por exemplo), o cientista fica inibido de aceitar conclusões a priori, pois se vê explorando terreno novo e movediço, onde a investigação se toma complexa.

Tal perplexidade é compreensível, pois o campo escapa ao prosaico domínio dos cinco sentidos. Tudo parece vago, impalpável, volátil em excesso - quando não fantástico.

Padecendo do temor de confundir Ciência e Religião, a aceitação dessa invisível Realidade se prejudica também pelas controvertidas explicações que lhes dão as diversas confissões religiosas, conflitantes em muitos aspectos. Para aumentar as dificuldades, há a considerar que Religião e Metapsíquica cheiram a mortos, fantasmas etc., tangenciando a atmosfera das lendas e mitos.

Frente a esses obstáculos, a Ciência se mostra confusa. Insegura, talvez. Mas esta atitude tem raízes no Passado.

3. As raízes da insegurança

Subordinada durante séculos aos dogmas da Escolástica medieval, mal libertada, no Renascimento, dos grilhões estáticos e anti-experimentais, foi com verdadeira volúpia que a Ciência se lançou à pesquisa objetiva, na fruição de uma liberdade arduamente conquistada. Essa postura de fruição juvenil vem ela anacronicamente mantendo, com a agravante de se ter carunchado de preconceitos tão viscosos como os dogmas que enfrentou. Ela não acredita em demônios, é bem verdade. Mas repele, com desprezo idêntico ao dos antigos inquisidores e a

Espírito / Matéria

mesma falsa superioridade, todos quantos informem alguma coisa sobre o universo desconhecido que existe além do nosso, tridimensional. Fenômenos que não fizerem oscilar agulhas não têm comprovação física; *logo, estão proibidos de existir*.

Qual a face do medo, hoje?

Juvenil embora as rugas de muitos séculos; juvenil porque ainda não viu esvair-se seu delimitado mão de pesquisas, a Ciência insiste na distorção de só considerar pesquisáveis os sólidos das três dimensões cartesianas. As ciências psíquicas, por exemplo, conquanto tratem da mente, restringem seu objeto exclusivamente a criaturas vivas; quaisquer outras realidades ontológicas têm sido postas de lado pelos cientistas - que as consideram irreais ou improváveis, porque não as enxergam nem sentem. Todos os fenômenos que essas realidades ontológicas provocam nos seres humanos vêm sendo estudados unicamente como produto do cérebro vivo, e sempre vinculados à atividade mental.

Foi com essa atitude temporã que a Ciência chegou ao nosso tempo, avançando sempre, mas sôfrega em solucionar tudo que ainda a desafie no filão por ela delimitado. A Física e a Química, por exemplo, se lançaram a tantas pesquisas, com tamanho volume de resultados e informações que, em escassos 80 anos, foi ultrapassado o acervo científico de toda a História da Humanidade, nesses campos. Com isso, foi possível pormos os pés na lua e sondar melhor o cosmo, além do desenvolvimento de uma tecnologia de que a indústria avidamente se aproveitou (para criar armas mortíferas e produzir comodidades).

Absorvida, ainda e sempre, por interesses materiais e imediatistas - no que põe suas efusões de adolescente encruada - é natural que a Ciência não tenha interesse no estudo de fenômenos cujas raízes descem a campos tidos como imateriais, dimensões de Espaço diferentes da nossa; fenômenos de indiscutível realidade, mas que não quer reconhecer tão-somente porque eles não podem ser cheirados, medidos, pesados. (Essas dimensões, por se encontrarem em algum lugar além do plano físico, poderiam ser chamadas metafísicas. É com este termo, e em seu sentido mais simples, que nos referimos a esses fenômenos. Não se veja na palavra algum indício de lucubração abstrata; meta significa "além de"; "metafísica", portanto, indica simplesmente o que se encontra fora do campo físico).

4. Eppur si muove!*

(*) Exclamação de Galileu, que a teria sussurrado para si mesmo perante o Tribunal da Inquisição. Condenado a renegar suas idéias sobre os movimentos da Terra, submeteu-se aos juizes, mas disse: contudo ela se move!

Eppur si muove. Fenômenos "inexplicáveis" e de crescente intensidade vêm intrigando os cientistas desde meados do século XIX. Manifestam-se em criaturas especialmente dotadas, conhecidas como "médiuns", "sensitivos", "profetas", "curandeiros", "videntes" etc. Em algumas delas dão-se fenômenos de premonição; há as que apresentam telecinesia; muitas a psicografia, ou psicofonia e outros fenômenos, todos já comprovados cientificamente e, muitos, até incorporados ao cotidiano de pessoas e comunidades. É de pensar que, não obstante sua insofismável evidência, ainda exista quem, em nome de uma atitude científica adolescente, se empenhe em negá-los com fanático desdém.

Isso não poderá durar indefinidamente. Encurralada por verdadeira avalanche de fatos, empurrada a confirmar a existência de algo que teria de chamar de "alma", "espírito" ou "sede da vida" (com sobrevivência após a morte), a Ciência está sendo compelida a abrir alguma válvula de

Espírito / Matéria

escape. Terá que satisfazer, de algum modo, as pressões que sofre desde o século passado: ou investiga e dá explicação definitiva para a catadupa de importantíssimos fenômenos, ou confessa de vez seu dogmatismo cego, sua imaturidade e o medo das manifestações dos mortos.

Eis o problema, o Grande Desafio de nossa época. E o impasse, também.

No Passado, apesar das desastrosas e inapeláveis decisões de tribunais científicos, pioneiros desassombrados realizaram trabalhos de imenso valor. Em fins do século XVIII, MESMER tratou grande número de pacientes com método novo, baseado no magnetismo animal; provocou grande alvoroço na França. Depois dele vieram (entre outros) LIÉBEAULT e BERNHEIM, que fundaram a Escola de Nancy; CHARCOT, na Salpêtrière, e outras Escolas. Em 1872, RICHET batizou de Metapsíquica a nova ciência, que se ocupava de fenômenos para além do psiquismo. Estava aberta a porta para a sistemática investigação da realidade do Espírito. .

O neologismo criado tratava de fatos na época inexplicáveis, todos vinculados ao psiquismo humano. Estudando durante muitos anos alguns sensitivos de reconhecidos poderes mentais, RICHET definiu a Metapsíquica como a ciência que tem por objeto o estudo dos fenômenos mecânicos ou psicológicos devido a forças que parecem inteligentes, ou a poderes desconhecidos - latentes na inteligência humana. Abrange, portanto, os fenômenos de criptestesia, isto é, a faculdade do conhecimento de algo oculto (por processo que ainda desconhecemos); a telecinesia, ou seja, ação mecânica ponderável, à distância, movendo objetos pesados sem o contato humano; e materialização dos mortos, exaustivamente estudada por William CROOKES. (Com o nome de ectoplasmia, termo criado por RICHET, designamos, atualmente, a antiga e impropriamente denominada "materialização": aparecimento, sob condições especiais, de objetos e até seres humanos completos - vivos e inteligentes - egressos do universo paralelo a que nos referimos.) Modernamente, surgiu com RHINE a parapsicologia. Com novos métodos de investigação, estatísticos sobretudo, ela visa obter provas matemáticas das manifestações psíquicas que escapam ao domínio da psicologia. Embora sem a profundidade de RICHET, RHINE desenvolve gigantesco trabalho de pesquisa laboratorial a respeito de fenômenos como telepatia, precognição, clarividência etc. Em experimentos que se prolongaram por mais de vinte anos, observou pacientemente grande número de pessoas, chegando a resultados matemáticos que se pode considerar irrefutáveis.

Uma das razões, no entanto, pelas quais o trabalho de RHINE adquiriu status de ciência. foi precisamente não ter ele se "aventurado" a tocar em fatos ligados a espíritos (tais como modelagens ectoplásmicas, aparições, psicofonia, psicografia etc.) Por alguma razão especial, mas sobremaneira significativa, o pesquisador não quis se envolver com qualquer fenômeno cuja causa pudesse ser atribuída aos "mortos", nem desenvolveu esforço algum para penetrar no universo dimensional que eles habitam. Respeitou um tabu científico, ainda que de ranço medieval. E foi respeitado.

Tal fato exsuda óbvia ironia. E leva a indagar: por que a Ciência tem medo da Religião?

Parece dramaticamente necessário - e urgente - que os cientistas de hoje alijem de seus ombros o fardo dos preconceitos obsoletos, a fim de que um universo fabuloso (vislumbrado, por enquanto, por uma minoria) adquira alvará de realidade e veja reconhecida sua cidadania científica. Só assim, libertos de conceitos e idéias entravantes, nossos investigadores poderão transformar-se nos copérnicos e galileus de que estamos necessitando.

Sabemos de psiquistas que hoje, neste exato momento em que escrevemos, se empenham em descobrir caminhos e desvelar mundos. Esses desbravadores podem se extasiar com a visão do novo que se estende no espaço que circunda a Terra, paragens invisíveis para os olhos carnisais, mundo indevassável para as criaturas comuns, e, no entanto, palpável para as pessoas que, dotadas de sentidos mais aguçados, podem captar e registrar radiações eletromagnéticas incomuns.

5. O admirável velho mundo novo

Poucas são, ainda, as criaturas capazes de perceber dimensões diferentes da nossa. para além da estreita janela que vai de 4.000 a 8.000 Å (Å - angstrom - medida de distância. Vale 0.1×10^{-8} cm. decimilimicro) do espectro visível; por essa reduzida fenda vibratória - e só por ela - chega a percepção de tudo que nos cerca. para as pessoas comuns. Para os sensitivos, a janela se abre de par em par, e eles se transportam às regiões vizinhas ao nosso planeta (embora integrantes dele), espaços cheios de vida e atividade. Eles podem visitar os céus de que falam religiões, onde há moradas, edifícios, templos semelhantes aos da Terra, veículos e os mais diversos aparelhos, tudo com aparência e uso semelhante aos nossos. São homens como nós, os habitantes desse mundo. Seres humanos, sim. (Há quem se recuse até mesmo a imaginá-los!) Mas que já não têm corpo, abandonado no cemitério pelo fenômeno da morte. Livres do invólucro de carne, essas criaturas estão fora do alcance de nossa vista, que só capta formas densas dos corpos materiais. Lá no seu universo elas conservam sua cor, roupas e objetos como se estivessem na Terra. Tudo, ali, é tão sólido como no nosso mundo - o que não é de espantar: a percepção das formas é relativa; função do meio espacial.

6. O porquê deste livro

É precisamente aí, nesse universo paralelo, que vimos operando há mais de duas décadas, ousando desbravar também. A ele desejamos conduzir investigadores que lhe desvendem as leis, descobrindo os seres que o habitam e as influências, salutares ou terrivelmente maléficas, que possam ter sobre nós. (Apenas para ilustração. podemos apontar. dentre as maléficas, muitas enfermidades psíquicas já identificadas pelos médicos, mas de etiologia desconhecida pela Medicina).

Nosso objetivo, nesse livro, é mostrar um mundo novo e apontar os meios de chegar até ele. Nem tão novo, é verdade, pois que velho como o Planeta. E "chegar" talvez não seja o termo exato. pois se trata apenas de percebê-lo. De qualquer modo, podemos garantir que sua exploração equivale a uma viagem.

A viagem nesse mare tenebrosus, no entanto, exige certo condicionamento mental, com aceitação de premissas aparentemente insólitas, *hipóteses de trabalho*. Essas premissas. frisamos. são formuladas cientificamente; não as consideramos dogmas de fé ou postulados religiosos, pois nossa investigação exclui qualquer proselitismo. Move-nos o objetivo de encontrar aplicações práticas e universais em benefício de toda a Humanidade e não de facções. De novo. teremos o espaço dimensional- sede das causas. E também o objeto da pesquisa: o Homem que existe além do Homem.

Como já expusemos, a Ciência estabelece parâmetros e procedimentos fundamentais, a fim de armar equações que correspondam aos fatores observados e promovam o relacionamento analítico das leis em jogo. Tal como acontece na Matemática, chamamos fatores da equação os elementos que dela participam.

Seja qual for o nível em que operemos, físico ou metafísico, o desenrolar do processo segue normas idênticas ao método operacional e laboratorial que orienta as pesquisas físicas, de vez que todos os resultados convergem para o mundo fenomênico (isto é, para o mundo visível), pela presença, neste, do fato observado.

Espírito / Matéria

Como o próprio nome indica, fenômeno é "aquilo que aparece", pois a palavra, em grego, tem relação com o verbo "aparecer". Tudo que aparece no mundo visível é fenômeno: manifesta-se, torna-se objetivo. Quando lidamos com fenômenos metafísicos, contudo, o aparecimento e a investigação se tornam mais complexos. Passamos a operar em outra dimensão, abordável somente através dos processos analíticos de raciocínio. Se o mundo físico, percebido diretamente pelos sentidos, já dificulta a identificação de suas leis, imagine-se o quanto será difícil a pesquisa dos horizontes da mente. Apesar disso e de todos os obstáculos, no entanto, a sistemática observação de tênues manifestações fenomênicas (filtradas para nossa dimensão) tem possibilitado surpreender elementos valiosos e muitas inestimáveis informações sobre esse universo paralelo. É possível, portanto, estabelecer - de forma sólida - normas de investigação que nos permitem explorar e provar a existência desse universo, com a descoberta de meios de atingi-lo.

Esse campo ou universo tem identidade própria e propriedades diversas das do nosso. Quanto às formas não há diferenças muito apreciáveis, em relação ao nosso mundo. Nas regiões mais evoluídas se observa enorme avanço tecnológico, muito superior ao nosso. (Podemos dizer, sem medo de errar, que todo nosso desenvolvimento científico vem de lá.) Mas nas zonas inferiores seus habitantes vivem em dor e sofrimento, pois as leis morais sempre regem o comportamento do Homem e determinam seu destino - como, aliás, afiançam as religiões.

Embora possa surpreender, esse mundo se subordina às mesmas leis que nos regem. Temos observado que a Lei da Gravitação, da Queda dos Corpos e todas as outras conhecidas da Física e da Química atuam também lá, desafiando a argúcia dos sábios.

Pretendemos oferecer aos estudiosos métodos e técnicas para entrar nessas fronteiras. Como nosso trabalho observa normas metodológicas utilizadas pelas ciências experimentais, esperamos que não cause surpresa o fato de nos valermos da mesma sistemática de investigação e, de um modo geral, de idênticos métodos de abordagem.

7. Conhecimento do Espírito, ciência experimental

Para que nenhuma dúvida paire quanto ao nosso propósito, explicitaremos alguns conceitos e definições.

Por método entendemos o conjunto de regras estabelecidas para que um dado sujeito atinja o conhecimento de um dado objeto.

Sob o ponto de vista do sujeito, há o método dedutivo (também chamado analítico ou divergente) que parte dos princípios gerais para deles extrair fatos particulares. (É o método por excelência da Filosofia e Matemática.) Já o indutivo, sintético ou convergente, toma como ponto de partida o fato ou conjunto de fatos particulares para progressivamente, por comparação, chegar a leis ou princípios gerais.

Quanto ao objeto, os métodos são específicos. E tantos quantos os objetos que investigam.

Em nosso trabalho de mais de duas décadas, sempre que nos defrontamos com um fenômeno que se repete, procuramos observá-lo com atenção durante certo tempo, a fim de dimensioná-lo em suas proporções, avaliando-lhe duração, intensidade, constância, variações sutis, abrangência espacial, repetividade etc. Uma vez levantados todos esses dados, tentamos encontrar a Lei que o determina, já que não há fenômeno sem Lei. Para tanto, estabelecemos uma hipótese de trabalho: procuramos imaginar como se processa o fenômeno, criando a fórmula que, embora arbitrária, mais se aproxime da realidade observada.

Espírito / Matéria

Passamos novamente a observar, agora com maior atenção, o desenrolar do fenômeno e a exatidão da Lei hipotética. Se: o fenômeno se comportar em estrita concordância com a imaginada Lei, esta resultará comprovada. E legítima.

Armados do conhecimento da Lei, repetimos o fenômeno tantas vezes quanto possível, para confirmar a exatidão da descoberta. Claude BERNARD dizia: o fato sugere a idéia, a idéia dirige a experiência e a experiência controla a hipótese.

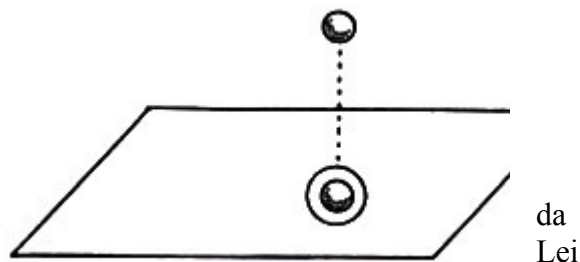
Estabelecida a Lei maior, partimos para a observação das pequenas variações do fenômeno, de vez que as mínimas variações estão sujeitas também a leis menores que atuam junto à Lei principal mas independentemente desta. Se todas as variações menores forem determinadas e suas causas conhecidas, o fenômeno está plenamente elucidado, com seu cortejo de leis. Formulamos, só então, a teoria geral do fato estudado.

Partimos, portanto, do fenômeno isolado, ou seja, do particular para o geral; do fato único para a Lei geral que rege os fatos (ou fenômenos) semelhantes. Nisso consiste o método clássico da ciência experimental - o indutivo - tão bem empregado pelos atuais pesquisadores e seus predecessores do século XIX.

Para ilustração, apresentaremos pequeno exemplo:

Primeiro experimento

Se um objeto leve (uma bola de papel, por exemplo) for solto de uma pequena distância do solo, cairá em determinada área do chão, perpendicular ao ponto de onde foi solto. E mesmo que a experiência seja repetida várias vezes, o ponto de queda será o mesmo. Estamos diante da Lei de Queda dos Corpos, precisamente, "Lei da Queda Livre", cuja origem está na grande da Gravitação Universal.

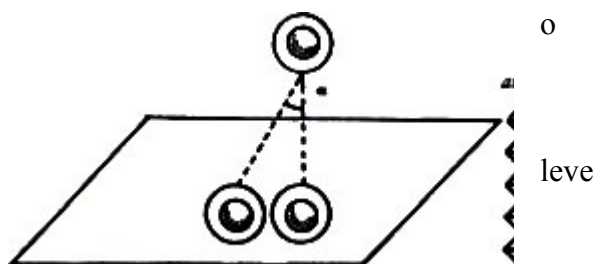


Segundo experimento

Numa das experiências, verificamos que o objeto sofreu desvio na queda, atingindo outro ponto do solo. Repetindo a experiência, poderemos até mesmo calcular o ângulo do desvio. Investigando, descobrimos a presença de aragem soprando lateralmente - causa do desvio.

Nesse caso, uma nova Lei age junto à primeira, independente mas bastante forte para modificar o resultado da experiência inicial. A essa outra Lei chamamos Lei Menor ou secundária. (Os fenômenos naturais vêm sempre acompanhados de uma série de Leis secundárias.).

A observação constante e a longa experiência adquirida são os elementos que nos têm permitido identificar diversas leis que regem fenômenos e suas interações.



Espírito / Matéria

Com tais explanações introdutórias, é possível passarmos à abordagem da sistemática de trabalho que nos ensejou devassar os horizontes paralelos mais próximos ao nosso. Horizontes, aliás, sobremaneira importantes, pois de lá é influenciada a maioria dos seres humanos, embora sua ignorância quase absoluta quanto a questão de tal magnitude.

Advertimos, desde logo, que será necessário aceitar premissas novas. Sem elas não há possibilidade de compreender como tudo se processa. Não haverá perigo em acolhê-las: nenhuma delas constituirá dogma de fé, embora a aparência. São apenas elementos matemáticos que, dispostos com método, conduzirão a equações e resultados surpreendentes.

Como primeira e imprescindível hipótese de trabalho será preciso admitir a realidade do mundo espiritual, a existência dos espíritos, e a possibilidade de serem reais e, portanto, legítimos fenômenos - embora escapem aos nossos sentidos. Se comprovada essa realidade pela experimentação, chegaremos às Leis - essas pontes para o "desconhecido" ou "oculto".

Que se desarmem as mentes. Deixemos cair as barreiras dos preconceitos científicos ou religiosos e avancemos rumo aos horizontes novos. Na viagem, é possível que se compreendam ainda melhor a razão e os objetivos deste livro.

Mesmo porque não há razão para preconceitos científicos, pois a Ciência não defende privilégios; a Ciência é neutra e aceita qualquer fato comprovado. Os preconceitos estagnantes são entraves cultivados pelos cientistas, que costumam falar em nome da Ciência ao defender seus posicionamentos.

Se eles fossem realmente cientistas, estariam investigando qualquer fenômeno físico ou metafísico, com igual isenção de ânimo.

O Homem-Espírito

Desde a mais remota Antiguidade o conjunto homem-espírito tem sido objeto de estudo e especulações. O conhecimento de nossa - essência era constante preocupação dos povos antigos, que de sua importância tinham mais consciência do que nós, separados deles por milênios de cultura, recentes conquistas científicas e retumbantes avanços tecnológicos.

Pelo que se depreende das páginas da História, essa consciência efetivamente diminuiu ao invés de se intensificar, talvez porque nos tenhamos distraído, ao longo dos milênios, com os perigosos brinquedos dos fanatismos religiosos e com matemáticos jogos de construir e destruir o que não é essencial. Distraídos, distraiu-se também nossa Ciência: por falta de atitude científica - gritante paradoxo - ela hesita em explorar e conhecer a viva realidade de nossa essência (ou espírito).

1. A sabedoria dos antigos

Sábios da Antiguidade chegaram a conhecer o Homem-Espírito muito melhor do que pôde conceber toda nossa ideação moderna. Ainda estamos andando em círculos em torno da existência ou não da alma. Eles, aceitando a realidade do espírito, se preocuparam em dar o passo seguinte: investigar o modo ou processo de ligação dos dois.

Essa pesquisa deu muitos frutos, de que restam algumas sementes. O estudo comparativo das várias concepções sobre a composição do Homem, ao longo dos antigos colégios iniciáticos, escolas filosóficas e diversas confissões religiosas, apresenta notórias

Espírito / Matéria

dificuldades porque complexo e, nos detalhes, confuso. Ao longo das eras e idiomas, no entanto, subjacente nas variadas terminologias uma certeza comum brilha e aparece como fundamental: sábios e escolas dizem basicamente a mesma coisa quando aludem às etapas vibratórias de que se compõe o Homem.

A existência de um sistema intermediário entre a essência ou espírito puro, de um lado. e corpo físico, de outro, era teoricamente dedutível pela Lógica e também imperativo de ordem técnica, uma vez que só esse veículo pode tornar possível a atuação do Espírito na Matéria, organizando-a. Em outras palavras, a fixação do espírito no corpo teria de implicar a existência de um órgão qualquer, muito especial, com plasticidade bastante para se ajustar às frequências vibratórias dos dois, acoplando-os.

Esse órgão (na verdade, um corpo) foi detectado por sensitivos da Antiguidade, tanto que era matéria de *curriculum* nas escolas iniciáticas.

Através de épocas e povos, variaram denominações e detalhes. Na Índia védica, esse mediador era "Mana-maya-kosha"; antigos egípcios chamavam-no "Kha"; os persas, no Zend-Avesta, "Boadhas"; os gregos, "Eidolon"; para Aristóteles, era o "Corpo Sutil"; na escola neoplatônica de Alexandria era conhecido como "Astroiedê", isto é, semelhante aos astros, devido à cor; era o "Corpo Fluidico" de Leibnitz; o "Perispírito" de Allan Kardec ou a "Alma" de Paulo de Tarso.

Para o apóstolo Paulo. o Homem é um complexo integrado por três partes distintas - corpo, alma e espírito(*) - em que a alma tem a nítida função de mediador plástico:

O Deus da paz vos conceda santidade perfeita e que vosso espírito, vossa alma e vosso corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

1 Tessalonicenses - 5:23

(*) - Paulo distinguia a alma do espírito, coisa que pósteros, não só da religião católica mas mesmo do espiritismo, não fazem: confundem alma com espírito, em sinonímia inaceitável. Para os espíritas, alma e espírito são a mesma coisa. havendo o perispírito como intermediário entre os dois planos: físico e espiritual. A abrangência do conceito torna-o difuso e excessivamente genérico, pois não atenta à fisiologia desse perispírito nem às peculiaridades da união entre ele e o espírito ou entre ele e o corpo físico.

Na Patrologia Latina notamos pensadores do cristianismo primitivo, sobretudo os da Escola de Alexandria, esposarem a tese do órgão intermediário entre espírito e corpo; dentre outros. Atanásio, Fulgêncio. Arnóbio, Basílio, Orígenes, Justino. Minúcio, Ambrósio, Cirilo de Alexandria e Santo Agostinho. Já religiões como o Islamismo, Judaísmo e as que integram o Cristianismo atual, todas dão o Homem como binário: composto de alma ou espírito e corpo material.

2. O setenário - Origem e importância

Uns poucos ocidentais e a grande maioria das religiões orientais têm ensinado uma constituição mais complexa do Homem-Espírito: sete componentes interpenetrados, os mais diáfanos ocupando a mesma porção espacial dos mais densos, perfeitamente definidos mas vibrando em dimensões espaciais diferentes - onde as propriedades, funções e manifestações são distintas. .

Antiquíssima, essa concepção teve berço na Índia, nos sábios que erigiram a Filosofia Vedanta. Os antigos egípcios, nos mistérios de Tebas ou de Mênfis, também a ensinavam. Em

Espírito / Matéria

centros iniciáticos greco-romanos o setenário era fundamento esotérico de cultos mediúnicos. Teosofistas, rosacruzes, antroposofistas, esoteristas e todas as correntes neo-espiritualistas o adotaram também, considerando-o a verdadeira composição estrutural do ser humano.

Estudando-o, os antigos magos empregaram seus conhecimentos na obtenção de resultados práticos: tratamento de enfermos, investigações psíquicas e manipulação de forças da Natureza. Aplicando forças mentais magnéticas em candidatos à iniciação, chegaram a separar e destacar componentes do setenário (corpos invisíveis) para desenvolver poderes latentes (clarividência, por exemplo) e dominar as forças da Natureza (magia natural).

Algumas destas técnicas, de aplicação e resultados muito restritos, foram repetidas com extraordinário êxito por investigadores do século passado. Eles puderam de compor o Homem-Espírito em seus diversos corpos, através de passes magnéticos intensamente aplicados em sensitivos muito vibráteis, LANCELIN, H. P. BLAVATSKY, A. DE ROCHAS e BARADUC confirmaram com seus experimentos o que os antigos já sabiam, compelindo as ciências psíquicas a considerar a realidade da múltipla composição estrutural do Homem.

Essas importantíssimas pesquisas (que, no entanto, ainda não foram encampadas pela Ciência) podem ser divididas em dois grupos, conforme se fundamentam no ternário ou setenário.

O ternário é fácil de ser entendido. porque simples. Mas não explica a maioria dos fenômenos psíquicos do mediunismo. Já o setenário, conquanto mais complexo porque desdobramento do ternário (espírito - alma - corpo) em seus elementos fundamentais. permite compreender fenômenos psíquicos com mais nitidez. Além disso, abre variadas hipóteses de trabalho para, dentre outros campos de investigação,

- a pesquisa das causas de curas consideradas "milagrosas" ou impossíveis";
- o conhecimento de fatos ocorridos em vidas anteriores e das reminiscências gravadas na consciência atual;
- o apagamento de lembranças incômodas de fatos desarmônicos de vidas anteriores.

3. O bloqueio espírita

É lamentável que os espíritas estejam impedidos de contribuir para o progresso dessas investigações, porque bloqueados pelo conceito kardequiano de perispírito. Será necessário que alarguem seus conhecimentos em torno e além desse conceito para que possam começar a compreender as funções de todos os mediadores plásticos que existem entre o espírito puro e o corpo físico.

Como a Teosofia já identificou e deu nomes às etapas da seriação estrutural, aos espíritas bastaria incorporar este antigo conhecimento à sua maravilhosa Doutrina admitindo o setenário. Nisso não haveria despropósito e tampouco novidade: ANDRÉ LUIZ iniciou a distinção dos sete corpos, de modo nítido, na extraordinária obra que Francisco XAVIER psicografou. Além disso, pela psicografia de Ercílio MAES, RAMATIS segue a tradição oriental e também adota o setenário.

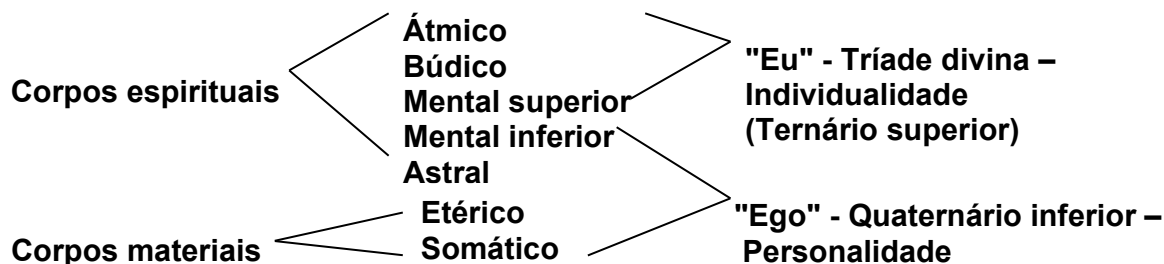
4. Os sete corpos. Ou campos, ou dimensões.

De acordo com a concepção setenária. o Homem-Espírito se compõe de dois estratos distintos: a TRÍADE DIVINA, constituída do "Eu Crístico", e o QUATERNÁRIO INFERIOR, ligado à

Espírito / Matéria

personalidade e mutável como ela. Nestes estratos, cada série ou corpo tem denominação e características distintas, funções específicas e manifestação limitada ao campo ou dimensão a que está adstrito, pois cada um destes corpos vibra em universo dimensional distinto.

De forma esquemática, eis a seriação, do Espírito à Matéria:



I - Corpo Físico

O corpo físico é a carcaça carnosa em que vivemos, algo semelhante a um escafandro, pesado e quase incômodo, de que nos utilizamos para atuar no meio físico. É constituído de compostos químicos habilmente manipulados pelo fenômeno chamado vida.

Na verdade, há vida em cada elemento destes compostos químicos, e tudo é vida dentro de nós. Existimos com nossa Vida maior sediada num composto de miríades de vidas menores, organizando-o.

Porque constituído de matéria, nosso corpo opera no meio físico com facilidade, pois corpo e meio físico pertencem à mesma dimensão eletromagnética.

II - Corpo Etérico

Como o nome indica, esse corpo tem estrutura extremamente tênue, invisível porque diáfana, de natureza eletromagnética densa mas de comprimento de onda superior ao da luz ultravioleta, razão por que é facilmente dissociado por esta, quando exsudado do corpo físico. Pode-se dizer que se trata de matéria quintessenciada, tangenciando a imaterialidade.

O equilíbrio fisiológico reflete a harmonia que reina no cosmo, e o corpo etérico tem por função estabelecer a saúde automaticamente, sem interferência da consciência. Distribuindo as energias vitalizantes pelo corpo físico, ele cuida para que as funções vitais, permaneçam equilibradas e o conjunto corporal conserve seu equilíbrio harmônico. Promove, assim, as cicatrizações de ferimentos, a cura de enfermidades localizadas etc.

Reflita-se, portanto, sobre a importância dessa estrutura energética que, embora não conhecida pela Medicina, *Eppur si muove*.

Funcionando como mediador plástico entre o corpo astral (corpo mais grosseiro do espírito) e o físico, o corpo ou duplo etérico é de natureza material: pertence aos domínios do homem-carne. Há quem chegue a confundi-lo com o corpo astral, chamando-o simplesmente de "duplo". Para bem estabelecer diferenças e prevenir confusões, sempre acrescentaremos a especificação "etérico" quando o tratarmos de "duplo".

Espírito / Matéria

1 - Constituição e propriedades - O ectoplasma

Em situações normais o corpo etérico não se separa do corpo somático da criatura viva, ao contrário dos corpos astral e mental; ele é físico, está jungido à carne. Quando separado através de energia vinda de fora do corpo, isso acontece por momentos apenas, em distância também reduzida. Embora essa dificuldade, o coronel AIGLUN DE ROCHAS, investigador francês do fim do século passado, conseguiu separá-lo pela primeira vez do corpo físico de um médium, por meio de exaustivos passes magnéticos. Por essa histórica experiência o corpo etérico pôde ser identificado.

Sabe-se, hoje, que esse corpo é constituído de material a que RICHET deu o nome de ectoplasma. Trata-se, com efeito, de substância semelhante a um plasma, fluído fino que tem a propriedade de se condensar logo que exsudado do corpo do doador. Sai pelos poros e cavidades naturais e vem sendo utilizado nas sessões espíritas de "efeitos físicos" (impropriamente chamadas de "materialização", porque nelas costumam aparecer espíritos materializados com essa substância, que um ou vários doadores exsudam). O corpo etérico desempenha função também importante nos fenômenos de tele-transporte, de dissolução de objetos e em todos os outros que exijam energias mais pesadas. Invisível em estado natural, possui individualidade própria mas não tem consciência, apesar de intimamente acoplado ao corpo físico.

Enquanto o corpo somático é composto por sólidos, líquidos e gases que formam células, tecidos, órgãos e aparelhos, o corpo etérico é constituído pelos mesmos elementos e minerais, estruturados, porém, em estado tão tênue que escapa por inteiro ao crivo laboratorial - a não ser quando o corpo é exteriorizado e condensado suficientemente, de modo a se tornar visível e palpável: nestas anormais condições, fragmentos foram analisados em laboratório, constatando-se a dominância de elementos proteínicos semelhantes aos dos órgãos carnis.

O estado de extrema fluidez é provado pela ação dos raios luminosos. O ectoplasma exsudado, uma vez exposto à luz, sofre imediata dispersão; isso acontece porque a energia radiante da luz é mais intensa do que a energia de coesão molecular do ectoplasma, principalmente a energia luminosa mais intensa - de comprimento de onda mais curto - espectros violeta e ultravioleta. Por essa razão os trabalhos de efeitos físicos devem começar em absoluta escuridão, até que a massa exsudada se adense o bastante para adquirir coesão que torne possível a resistência ao bombardeio fotônico. Atingido certo adensamento da massa ectoplásmica, o espírito manifestante pode submeter-se à luz normal, à vontade.

Embora pareça fantasma, o corpo etérico não é espiritual e se dissolve com a morte, ao cabo de algumas horas. Às vezes é visto nos cemitérios, em forma de nuvem leve que aos poucos se dissolve. Como já frisamos, não tem consciência. E pode servir de alimento vital para espíritos humanos inferiores e à imensa variedade de seres habitantes do astral, principalmente os zologicamente inferiores e os que costumam frequentar cemitérios. Clarividentes sem experiência não raro confundem esses duplos etéricos desativados (cascões) com fantasmas de mortos.

Parece que o corpo astral dos desencarnados - isto é, o corpo espiritual mais inferior - por ser mais denso, carrega consigo massas maiores ou menores de corpo etérico. Conforme o grau evolutivo de seu possuidor, esse corpo astral se apresenta mais ou menos denso (ou seja: mais ou menos pesado) e vai lentamente perdendo esses resquícios materiais. Sabe-se que a evolução do espírito é caracterizada pela desmaterialização progressiva dos envoltórios mais densos do espírito.

2 - Doenças etéricas

Espírito / Matéria

Grande número de doenças que se considera radicadas no corpo físico têm como sede, na realidade, o substrato anatômico da organização etérica. É dali que passam para o corpo somático, onde aparecem como disfunção vital. Tal fato, apenas um dentre muitos deveria merecer dos cientistas médicos uma atenção cuidadosa, pois abre campos de investigação ainda não devassados por lentes e escalpelos.

Essa pesquisa, no entanto, nem mesmo dos espíritas vem recebendo atenção, amarrados, quase todos eles, à excessiva amplitude do conceito de "perispírito". Por enquanto eles nada sabem (tampouco procuram saber) acerca da fisiologia do corpo etérico. Chega a ser surpreendente o quanto estão próximos, nesse particular, dos materialistas e outros (incluídos, nestes, alguns cientistas).

3 - Os conhecimentos dos teosofistas

Além de ter sido identificado à saciedade por vários investigadores, o duplo etérico já recebeu definições e descrições bem objetivas no livro "Estudo sobre a consciência", da teosofista ANNIE BESANT:

É a vitalidade, a energia construtora que coordena as moléculas físicas e as reúne num organismo, ou, antes, esta força do Sopro de Vida Universal de que um organismo se apropria durante o breve período de tempo ao qual damos o nome de Vida.

A designação de "duplo etérico" exprime a natureza e a constituição da parte mais sutil do nosso corpo físico; esta designação é, pois, significativa e fácil de reter. Este elemento, o "duplo etérico", é formado por éteres variados, e duplo porque constitui uma duplicata no nosso corpo físico, sua sombra por assim dizer.

O duplo etérico é perfeitamente visível ao olho treinado do clarividente; sua cor é de um cinzento violáceo e sua textura é grosseira ou fina segundo a qualidade e natureza correspondente do corpo físico.

É graças ao duplo etérico que a força vital- o prana - circula ao longo dos nervos e lhes permite atuar como transmissores da motricidade e da sensibilidade às impressões externas. As faculdades, os poderes do pensamento, do movimento, da sensibilidade, não residem na substância nervosa, quer física, quer etérea. São modos de atividade do ego, (1) operando nos seus corpos ou veículos mais internos; mas sua expressão sobre o plano físico é tomada possível pelo Sopro de Vida que circula ao longo dos filetes nervosos e em volta das células nervosas.

(1) - Por "ego" a autora quer se referir ao Espírito imortal. Preferimos, por mais didática, a denominação de Rohden: "EU" para designar o Espírito eterno e "ego" quando se trata da personalidade. (N.A.)

Durante o sono natural, o ego, (2) a alma exterioriza-se para fora do corpo físico, deixando conjuntamente as duas partes: grosseira e etérea (corpo físico e duplo etérico). À morte, a alma exterioriza-se também, mas desta vez definitivamente, arrastando consigo o duplo etérico que abandona, completa e definitivamente, o corpo físico.

(2) - A autora novamente se refere ao Espírito e confunde "alma" com "Espírito". (N.A.) . - Os grifos são da autora.

Este duplo etérico aparece, às vezes, na câmara mortuária, imediatamente após a morte, mas sempre a pequena distância do cadáver. É ainda o duplo etérico, a causa determinante das

Espírito / Matéria

numerosas aparições dos fantasmas, errando em volta do túmulo onde jaz o corpo físico que vitalizou durante a vida.

4 - Uma ponte entre o físico e o astral

Por intermédio da estrutura etérica todos os atos volitivos, os desejos, as emoções e quaisquer manifestações da consciência superior passam a atuar sobre o corpo físico ou, mais precisamente, sobre o cérebro carnal.

Ela promove a necessária degradação de frequência entre o campo espiritual do astral e o campo físico.

A atuação mais espetacular do duplo etérico ocorre nas sessões de efeitos físicos. São trabalhos bastante raros, que dependem de preparação e cuidados especiais por parte de assistentes e operadores.

Para que um espírito se materialize até o ponto de poder. ser tocado, apalpado, pesado etc., é necessário que sua forma espiritual se revista de substância material. Essa substância - o ectoplasma - provém do duplo etérico de um médium doador. Exsudada pelos poros e cavidades naturais, da aparece, a princípio, em forma de uma espécie de gás pesado, denso, que aos poucos vai se condensando; toma forma pastosa, plástica, e o espírito comunicante com ela vai se revestindo, até mostrar-se com o corpo que possuía quando encarnado. Com esse novo corpo, que é contrapartida do seu corpo astral, o desencarnado pode permanecer entre os vivos por algum tempo, contado em minutos: ouve, fala, caminha, toca e é tocado, em tudo semelhante a um homem comum, vivo. No século passado, o renomado cientista William CROOKES investigou durante dois anos consecutivos a materialização do espírito Katie King. O caso, clássico, teve justificada repercussão por dois motivos: a indiscutível credibilidade de CROOKES e o assentimento do espírito em servir às pesquisas científicas.

Nos fenômenos mediúnicos comuns, bem menos espetaculares, a importância desse mediador quase não aparece: não é palpável. Sem ele, no entanto, a comunicação entre os campos astral e físico seria impossível por falta de ponte: todo espírito comunicante, que atue ligado ao médium, tem que usar esse estágio intermediário de frequência que permita acoplamento ressonante com o sistema nervoso do médium, até a modulação do pensamento do espírito e sua expressão pela psicografia, psicofonia e outros meios.

5 - Efeito Kirlian*

(*) Efeito Kirlian - Leva o nome do pesquisador russo contemporâneo. Semyon KIRLIAN, de Krasnodar.

Para quem prefere provas obtidas em laboratório, o Efeito Kirlian é interessante.

Uma irradiação luminosa, fenômeno eletromagnético conhecido como "efeito Corona", aparece em redor dos objetos em que é aplicada uma corrente elétrica de tensão e frequência altas. Na produção dessa corrente costuma-se usar uma bobina de indução de TESLA.

Seres inanimados (por exemplo: metais) têm emanção luminosa regular, um halo com dimensão, de forma e luminosidade uniformes. Nos seres vivos o halo se modifica conforme as condições da criatura submetida à corrente elétrica.

Espírito / Matéria

Essas alterações na forma e intensidade do halo refletem o dinamismo vibratório do campo (ou Corpo) etérico. De modo algum constituem o retrato da aura, e muito menos do corpo astral, como acreditam alguns espíritas. São manifestações físicas, porque do corpo etérico.

Estados patológicos podem modificar o padrão do eflúvio elétrico e o efeito Kirlian indicará que algo anormal está acontecendo com aquele organismo. A razão disso é que as doenças afetam sempre e em primeiro lugar o equilíbrio energético do campo (ou corpo) dinâmico (etérico), alterando-lhe a forma - e também o efeito.

III - Corpo Astral

No século segundo da nossa era, Orígenes, filósofo da Escola Neo-platônica, ensinava que o espírito tem um corpo vaporoso, a "aura". No século IV, São Cirilo de Jerusalém diz: "As almas dos defuntos têm corpos mais sutis que os corpos terrestres. O nome espírito é genérico e comum: designa-se por espírito tudo o que não tem corpo espesso e pesado". Na mesma época, Santo Hilário de Poitiers afirma: "Não há coisa alguma na Natureza e na Criação, seja no céu, seja na Terra, seja entre as coisas visíveis, seja entre as invisíveis, que não seja corporal. Mesmo as almas, seja durante a vida, seja depois da morte, conservam alguma substância corporal, porque é necessário que tudo que é criado o seja em alguma coisa".

Todos os pensadores da Igreja primitiva faziam distinção, como Paulo de Tarso, entre o espírito (pneuma), a alma intermediária (psiquê) e o corpo físico, grosseiro (soma). João de Tessalônica, no 2º concílio de Nicéia, declara: "Os anjos, os arcanjos e também as almas são, na verdade, espirituais, mas não privadas de corpos. São dotadas de um corpo tênue, aéreo, ígneo" (Citações da obra de Antônio FREIRE - DA ALMA HUMANA - Ed. FEB).

Essa alma - de que tantos autores antigos demonstravam ter surpreendente conhecimento - recebeu de Kardec o nome genérico de "perispírito". Nesta denominação foram abrangidos os diversos corpos "sutis", até mesmo o etérico - que, no entanto, é físico. Para Kardec são sinônimos, portanto, "alma" e "espírito". Para nós, "alma" e "perispírito" é que deveriam ser sinônimos - ambas as expressões designando o conjunto de envoltórios do espírito, desde o corpo astral aos outros, mais sutis (com óbvia exceção do etérico). Convém ter sempre presente essa diferença conceitual, para evitar futuras distorções no entendimento da matéria deste livro.

Tudo indica que a "alma" a que se referiam estes e outros sábios é na verdade o corpo astral.

1 - Importância e densidade

Dá-se o nome de corpo astral ao invólucro espiritual mais próximo à matéria, tanto que facilmente pode ser visto pelos clarividentes. Todos os espíritos que incorporam em médiuns possuem esta estrutura corpórea sutil. Ela é tão necessária para a manifestação do espírito, na dimensão em que se encontra (astral), como o corpo para os humanos.

É com este corpo que os espíritos vivem na dimensão astral; os que se comunicam habitualmente nas sessões espíritas possuem este veículo mais ou menos denso, conforme o grau evolutivo do seu possuidor. Aqueles que já não o possuem, porque mais evoluídos, comunicam-se com os médiuns por sintonia mental, sem incorporação.

Espírito / Matéria

O corpo astral não tem a mesma densidade em todas as criaturas humanas. Varia grandemente de massa, de tal modo que o homem desencarnado possui verdadeiro peso específico que, em Física, é resultado da massa de um corpo dividida por seu volume: $P_e = M/v$. Este estado de maior ou menor densidade é que diferencia os espíritos: quando desencarnados, somos quase automaticamente localizados na região ou faixa vibratória do mundo espiritual que for mais compatível com nosso peso específico.

2 - A erraticidade

Os espíritos muito materializados vivem na erraticidade, junto às criaturas encarnadas.

Chama-se erraticidade o estado de existência sem finalidade objetiva e útil, em que se encontram espíritos desencarnados. Embora esse estado tenha como causa primordial o desconhecimento da evolução e do papel do espírito no contexto cósmico, essa angustiada perplexidade existencial se agrava na medida em que concorrem outros fatores: ignorância e desesperança quanto às possibilidades de evolução, por exemplo; apego a bens materiais, pessoas etc.; contínua revolta por se julgar impotente para agir diretamente sobre a natureza, como os encarnados; e, além da natural dificuldade de adaptação ao novo meio, todas as distorções de avaliação (em que se incluem as de si próprio), bem como inumeráveis outros fatores de ordem pessoal, moral e material que perturbam o recém-desencarnado.

Se não forem essencialmente perversos, esses espíritos errantes facilmente são encaminhados a estâncias de aprendizagem e recuperação existentes no astral; para tanto, basta orientá-los com segurança.

Junto com a orientação, podemos usar um meio mais rápido de convencê-los. Se, antes de mais nada, eles forem tratados, se os limpamos, trocamos suas vestes; se eles tiverem curadas suas enfermidades, feridas e dores, mesmo os mais ignorantes e empedernidos se esperançam e se decidem a evoluir, trabalhando e aprendendo. Essa mudança de atitude é bem compreensível. Espíritos sem evolução costumam conservar os estados de sofrimento que os levaram à morte, vivendo, por vezes, sofrimentos intensos durante anos a fio. Quando se vêem livres, em minutos, desse horrível prolongamento da agonia (através do emprego de fortes jatos de energias curativas, como veremos adiante), essas pobres criaturas desabrocham para o amor.

3 - O "purgatório"

As zonas do astral inferior são habitadas por espíritos culpados de constantes desvios da Harmonia Cósmica. Eles devem esgotar, ali, densas massas de magnetismo inferior (isto é, de baixa frequência vibratória) aderidas ao corpo astral pelo desequilíbrio em que viveram. Muitos carregam massas magnéticas alheias, consequência de ferimentos físicos infligidos às suas vítimas - cujo sangue, naquela dimensão, se comporta como elemento vivo. Veículo da vida, nosso sangue está impregnado de magnetismo animal. Esse magnetismo adere e fica pesando no organismo astral do criminoso (em obediência à Lei do Karma). Desencarnado, o culpado sofre enormemente com isso; deverá purgar tais energias negativas em locais destinados a essas expiações, que com frequência se arrastam por anos a fio. É o "purgatório" de que fala a Igreja Católica, bem vislumbrado e descrito pelos Pais da Igreja.

A medida que evoluem, os espíritos vão perdendo o corpo astral, tornando-se cada vez mais diáfanos à visão dos clarividentes, até o ponto de não poderem ser percebidos. Com o tempo e

Espírito / Matéria

evolução, perdem totalmente esse corpo, ficando de posse apenas dos outros envoltórios espirituais mais sutis. Mas todos esses envoltórios perispirituais são, ao seu tempo, também abandonados, até restar unicamente o Espírito puro, na plenitude Crística. Neste estado os espíritos gozam da "visão de Deus", como têm afirmado iluminados de todas as épocas.

4 - Os médiuns astrais

ANDRÉ LUIZ e outros mensageiros espirituais nos falam de um fato aparentemente estranho: a necessidade de médiuns entre os desencarnados habitantes do astral para que possam receber comunicações de espíritos superiores (que, por evolução, perderam os envoltórios mais densos) com esclarecimentos e orientações para todos os que vivem em comunidades astrais de aprendizado e trabalho. Essas entidades superiores normalmente não são vistas pelos espíritos ainda vestidos de corpo astral, da mesma forma que seres humanos não costumam enxergar espíritos.

As revelações de ANDRÉ LUIZ chocaram os espíritas ortodoxos - ignorantes dessa realidade e da fisiologia da alma - levando muitos deles a repudiar, como fantasia, todo um tesouro de informações. No entanto, o fenômeno é lógico e consequência natural do processo de encarnação. Com efeito, encarnar implica mergulho na Matéria, com adensamento cada vez maior de invólucros ou "corpos". Afirma RAMATIS que o maior e inenarrável sofrimento de JESUS não foi causado pelas dores físicas ou crucificação; a verdadeira Paixão foi o processo de adensamento de um espírito que era Luz Absoluta, até manifestar-se no plano material: CRISTO suportou-o durante cerca de mil anos, durante os quais foi paulatinamente retomando todos seus corpos espirituais, que há milênios haviam sido abandonados. Isso talvez explique porque o profeta ISAIAS falou do Divino Mestre sempre no presente, embora a setecentos anos antes da vinda do CRISTO:

*"... porque um menino nos nasceu,
um filho nos foi dado:
a soberania repousa sobre seus ombros
e ele se chama:
Conselheiro Admirável, Deus Forte,
Pai Eterno, Príncipe da Paz."*

Isaias. 9:5

5 - Fenômenos de desdobramento

Sob determinadas circunstâncias, artificiais ou naturais, pode o corpo astral separar-se do corpo físico, levando com ele todos os outros envoltórios e o próprio espírito. Normalmente, isso acontece durante o sono, quando o indivíduo perde a consciência e as funções vitais são rebaixadas ao mínimo indispensável às trocas metabólicas.

Muitos sensitivos podem se ausentar do corpo com certa facilidade, em transe espontâneo. Mas isso pode ocorrer também a pessoas comuns, em circunstâncias patológicas ou especiais, como choque emotivo fone, enfraquecimento por moléstias prolongadas, hemorragias volumosas, choques cirúrgicos e outros estados anômalos. As pessoas vão a lugares distantes, podem descrevê-los, avaliar seus atos e os alheios, ter sensações físicas, tudo isso no pleno gozo da consciência - graças à ligação com o cérebro físico, através do cordão de prata.

Espírito / Matéria

6 - O cordão de prata

Seja qual for a distância a que estiver do corpo, o espírito se mantém ligado a ele por esse cordão de que falam iniciados de todas as épocas e até mesmo a bíblia:

*"Antes que se rompa o cordão de prata,
que se despedace a lâmpada de ouro,
antes que se quebre a bilha na fonte,
e que se fenda a roldana sobre a cisterna ..."*

Eclesiastes, 12:6

Se se rompe, porém, a morte chega. Irreversível.

Segundo relatos de espíritos, quando entidades superiores rompem esse cordão, por ocasião da morte, produz-se relâmpago de luz intensa, pela liberação de energia.

Constituído por alguma forma de energia de alta intensidade, este fio luminoso e brilhante se liga ao corpo físico através do duplo etérico, no qual se enraíza através da cabeça e de miríades de conexões filiformes que abrangem toda a estrutura etérica. Teria semelhança com um cabo de alta tensão se não fosse inconcebivelmente dúctil; pode afinar-se até espessuras mínimas, permitindo que o espírito de uma pessoa viva se distancie do corpo físico (e do etérico) por milhares de quilômetros, em viagens astrais. Ele não se rompe e mantém o espírito como dono e diretor do corpo: através de processo maravilhoso, ainda não desvendado, todas as funções vitais do nosso organismo são preservadas.

7 - O desdobramento apométrico

Até com mais eficiência, o espírito pode afastar-se do corpo físico por imposição de natureza magnética, comandado por pessoa treinada. Nisto reside a Apometria matéria principal deste livro - técnica de largo uso para tratamento de espíritos encarnados ou desencarnados. Este fenômeno, a que chamamos "desdobramento apométrico", abriu-nos as portas para a investigação sistemática da dimensão astral, verdadeiro universo paralelo ao nosso.

Constatamos que, com o tempo, sensitivos treinados no desdobramento apométrico adquirem tal consciência de suas potencialidades e limitações que se deslocam nessa dimensão como se estivessem no plano físico. Vão a outros locais às vezes longínquos, trabalham, auxiliam, tratam de enfermos espirituais encarnados ou desencarnados lado a lado com espíritos desencarnados socorristas, aos quais prestam inestimável auxílio.

8 - Propriedades e funções do corpo astral

Esta facilidade de separar-se do corpo físico é característica do corpo astral. Imaterial e de natureza magnética, não tem constituição fluidica como o duplo etérico; não se condensa e tampouco forma objetos materializados, pois de natureza completamente diversa da matéria. No entanto, pode ser modelado pela ação da força mental, com relativa facilidade. Desta propriedade nos servimos em técnica de tratamento de espíritos enfermos, aleijados, mutilados ou feridos, que

Espírito / Matéria

ainda sentem os sofrimentos das enfermidades que lhes provocaram a morte. Mas desde já podemos adiantar que todos eles são recompostos em sua forma normal e estado fisiológico hígido, pela projeção de energia curativa mentalmente emitida pelo operador (pulsos energéticos comandados por contagem pausada, em geral até sete ou dez). .

Uma das mais importantes funções do corpo astral é a da sensibilidade. Sabemos que ela reside nesse campo ou dimensão; o corpo físico apenas transmite estímulos recebidos, cabendo à estrutura o registro da sensação dolorosa ou de prazer. Os vícios são de natureza psíquica exatamente por causa disso; sua origem está no astral: é o astral que sente. Por esta razão, levamos conosco os nossos vícios e paixões. ao morrermos; se fosse de modo diverso, não haveria motivo para desencarnados continuarem sofrendo dores de natureza física. nem serem portadores de deformações dolorosas como se constata, em reuniões espíritas.

A sensação é a mais grosseira forma de sentimento. Primária. Instintiva. Já. a emoção tem mais complexidade, ligando-se ao desejo; pode ser exacerbada até atingir a anormalidade da paixão. Mas não nos esqueçamos que tanto sensações como emoções são estados muito importantes de consciência, pois dão colorido e força aos nossos atos.

A luta maior que travamos - contra nós mesmos, em favor de nossa evolução consiste precisamente em refrear, policiar e dominar desejos e sentimentos, principalmente as paixões. Desde os impulsos instintivos e animais, como a fome, sede, desejo sexual, até os sentimentos elevados como o amor ao próximo, solidariedade, amizade, afeto, ternura etc., ou as desenfreadas paixões de posse, poder ou concupiscência. todas as emoções e desejos se manifestam no mundo astral. Desse corpo, e por evolução, os sentimentos se devam e passam a outros níveis de consciência, próprios de espíritos superiores.

9 - Alimentos e "morte" do corpo astral

Nosso corpo astral perde energia constantemente, necessitando de suprimento energético para sua sustentação, tal qual o corpo físico. Mas a natureza deste alimento varia muito; vai dos caldos protéicos necessários aos espíritos muito materializados, fornecidos pelas casas de socorro no astral, até as quintessenciadas energias que alimentam os espíritos superiores, colhidas (através da prece) diretamente do infinito reservatório de energia cósmica.

Espíritos habitantes do astral inferior. ainda bastante animalizados. costumam comer até mesmo alimentos humanos. Se: houver perda de energias sem a necessária reposição, principalmente em decorrência de paixões, o espírito pode perder o corpo astral; ficará reduzido a ovóide inativo, conforme nos relata ANDRÉ LUIZ.

A forma normal de se perder este corpo, no entanto, é por evolução; assim como se perde o corpo físico pela morte, perde-se também o astral. Os espíritos que já não o possuem mais, porque muito evoluídos, não podem ser vistos pelos moradores mais grosseiros desse plano - como já vimos.

Em síntese: a evolução faz com que nos afastemos cada vez mais de organizações densas, próprias da matéria, até abandoná-las por completo. A involução, por outro lado, pode também nos levar este corpo - exatamente como se perde o corpo físico em consequência de vícios e paixões.

IV - Corpo Mental

Espírito / Matéria

Este é o veículo de que se utiliza o eu cósmico para se manifestar como intelecto concreto e abstrato; nele a vontade se transforma em ação, depois da escolha subjacente ao ato volitivo. Campo do raciocínio elaborado, dele brotam os poderes da mente, os fenômenos da cognição, memória e de avaliação de nossos atos, pois que é sede da consciência ativa, manifestada. Enquanto do corpo astral fluem a sensibilidade física e as emoções, o veículo mental pode ser considerado fonte da intelectualidade.

De certa forma, o corpo mental ainda constitui invólucro inferior, pois padece da horizontalidade desses fenômenos ou funções a que se convencionou chamar "intelecto". Somente em níveis superiores de consciência - em que estão presentes, no mais alto grau, as virtudes que resultam do afetivo amor por todos os seres - pode manifestar-se a espiritualidade mais elevada, nossa essência.

1 - Mental concreto e mental abstrato

Este campo, corpo ou dimensão do Homem-Espírito costuma ser dividido em dois, para melhor compreensão:

- Corpo mental concreto, chamado também de mental inferior: trata de percepções simples e bem objetivas, como, por exemplo, as de objetos materiais, pessoas, casas, veículos, etc.:

- Corpo mental abstrato, corpo causal ou mental superior: elabora e estrutura princípios e idéias abstratas, buscando sínteses ou conclusões que, por sua vez, são geradoras de novas idéias - é assim ad infinitum - processo responsável pelo avanço científico e tecnológico, além de todo o nosso embasamento filosófico.

EXEMPLOS:

- a percepção de um cubo através dos sentidos (conhecendo seu tamanho, cor, arestas, peso, cheiro, gosto e o som que possa fazer ao cair ou tocar outro objeto) constituem funções típicas do corpo mental concreto ou inferior. Ele registra aquilo que, exterior à nossa pele, impressiona nosso sistema nervoso.

- avaliar volume, área, peso e propriedades desse mesmo cubo, por comparação com outros objetos semelhantes ou através de método mais sofisticado: formular teorias geométricas, relacionando símbolos e leis: essas são algumas das funções típicas do corpo mental superior.

2 - Aura - Projeções mentais

O corpo mental tem forma aproximadamente ovóide, envolvendo o corpo físico. Suas porções periféricas constituem a aura, que tem tamanho e cores variáveis de acordo com a frequência dos campos vibratórios gerados pelos pensamentos. Aos clarividentes é fácil perceber o que se passa na mente das criaturas: pensamentos bons têm cores claras, cristalinas, brilhantes; os inferiores (ódio, inveja, maldade, vingança. etc.) apresentam cores escuras, densas e desagradáveis. A aura, portanto, revela a nota tônica do campo mental das pessoas. A energia da mente pode ser projetada no espaço através de estruturas conhecidas como formas-pensamento. Constituídas de

Espírito / Matéria

um núcleo de energia com forma moldada pela mente que as projeta, elas podem prejudicar ou beneficiar as pessoas que visam, conforme a vontade de quem as crie - consciente ou inconscientemente. Negativas, assumem formas de dardos, setas, projéteis ou campo turvo, por exemplo. Positivas, com mais eficiência tomam as formas que o operador desejar; podemos, por exemplo, empregar a energia da mente também para beneficiar espíritos desencarnados, limpando-os, vestindo-os e alimentando-os, no objetivo de melhorar suas condições espirituais.

O campo natural dessa energia é o mental. Projetada, ela normalmente atua primeiro sobre o campo ou corpo mental de outros seres, daí passando para os corpos ou campos astral e etérico, para enfim agir sobre o físico, já convertida em ação psicomotora. Se lançada com emoções, porém, se revestirá de massas magnéticas tanto mais densas e turvas quanto mais baixas (e negativas) forem as frequências vibratórias das emoções; nestes casos, em que se inclui a geração de formas-pensamento, a energia mental emitida atingirá primeiro e diretamente: o corpo astral da criatura visada, de onde passará para o etérico e, em seguida, o físico.

O pensamento é força viva - nunca esqueçamos. A energia que projeta é proporcional à potência da mente e à força de vontade do emissor.

3 - Outras propriedades

Não se conhece, na intimidade, a fisiologia desse campo, estrutura, dimensão ou corpo que chamamos "mental". Tudo indica, porém, que seja de natureza magnética, com frequência vibratória muito superior à do corpo astral. Que a energia mental é de natureza magnética parecem indicar experiências que vimos fazendo desde há doze anos, e das quais se originou uma das nossas mais interessantes técnicas, em tratamentos de desobsessão: a despolarização dos estímulos da memória, de que trataremos adiante.

Por pertencer a universo dimensional próprio, o corpo mental apresenta propriedade e funções específicas, além de ação mais poderosa e penetrante que a do corpo astral. Com efeito, considerando que a energia de um campo radiante, de qualquer comprimento de onda, é igual a Constante de Planck multiplicada pela frequência da onda - isto é, $W = h \cdot v$ - o corpo mental deve necessariamente ter muito maior energia de propagação que os densos, como o astral, etérico ou físico.

Equação de Planck da Física Quântica: W = energia h = constante de Planck ($6.6128273 \times 10^{-27}$ erg/s). v = frequência mais

Esta energia irradiada não é uniforme. Varia enormemente de frequência, segundo a qualidade ou natureza do pensamento: se grosseiro, se veicular interesses inferiores ou se maléfico (revestido de emoções de ódio, agressão ou inveja, por exemplo), terá frequência muito baixa. A energia será de escassa penetração, mas o pensamento terá massa. E se essa massa malfazeja alcançar a estrutura astral da vítima, poderá aderir a ela (principalmente se coincidir com algum abaixamento da tônica de frequência da pessoa), prejudicando-a sobremaneira. É o caso das práticas de magia negra, que tendem a tornar cada vez mais baixas as vibrações das pessoas visadas, causando-lhes sofrimentos e angústias indefiníveis, mal-estar, sensações de abafamento etc. Ao contrário, se o pensamento for impregnado de bondade, compaixão, amor, solidariedade (tudo, enfim, que tenda à harmonia), a criatura visada haverá de se sentir bem, esperançosa, feliz, com sensação de indefinível leveza. Isso se explica pela frequência da emissão, pois vibrações superiores à tônica da pessoa dão-lhe bem-estar; se inferiores, o efeito será oposto.

O pensamento, como se vê, pode ser criador ou destrutivo.

Espírito / Matéria

Se a criatura possui uma frequência elevada como nota tônica de sua personalidade, as formas-pensamento negativas não têm condições de aderir ao seu corpo astral: são automaticamente repelidas. Nada se envisa à estrutura corporal-espiritual das criaturas em que a bondade e a pureza são características dominantes; formas-pensamento maléficas só podem atingir pessoas que estejam em faixa vibratória compatível.

4 - Ressonância mental

O corpo mental é muito ou pouco refinado, na medida do grau de desenvolvimento intelectual e moral. Ao pensar, o Eu imprime vibração específica no campo ou estrutura mental, com o estado vibratório se propagando em todas as direções - como aliás, acontece com fenômenos de que se ocupa a Física. Ao receber, essa energia com onda de comprimento fixo, todos os campos ou estruturas (corpos) mentais que estiverem na mesma frequência, ou em harmonia com ela, entram em ressonância vibratória.

Se o pensamento for de natureza elevada, os seres afinados vibrarão nessa nota tônica, reforçando a onda inicial. Com pensamentos maléficos ou de baixo nível moral acontece o mesmo. É fácil, por isso, compreender a importância de se manter a tão decantada higiene mental e os bons pensamentos, a pureza de coração recomendada por Mestres, iniciados e espíritos evoluídos de todas as eras. Vivemos atolados em ambiente de baixo nível vibratório, onde predominam emanções passionais e interesses materiais rasteiros, imediatistas: um oceano de baixas frequências. Se cultivarmos pensamentos e atitudes de elevado padrão moral, essas emanções inferiores não nos atingirão. Mas se procedermos de modo inverso, estaremos sintonizando essas faixas negativas, rebaixando nosso tônus vibratório mental e, em consequência, afundando em processo de inferiorização que implica sofrimento, conflitos e doenças.

5 - As "noures"

PIETRO UBALDI chama as ondas de pensamento de noures - "correntes" de pensamento. Delas, as superiores têm aspectos criadores, pois que, ao incidir em seres já de si harmônicos e receptivos, podem despertar neles os mesmos pensamentos de que são portadoras. Atuam de modo fecundante e, nisso, têm extraordinária semelhança com os fatores exteriores que fazem despertar, germinando, a Vida que uma semente tem. Por exemplo: se uma onda de pensamento místico atingir um materialista (para quem a devoção é desprezível ou mesmo desconhecida), pode despertar nele idéias sobre religião, alguma curiosidade para com determinada abstração, ou fenômeno semelhante. As noures provocam ondas afins; emitido, o pensamento de devoção vibrará, suscitando devoção; mas o objeto desta pode ser diferente, conforme o corpo mental de cada receptor. Em suma, a onda mental transmite o fio do pensamento. Mas o tecido e sua cor são obra do corpo mental do receptor.

Embora nossa abordagem desse campo mental seja de molde a transmitir noções (e, por isso, superficial) o leitor deve ter compreendido o essencial: o pensamento é força viva. Isso, por enquanto, é o bastante.

6 - O que nos reserva o estudo do corpo mental?

Espírito / Matéria

Temos elementos analíticos para admitir que o plano mental vibra em outra dimensão, situada além do Tempo e do Espaço. Ela é sede de todos os fenômenos de clarividência, telepatia e precognição. Por transcender às dimensões cartesianas, a que os outros corpos inferiores estão subordinados (astral, etérico e somático), pode o sensitivo que se: projetar a essa dimensão conhecer fatos passados com precisão de detalhes, predizer o futuro e adivinhar o pensamento dos circunstantes.

O Homem, vivendo ainda nos estreitos moldes atávicos, fruto dos milênios de sua evolução - que o jugula à vivência material -, não despertou para o conhecimento desses novos horizontes, por isso não sabe nem acredita nessas possibilidades. Assim como também não sabe: (ou não crê) no universo dimensional do plano astral, o que o leva a negar sua realidade - e os espíritos de roldão. Nessas condições, somente "sabe" as coisas mais imediatas e comezinhas de sua vida de relação, no plano físico, e julga que só as manifestações relativas a ela constituem a realidade existente.

Por essa razão, um filósofo sentenciou: "O homem somente: sabe e entende aquilo que lhe permite a ordem natural das coisas; fora disso, não pode nem sabe mais".

No entanto, dentro dele mesmo, em níveis inacessíveis ao comum dos mortais, coisas insuspeitadas existem, e poderes não vislumbrados ainda estão desconhecidos, embora presentes.

É possível, então, pensar-se que esses arcanos da Natureza, ainda selados para a grande massa de profanos, possam ser desvendados àqueles que "... tenham olhos de ver" .

7 - Tempo e Espaço não existem na dimensão mental

O Homem vive jungido às formas atávicas no mecanismo de pensar e reagir aos estímulos, fruto dos milênios de sua evolução biológica. Assim, seu psiquismo é extremamente embotado. frente às realidades psíquicas de que é portador. o que vale dizer que ele não desenvolveu essas faculdades que lhe são inerentes. Embora esteja equipado pela natureza, no natural evoluir da espécie. com um sistema nervoso central bastante desenvolvido. não aprendeu a usar o prosencéfalo astral e mental. Essa é a razão pela qual limita-se a viver existência praticamente constituída de respostas imediatas aos estímulos do meio ambiente. Mesmo o raciocínio. ou seja. a avaliação de valores que a vivência na carne lhe proporciona. é limitado ao uso do psiquismo ao nível material, justamente por não conhecer (e não acreditar) em outra espécie de psiquismo.

Vive o ser humano preso, bloqueado pelas três dimensões cartesianas, em que os valores de Espaço e de Tempo são dominantes. Dentro dessas barreiras se estiola, incapaz de empreender saltos mais amplos, além dos parâmetros do espaço-tempo - o que lhe é perfeitamente possível - em aventuras que dariam a seus olhos atônitos horizontes novos, preches de possibilidades extraordinárias, como vislumbrar o Passado ou conhecer antecipadamente o Futuro.

Suspeita o homem, por acaso, a possibilidade de saltos fora dessas dimensões materiais e dos parâmetros do Espaço e do Tempo? Se assim acontecesse, o Passado e o Futuro tornar-se-iam presentes, pois Tempo e Espaço são duas condições existenciais que dominam todo o nosso mundo físico-mental. e dificilmente conseguimos libertar-nos dessa tirania natural.

Essa aventura pode ser empreendida por todos aqueles que a desejarem. já que alguns (muito raros) dentre a população humana têm conseguido predizer o futuro, com muita precisão, séculos antes dos eventos se realizarem, assim como ver a grandes distâncias fatos que se estão realizando no momento.

Sempre constituiu mistério a posse dessas qualidades, sendo que tais seres foram vítimas da perseguição religiosa, ou divinizados pela massa anônima.

Espírito / Matéria

Eles mesmos, os sensitivos detentores desses poderes, não sabiam explicar tais propriedades. No entanto, estudando melhor esses fenômenos, chegamos à conclusão de que eles nada mais são do que manifestações do horizonte dimensional do corpo mental. Quando o ser consegue transportar-se para essa dimensão e penetrar integralmente em seus parâmetros, tem possibilidade de esquadrihar os escaninhos do Tempo. e vislumbrar fatos que se situam além do tempo presente.

A profecia é toda alicerçada nessas possibilidades.

O que falta aos homens é justamente: técnicas apropriadas que propiciem tais possibilidades, e treino suficientemente acurado para procurar ver aquilo que desejar, no momento.

Pretendemos delimitar o campo dessas possibilidades, balizando o terreno para que investigadores futuros disponham de condições referenciais mais precisas. para investigações sistemáticas de maior âmbito nessas dimensões, que transcendem o Espaço e o Tempo. Liberto das limitações atuais, o homem do futuro poderá devassar esses horizontes, gozando então de poderes que o farão dono de imensas realizações construtivas que contribuirão para facilitar sua existência.

V - Corpo Buddhi

Quase nada se pode dizer sobre a estrutura vibratória (ou campo, corpo, ou dimensão) mais próxima do espírito. Tão distante está este corpo de nossos padrões físicos e de nossos meios de expressão que não há com que compará-lo, descrevendo-o. É possível dizer que buddhi é o perispírito na acepção etimológica do termo: constitui a primeira estrutura vibratória que, envolvendo o espírito, manifesta-o de modo ativo.

Há pouco tempo, no entanto, nos foi permitido descobrir interessante propriedade dessa estrutura, que pode ser usada - e de modo bastante prático - no tratamento de encarnados e desencarnados (pois ambos são, antes de mais nada, espíritos).

Sendo, este corpo, atemporal (como também o mental superior), vimos usando a técnica de atingir essa dimensão superior das criaturas para, de lá, vasculhar seu Passado. Temos conseguido detectar, assim, situações anômalas - vivências muito dolorosas sedimentadas no Tempo, nos tenuíssimos estratos de um Passado escondido porque muito remoto, quando não remotíssimo.

Estratos tenuíssimos, dissemos. Mas nem por isso inativos.

Em face da Lei Cósmica que tem seu enunciado mais simples na sentença "... teus pecados te encontrarão" (Num. 32-23), toda a desarmonia provocada por um ser consciente passa a vibrar na consciência do transgressor até que se dissolva totalmente a anormalidade, o que abrange tanto causas como conseqüências. Como qualquer ato desarmônico tem força viva, o ambiente psíquico do agente da perturbação passa a apresentar a nota tônica da desarmonia.

Conforme já observamos exaustivamente, em tais casos a pessoa perde o maior bem do espírito - A PAZ. Sofre muito, chega a se considerar uma irremissível sofredora; sensação que, por sinal, denota o profundo enraizamento do mal de consciência que, não raro, já lhe afetou várias ou inúmeras existências.

Sufrimento assim profundo só se atenua ou resolve através da dissolução dos focos desarmônicos. E isso só pode ser conseguido, pelo que sabemos, de duas maneiras. Uma delas é a elevação espiritual do próprio transgressor, despertado para a vivência do Amor e da prática do bem aos seus semelhantes; a outra é a aplicação de técnica específica, com projeção de energias manipuladas por operadores capacitados.

VI - O Corpo Átmico Ou Espírito Essência

Haveria alguma forma de definir *Aquilo* que, por definição, transcende símbolos e palavras?

Qualquer tentativa de descrever o que designamos por "Espírito" resultará deficiente porque, para isso, a ineficácia das palavras tem sido comprovada ao longo dos milênios e sucessivas civilizações.

Clássicos, contudo, e milenares. os conceitos da filosofia védica continuam os mais esclarecedores, por sua transparência. Segundo os Vedas. o Ser Uno e Universal - Brahman (o Imanifestado), transcendente e eterno - ao se manifestar se torna imanente em sua temporária Ação; os indivíduos d'Ele emanados contêm sua Essência assim como o Pensador está em seus pensamentos. O Absoluto, o Universal, manifesta-se em cada um dos seres individualizados, por menores que sejam; mas exatamente por ser Absoluto, e, assim, escapar a todo entendimento humano, transcende a tudo que tem existência.

A esse onipresente Absoluto manifestado e manifestando cada indivíduo, dá-se o nome de Atman ou Espírito. O "corpo" átmico ou "Espírito" puro, esse Eu Cósmico constitui a Essência Divina em cada ser criado. Somos idênticos a Deus pelo Ser (Essência), mas diferentes d'Ele pelo existir: Deus não "existe"; **Deus É**, eternamente presente.

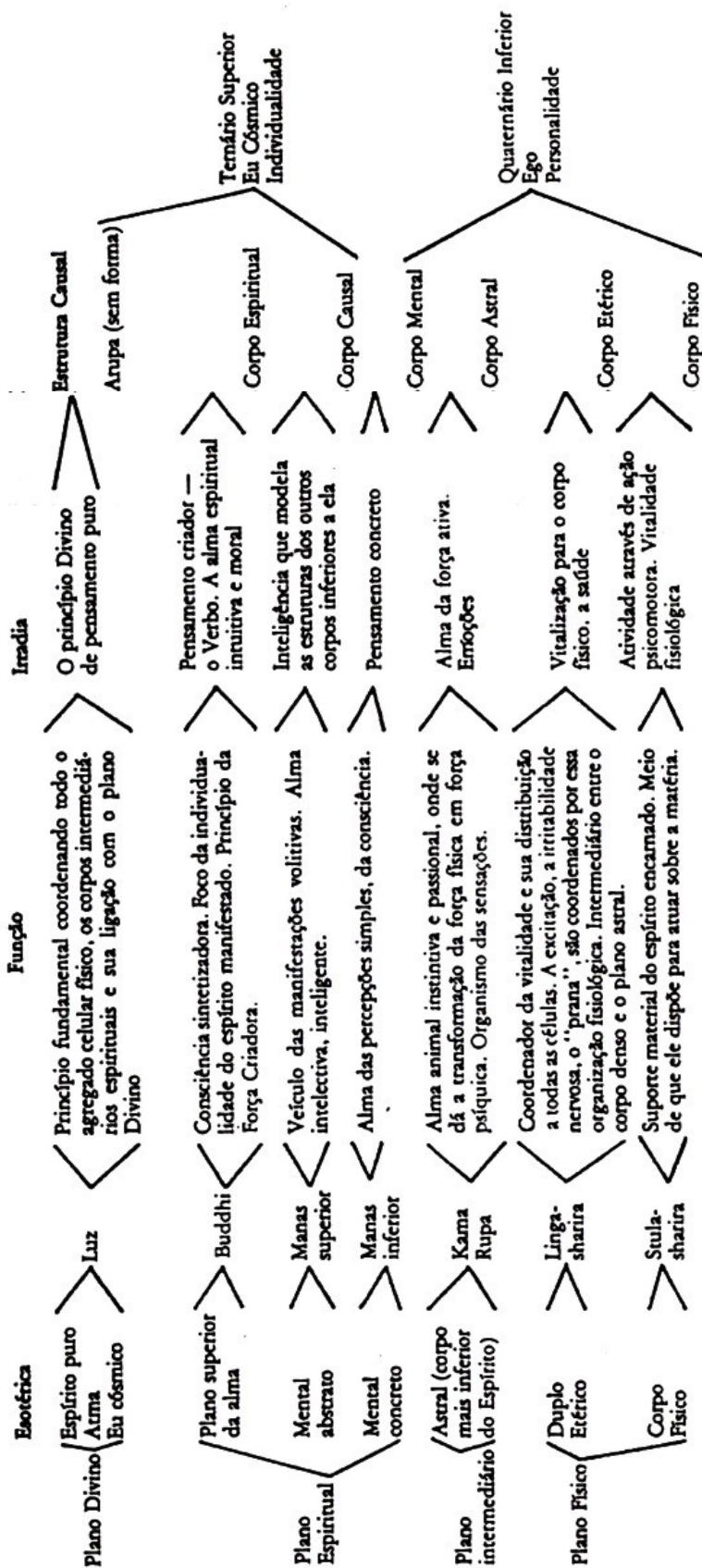
Não deve ter sido por outra razão que Jesus disse: "Vós sois Deuses."

Uma vez ensinava certo guru para um discípulo, que se sentia deprimido frente a dificuldades da existência:

"Deves ver-te como de fato és: um espírito em roupagem terrena. A verdadeira pessoa, o "Eu" que és, não é esse teu corpo, como eu não sou este meu corpo - coisas frágeis e sofredoras. Somos Espíritos imortais e divinos. Fortes e indestrutíveis. Sempre tendentes a melhorar, a aperfeiçoar, a apurar nossas qualidades. Estamos neste momento em missão aqui na Terra, que não sabemos qual seja, mas que fatalmente será para o nosso bem".

CONSTITUIÇÃO HUMANA

Terminologia Budista



Nohtixon

O pensamento como trabalho do Espírito

Segundo Descartes, o pensamento é atributo essencial do Espírito e, estendido à Matéria, é o processo mediante o qual a alma (Espírito) toma consciência dela mesma, constituindo a base de nossa vida mental. Em sentido mais amplo, entende-se por "pensamento" o conjunto de idéias; sensações, volições etc., e todo conhecimento refletido, elaborado e organizado.

Antes de se manifestar concretamente, o pensamento se alicerça em fenômeno de volição: depende do querer, da vontade do ser pensante.

É sabido que o pensamento pode agir diretamente sobre a matéria densa, sem o concurso do ato psicomotor que lhe serve, normalmente, de ponte. Já é de domínio científico: o pensamento / vontade é força que atua sobre objetos, sem concurso das mãos ou de qualquer parte do corpo. A telecinesia (como se convencionou denominar o fenômeno) tem sido constatada em alguns sensitivos excepcionalmente dotados, como a russa NINA KULAGINA, que conseguia mover objetos leves (palitos, caixas de fósforos e outros) à distância de alguns metros.

Trata-se, inelutavelmente, de uma força que brota através da estrutura física do homem encarnado, do conjunto de ossos, músculos, tendões, órgãos e nervos do corpo. Assim, se é energia, deve ser possível explicar-se matematicamente. Na busca dessa formulação, chegamos a equações que talvez decifrem a ação do pensamento a nível físico, material.

Para facilitar a compreensão das equações, esclareceremos que partimos da evidência de que o pensamento constitui a conjugação de um tipo de energia quintessenciada (não mensurável) e espiritual - na fórmula, " $(\psi^{v \rightarrow \alpha})$ " - com a do arcabouço físico. Essa energia espiritual atua no conjunto de condutores elétricos - neurônios e nervos eferentes - que, por sua vez, fornecem carga elétrica mensurável, o " $(\text{Volt} \times 10^x)$ " da fórmula, que excita o músculo provocando contratura. Este é o ato psicomotor normal; mas repetimos: a energia atua também diretamente, sem a intermediação do corpo físico.

Equações

Vida

- I) $\mathbb{W}_{N\pi} = \{\text{Volt} \times 10^x\}1 \bullet (\psi^{v=1}) \} \pi = \text{protozoário ou equivalente}$
II) $\mathbb{W}_{NZ} = \{\text{Volt} \times 10^x\}n \bullet (\psi^{v>1}) \} Z = \text{zoon, animal, metazoário}$
III) $\mathbb{W}_{NA} = \{\text{Volt} \times 10^x\} \bullet (\psi^{v \rightarrow \alpha}) \} A = (\text{ântropos}), \text{Homem.}$

Corpo físico	Alma
Energia elétrica a nível físico	Energia mental a nível astral

$v = (\text{nous})$ mente. No homem, tende para o infinito
 $\psi = (\text{psi})$, psiquismo, elaboração psíquica.
 $v=1 = 1 = \text{unidade de força mental}$

Espírito / Matéria

W = Energia

N = Número de neurônios ou unidades fixadoras e/ou condutoras de elétrons.

n = Número de unidades elétricas do animal em estudo.

A fórmula pode ser simplificada, no nível humano. Usando a equação para

$$E = \text{Volt} \times 10^{-x}$$

quantificar a energia de um neurônio associado ao psiquismo, teremos:

$$W_{NA} = E n \cdot \Psi^{v \rightarrow \alpha}$$

$$W_{NA} = E n \lim_{v \rightarrow \alpha} \Psi^v$$

Donde se poderá deduzir a seguinte Lei, que rege o pensamento como operação do Espírito:
"A energia do pensamento manifestada no campo físico é igual ao produto da energia elétrica neuronal (En) pela energia psíquica (da alma) - Ψ na potência v , quando v tende para o infinito."

Aplicada no mundo astral, no trato com espíritos desencarnados, a energia mental produz resultados a bem dizer espetaculares.

Encarnados, podemos transformar a energia neuronal, que é corrente elétrica somática (o vetor Z, conforme iremos ver) e, unindo-a à energia cósmica (vetor K) através da mente espiritual, projetá-la para a dimensão astral ou física, à nossa vontade.

No mundo físico, a manifestação normal é o ato psicomotor. Se projetada no plano astral (visando espírito encarnado ou desencarnado), produz resultados que surpreendem - embora na dependência do que poderíamos chamar de densidade do meio.

É comum nos depararmos com hipnotizadores e magnetizadores que agem sobre os circunstantes tomando-os marionetes de suas vontades. Nesses casos, a resultante das energias em jogo, o vetor ($\vec{\Sigma}$), atua diretamente sobre a dimensão astral das pessoas visadas, dominando-se a ponto de terem alteradas suas condutas, com prática de atos estranhos aos seus hábitos.

Note-se, por importante, que este fenômeno é uma constante em quase todos os tipos de obsessão. A mente movimenta forças vivas.

Espírito / Matéria

Os Chakras

A palavra chakra vem do sânscrito e significa "roda".

Os chakras são centros de força, verdadeiros vórtices por onde os dinâmicos campos magnéticos dos corpos espirituais se ligam ao físico. A sede deles está no duplo etérico, mas têm sua origem em estruturas superiores; essas energias em vórtice são de natureza cósmica e alimentam espiritualmente o ser que está manifestando o fenômeno vida. Sempre em rotação, têm maior velocidade angular, conforme estiverem localizados em áreas superiores ou inferiores do corpo. Chakras que presidem a vida espiritual, localizados na cabeça e outras partes superiores, têm velocidade superior aos chakras de vida vegetativa, que presidem atividades fisiológicas e se situam em partes inferiores do tronco.

A atividade destes vórtices é aumentada pela evolução da pessoa ou por energia projetada de fora, especialmente para este fim. Provocada, a aceleração dos chakras corresponde a um desenvolvimento espiritual, com grande benefício para a criatura - que se torna mais vitalizada e ativa; se forem ativados os chakras superiores, aumentam os poderes psíquicos.

Os chakras são órgãos que pertencem à fisiologia transcendental do ser humano. Fulcros de força ativamente animados, recebem continuamente fluxos de energia cósmica e outras, exteriores ao corpo, que são por eles transformadas através de rebaixamento da frequência, de acordo com o tipo de chakra. Após devidamente moduladas, as energias são distribuídas pelas áreas ou campos em que atua cada chakra.

Esses vórtices, órgãos ou centros de força têm, cada um, sua frequência específica e colorido próprio. São sete, e têm a seguinte distribuição:

Chakra	Nome sânscrito	Localização
Básico	Muladhara	Base da coluna vertebral
Esplênico	Swadhisthâna	Sobre o baço
Umbilical	Manipura	Sobre o umbigo, no plexo solar
Cardíaco	Anahata	Sobre o coração
Laríngeo	Vishuddha	Sobre a tiróide
Frontal	Ajna	Sobre a fronte
Coronário	Sahashara	No alto da cabeça

1. Chakra básico e Kundalini

Localiza-se na base da coluna vertebral, na região coccígea. Segundo os clarividentes, este chakra - o mais primário de todos - compõe-se de quatro raios de cor predominantemente vermelha. Chakra vital por excelência, se ativado (isto é, energizado) acentua-se essa cor, que se torna cada vez mais viva:

Neste chakra tem sede uma energia chamada "Fogo Serpentino" ou "Kundalini", devido à forma de serpente que toma ao subir ao longo do corpo para vitalizar outros chakras. Trata-se de força vital primária que anima a vida encarnada; cada ser a recebe em quantidade compatível com suas características de frequência, amplitude e volume.

Ao dinamizar chakras mais elevados, Kundalini também lhes eleva a frequência de acordo com os níveis dos diversos planos vibratórios: etérico, astral, mental ou búdico.

Espírito / Matéria

É totalmente desaconselhável a ativação intempestiva do chakra básico. Por presidir as funções genésicas mais primárias, qualquer desvio de sua função provocará grandes perigos e dissabores. Nunca se deverá esquecer que essa poderosa energia está ligada às forças telúricas geradas pelo magnetismo do Planeta.

2. Chakra esplênico

Localizado sobre o baço, a vitalidade que distribui é superior à do básico, quanto ao nível de frequência. Chakra vida vegetativa, compõe-se de sete raios, é mais brilhante que anterior e tem colorido variável. Apresenta grande importância nos fenômenos mediúnicos, pois é através de seu campo magnético que os espíritos incorporam nos médiuns.

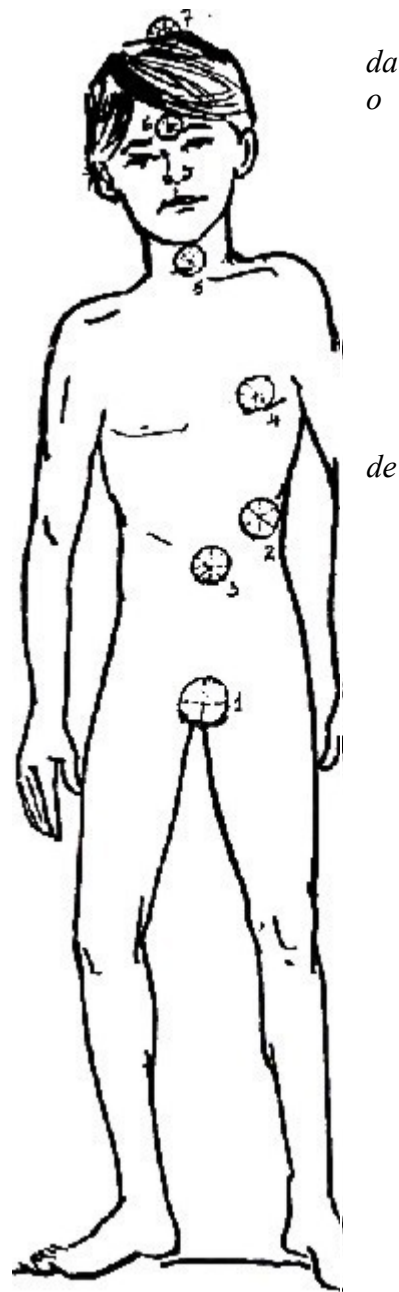
O chakra esplênico é ativado naturalmente pelo kundalini; em intensidade compatível com sua fisiologia. Se energizado de forma espontânea e descontrolada, poderá ensejar incorporações indesejadas, de maneira bastante incômoda. Diz-se, então, que o chakra "está aberto". Nesses casos, é necessário reduzir sua atividade ao nível normal: fecha-se o vórtice e se reduz a frequência vibratória por meio passes.

3. Chakra umbilical

Situado sobre o umbigo, tem dez raios, também chamados "pétalas". De coloração que vai do avermelhado ao esverdeado, está ligado à fisiologia da alma, ao campo das emoções e sentimentos primários, e também ao sistema nervoso - razão porque as emoções violentas paralisam a digestão e repercutem sobre o fígado.

4. Chakra cardíaco

Sobre o coração, este é de um dourado brilhante e se divide em doze partes ou raios. Está ligado às emoções superiores, afetos e sentimentos. Nele residem, por exemplo, a bondade, a afeição, a piedade e também o ódio. Em suma, as emoções sob vontade. As violentas e descontroladas afetam diretamente a fisiologia do coração, que pode sofrer até mesmo uma parada, provocando a morte.



Espírito / Matéria

5. Chakra laríngeo

Sobre a garganta, em frente à cartilagem tireóide, esse chakra tem faixas de frequências energéticas distribuídas pelos dezessete raios que o compõem. Prateado e brilhante, o próprio brilho do vórtice mostra que ele é de frequência vibratória superior.

Sua função fisiológica espiritual é a de transmitir a idéia por meio da fala. Tem, por isso, grande importância na psicofonia. Quando há dificuldade de comunicação do espírito incorporado, costuma-se ativar este chakra até provocar a sintonia com a frequência do espírito, com adequada abertura do canal de comunicação. (O processo é fácil: basta projetar energia sob contagem, até que haja clareza na fala - o que se consegue em momentos, como adiante se verá.)

6. Chakra frontal

Está localizado na fronte, entre as sobrancelhas, e se compõe de quarenta e oito raios, divididos em duas porções.

É o chakra da espiritualidade superior. Nos fenômenos mediúnicos, é possível provocar a incorporação de qualquer espírito desencarnado (ou encarnado que esteja desdobrado do corpo físico) tocando com um dedo na área desse chakra, no médium, e ao mesmo tempo projetando energia para sintonizá-lo com o espírito comunicante.

7. Chakra coronário

O "lótus de mil pétalas" da terminologia oriental está no alto da cabeça, com cores dos mais diversos matizes e atividade intensíssima. A diminuição de sua luminosidade, em um homem normal, mostra abaixamento do tônus vibratório e pode estar indicando uma vítima de obsessão ou magia negra.

Repetimos, todos os chakras são ativados naturalmente pelo "fogo serpentino" do próprio indivíduo, por meditação bem conduzida, preces, conduta reta, pureza interior, prática da caridade, altruísmo, e por todos os atos que elevem o homem, espiritualmente. Também podem ser ativados através de passes magnéticos ou por energias diretamente aplicadas sobre eles, com o fim de melhorá-los, tratá-los ou curar a pessoa.

8. Os plexos

Os plexos são centros energéticos que coincidem com os chakras, mas se relacionam com o sistema nervoso de vida vegetativa: os sistemas simpático e parassimpático, e centros ganglionares específicos.

Temos, assim, o chakra básico se relacionando com os gânglios espinais correspondentes à região sacra, que levam o nome "plexo coccígeo".

Ao chakra esplênico corresponde o "plexo esplênico". Ao chakra umbilical, o "plexo solar", Ao cardíaco corresponde um plexo que também é chamado "plexo cardíaco". E, por último, temos o "plexo carotídeo", localizado sobre o chakra frontal.

Espírito / Matéria

9. A tela búdica ou tela etérica

Entre os chakras dos corpos astral e etérico existe um dos mais importantes órgãos de proteção do corpo físico do homem, ainda desconhecido pela maioria das pessoas. Trata-se da "tela búdica", que evita a ação predatória de espíritos maléficos sobre o corpo físico das criaturas. De natureza magnética, esta tela tem magnetismo extremamente compacto para o corpo astral dos espíritos, de modo à impedi-los de perpetrar danos ao organismo astral e físico das vítimas. Se, no entanto, conseguirem vencer essa barreira magnética - através de técnicas evoluídas e perseguição pertinaz - a vítima estará vencida e a morte sobrevirá facilmente, se assim quiserem seus perseguidores. Isso acontece com bastante frequência em casos de magia negra; grandes focos de energia nefasta e penetrante são aplicados durante meses seguidos sobre a vítima, provocando câncer, doenças incuráveis e malefícios de toda ordem. Rompida a tela búdica, operadores encarnados normalmente não têm condições de refazê-la. Somente espíritos superiores podem reconstruí-la dada a frequência vibratória de sua energia.

Quando o espírito encarnado entra em contato com outros durante o sono, a barreira dessa tela é que impede as lembranças do encontro. Também a obsessão comum é contida, em muito, por essa barreira, pois o obsessor, via de regra, só tem possibilidade de agir indiretamente sobre o desafeto encarnado: por sugestão simples ou hipnótica. por indução ou envolvimento em campos magnéticos negativos.

A Medicina e o Homem Espírito

O frontispício do templo de Delfos, na antiga Grécia, ostentava a inscrição Gnoth Seautón (Conhece-te a ti mesmo), mostrando o quanto os pensadores antigos se preocupavam com o maior problema do Homem. Isso acontecia desde há muito tempo, datando, talvez, dos albores de nossa consciência. Continuará até hoje. E, pode-se profetizar, continuará preocupando nosso Futuro.

Pelos séculos afora temos pesquisado o Universo que nos cerca; com paciência e meticulosidade sempre crescentes, fomos aprofundando conhecimentos que deram origem às ciências. Ao devassar a intimidade da Matéria chegamos as partículas sub-atômicas - últimos componentes detectáveis - fato que atesta a eficiência de nossas pesquisas e explica nossos rápidos avanços tecnológicos. Tanto conhecimento, porém, não nos tem auxiliado a melhor compreender a realidade do ser imortal que somos, pois continuamos cegos e tateantes em relação ao nosso próprio íntimo. Em suma: aprendemos a conhecer. Mas a nós mesmos, não.

Ao longo das eras e com matiz de cada momento histórico, insolúveis interrogações sempre desafiaram a argúcia dos sábios e explicações da Religião. Problemas como a origem do Homem, seus objetivos na Terra e a incógnita do seu destino permanecem envoltos em névoas legendárias, com seu equacionamento e decifração obstaculizados por preconceitos.

Durante o Renascimento vimos a mentalidade medieval sacudida por lufadas de idéias novas. Embora varrendo antigos miasmas medievais, elas não solucionaram nossos problemas fundamentais. É verdade que uma incontida busca do Belo fez renascerem as artes; em sua fecundidade criadora elas prepararam o advento da Ciência - que viu suas diretrizes básicas brotarem, com pujança crescente, de interesses materiais. O querer saber buscou complementar-se pelo como fazer; desse modo, balizaram-se os caminhos do atual desenvolvimento tecnológico.

Espírito / Matéria

Mais: como resultado da aplicação de princípios racionais nos processos de produção, vieram os opulentos lucros que alicerçam o Capitalismo.

Em escalada natural, a Ciência estendeu seu domínio às abstrações da Filosofia. Sobremaneira objetiva, seus métodos facilitaram o acesso a arcanos secretos da Natureza, fazendo com que todos se voltassem para a riqueza de seus frutos. Mais adiante, e sempre se servindo da observação empírica, a Ciência induziu Leis que regem os fenômenos. Com isso, erigiu as bases do Conhecimento moderno, libertando-se de erros, superstições e dogmas medievais.

Durante essas épocas o Homem ainda não estava preparado para compreender, em toda sua profundidade, a dinâmica de seu mundo interior. O conhecimento da alma, conquanto apregoado como fundamental, não passava de inconsistentes flocos de conceitos primários, jungidos a penas eternas e destituídos de descortino; por isso mesmo, incompatíveis com as novas conquistas científicas.

Ora, entre um mundo imaterial, apresentado como excessivamente distante, e o rico manancial representado pelo universo palpável e objetivo, à sua disposição, o Homem voltou-se naturalmente para este último. De cambulhada, nascia a tendência de repudiar como arcaico todo o arcabouço de crenças e religiões, considerado ineficaz por não oferecer explicações lógicas para fenômenos naturais.

Esse afastamento da exegese religiosa fez com que a Ciência despencasse no extremo oposto - na teia de interpretações exclusivamente materialistas. E, isso, mesmo na abordagem de fenômenos claramente pertencentes a outro universo dimensional, como os relativos à alma. Em outras palavras: nossa investigação e nossa Ciência se libertaram dos preconceitos religiosos para se enredar em outros dogmas, desta vez materialistas, tão intocáveis como os de antes.

Examinemos, a propósito, a situação da Medicina.

No início do século XIX, utilizando conquistas da Química e fazendo investigações meticolosas no campo da Fisiologia, a Medicina deu saltos de enorme importância, a tal ponto que, hoje, técnicas cirúrgicas altamente sofisticadas permitem complexos e espetaculares transplantes de órgãos. Por se haver libertado das lendas de um passado penumbroso, conseguiu transformar-se em ciência quase exata, eminentemente objetiva e racional.

Mas se o avanço foi enorme - e certo - quanto ao desvendamento dos segredos do corpo físico, o mesmo não aconteceu em relação aos fenômenos do abstrato mundo da mente. Apesar das engenhosas concepções de FREUD e seguidores (que trouxeram o estudo das doenças mentais para o âmbito das universidades), a problemática do doente mental continua desafiando os estudiosos de nossos dias.

Com efeito, dentre as muitas perguntas sem respostas, quem, por exemplo poderá dizer qual a natureza íntima da esquizofrenia? Outra: como se explica a periodicidade da psicose maníaco-depressiva?

Eletrochoques, psicotrópicos, técnicas de psicoterapia ou não resolvem o processo patológico ou falham por completo como terapêutica: roçam a superfície do problema, sem curar os inenarráveis sofrimentos íntimos. Por outro lado, complexos, frustrações, recalques e demais fenômenos exaustivamente abordados por FREUD ainda não explicaram nem resolveram os mistérios que envolvem as enfermidades da mente, com suas desestruturas da personalidade. Para que cheguemos à essência, para decifrarmos os processos patológicos mentais será necessário um grande salto o verdadeiro salto quântico da Psiquiatria: a Medicina terá de sair de suas limitações atuais e explorar o universo dos seres imateriais, o Mundo dos Espíritos, reconhecendo sua existência.

A persistir o não reconhecimento dessa Realidade, nossas técnicas terapêuticas continuarão a enxergar mais o corpo físico do que o substrato natural da enfermidade, o Espírito. Calmantes e

Espírito / Matéria

todo arsenal medicamentoso (o atual e o que ainda está pode ser inventado) permanecerão atuando sobre o cérebro, distantes do verdadeiro equacionamento dos problemas da alma. A própria psicoterapia analítica, que já deveria ter resolvido nossos problemas, seguirá amarrada ao homem-carne, apenas tangenciando um emaranhado de causas que se enraíza em épocas às vezes bem distantes (com personagens ocultos porque invisíveis, mas vivos e atuantes).

Em suma, se não reconhecerem o Espírito como existente e real, os psiquiatras permanecerão no pólo dos efeitos, impedidos de mergulhar nas causas; jamais conseguirão curas efetivas através de terapêutica assim tosca e estrábica. Sejam quais forem as teorias que elaborarmos (e quantas já inventamos!) não despertar para a realidade do Espírito implicará ficar como estamos: sofrendo técnicas e tratamentos artificiais, divorciados da verdadeira etiologia das enfermidades.

Se desde o começo nenhuma justificativa houve para tal estagnação, hoje muito menos. O campo está aberto, é preciso avançar. Novas teorias estão aí - com embasamento experimental altamente científico - apontando para o Espírito, iluminando e desvendando. Mas é preciso coragem, não só para reconhecê-las mas até mesmo para examiná-las, tal como já aconteceu em outras épocas menos luminosas.

O Espiritismo

Apesar de todas as luzes acumuladas em milênios de civilização, até meados do século XIX ainda não surgira uma tentativa racional, embasada em métodos científicos, de estabelecer uma ponte de ligação entre a Ciência - materialista - e a imaterialidade do Espírito. Em 1857 surgiu a Doutrina Espírita, codificada por ALLAN KARDEC a partir de mensagens dos espíritos. Com ela, alicerçada em bases experimentais, foram definitivamente estabelecidas concepções bastante avançadas a respeito da existência de um universo (ou dimensão) diferente do nosso mundo palpitante de vida. O trabalho e as investigações de KARDEC nos levaram mais além: possibilitaram o intercâmbio entre nosso mundo ou dimensão e esse outro - com base no fato de que os habitantes de um e de outro são os mesmos homens, diferentes apenas em razão da roupagem - carnal ou imaterial.

Primeira ponte entre dois universos, KARDEC possibilitou o estudo e o melhor entendimento do Homem em seu duplo aspecto - material e espiritual. Leis foram reveladas, iluminando o "conhece-te a ti mesmo". E se decifraram muitos mistérios do Homem, visto como um continuum espaço-temporal, com todo um cortejo de implicações. Em resultado, novas concepções nasceram e os ensinamentos evangélicos deixaram a poeira dos altares para se transformar em filosofia de vida.

Ao contrário da Ciência, é no campo da alma que a Doutrina Espírita (ou dos Espíritos) constrói a compreensão do Homem e, com ela, a terapêutica racional das perturbações da mente. A obsessão, causa mais comum dessas perturbações, está sendo brilhantemente equacionada pela terapia espiritual - muito mais lógica e efetiva - com resultados que satisfazem plenamente os anseios do enfermo e dos obsessores.

É lamentável que a Medicina ainda não permita (pelo menos oficialmente) a utilização de técnicas de tratamento espiritual em hospitais de alienados, pois isso dificulta - quando não impede - a recuperação dos enfermos. O Homem-Espírito imortal, que preexiste ao berço e sobrevive ao túmulo, necessita de técnicas mais apuradas (erigidas com base em conceitos que transcendem o Tempo) e de tratamentos que incluam o espírito, principalmente nos casos em que os males

Espírito / Matéria

detectados provêm dele, diretamente. Tal atitude deveria ser aceitável até por princípio elementar de lógica: se existe espírito e é ele o doente, o tratamento indicado obviamente deveria ser espiritual; tratar mente e espírito com terapêutica para o corpo físico constitui prática mais que ilógica, um verdadeiro absurdo.

No entanto, é exatamente isso que faz a Medicina.

A só aceitação da realidade do Homem-Espírito, tal como ensinada por doutrinas espiritualistas e pelo espiritismo, já iluminaria os horizontes de nossa Espécie. Mas a Doutrina Espírita vai mais longe. Mostra a possibilidade de intercâmbio com os habitantes daquela dimensão paralela: pessoas que, embora sem corpo carnal, conservam mente e emoções; pessoas que podem, sob certas condições, interferir negativa ou positivamente na nossa existência.

Tal como as correntes filosóficas orientais, o Espiritismo se embasa em princípios da Palingenesia (ressurreição) ou Reencarnação - com que se explica a Lei da Evolução. Além disso, incorpora em seus ensinamentos a antiquíssima (e bramânica) Lei do Karma, ou lei da responsabilidade pessoal, através da qual débitos e desvios morais são resgatados ao longo de múltiplas existências, em que também se adquirem os valores positivos imprescindíveis ao aperfeiçoamento do nosso ser imortal.

Nada disso é aceito pela Ciência, embora tal acervo de princípios e leis constitua doutrina antes de tudo prática, que ilumina, e muito bem, as causas dos fenômenos de natureza imaterial. (Doenças psicogênicas, por exemplo.) O Espiritismo mostra que a maioria das enfermidades, psíquicas e físicas, são do Espírito; exigem, portanto, tratamento espiritual - com técnicas específicas.

É precisamente desse tratamento que cuida este livro. Terapêutica nada "clássica". Mas atual. E mais do que atual: temos certeza de que será a terapêutica do futuro.

O Inútil Conflito do Espírito

A psicologia vem se afastando dos cuidados da alma para se restringir ao exame do que considera manifestações materiais, estreitas, limitadas tão-somente ao corpo físico. Fenômenos da mente, imaginação; idéias, sensações, percepção, desejos, emoções; a própria consciência e mesmo o ato de pensar, tudo foi descartado à conta de reações comportamentais. Porque "mensuráveis", somente estas foram consideradas dignas de aferição e investigação experimentais.

Compreende-se. Data do começo deste século uma irresistível iconoclastia científica em relação aos conceitos tidos como teístas, onde quer que aparecessem. Consolidou-se, por isso, um predomínio materialista quase absoluto, capaz de abranger desde o embasamento filosófico de uma atuação política até os escaninhos dos cientistas da Vida.

Quando John Broadus WATSON, professor da Universidade John Hopkins (Baltimore - EUA), publicou em 1913 seu livro "Behaviorism", estava desfechado o primeiro grande golpe contra a psicologia clássica e as futuras ciências do Espírito que necessariamente teriam de embasar-se nesta. Ao lado da Psicanálise (Freud) e da Reflexologia (Pavlov) o Behaviorismo tornou-se doutrina dominante nos processos e métodos de todas as ciências da Vida. É bem verdade que houve toda uma atmosfera propícia a essa dominação, que teve a amplitude de fatores históricos, culturais, políticos e religiosos. Em razão disto, o enraizamento das concepções materialistas cresce como epidemia, com tanto ímpeto que ainda hoje se espalha e se aprofunda.

As conseqüências culturais e éticas desse fenômeno, no entanto, foram de tal ordem nefastas que nos vimos mergulhados em oceânicas angústias e incertezas, embora as constantes

Espírito / Matéria

pregações religiosas continuarem a debater temas espirituais, que se tornam ineficazes frente ao avassalador predomínio materialista que caracteriza os "tempos modernos". E permanecemos sem luz à nossa frente.

Essa redução dos fenômenos da alma a meras manifestações cerebrais (o cérebro aparecendo como centro causal) foi mais danosa para a Humanidade que o ostracismo da velha teoria vitalista a respeito das origens da Vida, na Biologia. Enquanto os vitalistas davam a origem da Vida como espiritual, valendo apenas como fator causal, estático, a teoria materialista do behaviorismo rejeitava todas as manifestações dinâmicas do Espírito, já que reduz suas atividades a processo reacional de respostas - cegas - a determinados estímulos. Isso, num nível onde tudo aparenta ser mensurável: o do comportamento humano.

O behaviorismo de WATSON e o neobehaviorismo de HULL e de SKINNER instrumentaram e engendraram essa psicologia do comportamento, em que manifestações da mente e da consciência não podem ter vez: a alma não existe *porque não pode existir!*

Ela (a Psicologia) tem como único objetivo o prognóstico e o controle do comportamento; a introspecção não pode constituir nenhuma parte de seu método.

Behaviorism - J. Watson

(Idéias, como se vê, bem adequadas a uma era em que o Homem tende a ser visto principalmente como unidade de produção ou de consumo).

Se a psicologia se impregnou de materialismo, as ciências biológicas não ficaram atrás. Foram intoxicadas também, todas elas, por tanto tempo e de modo tão intenso que a intoxicação talvez já seja crônica.

Aquele velho misticismo de Moisés (Jeová criando a luz no primeiro dia e depois, por partes, construindo toda a Criação) e o Vitalismo científico do século XVIII cederam lugar a teorias mais afinadas com a cabeça do homem moderno, afeito à análise ponderal das experiências e à mensuração dos fatos.

Brilhantes lucubrações materialistas, com suas experiências laboratoriais, tentam explicar a origem da Vida através de complexas teorias físico-químicas, no esforço de identificá-la como mero resultado de reações físicas e químicas da matéria. Repetidas indefinidamente através de milênios, essas reações levariam a matéria a um estado de tal ordem dinâmico e transcendente que ela se tornaria viva; em outras palavras, alcançaria esse conjunto de condições especiais, diferentes da própria matéria, estado indefinível que chamamos Vida. Ela seria, portanto, inerente à matéria e dela teria surgido em consequência de condições propícias.

LOEB, representante do Mecanicismo clássico, afirma:

"Os organismos vivos são máquinas químicas que constam principalmente de material coloidal, que possuem a propriedade de conservar-se e reproduzir-se. A diferença essencial entre a matéria viva e a matéria inerte consiste em que a célula sintetiza seu próprio e complexo material específico na base de compostos simples, indiferentes, ou não específicos, que toma do meio circundante ..."

J. LOEB - "The Organism as a Whole"

J. HALDANE e A. I. OPARIN descreveram as condições indispensáveis às primeiras manifestações vitais que o planeta deveria ter para que algo se individualizasse, se movesse por si próprio, crescesse, se reproduzisse etc. Seria necessário um caldo morno, composto por proteínas simples em forma de componentes primários - os aminoácidos - que funcionam como verdadeiros

Espírito / Matéria

tijolos, armando cadeias protéicas. (Não por acaso, são eles os principais constituintes das células do corpo físico dos seres vivos). Esses compostos químicos indispensáveis à Vida teriam se formado espontaneamente, pela interação das condições físicas ambientais durante infindável série de experiências - produzidas ao acaso, pela Natureza.

UREY pretendeu repetir essas experiências naturais, dos primórdios do Planeta. Juntou em ambiente fechado e restrito várias substâncias simples, tais como vapor d'água, oxigênio, hidrogênio e amônia, submetidas a temperaturas convenientes e . faíscas elétricas de alta tensão. Durante algum tempo as substâncias foram deixadas nesse ambiente experimental. Verificou-se depois que houve uma síntese. Surgiram substâncias que não figuravam no rol dos componentes iniciais: ácidos carboxílicos, diminutas porções de aldeídos e ... aminoácidos.

A presença de aminoácidos no caldo morno artificial deu perspectivas novas ao experimento, valorizando-o sobremaneira. (A presença de aminoácidos é indispensável, na molécula protéica.) No entanto, em que pese a brilhante experiência, o fenômeno VIDA não pôde ser explicado; aprendemos apenas uma possibilidade de formação do substrato material orgânico a que ela se vincula.

Embora o Mecanicismo ainda predomine, reações foram surgindo de espaço em espaço. BERGSON, por exemplo, teve de exclamar:

"O mundo é um processo de infinito crescimento no tempo; a evolução não é um mero processo mecânico, mas a Vida mesmo, uma Vida cósmica que abarca tudo. Sempre existe presente o que a constitui, o bem supremo, devido a ser o mais espontâneo e natural."

H. BERGSON - "La Evolución Creadora"

Autores mais modernos, como F. C. NORTHROP, H. S. BURR e outros, reagiram também através do Neovitalismo, para explicar, com muito mais lógica, a Vida, a Morfogênese etc.

Com efeito, bastaria admitir-se a realidade do Espírito para nos aproximarmos da solução do nosso problema essencial. A Vida, embora anime a Matéria, não pertence à Matéria; vibra em dimensões diferentes. Ela se serve da Matéria por ação do Espírito, e permanece nela enquanto ele, o Espírito, permanecer também na Matéria. Quando ele se retira, Matéria e organismo se decompõem: é a morte.

Nossa convicção é de que a Vida veio com o Espírito e está no Espírito. Quando o caldo morno, na aurora dos tempos, rico em sais minerais e aminoácidos, teve condições propícias, o Espírito fecundou a Vida. Primitiva, embrionária a princípio. Mas evoluindo, depois, para as complexas formas dos animais superiores.

*No princípio era o Verbo
e o Verbo estava com Deus,
e o Verbo era Deus.
No princípio estava ele com Deus,
por ele tudo foi feito, e sem ele nada se fez
de tudo o que foi criado.
Nele estava a vida.*

João 1:1

O Conhecimento Rumo ao Absoluto

A ciência informa-nos que a Criação, em sua totalidade, é composta de energia. Essa energia distribui-se por vários níveis vibratórios que abrangem todo o Universo, visível e invisível: desde o estado material, limitado pelas três dimensões cartesianas, até as imateriais dimensões exploradas pela Religião. A matéria é o estado mais grosseiro, porque constituída de energia condensada. A energia mais rarefeita que se possa imaginar - talvez a mais primária dos Cosmos - é o estrato mais profundo da Criação.

1. O átomo, ontem e hoje

Desde a velha Grécia (400 a.C.), a humanidade conhece os fundamentos da Física no campo do "infinitamente pequeno". LEUCIPO e DEMÓCRITO intuíram a existência da menor panícula de matéria - partícula basicamente imutável e indestrutível (a + tomo, "o que não pode ser cortado"). Durante mais de dois mil anos nada de novo seria acrescentado, a não ser o vislumbre de DESCARTES, que via as porções mais ínfimas da matéria como um "torvelinho em movimento" (expressão que bem poderia servir ao elétron, de nossos dias).

Em nosso século, porém, com as teorias da Física Quântica e da Relatividade, profunda mudança marcou o início de uma compreensão nova e mais avançada das idéias básicas dos antigos. A Matéria passou a ser vista como outra forma de energia. Matéria elementar pôde ser "criada" artificialmente, pela síntese transformativa de infinidade de compostos químicos; pôde, também, ser "destruída" pela transformação em energia expansiva (fissão atômica).

A quantidade total de energia, no entanto, permanece sempre a mesma - o que confirma a tese de que o Universo inteiro foi criado sem possibilidade de perda energética: 1º princípio da Termodinâmica - Lei da Conservação da Energia.

A Física clássica tinha por postulado a famosa "Segunda Lei da Termodinâmica", segundo a qual o Universo acabará por esgotar-se como relógio sem corda; dissipando-se constantemente, sua energia terminaria como no princípio: no "vazio do Nada", de que fala o Gênesis. Qualquer perda, porém, (hoje se sabe), é compensada por individuação em outra forma energética, ad infinitum.

O átomo de Demócrito sofreu, pois, mudanças profundas que vão desde a maneira de concebê-lo até o conhecimento sobre sua constituição estrutural. Vastos campos de investigação se descerraram e iluminaram tanto que a Física abriu o capítulo da Atomística para o estudo das energias e partículas desse microcosmo. E a Teoria Quântica, em seguida, veio revolucionar os conceitos de Matéria e Energia, agora não mais estanques mas intercambiáveis, constituindo um todo indissolúvel.

2. A caça à energia primordial

Quando a massa material desaparece pela desintegração atômica, transforma-se em energia equivalente; isto é, à massa material corresponde massa de energia radiante, sempre conservando o mesmo peso total em qualquer das formas que esta assuma, de acordo com a equação de EINSTEIN:

$$W = m.$$

(Esta equação revolucionou o mundo moderno, causando instabilidades políticas e, para a atormentada civilização, o pavor da destruição por meios atômicos.)

Matéria - Energia - Espaço (Um Trinômio Intercambiável)

Segundo a Física: Quântica, a Matéria se dissolve em Energia e, esta, em algo desconhecido. Esse algo desconhecido, no entanto, nada mais é do que ... Espaço!

O Espaço é a última consequência, o último estágio de degradação energética no trajeto da Matéria para o aparente "nada". Por outro lado, se quisermos partir do "nada" em direção à Matéria, nosso ponto de partida seria o Espaço - repositório de tudo quando existe - até chegar aos metais pesados, em longo e complexo processo de adensamento paulatino. A Matéria, portanto, é, em última análise, condensação do espaço. E a Energia, com seu imenso leque de faixas vibratórias, o estágio intermediário entre Espaço e Matéria. Esse estágio intermediário é formado pela deformação do espaço num estado tensional.

1 - Origem da Matéria

Temporariamente deformado e em estado de tensão, o Espaço libera força cuja intensidade é proporcional ao grau de deformação. No segmento de Espaço afetado nasce um estado dinâmico, pois que "força" ou "energia" implicam dinamismo, potência, trabalho. Quando a energia dessa tensão atinge certo grau de dinamismo, é levada a condensar-se naturalmente, pelo movimento cada vez mais intenso em vórtices cada vez menores. Largas "massas" de Espaço vão reduzindo de "tamanho" até se adensarem na primeira e mais simples manifestação estável e mensurável da Matéria - segundo a equação:

$$\boxed{\frac{h \cdot \nu_\gamma}{C^2} = M_{e^-}}$$

$$\text{Ou seja: } \frac{(6,6128273143 \times 10^{-27} \text{ erg/s}) \times 1,23777 \times 10^{20} \text{ ciclos/s}}{8,987764166 \times 10^{20} \text{ cm}^2/\text{s}^2} =$$

$M_{e^-} = 0,91070027179 \times 10^{-27} \text{ g}$ (massa de elétron)

$h = 6,6128273143 \times 10^{-27} \text{ erg/s}$ (Constante Universal de Planck)

$\nu_\gamma = 1,23777 \times 10^{20} \text{ ciclos/s}$ (Frequência do raio gama)

$C^2 = 8,987764166 \times 10^{20} \text{ cm}^2/\text{s}^2$ (Quadrado da velocidade da luz)

Por esta equação, vemos que a Energia dá origem à Matéria.

2 - O Nascimento do Fóton

Para que a equação anterior se processe, porém, temos de equacionar um estágio anterior de condensação, em que o dinamismo espacial - a um máximo de energia - produz vórtice infinitamente pequeno de que resulta certo valor ainda mais elementar, por enquanto desconhecido pela Física. É o valor do fóton gama, que ainda não pôde ser verificado e medido pelos aparelhos de que dispomos, mesmo os mais sofisticados. Diz-se, só por isso, que o fóton não tem massa.

Espírito / Matéria

Poderíamos chamá-la de "massa quântica", ou seja, massa dinâmica. com valor $0,73578882342 \times 10^{-47}$ g determinado teoricamente pela Matemática.

O valor do fóton gama, base para o aparecimento do elétron. é dado pela equação:

$$\boxed{\frac{h}{C^2} = M_o}$$

$$M_o = \frac{6,6128273143 \times 10^{-27} \text{ erg/s}}{8,9877764166 \times 10^{20} \text{ cm}^2/\text{s}^2} = 0,73578882342 \times 10^{-47} \text{ g}$$

M_o = significa a massa quântica do fóton

h = Constante de Planck (chamada "Quantum" de energia); essa constante aponta a energia necessária para o salto de um elétron, de sua órbita original, para outra mais exterior. Dividida pelo quadrado da velocidade da luz, a Constante de Planck materializa o fóton gama.

3 - Fóton - elétron

Interessante: o produto desse valor pela frequência do mesmo raio gama é igual ao da massa do elétron!

Veja-se:

$$(0,73578882342 \times 10^{-47} \text{ g}) \times (1,23777 \times 10^{20} \text{ ciclos/s}) = 0,910700271797 \times 10^{-27} \text{ g}$$

Quando o fóton (que na realidade, é um concentrado de energia), ou outra partícula de massa infinitamente pequena e de grande energia roça um núcleo atômico de metal pesado, converte-se em um elétron e um pósitron (elétron de carga positiva). Em sentido contrário, quando um elétron e um pósitron se encontram, destroem-se mutuamente: suas massas, juntas, convertem-se em raios gama de alta intensidade de energia.

Segundo MANUEL DOPACIO, essas panículas infinitesimais, projetadas no Espaço à velocidade da luz, traçam uma trajetória vetorial. Ao tocar o núcleo de um metal pesado. têm seu movimento retilíneo freado, ao mesmo tempo que passam a girar sobre si mesmas e adquirir massa; assim nascem os elétrons, nuvens energéticas com diâmetro igual a $5,6356 \times 10^{-13}$ cm.

(Isso nos permite entender com mais facilidade a misteriosa origem da corrente elétrica, nos dínamos. O fóton do campo magnético transforma-se em elétron na espira em movimento e corre por efeito desse mesmo movimento, que o impulsiona ao longo dos condutores.)

4 - Momento de inércia: massa unitária do magnetismo?

Se tomarmos o "quantum" de energia de Planck - a constante h - e o dividirmos pela velocidade da luz, teremos:

Espírito / Matéria

$$\frac{6,6128273143 \times 10^{-27} \text{erg/s}}{2,99796 \times 10^{10} \text{cm}} = 2,205775698 \times 10^{-37} \text{erg}$$

ou seja: $\boxed{\frac{h}{C} =}$

Mas este mesmo valor de "M" é obtido com o produto da massa teórica de fóton gama pela velocidade da luz:

$$\boxed{M_0 \cdot C = M}$$

$$(0,735758882342 \times 10^{-47} \text{ g}) \times (2,99796 \times 10^{10} \text{ cm}) = 2,2057756989 \times 10^{-37} \text{ g}$$

Como se vê, ambos os resultados apontam para uma partícula de massa infinitamente pequena: 10^{-37} g . É possível que ela represente a massa unitária do magnetismo. Nisso há fundamento, pois se dividirmos esse valor pela massa do elétron, teremos:

$$\boxed{\frac{M}{M_{e^-}} = \lambda_\gamma}$$

$$\lambda_\gamma = \frac{2,2057756989 \times 10^{-37} \text{ g}}{0,9107002717 \times 10^{-27} \text{ g}} = 2,4220654 \times 10^{-10} \text{ cm}$$

isto é, o valor do comprimento de onda do raio gama. O mesmo raio, aliás, cuja frequência, multiplicada pela massa teórica do fóton gama, resultará na massa do elétron (como já vimos):

$$\boxed{M_0 \cdot \lambda_\gamma = M_{e^-}}$$

Conseqüentemente, se dividirmos "M" pelo comprimento de onda do raio gama, deveremos obter, também, o valor do elétron:

$$\boxed{\frac{M}{\lambda_\gamma} = M_{e^-}}$$

$$\frac{2,2057756989 \times 10^{-37} \text{ g}}{2,4220654 \times 10^{-10} \text{ cm}} = 0,9107002717 \times 10^{-27} \text{ g}$$

Espírito / Matéria

$$M = \frac{h}{C}$$

(Este valor "M". quociente da Constante de Planck pela velocidade da luz é chamado momento de inércia. Foi concebido por EULER em 1765, como o produto de uma massa pelo quadrado da distância dada.) Por sua vez, o produto da massa do elétron pelo comprimento de onda do raio gama (que é uma distância), resulta no valor do momento de inércia:

$$M_{e^{-}} \cdot \lambda_{\gamma} = M$$

$$(0,9107002717 \times 10^{-27} \text{ g}) \times (2,4220654 \times 10^{-10} \text{ cm}) = 2,2057756989 \times 10^{-37}$$

Por estas equações se vê a reversibilidade entre Matéria e Energia.

5 - Espaço, Reservatório de Infinita Energia

Discorremos sobre o binômio fundamental da Física - Matéria e Energia - só para acrescentar (por motivos que adiante se verá) que não se trata propriamente de binômio, mas de trinômio: Matéria. Energia e Espaço. Vivemos e respiramos Espaço, ele nos rodeia e interpenetra o íntimo de nosso ser, está presente tanto nas três dimensões de nosso corpo físico como nas outras, invisíveis, do mundo espiritual. Tudo é Espaço. Somos, em última consequência, Espaço manifestado, Espaço tomado fenômeno.

O Espaço, portanto, é primeira manifestação de Deus. É por essa razão que, em nível de grandeza, ele se confunde com Deus na infinitude de extensão.

Apenas para ilustrar, e para que se tenha condições de perceber a equivalência entre Matéria e Energia livre, desenvolveremos a equação de EINSTEIN, estabelecendo comparação bem simples.

Transformemos o peso de um homem de oitenta e cinco kg em energia pura:

$W = m \cdot C^2$ (Sistema de medidas empregado: C G S)

$m = 85.000\text{g}$ (massa)

$C^2 = 8,987764161 \times 10^{20} \text{ cm}^2/\text{s}^2$ (quadrado da velocidade da luz)

$3,6 \times 10^{13}$ Fator de conversão (Ele converte ergs em Kwh; como o erg é medida muito pequena. convertemos os resultados em kilowatt-hora. medida usual em corrente elétrica).

$W = \text{energia}$

Temos:

$W = 85.000\text{g} (8,987764161 \times 10^{20}) = 7,6395995 \times 10^{25} \text{ erg}$

Ou, em Kwh:

$$\frac{7,6395995 \times 10^{25}}{3,6 \times 10^{13}} = 2,1221110 \times 10^{12} \text{ kwh}$$

Comparemos agora este total de energia pura, liberada por um homem de 85kg de peso. com a energia elétrica produzida por grandes usinas, em escala industrial.

O Estado do Rio Grande do Sul produz atualmente (janeiro de 1985) um milhão e meio de kilowatts-hora. Em um ano a produção será: $(1,5 \times 10^6) 24 \text{ horas} = 3,6 \times 10^7 \text{ kwh}$. $(3,6 \times 10^7 \text{ kwh}) 365 \text{ dias} = 1,314 \times 10^{10} \text{ kwh}$

Espírito / Matéria

Dividindo a energia resultante de um homem de 85kg pelo consumo anual do Rio Grande do Sul, teremos:

$$\frac{2,1221110 \times 10^{12} \text{Kwh}}{1,314 \times 10^{10} \text{kwh}} = 161,5 \text{ anos}$$

Isto é, o Rio Grande do Sul teria de fornecer toda a energia que produz, e durante cento e sessenta e um anos e meio, para formar um homem de apenas 85 kg. Ou, a recíproca: a energia liberada pela matéria contida em um homem de 85kg seria suficiente para prover o Rio Grande do Sul de energia durante 161 anos e meio.

Vê-se, assim, como é imenso o potencial energético condensado na Matéria. E, por outro lado, o quanto é imenso, inimaginável. o potencial de energia livre que é o Espaço.

* Equações extraídas dos trabalhos de MANUEL DOPACIO, físico argentino contemporâneo.

* A teoria sobre o Espaço é de DINO KRASPEDON.

6 - O enigma do Espaço

Além das micro-partículas que integram o átomo, por baixo dos universos infinitamente pequenos com que se manifesta tudo que existe. lá, além da energia primordial há Algo indefinível, que escapa ao nosso entendimento. Não é matéria, tampouco energia. No entanto. é - Ser Absoluto em estado de existência potencial. Deste estado de existência pura, ainda não manifestada, provém toda a Criação; ele é o substrato último de toda a existência.

Essência de tudo relativo, o Absoluto contém a infinita potencialidade. Ser /nico, eterno e imanifestado, Ele se transforma em todas as formas de vida e em tudo que tenha existência, criando continuamente. Em consequência, é a última - e eterna - realidade científica, o ômega da ciência.

O Espaço que nos rodeia nos dá idéia dessa Realidade. Ao contemplar o céu estrelado sentimos a vertigem das grandezas incomensuráveis; milhões de astros, constelações, galáxias, universos se sucedem nos infinitos do Tempo e do Espaço, de tal modo que nos vemos incapazes de conceber grandezas macrocósmicas. Por outro lado, ao baixarmos os olhos para o infinitamente pequeno, somos colhidos pela mesma vertigem: ali também se abre o Espaço, nele evoluem micro-mundos, constelações de energias, universos subatômicos.

Onde, então os limites do Espaço?

Se ele está no interior do átomo e entre as galáxias, que espécie de coisa é? Qual sua partícula unitária - seu átomo - se é que a tem? Seria apenas o incomensurável Vazio de que fala Lao-Tsé, confundindo-se com Deus? Ou constituiria a unidade primária com que foi criado o Universo?

Neste último caso, o Espaço seria a primeira manifestação do Absoluto.

Com efeito, ele tem grandeza, logo existe. Incomensurável em sua vastidão, não só envolve como penetra tudo que é manifestado - em imanência compulsória e onipresente. Por outro lado, esse grande vácuo transcende as dimensões cartesianas. pois está presente, e com as mesmas características que o conhecemos, no mundo dos espíritos. Lá, como aqui, interpenetra moléculas e átomos dos corpos astrais (de que já temos bastante conhecimento); por certo há de também estar entre átomos dos corpos mais sutis; e deve estar presente mesmo nos elevados planos, nos invólucros mais interiores e próximos da Chama Divina - Absoluto em nós.

7 - Ciência Sem Espaço

Pela imanência, transcendência e infinitude, esse Vazio assemelha-se a Deus. No entanto, é algo. Algo tão importante por sua imanência na Criação que, só por isso, mereceria lugar de mais destaque na Ciência. Infelizmente, porém, não é o que acontece. Os homens, parece, jamais se deram conta desse inesgotável celeiro de energias cósmicas, permanentemente à disposição deles.

Desconhecendo a riqueza sem fim do Espaço infinito, continuamos em busca da energia mecânica das quedas d'água ou da energia fóssil do petróleo. Não percebemos (talvez porque óbvio demais): o Espaço pode ser manipulado, torcido, deformado, condensado; toda sua energia livre pode ser utilizada; inteiro, incomensurável, ele está à disposição dos homens, e sua exploração depende apenas de técnicas apropriadas.

As formas mais tênues de energia armazenam-se em quantidades inconcebíveis no espaço sideral e são perfeitamente manipuláveis por meio da mente. Sim, nossa mente: ela constitui a ferramenta mais adequada para operarmos no mundo espacial, pois é nele que o pensamento se propaga. Podemos, portanto, condensar grandes caudais energéticos e projetá-los a longas distâncias, para qualquer fim desejado.

É lamentável que nossa Ciência quase não tenha espaço para o Espaço, o que, no entanto não é de admirar. Ela vê e conhece como um microscópio: aumenta continuamente o poder de ampliação, mas para isso limita o campo visual. Produz, assim, especialistas que sabem cada vez mais a respeito de cada vez menos. Do homem, por exemplo, conhece quase todos os detalhes, menos sua essência. Tanto se viciou no analitismo que já não sabe elaborar sínteses. Intoxicados de velhos e novos detalhes, nossos cientistas tendem a desprezar os filósofos, justamente porque estes concebem sínteses. No entanto, é de sínteses que precisamos, em benefício da própria Ciência. Fragmentada e dividida, abastarda de em suas finalidades humanísticas (porque jungida aos imediatismos do seu embasamento materialista), ela com frequência nos tolda a visão de horizontes ao obrigar-nos a uma objetividade míope, que só vê o que está bem perto e ao alcance dos sentidos.

Fizemos esta brevíssima digressão pelos campos da Matéria e da Energia. porque todo o nosso trabalho espiritual e, conseqüentemente, todo o conteúdo deste livro trata de assuntos relativos à Energia e seu emprego.

Karma, a Grande Lei Cósmica

Karma é a Lei da Ação pela qual a obra criada por Deus emana de Sua natureza.

No princípio havia apenas o Absoluto, o Imanifestado em toda Sua plenitude potencial. Quando Ele começou a criar, projetou de Sua própria natureza divina tudo quanto existe; por essa razão, somos filhos de Deus na mais pura acepção do termo. Portanto, Deus está presente em nós e isso se chama imanência. Pela Sua infinitude, porém, Deus transcende à obra criada. "Vós sois deuses" - disse Jesus.

O Karma é a grande Lei que preside a Criação. Ela rege a absoluta harmonia do Cosmos, nos seus mais ínfimos detalhes. Se houver desarmonia em qualquer recanto do Espaço, essa grande Lei sofre a interferência de uma outra - secundária, mas independente: a Lei da Reação, que obriga tudo a voltar a seu lugar, em imenso processo de reajuste harmônico. Conjugadas, essas duas leis cósmicas constituem o "Princípio da Evolução", que pode ser comparado ao eterno "vir-a-ser", de Heráclito. Este Princípio rege as manifestações do Imanifestado, sua permanência no continuum Espaço-Tempo e seu glorioso retorno ao Criador. Essa a síntese de todos os fenômenos do Cosmos.

Quando o Homem se desvia da Lei da Harmonia Cósmica, torna-se satânico; por seu antagonismo à Lei da Harmonia, deflagra o caos em si próprio e ao seu redor. A lei da Reação obriga-o, então, a restabelecer incondicionalmente a harmonia, na mesma ordem de grandeza da perturbação. A reordenação fatalmente se fará, não só no interior do indivíduo como, também, na porção de espaço que ele desorganizou, aí incluídos todos os seres que tenham sido arrastados pelos caos.

Todos os seres estão sujeitos a esse grande processo de reajuste cármico. O somatório dos reajustes, pequenos ou avultados, confere ao ser em evolução a experiência e os conhecimentos que o levarão da ignorância à sabedoria, da treva à Luz.

I - O Resgate Kármico

No resgate das desarmonias kármicas há quatro etapas (segundo, Edgar Armond) bem definidas:

1. - Conhecimento da desarmonia produzida

A "dívida" (falta cometida contra outros seres ou contra o próprio faltoso), deve ser resgatada até o último "centavo". Para que seja paga, é preciso que o devedor saiba o valor dela.

O processo evolutivo se desenrola através dos tempos e o ser passa por sucessivas e inúmeras etapas encarnatórias, em que perde a memória do seu passado. Como, então, poderá ele saber a quantidade e valor de erros praticados, tanto mais que há os cometidos em passado longínquo?

Tal pergunta, conquanto aparentemente: lógica, denota desconhecimento do processo aprimorativo regido pelo Princípio da Evolução. Tudo que se conquistou por ato volitivo (isto é, por esforço consciente) não se perde: foi armazenado em nossa Essência no espírito imortal; em outras palavras, as experiências positivas ou negativas (o mesmo que harmônicas ou desarmonicas) se: gravam magneticamente nos bancos de memória do cérebro espiritual do indivíduo. Por essa razão, qualquer ser humano encarnado sabe perfeitamente todos os erros que cometeu em qualquer época de sua vida consciente. Seu cérebro físico não sabe o que ele praticou em existências

Espírito / Matéria

pretéritas, mas o Espírito conhece tudo: isso explica a diversidade de temperamentos, as tendências más ou boas que todos os homens manifestam desde a infância.

Os homens são diferentes uns dos outros porque herdaram de si próprios os temperamentos que lhes conferem características ímpares. Verdadeira nota tônica pessoal e distinta - patrimônio adquirido através das experiências vivenciadas tempos afora - um temperamento imutável caracteriza cada ser humano. Na manifestação desse temperamento, varia apenas o caráter, enriquecido ou empobrecido por novos valores e experiências, na abrasão do polimento educativo de cada estágio encarnatório.

2. Aquiescência em resgatá-la

Toda criatura humana anseia pela paz, pela harmonia, pela felicidade. O temor da morte, da dor, do sofrimento é constante atávica inerente ao homem em suas etapas inferiores de evolução. Daí a necessidade de evoluir de ter paz, de alcançar uma felicidade que se busca até as raias da insensatez. A princípio, se pensa que tal ventura pode ser alcançada com a aquisição de bens materiais: é a fase da corrida atrás do dinheiro. Nessa etapa infantil da evolução, o homem é predador; abusa da agressividade, fere todos quantos ousam, pôr limites à sua ação possessiva. Com isso, espalha a seu redor mais desarmonias que benefícios. O saldo negativo acumulado nesses desvarios imediatistas fará com que mais tarde, em outras encarnações, ele compreenda que nada de útil lhe restou de tudo que fez de perturbação, a não ser o anátema dos que sofreram em suas mãos e cuja dor, então, requeima a sua consciência. Em nova vivência encarnatória de será criatura intimamente amargurada, pois o mal gera o mal.

Em certo momento de sua evolução, o homem sente a necessidade de harmonizar-se intimamente: a carga negativa acumulada na memória espiritual o obriga a sentir a urgência de uma mudança de rumo em sua existência; conscientiza-se, então, de que os valores a serem adquiridos devem ser outros - e não os materiais. Nesta fase, está em condições de enfrentar com estoicismo e sem revolta as adversidades que ele mesmo provocou. Aquiesce, por isso, em resgatar seus erros.

Mas como se sabe que uma criatura está disposta a resgatar seus erros?

Reconhece-se isso pela resignação frente ao sofrimento que, muitas vezes, acontece: inesperadamente. Os conformados com situações irreversíveis, com dores físicas ou morais, provam sua disposição em resgatar adversidades semelhantes, provocadas por eles mesmos no destino de outras criaturas, em passado distante.

Os que se revoltam contra o sofrimento e deblateram contra a Divindade, clamando pela "injustiça" que sofrem, esses não querem nem podem resgatar nada, pois não se consideram devedores; portanto, ainda não se encontram no ponto do despenar de consciência. Somente a repetição de experiência em faixas de desarmonia haverá de fazer com que suas consciências desabrochem.

3. Valor da desarmonia

Todas as desarmonias em que as criaturas se debatem constituem sofrimento passivo através do qual elas tomam conhecimento do processo kármico e das dívidas a resgatar durante a existência.

Espírito / Matéria

Geralmente se pensa que é pelo sofrimento que o homem resgata os males que praticou em seu passado remoto. Redondo engano! O sofrimento apenas dá a medida dos erros cometidos, jamais serve de moeda para o pagamento de qualquer culpa. Que lógica é essa em que a dor do culpado provoca o pagamento de culpa? Deus, então, seria sádico?

Realmente, seria bastante estranho que o sofrimento suportado passivamente um olho vazado, por exemplo - servisse: para repor o olho furado do inimigo de existências anteriores. Não se pode conceber que a justiça divina seja tão primária. Teríamos a consagração da lei do Talião, com o "olho por olho e dente por dente" se perpetuando como a moeda de Deus para os reajustes de culpas.

Com efeito. Deus que é justiça absoluta. bondade em superlativo, pureza sem jaça, deve ter outros meios de aplicar Sua justiça infinita. Na Harmonia Absoluta não pode: se incluir a dor, contrária à Sua natureza.

A dor é mero indicador. Ela apenas aponta o "quantum" de desarmonia praticada: por meio dela o ser humano aprende que não deve lesar seu semelhante. O sofrimento, portanto, é educativo; serve como experiência para que erros não se repitam. Em suma, a dor ensina o amor.

4. Ressarcimento

Por ressarcimento se entende o pagamento da dívida. E só existe uma moeda, no Universo. para o pagamento de qualquer dívida: o amor. O amor é moeda mágica que sana erros e eleva as criaturas. Somente pelo amor aos nossos semelhantes - e a tudo quanto existe - a criatura é glorificada. Quando Paulo de Tarso disse: "Já não sou eu quem vive; é o Cristo que vive em mim". estava entrando na plenitude do amor divino.

Perguntas e Respostas

P - O que acontece ao indivíduo que consegue ser liberado de todo o valor da dívida kármica, ou seja, de qualquer sofrimento?

R - Estará apto a fazer o pagamento.

P - Sabendo-se que a criatura se sente aliviada e como que renascida, tanta é a alegria por se ver fora do círculo de sofrimento, repetimos: o que acontece com ela?

R - Passa a ter condições de resgatar, com mais facilidade, sua dívida kármica.

P - O que é Karma?

R - Karma é a lei pela qual o Criador manifesta sua natureza absoluta em toda a Criação.

P - As leis do Karma - Lei da Ação e Lei da Reação - por acaso são antagônicas?

R - São complementares, nunca antagônicas, e quase independentes entre si. A grande Lei da Ação implica a Lei da Reação, que é a do reajuste kármico. Este propende sempre para o bem e

Espírito / Matéria

para a harmonia, pois somente existe o bem na obra divina. Deus jamais poderia criar o mal, avesso à sua própria natureza. Embora possa durar milênios seguidos, o mal é sempre relativo. É passageiro. Na verdade, todo o mal constitui uma degenerescência do bem, assim como a desarmonia é uma perturbação da harmonia. Harmonia e desarmonia também são estados complementares, reversíveis entre si, diz-se que são antagônicos apenas porque representam os pólos de um estado. Quando o mal se integra no bem, passa a existir somente o bem. Quando a desarmonia desaparece na harmonia, somente a harmonia existe.

O bem e o mal caminham juntos, mas quem escolher um desses caminhos dificilmente trilhará o outro, diz antiquíssimo provérbio egípcio. Em nossa vida, harmonia e desarmonia estão caminhando juntas. Como a desarmonia é o ato ou a energia perturbadora da harmonia, a harmonização da desarmonia é a ação pela qual conseguimos integrar a desarmonia na harmonia (aproveitando, para tanto, até mesmo energias desarmônicas). Não sendo independentes nem contrárias, mas sempre complementares, uma não pode substituir completamente a outra, pois se houvesse plenitude de uma delas o Homem seria absoluto em um dos pólos, igualando-se ao Criador.

Como corolário, conclui-se que é inteiramente impossível a existência do mal em estado absoluto no Diabo, de vez que, se assim fosse, Satã seria igual a Deus em poder, Absoluto em sentido oposto.

A propósito da dualidade inerente à condição humana, disse o apóstolo Paulo: *"O bem que eu quero fazer não o faço, mas sim o mal que não quero fazer ... Há em mim duas leis, a lei do bem e a lei do mal ... Infeliz de mim, quem me libertará deste corpo mortífero?"*

Romanos 7:15-24

5 - A vida do Homem - campo das Leis kármicas

Quando se estuda o Homem - único ser vivo com capacidade consciente para escolha de soluções de maneira contínua e seqüencial - nos deparamos com o binômio terrível em que ele se debate pelos séculos afora. sem ter conseguido equacioná-lo: ignorância e sofrimento.

Falando em ignorância não queremos nos referir somente à intelectual. Este tipo de ignorância é de valor bastante secundário se refletirmos sobre a ignorância espiritual em que temos vivido e teimamos em viver, até hoje.

A crise espiritual por que passa a humanidade gerou, neste fim da atual civilização, todas as crises secundárias em que nos debatemos: crise econômica mundial; insolúveis crises políticas; crise moral com decadência dos costumes - comum a todas as civilizações que nos precederam, quando já em fase de desaparecimento; crises existenciais; e toda a desarmonia e inquietação materialista em que nos atolamos - embora a incrível inchação dos meios de divertimento e gozo, as comunicações fáceis e os confortos de que dispomos.

Responsável por todas essas crises, a grande crise espiritual só pode ser resolvida através do aprimoramento espiritual de cada indivíduo. O somatório das ações dos indivíduos renovados modificaria a sociedade para melhor, como consequência automática. É bem possível que, por esse caminho, cheguemos à ideal sociedade sem classes, que vem povoando nossos sonhos desde Platão aos materialistas históricos de nossos dias.

Não existe alo-redenção, afirma Rohden; isto é, não existe uma redenção vinda de fora do homem. Nossa salvação vem de dentro, desabrocha de nosso íntimo. É, portanto, uma auto-redenção. Modificações impostas por agentes exteriores não alteram as criaturas em sua essência;

Espírito / Matéria

daí o total fracasso das mágicas dos governos, que jamais conseguem resolver os angustiantes problemas que afligem todas as classes sociais. A sociedade deste fim de século, excessivamente imediatista e ávida de soluções salvadoras, anda esquecida das lições da História e já não enxerga que a solução de todos os seus problemas está dentro de cada homem.

Com efeito, olhemos à nossa volta e para dentro de nós: vivemos, praticamente todos os homens, procurando atalhos, caminhos que inventamos. Desgarramo-nos, nos perdemos em labirintos que nós próprios criamos. Assim tem sido sempre, embora a radiante luminosidade das leis ensinadas pelo Enviado.

Por que isto, afinal?

A explicação já nos foi dada pelo apóstolo Paulo, há 19 séculos:

... o homem psychkós (intelectual) não compreende as coisas do espírito, que lhe parecem estultícia, nem as pode compreender, porque as coisas do espírito devem ser interpretadas espiritualmente.

1- Coríntios 2:14

A fórmula perfeita para nossa salvação nós a temos desde há dois mil anos. Ela está, simples e ao alcance de todos, nas imutáveis leis cósmicas contidas no Evangelho. Embora conhecendo-as, por séculos e séculos temos insistido em transgredi-las, de modo que os historiadores do Futuro provavelmente haverão de dizer que este foi o maior, o mais duradouro e o mais catastrófico erro coletivo de nossa Espécie.

A Vida Vem de Deus

Tudo quanto existe tem origem em Deus e, após longa evolução, volta para Deus (conceito filosófico do monge irlandês John SCOT - Erigena - século IX).

De Deus - o Absoluto - pela Lei da Ação (Karma) agindo de maneira centrífuga, promana o Espaço e algo que os hindus chamam de Prana (força vital), com o surgimento da Energia ou algo semelhante. Por fenómeno de interação, ela se adensa até constituir vórtices cada vez mais dinâmicos. Em determinado estágio de intensidade, estes vórtices passam a constituir o elétron livre, por condensação de um fóton gama, como já vimos.

Em estágio mais avançado, ao intensificar-se o movimento aumenta também a energia (e, conseqüentemente, a temperatura) com surgimento dos elementos nucleares estáveis, o núcleo atômico com os prótons, nêutrons e, na periferia, os elétrons. Nasce, então, o primeiro elemento da série estequiogenética - hidrogênio - constituído de um próton e um elétron, em órbitas de velocidade inconcebível. Temos, desse modo, a primeira partícula estável, definida e individualizada. Com o resfriamento continuado vão se formando os outros elementos.

Na Matéria se aninha o Princípio Espiritual. Ele não tem origem na Matéria, como querem os materialistas. Quando as combinações moleculares de sais minerais, água, oxigênio, nitrogênio, calor conveniente, ionização elétrica, tempo para repetição das combinações, tudo, enfim, se torna compatível com um primário estágio biológico, formam-se aminoácidos fundamentais que serão o substrato de sustentação para que o Princípio Espiritual organize e se fixe no que passará a ser uma primeira e primária partícula viva. Nasce a Vida, tal como a conhecemos: viva, esta partícula se reproduzirá e evoluirá para formas sempre mais complexas. E chegará ao Homem.

Espírito / Matéria

O Princípio Espiritual é a Vida, portanto, vem de Deus. A Matéria é apenas o substrato a que ela se liga para formar os seres vivos de nosso universo dimensional.

Apometria

I - Generalidades

O termo apometria é composto das palavras gregas "apo", que significa "além de" e metron, "medida". Designa o desdobramento espiritual ou bilocação, bastante estudado por diversos autores clássicos, dentre eles BOZZANO. O desdobramento se resume em essência na separação do corpo astral (ou mental) do corpo físico.

O desdobramento é relativamente fácil, sendo normal que ocorra uma ou outra vez, e de modo espontâneo (sem volição consciente), no decurso de uma existência. De hábito, acontece durante o sono, ou no sono hipnótico (induzido por passes magnéticos ou por sugestão) ou no êxtase místico: também pode ocorrer nos grandes choques emocionais, choques circulatórios, desmaios, coma, convalescenças de enfermidades graves, traumas físicos; pode ser consequência do uso de narcóticos e aparece também no transe mediúnico; mais raramente, acontece no estado de vigília, de modo espontâneo, em sensitivos muito vibráteis. (Para ilustração, vide "Casos Clássicos de Desdobramento", a seguir, transcritos do livro *"Desdobramento, Fenômenos de Bilocação"*, de Ernesto Bozzano.)

1. Origens da Apometria

A apometria é processo de desdobramento do corpo astral ou mental, desconhecido, ao que parece, dos autores clássicos. Tampouco há notícia dele em publicações de cientistas ou estudiosos do psiquismo. Trata-se de técnica anímica, sem relação com o mediunismo.

No Hospital Espírita de Porto Alegre apareceu, em 1965, um cidadão que dizia possuir uma técnica de tratamento médico completamente diferente da medicina oficial: utilizava os serviços de médicos desencarnados, que indicavam a terapêutica para os males dos enfermos. O cidadão se chamava LUIZ RODRIGUES, era natural de Porto Rico mas escava radicado, há muitos anos, no Rio de Janeiro. A uma primeira vista, sua técnica em nada parecia diferir dos processos mediúnicos do Espiritismo kardequiano, não obstante insistisse em afirmar que não professava a Doutrina. Mas diferia, sim. E muito: ao invés de médicos desencarnados virem até o paciente, era o paciente que, desdobrado, ia até os médicos do astral, para o diagnóstico e terapêutica.

O Sr. RODRIGUES chamava sua técnica de hipnometria, nome que nos pareceu impróprio; ele não se valia de qualquer espécie de sono, nem buscava induzi-lo. Fazia, simplesmente, uma contagem pausada, regressiva, que começava pelo número correspondente à idade do paciente. Finda a contagem, este se encontrava fora do corpo.

Constatamos: a técnica funcionava. Mas a causa do êxito nem o Sr. RODRIGUES sabia.

Assistimos a duas sessões hipnométricas e suspeitamos, já na primeira, de que a técnica deveria consistir no emprego de campos-de-força magnéticos, já que, para haver desdobramento, é necessária alguma forma de energia. Na realidade, a contagem deveria projetar uma sucessão de pulsos energéticos sobre o corpo astral ou mental do paciente, desdobrando-o.

Espírito / Matéria

Foi o que pudemos comprovar, logo de imediato, em uma série de experimentos. Isso nos levou a abandonar a designação 'hipnometria', substituindo-a por apometria - que nos pareceu mais exata, por não ter conotações com o conceito de sono.

A técnica de desdobramento apométrico se revelou aplicável em qualquer criatura, não importando idade, saúde, estado mental nem resistência que puder oferecer, uma vez que a energia atuante vem de fora, não dependendo da vontade da pessoa. Fácil de aplicar, a apometria tem inquestionável eficiência e não é mediunismo.

Técnicas hipnóticas de desdobramento (ou as que utilizam passes magnéticos) são sempre limitadas, pois só se aplicam em determinados tipos de pacientes. Já a apometria apresenta resultados sempre positivos em todos, mesmo em oligofrênicos com racionalidade quase nula, inatingível pelo hipnotismo.

2. Utilidade da Apometria

O maior êxito da apometria está na sua aplicação em médiuns, para contato fácil e objetivo com o mundo espiritual.

Em nossos trabalhos usamos médiuns videntes, que podem enxergar no plano astral, quando desdobrados. (Pessoas comuns, sem vidência, nem acreditam que estão desdobradas.) Já os médiuns experimentados podem ver e ouvir espíritos durante o transe de desdobramento, e se deslocar no espaço; visitam, então, colônias do astral; realizam eficiente trabalho de resgate de espíritos sofredores, participando de caravanas de socorro organizadas naquela dimensão; comparecem, também, em domicílios de enfermos encarnados, integrando equipes espirituais de limpeza de lares.

No atendimento do enfermo, colocamos médiuns desdobrados em contato com médicos do astral. Em seguida, desdobramos também o doente que, em corpo astral, é atendido pelos médicos desencarnados na presença dos médiuns desdobrados. Estes nos vão relatando tudo que ocorre durante o atendimento, diagnósticos, cirurgias astrais, detalhes da problemática do paciente - com esclarecimentos sobre a origem da enfermidade e orientações práticas para a consolidação da cura. Assim desdobrados, os pacientes são atendidos com mais eficiência, profundidade e rapidez pelos médicos desencarnados. Os diagnósticos costumam ser muito minuciosos, precisos; nas operações astrais é comum empregar-se alta técnica e sofisticada aparelhagem, em hospitais do astral superior.

Descrição como esta que acabamos de fazer, de médicos mortos tratando de doentes em corpo astral, de visitas de médiuns e pacientes a hospitais invisíveis, com salas de cirurgia e aparelhagem avançadíssima (e, é claro, com edifícios, jardins, veículos etc.), tudo isso parece fruto de imaginação fantasiosa, cheirando a ficção científica.

Mas não é.

Por mais de 20 anos dezenas de nossos médiuns, desdobrados, estiveram no Hospital Amor e Caridade, instituição do astral que dá cobertura aos nossos trabalhos espirituais. Em todo esse tempo, médiuns diferentes (separadamente, primeiro; em grupos, depois) e em dias diversos, ofereceram à nossa cuidadosa investigação descrições idênticas dos jardins onde descansaram, do prédio, das salas, dos centros cirúrgicos, permitindo-nos, sobretudo, acurado exame das técnicas cirúrgicas.

As viagens astrais de nossos sensitivos sempre foram objeto de observação muito atenta. Interessam-nos, além da detalhada descrição dos ambientes visitados, os diagnósticos e

Espírito / Matéria

prognósticos nos atendimentos de pacientes à distância, praticados pelas equipes do astral e acompanhados pelos nossos médiuns.

Por tudo que vivenciamos, não há como escapar à evidência de que, com a apometria, o processo terapêutico se amplia e diversifica. Ela possibilita uma medicina para o Espírito, realizada por médicos desencarnados, junto à medicina humana, dos encarnados. Além disso, operacionaliza a regressão de encarnados e desencarnados a vidas anteriores; ao mostrar o remoto passado dos enfermos - desvelando suas vinculações kármicas com outros espíritos - enseja não só a investigação dos efeitos da Lei do Karma como também o tratamento das doenças em profundidade, com efeitos naturalmente duradouros.

3. Os cuidados. A assistência espiritual.

Embora a técnica seja bastante simples, há toda uma série de circunstâncias correlatas (regidas por leis especiais) que dificultam sua aplicação, tornando-a complexa. Sua prática exige cuidados especiais, com atenção constante aos detalhes dos fenômenos. É por causa disso que recomendamos, às pessoas que desejam aprender e aplicar a técnica apométrica de tratamento, estágio de cerca de seis meses em nossas dependências.

Em primeiro lugar, como condição primordial e imprescindível, o trabalho deverá ter cobertura do plano espiritual- e de nível elevado; sem essa assistência nada se conseguirá. O fracasso também será certo se médiuns e pesquisadores - o nível físico do trabalho - não estiverem devotados ao bem. Se se descuidar de manter elevado nível ético de todos os participantes, encarnados e desencarnados, o trabalho poderá resultar no mínimo contraproducente, tanto no plano físico como no espiritual.

A propósito, alertamos que a simples curiosidade e a prática frívola e sem finalidade séria constituem também fatores negativos que condenam ao fracasso qualquer tarefa espiritual. Nesse campo de atividade, operando em horizontes livres e fora do envoltório carnal, torna-se absolutamente imprescindível a harmonia de todos os componentes do grupo. E não só a harmonia. Também em cada indivíduo é imperioso manter a máxima higiene mental, de modo a evitar a interferência de correntes negativas e campos vibratórios pesados, que muito dificultam o deslocamento dos médiuns no Mundo Astral.

4. O tratamento

Uma vez garantida a assistência do plano astral superior através de repetidos contatos dos médiuns com os operadores desencarnados, por ordem destes (que são os responsáveis pelo êxito do trabalho) colocamos os enfermos em transe de desdobramento, no que empregamos a mesma técnica utilizada para o desdobramento dos médiuns. Em seguida transportamos os pacientes, um de cada vez, ao nosocômio que lhes foi designado no astral. Ali eles são examinados, tratados, aconselhados, submetidos a cirurgias etc., obedecendo, toda essa atividade, a um plano de trabalho regido pela ordem, equilíbrio e avançadas concepções científicas.

Normalmente o enfermo nada registra. Nada vê, nem sente algo que possa classificar de anormal. Algumas vezes, porém, em sensitivos ou médiuns treinados, observam-se fenômenos como tontura, sonolência, sensação de leveza ou mesmo completa visão do plano em que se encontram. Ao cabo de poucos minutos termina o tratamento pelas equipes do astral, e o paciente é reconduzido de volta ao corpo físico. Cuidamos sempre para que haja perfeito acoplamento entre

Espírito / Matéria

os corpos astral e físico, caso contrário podem sobrevir tonturas, sensação de vacuidade, mal-estar ou mesmo cefaléias, durante algumas horas.

5. Os obsessores. A desobsessão apométrica.

Quase sem exceção, os pacientes se apresentam seguidos por cortejo de obsessores, os agentes espirituais de seus males. Deve-se atender em primeiro lugar esses espíritos infelizes, muitos em grande sofrimento e imantados ao enfermo desde há muito tempo. Eles não se limitam apenas a perseguir a vítima em todos os seus passos; procuram prejudicá-la por todas as formas possíveis, em vingança que costuma ser cega. Geralmente são inimigos que, na maioria dos casos, foram vítimas de suas atuais vítimas, em existências anteriores.

Os obsessores agem isoladamente, em pequenos grupos ou em grandes hordas, dependendo da imantação que têm com o paciente, grau de periculosidade, meios astrais de que dispõem, inteligência ou potencialidade mental. De qualquer modo, tendem a ser terríveis. É preciso ter muita vontade de servir à obra do Senhor para lhes dar amor e tratá-los. Uma vez afastados, esses infelizes devem ser recolhidos aos hospitais especializados do Astral ou às regiões que lhes forem destinadas por Espíritos Dirigentes, de acordo com o padrão vibratório de cada sofredor. Dispensar amor a essas criaturas implica compreender o ódio e suas conseqüências trevosas.

Aprendemos: nunca se deve deixar obsessores à solta. Eles raramente têm conduta e atitudes modificadas em sessões espíritas que empregam apenas dialética de esclarecimento. Em geral uma única sessão não será suficiente para convencê-los. Corações empedernidos, muitas vezes há séculos, não é de um momento para outro que abandonam o comportamento cruel a que estão acostumados; principalmente se forem malfetores a soldo de entidades encarnadas ou desencarnadas, interessadas na destruição de uma pessoa.

6. As síndromes "novas"

No afã de prejudicar, os obsessores usam técnicas requintadas de tortura no assédio à vítima, colocam no seu corpo toda a sorte de instrumentos, amarras, cadeias, grilhões lacerantes etc., de modo a enfraquecê-la e provocar-lhe continuo sofrimento. Aparecem, assim, certas doenças misteriosas, com sintomas tão desconcertantes que desnorteiam diagnósticos médicos. Dentre as muitas síndromes novas que a apometria nos permitiu descobrir, podemos citar as enfermidades causadas por aparelhos parasitas fixados no sistema nervoso do corpo astral do enfermo. Esta síndrome, por sua importância, bem poderia figurar ao lado das síndromes clássicas da Medicina; no entanto, é provocada por técnicos das Trevas interessados em prejudicar física e mentalmente as pessoas.

Conforme se pode ver, a apometria opera verdadeiros "milagres" no tratamento da desobsessão. E, mais ainda, no tratamento de multidões de espíritos sofredores, tratados individualmente ou em grupos compactos - assunto de que trataremos em detalhes.

Espírito / Matéria

Leitura:

Casos Clássicos de Desdobramento

Caso nº 1 – *Desdobramento durante cirurgia*
Paciente: Sra J. P., professora universitária.
Relatado no Journal Of American S.P.R., 1908.

Quando tinha 24 anos de idade, fui submetida a uma anestesia por ocasião de uma operação cirúrgica. No momento em que ia recuperar os sentidos, pareceu achar-me livre no aposento, sentia-me perfeitamente bem, mas sem o meu corpo. Tinha a impressão de estar transformada em espírito e ter atingido, por meio da dor, a paz almejada. Olhava, em baixo, o meu corpo inanimado no leito. Nesse aposento achavam-se as duas irmãs de minha sogra: uma delas sentada ao lado, aquecia as minhas mãos e a outra em pé, do outro lado, observava. Tive, não sei como, a impressão de que iminentes provas estavam reservadas a ambas, coisas de que compreendi fazerem parte da trama do seu destino. Não desejava, absolutamente, volver ao meu corpo, porém, a meu pesar, senti-me forçada a retornar a ele.

O que de mais curioso há em minha experiência é que, logo que acordei, perguntei: "Onde está a Sra K?" Ao que minha sogra respondeu: "Como podes saber que ela veio aqui?" Com efeito, a Sra. K não se achava presente no instante em que fui adormecida, pois chegou quando já me achava dormindo e com os olhos fechados. Respondi: "Eu a percebi, lá naquele lugar, em pé." Nada mais quis acrescentar, porque, nada existindo de comum entre nós, eu temia cair no ridículo ao narrar a experiência porque acabara de passar. Até aquele momento nunca pude compreender o que queriam dizer os que afirmavam a existência de uma vida futura.

Caso nº 2 – *Desdobramento durante cirurgia. Contato com a avó falecida.*
Paciente: Sra. V. D. S., de New Jersey, U.S.A.
Relatado por Sylvan J. Muldoon em "Projection of the Astral Body"

Quando eu estava enferma no grande hospital de Pitisburg, fui submetida a grave operação. Pela primeira vez em minha vida, foi-me administrado um anestésico. Apenas comecei a respirá-lo, experimentei uma maravilhosa sensação de bem-estar e de beatitude, mas com grande surpresa minha vi-me em companhia do médico e da enfermeira e, diante de mim, estendida na mesa de operações, o meu corpo inerte e sem vida. Notei os frascos e os instrumentos cirúrgicos depositados numa mesa ao lado e observei, mesmo, que uma das enfermeiras tinha o toucado de través, o que me pareceu cômico.

Fui levada a olhar para o ar e vi chegar a mim, através do teto, minha querida avó, falecida há 10 anos passados. Ela se aproximou de mim e me tomou pela mão, dizendo que era preciso andar depressa, porque o tempo disponível era curto. Passamos, em seguida, através do teto, tão facilmente como teríamos passado através de uma cortina de fumaça. Achemo-nos fora, numa atmosfera luminosa em que minha avó chamou minha atenção para uma paisagem que me era familiar, mostrando-me a casa que eu residia, cercada de árvores magníficas. Quando eu me extasiava com tal perspectiva, minha avó exclamou: "Não temos mais tempo. E preciso que volte para o seu corpo!" E, antes mesmo que pudesse responder, acordei em meu leito e percebi uma enfermeira curvada ansiosamente sobre mim ...

Espírito / Matéria

Eis que me é dado relatar sobre minha experiência de desdobramento, que foi para mim poderosa revelação: se o que me aconteceu deve-se repetir no momento da morte, então é inútil temer a morte.

Caso n 3 – *Desdobramento – durante acidente.*

Paciente: Dr. Overend G. Rose, médico.

Relatado na revista "LIGHT", 1932. O médico descreve acidente que sofreu quando, andando a cavalo, foi projetado violentamente ao solo, tendo ficado cinco horas desacordado.

Durante o meu desmaio, vi o meu próprio corpo estendido por terra e os dois homens que o ergueram. Ouvi-os murmurar que eu estava morto e assisti ao meu transporte para uma casa vizinha. Pouco depois chegaram dois médicos que, por todos os meios, tentaram fazer-me voltar à vida e, durante as longas horas decorridas antes de alcançarem o resultado, estive constantemente a observar a cena. Eu flutuava acima de meu corpo, numa atmosfera tépida e radiosa. Não há palavras com que se possa exprimir o sentimento de paz e bem-estar que me invadiu, mas logo ouvi uma voz, não sei como, a me murmurar que eu devia preparar-me para reintegrar o meu corpo, e foi por isso que, apenas nele reentrei, disse aos médicos que certamente ficaria curado ...

As circunstâncias dignas de nota, em minha estranha experiência, são as seguintes: em primeiro lugar eu nunca vi os dois homens que me ergueram e que eram pessoas desconhecidas, de passagem pelo local, contudo lhes descrevi os rostos, as roupas, cavalos e capas que atiraram numa cerca para correrem em meu auxílio; em segundo lugar, mesmo em estado de inconsciência completa, possível me foi descrever minuciosamente aos médicos as peripécias de meu transporte para uma casa estranha, bem como as condições internas de meus ferimentos, e tudo isto porque a minha personalidade consciente se achava exteriorizada, fora do corpo, e assim foi capaz de observar melhor ainda do que se estivesse em meu corpo.

Declaro que este acontecimento extraordinário me levou a certeza experimental de que há uma vida além-túmulo, na qual não há necessidade do corpo carnal para enxergar, ouvir, pensar, vida esta em que conservamos, inalterada, a nossa personalidade terrestre.

Caso nº 4 – *Desdobramento na Antiguidade.*

Paciente - Basílio, egípcio.

Relatado por Tácito: "História - livro IV" e citado por Allan Kardec no "Livro dos Médiuns"

Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, aguardando a volta dos ventos estivais e estações em que o mar oferece segurança, muitos prodígios ocorreram, pelos quais se manifestaram a proteção do céu e o interesse que os deuses tomavam por aquele príncipe ...

Esses prodígios redobram o desejo, que Vespasiano alimentava, de visitar a sagrada morada do deus, para consultá-lo sobre as coisas do Império. Ordenou que o templo se conservasse fechado para quem quer que fosse e, tendo nele entrado, estava todo atento ao que ia dizer o oráculo, quando percebeu, por detrás de si, um dos mais eminentes egípcios, chamado Basílio, que ele sabia estar doente, em lugar distante, a muitos dias de Alexandria. Inquiriu dos sacerdotes se Basílio viera naquele dia ao templo; inquiriu dos transeuntes se o tinham visto na cidade; por fim, despachou alguns homens a cavalo, para saberem de Basílio e veio a certificar-se de que, no momento em que este lhe aparecera, estava a oitenta milhas de distância. Desde então, não mais

Espírito / Matéria

duvidou de que tivesse sido sobrenatural a visão e o nome de Basílio lhe ficou valendo por um oráculo.

Caso nº 5 – *Desdobramento com deslocamento e incorporação em médium, com fenômeno de psicografia.*

Paciente: Sra. Sofia Swoboda

Relatado por Alexandre Aksakof em "Animismo e Espiritismo".

A 20 de julho de 1858, uma moça, Sofia Swoboda, achava-se com sua família à mesa, tomando ponche, para festejar uma solenidade de família; ela estava de humor calmo e contente, se bem que um pouco fatigada dos trabalhos do dia. Bruscamente se lembrou de não ter desempenhado a sua tarefa, a tradução de um texto francês para o alemão, e que deveria estar pronto para o dia seguinte pela manhã. Que fazer? Era muito tarde para entregar o trabalho: cerca de 11 horas; ela estava, além disso, muito fatigada.

Nessa preocupação, a jovem Swoboda deixou os companheiros e isolou-se no quarto vizinho, pensando em sua incomoda distração, que ela lamentava tanto mais quanto era certo que votava estima particular à sua mestra. Mas eis que, sem aperceber-se, e até sem experimentar surpresa alguma, Sofia persuade-se achar-se em presença da Sra. W., a mestra em questão; dirige-lhe a palavra, dá-lhe parte, em tom jovial, da causa de seu pesar. Subitamente a visão desaparece e Sofia, de ânimo calmo, volta a reunião e conta aos convivas o que lhe sucedeu. .

No dia seguinte, a Sra. W. chega à hora precisa e previne Sofia, imediatamente, de que está ciente de que seu tema não está pronto, e fez a narração seguinte em presença da mãe de Sofia: na véspera, às dez horas da noite, ela tinha lançado mão do lápis, para comunicar-se com o finado seu marido, por meio da escrita automática, como tinha por hábito fazer; mas desta vez, em lugar de traçar o nome esperado e desejado, o lápis tinha começado a formular palavras em alemão, em uma escrita que reconhecem ser a de Sofia; eram termos graciosos, exprimindo descontentamento a respeito do tema que não tinha sido feito, por esquecimento. A Sra. W. mostrou o papel, e Sofia pôde convencer-se de que não somente a escrita era a sua, mas ainda que as expressões eram as que tinha empregado em sua fictícia conversação com a mestra. A jovem Sofia Swoboda, atesta que a Sra. W. é pessoa de grande sinceridade, incapaz de proferir a menor mentira. (Psychische Studien, 1879)

... encontramos outro exemplo de escrita mediúnica executada pelo espírito de Sofia Swoboda, em sessão que se realizou em Moedling, enquanto ela dormia em Viena ...

A 21 de maio de 1866, dia de Pentecostes, Sofia (ela morava em Viena nessa época) tinha passado a manhã no Práter, na Exposição da Agricultura; voltou para casa muito fatigada e sofrendo de dor de cabeça; depois de ter tomado uma refeição à pressa, retirou-se para seu quarto a fim de repousar. Quando se deitou eram 3 horas da tarde. Antes de adormecer, sentiu-se particularmente disposta a desdobrar-se, isto é, "deixar o corpo e agir independentemente dele". Suas pálpebras entorpecidas fecharam-se, e ela se achou transportada imediatamente a um quarto que lhe era bem conhecido, pertencente a uma pessoa que ela conhecia muito bem. Viu ali essa pessoa e tentou inutilmente fazer-se ver por ela; Sofia voltou então ao seu quarto, e sentindo-se ainda com bastante força, teve a idéia de dirigir-se à casa do Sr. Stratil sogro de seu irmão Antônio, com a intenção de fazer-lhe uma surpresa agradável. Com a rapidez do pensamento, sentindo-se com liberdade de movimentos, transpôs o espaço, lançando apenas um olhar fugitivo sobre Viena e

Espírito / Matéria

o Wienerberg, e achou-se transportada ao belo país que circunda a cidade de Moedling; e, ali, viu-se no gabinete do Sr. Stratil, defronte dele próprio, e do Sr. Gustavo B., a quem muito estimava e ao qual desejava vivamente dar uma prova palpável da atividade independente do espírito, pois que ele sempre manifestara uma atitude cética a tal respeito.

Toda entregue à impressão de sua deslocação vertiginosa, e de humor prazenteiro, Sofia sentia-se admiravelmente bem, não experimentando nem inquietação nem abatimento ...

Ela se dirigiu diretamente ao Sr. B. e lhe falou em tom ameno e alegre, quando subitamente despertou (em Viena), em conseqüência de um grito que retumbou no quarto vizinho ao seu, onde dormiam seus sobrinhos e sobrinhas. Abriu os olhos, profundamente contrariada, e pouco lhe ficou da conversação que entretivera em Moedling, e que tinha sido interrompida de maneira tão brusca.

Por felicidade o Sr. B. tinha escrito cuidadosamente o diálogo inteiro. Essa ata o Sr. Stratil anexou-a à sua coleção de comunicações espíritas. A conversação com Sofia, por conseguinte, tinha apresentado os caracteres de uma comunicação espírita, dada por um médium.

Caso nº 6 – *Desdobramentos freqüentes e espontâneos.*

Paciente: Srta. Emília Sagée

Relatado pelo mesmo Alexandre Aksakof, obra citada.

Aparição do duplo da jovem Emília Sagée

Em 1845 existia na Livônia (e ainda existe), cerca de 36 milhas inglesas de Riga, a 1 légua da pequena cidade de Volmar, uma instituição para moças nobres, designada sob o nome de "Colégio de Neuwelck".

O diretor naquela época era o Sr. Buch.

O número das colegiais, quase todas de famílias nobres liavonesas, elevava-se a quarenta e duas; entre elas se achava a segunda filha do Barão de Güldenstubbé, da idade de treze anos.

No número das professoras havia uma francesa, a jovem Emília Sagée, nascida em Dijon. tinha o tipo do Norte; era loura, de belíssima aparência, de olhos azuis claros, cabelos castanhos; era esbelta de estatura pouco acima da mediana; tinha o gênio amável, dócil e alegre, porém um pouco tímida e de temperamento nervoso, um pouco excitável. Sua saúde era ordinariamente boa, e, durante o tempo (um ano e meio) em que esteve em Neuwelck, não teve mais do que uma ou duas indisposições passageiras. Era inteligente e de esmerada educação, e os diretores mostravam-se completamente satisfeitos com o seu ensino e com as suas aptidões durante todo o tempo de sua permanência. Ela estava com a idade de trinta e dois anos.

Poucas semanas depois de sua entrada na casa, singulares boatos começaram a correr a seu respeito entre as alunas. Quando uma dizia tê-la visto em tal parte do estabelecimento, freqüentemente outra assegurava tê-la encontrado em outra parte, na mesma ocasião, dizendo: "Isso não; não é possível pois acabo de passar por ela na escada", ou antes, garantia tê-la visto em algum corredor afastado. Acreditou-se a princípio em algum equívoco; mas como o fato não cessava de reproduzir-se, as meninas começaram a julgar a coisa muito estranha e finalmente falaram nele às outras professoras.

Os professores, postos ao corrente, declararam, por ignorância ou intencionalmente, que tudo isso não tinha senso algum e que não havia motivo para dar-lhe qualquer importância.

Mas as coisas não tardaram a complicar-se e tomaram um caráter que excluía toda a possibilidade de fantasia ou erro. Certo dia em que Emília Sagée dava uma lição a treze dessas meninas, entre as quais a jovem Güldenstubbé, e que, para melhor fazer compreender a sua

Espírito / Matéria

demonstração, escrevia a passagem a explicar no quadro negro, as alunas viram de repente, com grande terror, duas jovens Sagée, uma ao lado da outra! Elas se assemelhavam exatamente e faziam os mesmos gestos. Somente a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz na mão e escrevia efetivamente, ao passo que seu duplo não o tinha e contentava-se em imitar os movimentos que ela fazia para escrever.

Daí a grande sensação no estabelecimento, tanto mais porque as meninas, sem exceção, tinham visto a segunda forma e estavam de perfeito acordo na descrição que faziam do fenômeno.

Pouco tempo depois, uma das alunas, a menina Antonieta de Wrangel obteve permissão de ir, com algumas colegas, a uma festa local da vizinhança. Estava ocupada em terminar sua "toilette", e a jovem Sagée, com a bonomia e obsequiosidade habituais, tinha ido ajudá-la e abotoava seu vestido por trás. Ao voltar-se casualmente, a menina viu no espelho duas Emílias Sagée que se ocupavam consigo. Ficou tão aterrada com esta brusca aparição que perdeu os sentidos.

Passaram-se meses e fenômenos semelhantes continuaram a produzir-se. Via-se de tempos em tempos, ao jantar, por trás de sua cadeira, imitando seus movimentos, enquanto ela jantava, porém sem faca, sem garfo, nem comida nas mãos. Alunas e criadas de servir à mesa testemunharam o fato da mesma maneira.

Entretanto, nem sempre sucedia que o duplo imitasse os movimentos da pessoa verdadeira. Às vezes, quando esta se levantava da cadeira, via-se seu duplo ficar sentado ali. Em certa ocasião, estando na cama por causa de um defluxo, a menina Wrangel, que lhe fazia uma leitura para distraí-la, viu-a empalidecer de repente e contorcer-se como se fosse perder os sentidos; em seguida, a menina atemorizada, perguntou-lhe se se sentia pior. Ela respondeu que não, mas com voz muito fraca e desfalecida. A menina Wrangel, voltando casualmente alguns instantes depois, divisou mui distintamente o duplo da doente passeando a passos largos no aposento. Dessa vez a menina tinha tido bastante domínio sobre si mesma para conservar-se calma e não fazer a mínima observação à doente, mas, pouco depois, desceu a escada, muito pálida, e contou o fato de que tinha sido testemunha.

O caso mais notável, porém, dessa atividade, na aparência independente, das duas formas, é certamente o seguinte:

Certo dia todas as meninas, em número de quarenta e duas, estavam reunidas em um mesmo aposento e ocupadas em trabalhos de bordado. Em um salão de andar térreo do edifício principal, com quatro grandes janelas, ou antes, quatro portas envidraçadas que se abriam diretamente para o patamar da escada e conduziam ao jardim muito extenso pertencente ao estabelecimento. No centro da sala havia uma grande mesa diante da qual se reuniam habitualmente as diversas classes para se entregarem a trabalhos de agulha e outros análogos.

Naquele dia as jovens colegiais estavam todas sentadas diante da mesa, e podiam ver perfeitamente o que se passava no jardim; ao mesmo tempo que trabalhavam viam a jovem Sagée, ocupada em colher flores, nas proximidades da casa; era uma de suas distrações prediletas. No extremo da mesa, em posição elevada, conservava-se uma outra professora, incumbida da vigilância e sentada numa poltrona de marroquim verde. Em dado momento essa senhora desapareceu e a poltrona ficou desocupada. Mas foi apenas pouco tempo, pois as meninas viram ali de repente a forma da jovem Sagée. Imediatamente elas dirigiram a vista para o jardim e viram-na sempre ocupada em colher flores; apenas seus movimentos eram mais lentos e pesados, semelhantes aos de uma pessoa sonolenta ou exausta de fadiga. De novo dirigiram os olhos para a poltrona, em que o duplo estava sentado, silencioso e imóvel, mas com tal aparência de realidade que, se não tivessem visto a jovem Sagée e não soubessem que ela tinha aparecido na poltrona sem ter entrado na sala, acreditariam que era ela a pessoa. Convictas, no entanto, de que se tratava de

Espírito / Matéria

uma pessoa real, e pouco habituadas com essas manifestações extraordinárias, duas das mais ousadas alunas se aproximaram da poltrona, e tocando na aparição, acreditaram sentir uma certa resistência, comparável à que teria oferecido um leve tecido de musselina ou crepe. Uma delas chegou mesmo a passar defronte da poltrona e a atravessar na realidade uma parte da forma. Apesar disso, essa durou ainda um certo tempo; depois desfez-se gradualmente. Imediatamente notou-se que a jovem Sagée tinha recommçado a colheita de suas flores com a vivacidade habitual. As quarenta e duas colegas verificaram o fenômeno da mesma maneira.

Algumas delas perguntaram em seguida à jovem Sagée se, naquela ocasião, ela não tinha experimentado alguma coisa em particular; esta respondeu que apenas se recordava de ter pensado, diante da poltrona desocupada: "Eu preferiria que a professora não tivesse ido embora; certamente, essas meninas vão perder o tempo e cometer alguma travessura."

Esses curiosos fenômenos duraram, com diversas variantes, cerca de dezoito meses, isto é, por todo o tempo em que a jovem Sagée conservou-se no emprego em Neuwelck (durante uma parte dos anos 1845-1846); entretanto, houve intervalos de calma de uma a muitas semanas. Essas manifestações se davam principalmente em ocasiões em que ela estava muito ocupada ou muito aplicada aos seus deveres. Notou-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido, e adquiria maior consistência, a própria pessoa ficava mais rígida e enfraquecida, e reciprocamente, que, à medida que o duplo se desfazia, o ser corpóreo readquiria suas forças. Ela própria era inconsciente do que se passava e só ficava sabendo do ocorrido quando lhe diziam; ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo, do mesmo modo parecia não se aperceber da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando o seu duplo era visto por outras pessoas.

Durante os dezoito meses em que a Baronesa Júlia de Güldenstübbe teve a oportunidade de ser testemunha desses fenômenos e de ouvir falar a tal respeito, nunca se apresentou o caso da aparição do duplo a grande distância; por exemplo: a muitas léguas da pessoa corpórea; algumas vezes entretanto, o duplo aparecia durante seus passeios na vizinhança, quando a distância não era muito grande. As mais das vezes, era no interior do estabelecimento. Todo o pessoal da casa tinha visto. O duplo parecia ser visível para todas as pessoas, sem distinção de idade nem de sexo.

Pode-se imaginar facilmente que um fenômeno tão extraordinário não pudesse apresentar-se com essa insistência durante mais de um ano em uma instituição desse gênero, sem causar prejuízo. Desde que ficou bem estabelecido que a aparição do duplo da jovem Sagée, verificada a princípio na classe que ela dirigia, depois em toda a escola, não era um simples fato de imaginação, a coisa chegou ao ouvido dos pais. Algumas das mais tímidas dentre as colegas testemunhavam uma excitação e desfaziam-se em recriminações todas as vezes que o acaso as tornava testemunhas de uma coisa tão estranha e tão inexplicável. Naturalmente, os pais começaram a experimentar escrúpulos em deixar suas filhas por mais tempo sob semelhante influência, e muitas alunas, que tinham saído em férias, não mais voltaram. No fim de dezoito meses, havia apenas doze alunas das quarenta e duas que eram. Por maior que fosse a repugnância que tivessem com isso, foi preciso que os diretores dispensassem Emília Sagée.

Ao ser despedida, a jovem, desesperada, exclamou, em presença da jovem Júlia de Güldenstübbe: "Oh! Já pela décima nona vez; é duro de suportar!"

Quando lhe perguntaram o que queria dizer com isso, ela respondeu que por toda parte por onde tinha passado - desde o começo de sua carreira de professora, na idade de dezesseis anos, tinha estado em dezoito casas antes de Neuwelck -, os mesmos fenômenos se tinham produzido, motivando suas demissão. Como os diretores desses estabelecimentos estavam satisfeitos com ela em todos os pontos de vista, davam-lhe, de cada vez, excelentes certificados. Em razão dessas

Espírito / Matéria

circunstâncias; ela se via na necessidade de procurar de cada vez uma nova colocação em lugar tão distanciado do presente quanto possível.

Depois de ter deixado Neuwelck, retirou-se durante algum tempo para perto dali, para a companhia de sua cunhada que tinha muitos filhos ainda pequenos. A jovem Güldenstubbe foi visitá-la ali e soube que esses meninos, de idade de três a quatro anos, conheciam as particularidades de seu desdobramento; eles tinham o hábito de dizer que viam duas tias Emília.

Mais tarde, se dirigiu ao interior da Rússia, e a jovem de Güldenstubbe não mais ouviu falar a seu respeito.

Eu soube de todos estes pormenores por intermédio da própria jovem de Güldenstubbe, que espontaneamente me dá autorização de publicá-los com a indicação de nomes, de lugar e de datas; ela se conservou no pensionato de Neuwelck durante todo o tempo em que a jovem Sagée lecionou ali, por conseguinte, ninguém teria podido dar um relatório tão exato dos fatos, com todos os seus pormenores.

No caso que precede, devemos excluir toda a possibilidade de ilusão ou alucinação; parece-nos difícil admitir que as numerosas alunas, professores e diretores de dezenove estabelecimentos tenham experimentado por sua vez, a respeito da mesma pessoa, a mesma influência alucinatória. Por conseguinte, não há dúvida de que se trata neste caso de uma aparição, no rigoroso sentido da palavra, de um desdobramento real do ser corpóreo, tanto mais quanto o duplo se entregava, em muitos casos a uma ocupação diversa da que tinha a própria pessoa.

II - Apometria Aplicada

O poder da mente

Livre no reservatório do Espaço, a infinita energia cósmica está permanentemente à nossa disposição. No entanto, apesar dessa disponibilidade que a torna virtual propriedade nossa, quase todos vivemos ignorando-a: recusamo-nos a reconhecer sua existência apenas porque ela não se encontra no estado com que estamos familiarizados. Com efeito, ela não tem características como as identificadas em outras forças. E, se não é eletromagnética nem tem comprimento de onda definido, não pode existir - pensamos.

Apesar disso, essa inesgotável energia constitui uma força em estado potencial, infinito campo de algo que escapa ao nosso entendimento: energia em repouso, altamente moldável, sensível às forças que tiverem atuação sobre ela. E a mente, a mente sob ação da vontade, é a ferramenta operatriz que move, molda e direciona - com ilimitado poder - a energia desse oceano infinito.

Se o operador, em consciente ação volitiva, comandar mentalmente a aglutinação dessa energia, chegará o momento em que há de acontecer um acúmulo ou intensificação dessa potencialidade (com geração de um estado de desequilíbrio, em relação ao meio) e a energia estará pronta para ser projetada, moldada, ou manipulada da forma que bem se. desejar, de modo a marcar coisas. Se, por exemplo, desejarmos criar alimento para saciar um espírito esfomeado, bastará projetar o pensamento sobre o infinito oceano de energia e retirar dele "algo" que, condensado pela vontade, se transformará nas iguarias que desejarmos servir.

É assim, exatamente assim, que espíritos superiores constroem casas, mobiliários, veículos etc., no mundo astral. Nisso levam poucas horas e até menos tempo, utilizando materiais retirados

Espírito / Matéria

do manancial cósmico. Nós, no plano físico, levaríamos meses ou mesmo anos para construir coisas equivalentes, a partir do projeto, preparação do terreno etc.

A mente, instrumento de expressão e de consciência do espírito (conseqüentemente, o nosso modo de expressão, pois somos espíritos - ainda que não o admitamos), tem condições de operar no mundo astral com todas as possibilidades de êxito, conforme a vontade do operador e a energia mental liberada. O poder modelador ou desagregador que possuímos, nessa dimensão, assemelha-se ao que temos sobre o mundo físico, enquanto encarnados. Assim atuamos neste mundo que nos rodeia transformando-o à nossa vontade: modelamos, criamos, construímos, destruímos dentro de nossas atuais condições físicas, volitivas, ambientais e energéticas. Mas observemos que todas as nossas realizações têm origem na mente; tudo é sempre, antes, fruto de nossa imaginação, e se concretiza por ato de vontade. Embora isso pareça óbvio, se tivéssemos permanente consciência dessa realidade o nosso mundo seria bem outro. E talvez não estaríamos usando apenas 20% de nossa capacidade mental, como hoje acontece.

O abre-te Sésamo para o mundo dos espíritos, chave mágica para atuar nessa dimensão paralela à nossa, é a energia mental impelida por ato de vontade, pelo querer firme e objetivo que se transforma em poder. Note-se que é o mesmo ato volitivo que age e nos dá poder sobre o mundo físico, ato que está na origem das conquistas de todas as civilizações e da destruição de Hiroshima. A ação da energia mental não apresenta diferenças significativas, conforme o espírito esteja encarnado ou desencarnado. A alteração aparece apenas no fator tempo. No nosso mundo físico tudo leva mais tempo para ser construído, pois é preciso vencer a matéria e a inércia de sua massa. No astral tudo se faz rapidamente.

Este conhecimento e a constante exploração prática dessas abertas possibilidades, no trato com os espíritos, constituem o segredo do êxito que temos tido até agora, em assisti-los. Para os espíritos isso não deve constituir novidade, pois André Luiz, ilustre médico desencarnado, já tratou do assunto no livro *"Os Obreiros da Vida Eterna"*. No capítulo "O Sublime Visitante" ele nos descreve a formação de uma paisagem artificial em uma grande ampola de substância transparente, vítrea, onde haveria de se materializar (no astral) um espírito proveniente da dimensão crística. Na descrição se vê a dificuldade que André Luiz e mais dois companheiros enfrentaram, ao participar da criação da paisagem. Reproduzimo-la, porque nos parece extraordinariamente esclarecedora:

Para outra classe de observadores, o Instrutor Cornélio poderia parecer excessivamente metódico e rigorista; entretanto, não para nós, que lhe sentíamos a sinceridade profunda e o entranhado amor às coisas santas.

Após longo intervalo, destinado a nossa preparação mental, tornou ele, sem afetação:

- Projetamos nossas forças mentais sobre a tela cristalina. O quadro a formar-se constará de paisagem simbólica, em que águas mansas personificando a paz, alimentem vigorosa árvore, a representar a vida. Assumirei a responsabilidade da criação do tronco, enquanto os chefes das missões entrelaçarão energias criadoras fixando o lago tranqüilo.

E dirigindo-se especialmente a nós outros, os colaboradores mais humildes, acrescentou:

- Formarão vocês a veste da árvore e a vegetação que contornará as águas serenas, bem como as características do trecho de firmamento que deverá cobrir a pintura mental.

Após ligeira pausa, concluiu:

- Este é o quadro que ofereceremos ao visitante excepcional que nos falará breves minutos. Atendamos aos sinais.

Dois auxiliares postaram-se ao lado da pequena câmara, em posição de serviço, e, ao soar de harmonioso aviso, pusemo-nos todos em concentração profunda, emitindo o potencial de nossas forças mais íntimas.

Espírito / Matéria

Senti, à pressão do próprio esforço, que minha mente se deslocava na direção do gabinete de cristal, onde acreditei penetrar, colocando tufo de grama junto ao desenho do lago que deveria surgir ... Utilizando as vigorosas energias da imaginação, recordei a espécie de planta que desejava naquela criação temporária, trazendo-a do passado terrestre para aquela hora sublime. Estruturei todas as minúcias das raízes, folhas e flores, e trabalhei, intensamente, na intimidade de mim mesmo, revivendo a lembrança e fixando-a no quadro, com a fidelidade possível.

Fornecido o sinal de interrupção, retomei a postura natural de quem observa, a fim de examinar os resultados da experiência, e contemplei, oh! maravilha! ... Jazia o gabinete fundamental transformado. Águas de indefinível beleza e admirável azul-celeste refletiam uma nesga de firmamento, banhando as raízes de venerável árvore, cujo tronco dizia, em silêncio, da própria grandiosidade. Miniaturas prodigiosas de cúmulos e nimbo estacionavam no céu, parecendo pairar muito longe de nós ... As bordas do lago, contudo, figuravam-se quase nuas e os galhos do tronco apresentavam-se vestidos escassamente.

O Instrutor, célere, retomou a palavra e dirigiu-se a nós com firmeza:

- Meus amigos, a vossa obrigação não foi integralmente cumprida. Atentai para os detalhes incompletos e exteriorizai vosso poder dentro da eficiência necessária! Tendes, ainda, quinze minutos para terminar a obra.

Entendemos, sem maiores explicações, o que desejava ele dizer e concentramo-nos, de novo, para consolidar as minudências de que deveria revestir-se a paisagem.

Procurei imprimir mais energia à minha criação mental e, com mais presteza, busquei colocar as flores pequeninas nas ramagens humildes, recordando as minhas funções de jardineiro, no amado lar que havia deixado na Terra. Orei, pedi a Jesus me ensinasse a cumprir o dever dos que desejavam a bênção ao seu divino amor naquele Santuário e, quando a notificação soou novamente, confesso que chorei.

2. Contagem: energia em pulsos

Em nossos trabalhos na "Casa do Jardim" já habituamos a manejar grandes quantidades da indiferenciada "matéria- prima" do manancial cósmico, em benefício de espíritos enfermos. Criamos, por exemplo, roupas limpas para espíritos maltrapilhos, oferecemos às turbas famintas grandes mesas repletas de alimentos. Também com essas energias, tratamos as repugnantes chagas de espíritos que, desencarnados em estado deplorável, ainda conservam as mazelas que portavam quando encarnados (em virtude da escassa evolução espiritual, aliada à ignorância das coisas do espírito).

A energia livre no cosmos é extremamente plástica, se condensa e se aglutina em obediência a uma vontade firme e experimentada. A aglutinação se faz paulatinamente, ao compasso de contagem; cada número, pronunciado, é pulso energético destinado a produzir um segmento do que se pretende criar; assim, avançando a contagem, 1... 2... 3... 4... 5..., pausadamente e parte por parte se chega ao resultado final - que costuma ser assombroso, de tão rápido. Ao fim da contagem, ou seja, dos pulsos formadores, vemos criado aquilo que queremos.

Em poucos segundos, um máximo de quinze, reconstituímos um braço ou membro que tenha sido amputado em acidente ou por outra causa, e do qual o paciente desencarnado ainda sofre dores atrozes. Ao fim da contagem, em que mentalizamos fortemente a reconstrução da parte lesada, pedimos ao espírito que a apalpe. Para surpresa dele, o membro se encontra no lugar e perfeitamente são.

Espírito / Matéria

Reside aí, acreditamos, um dos pontos altos dessa técnica. Embora os surpreendentes efeitos, não se poderá tachar de fábula este relato deles, pois os vimos obtendo há mais de 20 anos; desses resultados temos testemunhas que não são apenas os impalpáveis espíritos, agradecidos e admirados pelas espantosas dádivas caídas literalmente "do céu". Há também os médiuns que testemunham os êxitos dessas criações no plano astral, até porque delas participam. E, naturalmente, os pacientes encarnados.

Não há mistérios nessa forma de operar energias mentais e cósmicas, nem deve haver. A contagem apenas cadencia o fluxo dos impulsos ou pulsos energéticos, não há mística em torno do número sete; nem no tom de voz, nos aros ou gestos do operador. Descarte-se qualquer idéia de ritual ou de ritualização do ato volitivo; trata-se de um simples e amoroso querer alicerçado na certeza de que o que se quer será obtido ou realizado. Em todos os faros, vimos fenômenos. Fenômenos que, por isso mesmo, obedecem a leis bem definidas, tanto que pudemos estabelecer o enunciado da maioria delas.

3. Vantagens da técnica apométrica

Vista sob enfoque científico, a técnica se apresenta basicamente simples. Tão transparentemente simples que para ela pedimos a atenção dos milhares de trabalhadores que servem às sessões de caridade, em centros espíritas.

Geralmente, nessas sessões, se pretende tratar dos obsessores apenas através da dialética. Intenta-se mostrar ao espírito incorporado que ele não está mais de posse do corpo físico. Procura-se convencê-lo de que, "agora", ele deve viver como espírito, em ambiente de espíritos. No afã caridoso de consolar, busca-se convencê-lo de que a dor é uma ilusão. Entre outras balelas, chega-se a afirmar ao sofredor que espírito "não tem corpo".

Examinemos as reações desses pobres coitados, comparando-as às nossas. Que importância, por exemplo, teriam para nós explicações de que a Matéria não existe, que ela é constituída de energia pura, se estivermos sofrendo as terríveis dores de uma horrível queimadura? É claro que, antes das verdades da Física - e até para poder compreendê-las - precisaremos de quem alivie nossas dores. Claro está que é disto, também, que necessitam os espíritos sofredores, necessidade premente e imediata, que de modo algum é atendida pela dialética ingênua, ainda que bem intencionada. Ao ouvirem a afirmação de que "espírito não tem corpo" isso lhes há de soar falso, quase um escárnio; para eles o corpo astral é tão palpável quanto, para nós, o físico.

Por todos os benefícios, usos e vantagens da apometria, conviria que a utilização de suas técnicas se multiplicassem de modo a abranger o máximo possível de trabalhadores espirituais, ou, pelo menos, todos os que tivessem condições de aplicá-las. Sabemos que são muitos. E, por experiência, sabemos que a aplicação só será complexa se os candidatos a operadores, por despreparo interior, agirem como aprendizes de feiticeiro e caírem nas velhas armadilhas da vaidade. Este livro oferece a todos tudo quanto aprendemos. E, isso, não apenas por nosso interesse em servir, mas também por determinação de nossos mentores espirituais.

Na "Casa do Jardim" já há dezenas de anos curamos, pela apometria, grandes levas de espíritos estropiados, maltrapilhos, esgotados, verdadeiros esqueletos errantes, trazidos para que recebam as energias vitais de que necessitam. Nós - todos os participantes dos trabalhos - as fornecemos em catadupas, curando, aliviando-lhes as dores. Há também, como já dissemos, aqueles que se atiram vorazes e sedentos às mesas repletas de alimentos, bendizendo a ventura inesperada que estão tendo.

Espírito / Matéria

Orientamo-los, então. Mostramos-lhes a bondade de Jesus, a oportunidade e possibilidade de progresso que terão, daquele momento em diante, em regiões melhores do astral - para onde serão conduzidos, após se alimentarem. Esclarecemos. Damos-lhes a luz da Boa-Nova. E eles a seguem.

Dessa maneira, com os benefícios assim palpáveis para eles, a chamada "doutrinação" adquire força contundente, pois nossas palavras apenas reforçam os positivos efeitos que eles sentem. Facilmente, por isso, se deixam conduzir em massa, sobre esteiras rolantes, para serem instalados em grandes construções de colônias astrais especializadas na recuperação de entidades desse tipo.

Note-se que o trabalho é enormemente facilitado porque os médiuns estão desdobrados apometricamente. Fora do corpo físico eles acompanham os sofrendores, auxiliam os trabalhadores espirituais a conduzi-los para locais de auxílio e, - o que sempre nos foi muitíssimo importante - informam, em detalhes, todo o desenrolar da operação de resgate.

Ao atendermos obsessores, não nos ocupamos apenas deles. Conforme já informamos (e agora repetimos, para enfatizar), cuidamos também de seus comparsas, pois eles nunca agem sozinhos e se acompanham de outros espíritos do mesmo nível evolutivo. Se atendêssemos apenas o obsessor, acreditamos que estaríamos realizando trabalho incompleto, pois deixariamos sem assistência um indefinido (e às vezes grande) número de entidades sofredoras e muito necessitadas. Cuidando de todos, os trabalhos de desobsessão se tornam mais eficientes e proveitosos, pois se amplia enormemente a quantidade de espíritos beneficiados. Disso resultam óbvios e excelentes reflexos sobre o encarnado que desencadeou o atendimento, bem se pode imaginar.

4. Apometria versus Magia Negra

Usando técnica apométrica e valendo-se da inesgotável provisão de energia cósmica, com muito maior eficiência podem ser contidas as investidas dos magos negros e espíritos dedicados a tarefas sinistras. Capturamo-los em poderosos campos-de-força e os afastamos dos encarnados a que prejudicam. Ao mesmo tempo, cuidamos de localizar as bem defendidas bases astralinas em que se abrigam; são, às vezes, verdadeiras fortalezas onde, com muita segurança, se abastecem de energias, planejam e executam ações maléficas contra os vivos. Localizadas e dimensionadas, facilmente conseguimos desativá-las.

Uma das técnicas de desativação é, preparados os médiuns, muni-los de equipamentos especiais - como escafandros protetores, instrumentos e outros materiais que forem necessários, criados por ação de força mental sobre o reservatório cósmico de energia. Desdobrados pela apometria e assim equipados, os médiuns fazem incursões em que empregam cargas de alto poder explosivo para desmontar as construções, usinas de força, cárceres, laboratórios etc., de que dispõem essas instituições voltadas para o Mal. Tal técnica de desativação de bases do Umbral vem sendo usada por nós há mais de doze anos consecutivos, com êxito que podemos dizer completo. Ao todo, durante esses anos, foram mais de mil bases desativadas por um só dos vários grupos que laboram na "Casa do Jardim".

Só por esses resultados bem se podem avaliar a importância e o valor da apometria. Enfatizamos: da permite que nós, encarnados, penetremos com total segurança em hiantes e indescritíveis profundidades do astral inferior, nessas fortalezas armadas contra a harmonia e bem-estar dos habitantes da superfície do Planeta; proporciona condições de minar esses redutos para logo em seguida, já re-acoplados ao corpo e em segurança, assistirmos às explosões que os destroem, comandadas pelo operador.

5. Regras de ouro da apometria

Aqui, no entanto, devemos clarinar um vigoroso alerta para os entusiasmos que possamos estar provocando. Como fundamento de todo esse trabalho - como, de resto, de todo trabalho espiritual - deve estar o Amor. Ele é o alicerce. Sempre.

As técnicas que apontamos são eficientes, não temos dúvidas. O controle dessas energias sutis é fascinante, reconhecemos, pois desse fascínio também sofremos nós. Mas se tudo não estiver impregnado de caridade, de nada valerá. Mais: ao lado da caridade, e como consequência natural dela, deverá se fazer presente a humildade, a disposição de servir no anonimato. Se faltar amor e disposição de servir pelo prazer de servir, corremos perigo de incorrer na má aplicação das técnicas e do próprio caudal de energia cósmica, tomando-nos satânicos por discordância com a Harmonia Universal. Advertimos: através da obediência dos preceitos evangélicos, somente através dela, experimentadores e operadores podem desfrutar de condições seguras para devassar esses arcanos secretos da Natureza, com adequada utilização dessas "forças desconhecidas" .

III - As forças empregadas na apometria

1. A força mental

Vínhamos discorrendo sobre a utilização da energia cósmica potencial, livre, e que corresponde a processo de condensação de Espaço. E mostramos que a mente é ferramenta operatriz que molda, move e direciona, com ilimitado poder, essa energia do infinito oceano cósmico.

A mente, portanto, é uma das forças de que se utiliza a técnica apométrica. Ou melhor, uma usina de força. Ela produz energia diferente das que habitualmente usamos, das quais já pudemos identificar cenas características como frequência, comprimento de onda, reflexão, refração, ação química ou fotoelétrica etc. Mas que a energia da mente é de natureza radiante já não há mais dúvida, eis que o pensamento pode transmitir-se à distância e ser captado, mais ou menos integralmente, por criaturas dotadas de especial sensibilidade. Pode, mesmo, agir sobre sólidos, fenômeno fartamente estudado pela Parapsicologia ("efeitos psicocinéticos" ou "PK").

Ora, se o pensamento é energia radiante - onda em propagação - tem que ser regido pelas mesmas leis a que está sujeita a energia eletromagnética. Sabemos que uma onda eletromagnética é composta por dois feixes energéticos de fluxo conjugado (daí a denominação de eletro e magnética); estes feixes (ou ondas, ou fluxos) energéticos, entrecruzando-se em dois planos com ângulo de 90°, conservam o mesmo eixo de propagação. Logo a energia mental tem vetor de fluxo, o pensamento tem direção e um ponto de aplicação - que é o objeto do pensamento. Este fluxo age sobre a energia cósmica livre, plasmando-a.

2. A força Zeta

Mas além dessas energias - a cósmica e a mental- tão sutis que são compatíveis com campos ou dimensões espirituais (principalmente o astral), há uma outra, tão sutil e importante quanto aquelas, atuando nesses trabalhos de apometria.

Espírito / Matéria

Trata-se da energia proveniente do corpo físico. esse prosaico mas extraordinário manancial energético. Constituído de matéria, nosso corpo é, na verdade, uma condensação de energia que, se liberada, resultará suficiente para abastecer todo o Estado do Rio Grande do Sul de energia elétrica por mais de cento e sessenta anos. Uma força formidável, portanto, represada em nossos átomos e moléculas, esparsa em nós e em nosso campo magnético, energia que, seguramente, se movimenta e é dirigida por nossos atos de vontade. Com essa fonte de energia à sua disposição (porque seu próprio corpo), o operador apométrico pode formar poderosos campos-de-força magnéticos para contenção de espíritos rebeldes, dementados e levas de malfetores astrais. Como outro exemplo apontamos o fornecimento dessa energia física a médiuns desdobrados, impelindo-os em viagens astrais no cumprimento de missões. (Vide 3TM lei da Apometria).

3. As energias em ação

Por tudo que observamos e experimentamos ao longo de nossos trabalhos, pudemos solidificar um entendimento sobre o modo como se processam esses fenômenos, com visão científica.

Ao se condensar o plasma cósmico (talvez seja esta a melhor denominação para a energia cósmica indiferenciada, Espaço), um rebaixamento de frequência se produz em sua massa, de modo que esse plasma, já agora transformado em energia radiante por ação da energia grosseira desfechada pelo corpo físico, através do ato de vontade passa a funcionar como onda portadora; toma-se fluxo contínuo, sob comando da mente orientada pela vontade. Porque fluxo em forma vetorial, deve comportar-se do mesmo modo que o vetor de Poynting. Tudo indica que o plasma cósmico (que chamamos K, kapa) se comporte como vetor magnético de altíssimo padrão de energia, conjugando-a ao vetor da força vital Z (zeta), que deve funcionar como o fluxo elétrico mais pesado da equação de Poynting:

$$\vec{\Sigma} = \vec{K} \cdot \vec{Z}$$

em que $\vec{\Sigma}$ (sigma) representa o vetor de Poynting, ativo.

Note-se que a equação é a mesma da Física. E sua aplicação a essa ordem de fenômenos, embora cause estranheza a cérebros talvez excessivamente "espiritualizados", tem mostrado comprovada eficácia como fórmula para viabilizar-lhes a explicação.

Qualquer ação do vetor $\vec{\Sigma}$ diretamente sobre a matéria terá que ser considerada como rara exceção. Ela aparece em raríssimos casos e, quase certamente, por predominância do vetor $\vec{Z}$ da equação. Exemplo disso se vê: nos sensitivos doadores de energia etéricas (ectoplasmia).

Cada vez que a vontade do operador apométrico comanda e cadencia, por contagem em voz alta (1... 2... 3... 4... 5... 6... 7) a projeção de energia mental - com que condensa, enfeixa e dá direção às energias dessas duas fontes principais, a $\vec{Z}$ (energia animal, do corpo físico) - o vetor de fluxo resultante, $\vec{\Sigma}$, e a equação $\vec{K} \cdot \vec{Z} = \vec{\Sigma}$ serão responsáveis pelos aparentes "milagres".

Para ilustrar à saciedade, damos outro exemplo. Banal, de nossos trabalhos rotineiros: um abastecimento de energias.

Estamos enviando um grupo de médiuns desdobrados por apometria a uma cidade distante 2 ou 10 mil km, para atender pessoa que nos pede auxílio. Comandada a projeção do grupo até a cidade, e terminada a contagem, médiuns se queixam de que chegaram à casa mas não podem penetrar nela; todos se sentem como se "não tivessem combustível" para prosseguir. Comandamos

Espírito / Matéria

projeção de mais energia, repetimos a contagem (1... 2... 3... 4... 5... 6... 7) e $\vec{\Sigma}$, o vetor de fluxo, se aplica ao grupo e cumpre sua função: os médiuns entram na casa e assistem o paciente. Se o grupo pedir limpeza do ambiente ou projeção de luz que afaste trevas astrais, comandamos a realização do que pedem e, com novas contagens, $\vec{K}$, $\vec{Z}$ e $\vec{\Sigma}$ limpam e iluminam exatamente como se quis. Repetimos: não há mistérios. místicas numerológicas, tabus ou rituais. Tudo é límpido, absolutamente racional e tem resistido ao crivo científico em experimentações que duram quase um quarto de século.

4. Mecânica quântica versus Magia Negra

Para que se vejam bem limpidamente as razões de nossa convicção (e como a teoria é confirmada pela prática), relatamos outro caso, dentre milhares já atendidos.

Fins de 1984.

Na "Casa do jardim" do Hospital Espírita de Porto Alegre, durante exaustivo atendimento de numerosas pessoas enfermas, nos defrontamos com obsessor que ostenta as terríveis características de mago negro. Não manifesta violência nem aparenta ódio. Sorri, seguro de seu poder, com serenidade de quem se presume antecipadamente vencedor.

Ante tais reações, a experiência já nos faz prever que temos pela frente um maior e mais trabalhoso desafio à nossa capacidade de servir. Esses espíritos - magos negros - conseguem acumular grande conhecimento sobre magia e suas técnicas, das quais demonstram ter incrível experiência; às vezes são mestres, também, na arte de torturar criaturas, além de conhecerem a fundo Física transcendental e, sobretudo, magnetismo. Não é despropositado, portanto, o ar de superioridade, o jeito polido e calmo com que zombam de quem os desafie. De fato são temíveis. Dificilmente são contidos, pois se protegem com os mais diversos recursos, que podem ser sofisticados campos-de-força, amuletos sagrados obtidos por ocasião de iniciações em templos, em épocas passadas (e que eles continuam usando, no astral), ou mesmo gigantescas usinas atômicas (isso mesmo: atômicas) de suas bem montadas bases do astral inferior, guardadas por inimagináveis séqüitos de guardas e auxiliares. Como costumam conhecer, profundamente, avançadas técnicas de manipulação de energias vitais humanas, são, também por isso, sobremaneira perigosos. Uma vez incorporados, vão sugando energias vitais do médium, enquanto falam. Isso nos obriga a redobrar a atenção para modificações, mesmo as menos perceptíveis e mais sutis, que o médium apresente - como fraquezas súbitas e leves mal-estares. Com magos negros, nosso procedimento tem que ser direto, muito objetivo. Prolongar a dialética com eles, mesmo a mais amorável, só faz com que riam e mofem de tal ingenuidade, como se pode observar em sessões kardecistas. Para anulá-las, é preciso que eles tenham anulada a iniciação recebida (o que equivale a uma desiniciação), desativando-se os poderes magnéticos de que se tomaram portadores e dos quais vêm abusando desenfreadamente, ao longo, não raro, de alguns milênios. O procedimento normal e correto é conduzi-los imediatamente ao Passado, aos templos onde receberam Iniciação, e de lá retirar, destruindo em seguida, todos os objetos de culto que lhes serviram para obtenção dos poderes: cálices de óleos sagrados, facas de sacrifício, orações, registro de seus nomes no templo, além de braceletes, cetros, anéis, amuletos, tudo enfim que contribui ou de que eles se utilizaram no exercício de um sacerdócio que não honraram mais, porque se puseram a serviço do Mal.

Espírito / Matéria

Mas voltemos àquela manhã de 1984, quando aprendemos um modo ainda mais objetivo de lidar com eles.

O mago sorri diante de nós, transbordante de confiança. Resiste a tudo. Comandamos um campo-de-força, para paralisá-lo. Outro. Outro, mais forte. Mas nada o limita, nada o aprisiona. Parecendo adivinhar nosso propósito, ele antecipa um gesto e desafia nossas projeções magnéticas.

Estamos nessa dificuldade quando vovó Joaquina (espírito extraordinário em sabedoria e amor, que se apresenta na "roupagem" de preta-velha) incorpora em uma das médiuns e diz, com jeito de quem deseja auxiliar:

- Meu zinfio, tu sabe o que é espin?

Ficamos sem entender direito. Ela fala de "espinho", é provável. Mas que espinho? E por quê?

Nem nos passa pela cabeça que vovó esteja se referindo ao número quântico spin. Mas ela repete a pergunta, bem claramente:

- Tu não estudou isso?

Admirados, começamos a entender. Respondemos que sim, que conhecemos perfeitamente o que é spin. .

- Pois então dá uma zinversão no espin dele, que aí tu vai vê o que vai acuntecê! - diz vovó, ao mesmo tempo que espalma a mão direita, em projeção magnética na direção do mago.

Começamos a contagem, comandando a formação de intenso campo magnético que provoque modificação no momento angular dos spins do corpo astral do mago, defasando-os em 45°. Terminada a contagem no número sete, o efeito é instantâneo. O mago negro leva tal choque que se desmonta como um bloco, caindo em completa inconsciência. Disso se aproveita vovó Joaquina que alegremente trata de conduzi-lo para local de recuperação em sua cidade astral (quase junto à crosta planetária, acima do Rio Grande do Sul).

Este caso é bem um exemplo de que conhecimentos e leis de Física e Mecânica Quântica se aplicam tanto à dimensão física quanto à astral, **mutatis mutandis**. Devemos admitir que nos níveis do espírito - e, pelo menos no astral, com toda a certeza - nada parece acontecer fora das leis da Física Quântica. Os médiuns atestam a verdade e constância desse fato, pois respondem de pronto e perfeitamente em obediência a elas, nas mais variadas situações; quando submetidos a campos energéticos para desdobramento, incorporações, sintonias, aglutinação de energias, contenção de entidades maléficas, ressonância e todo um leque de aplicações de energias por comando do operador. Dentre elas, destacamos as projeções para bem acoplar ao corpo físico pacientes e médiuns desdobrados, bem como os fenômenos de transdução e de ressonância vibratória. Deles nos ocuparemos ainda mais, porque muito importantes.

FLUXO MAGNÉTICO

VETOR DE DENSIDADE DE FLUXO MAGNÉTICO

Vetor de Poynting - $\vec{S} = \vec{E} \cdot \vec{H}$

$\vec{E}$ VETOR ELÉTRICO
OU
K

$\vec{S}$ VETOR DE FLUXO

$\vec{H}$ VETOR MAGNÉTICO
OU
Z

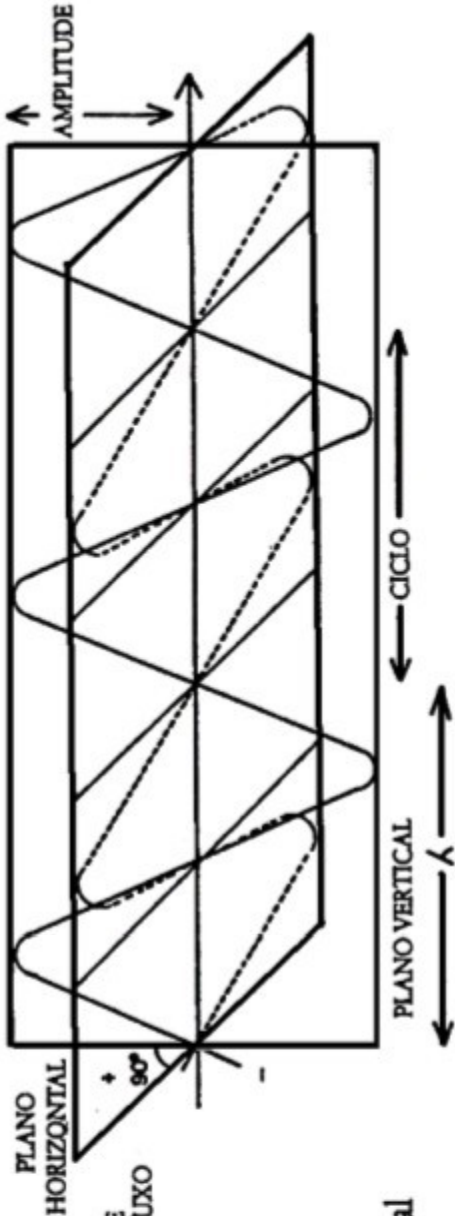
Vetor de Fluxo magnético mental

$\vec{\Sigma} = \vec{K} \cdot \vec{Z}$

No campo humano:

- $\vec{\Sigma}$ = Vetor de fluxo magnético mental
- $\vec{K}$ = Vetor do plasma cósmico
- $\vec{Z}$ = Vetor da energia vital (Zoon — animal)

Propagação da Onda Eletromagnética



λ = comprimento de onda
 ν = frequência: o número de ciclos por segundo.
Ciclo é a onda completa: a semi-onda positiva mais a semi-onda negativa

IV - Apometria e sistemas oscilantes espirituais

1. Acoplamento

Acoplamento, em Física, é a ligação de sistemas (mecânicos, elétricos, óticos etc.) em que há transferência de energia de um para o outro. Tem importância toda especial quando se realiza entre sistemas oscilantes. como acontece na eletrônica e nos aparelhos de transmissão de energia eletromagnética.

Da mesma forma que no mundo físico, há acoplamento de sistemas espirituais. A ligação entre espíritos e médiuns, por exemplo, se processa entre sistemas oscilantes, de nível vibratório que escapa aos sensores de aparelhos de mensuração. Prova disso é o fenômeno da telepatia, em que a onda mental é captada por sensitivos situados, às vezes, a distâncias consideráveis; no entanto, ao que nos consta, nenhuma agulha de aparelho medidor oscilou e quantificou essa onda.

No campo físico usamos aparelhos especiais destinados a variar as condições da corrente elétrica de modo a resultar em energia eletromagnética com características definidas. Esses aparelhos de intermediação (resistores. capacitares. indutores etc.) modulam a resistividade, ação capacitiva, indutiva etc. dos circuitos. para que o funcionamento dos sistemas se opere dentro de perfeito equilíbrio. Uma vez harmonizadas as energias. a sintonia vibratória enseja o acoplamento.

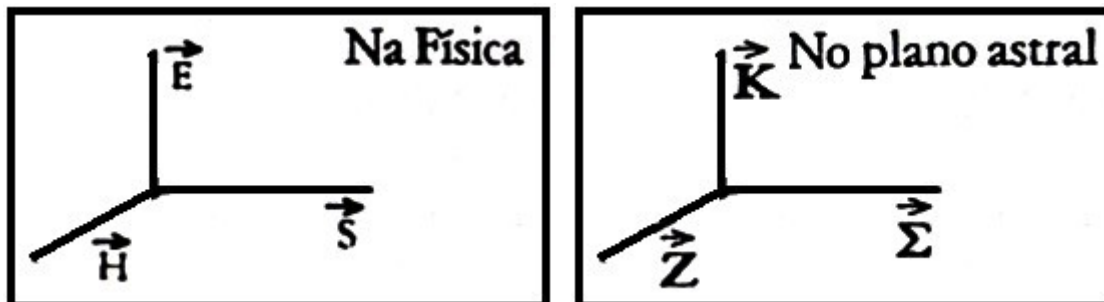
No acoplamento espiritual a passagem de energias se faz quase que em um só sentido, operando o médium como doador delas ao espírito comunicante; por isso, e para facilitar o contato, devemos fazer variar a frequência do médium no momento do acoplamento, até o ponto de torná-lo apto à ligação: o médium tem função semelhante à do capacitor variável dos aparelhos de rádio - peça que permite a sintonia de estações emissoras. Consegue-se esta variação comandando o abaixamento na frequência vibratória do médium através da projeção de energias mentais sob a forma de impulsos cadenciados (no que se utiliza a contagem) quando se tratar de espíritos de baixa vibração. vale dizer. "pesados", carregados de energias densas. negativas; ou elevando as vibrações do médium também sob o comando e através de contagem, quando forem superiores ("leves" , ou de alta vibração) os espíritos comunicantes. Essa modulação da frequência permite que o médium sintonize o espírito estranho e lhe receba o fluxo de idéias e emoções.

Para que isso se torne bem claro, voltemos à Física e suas equações.

O fluxo eletromagnético é vetorial. E o Vetor de Poynting indica sua intensidade:

$$\vec{S} = \vec{H} \cdot \vec{E}$$

(H = vetor magnético; E = vetor elétrico) O vetor de fluxo S dá a ação magnética final. Manifestando-se associados e em três planos, os três vetores formam a onda eletromagnética:



Espírito / Matéria

No acoplamento de sistemas oscilantes espirituais, a força mental do operador movimenta plasma cósmico (**K**) e energia animal (**Z**) do corpo físico do próprio operador para, através do vetor $\vec{\Sigma}$, atuar sobre o sistema oscilante (vale dizer frequência final) do médium, sintonizando-o com o sistema oscilante do espírito comunicante:

Note-se que, na atuação do operador, o vetor de Poynting (ou de fluxo) $\vec{\Sigma}$, da equação $\vec{\Sigma} = \vec{K} \cdot \vec{Z}$, representa o fluxo mental aplicado.

(O acoplamento por comando apométrico de um médium ao espírito comunicante, implica, portanto, atuação de sistema oscilante do operador sobre o sistema oscilante do médium, visando a sintonia deste com o sistema oscilante do espírito comunicante.) Por tudo o que observamos ao longo de decênios de investigação, temos razões para suspeitar de que, ao aplicar energias com o objetivo de variar a frequência (quer do espírito encarnado como do desencarnado) estejamos na realidade ordenando os momentos angulares dos spins atômicos. se não de todo o corpo astral, pelo menos de suas emissões neuronais. O somatório dessas diminutas energias individuais forma a energia do fluxo eletromagnético de um campo dessa natureza.

Apesar do estudo, pesquisa e experimentação durante tantos anos, nosso interesse em conhecer todos os detalhes técnicos de um perfeito acoplamento ainda não se esgotou. Pelo contrário, tem-se ampliado. Como a apometria implica fenômenos de desdobramento ou bilocação, a volta ao corpo físico faz parte da rotina de nossos trabalhos - estágio final de cada sessão. Nosso cuidado com a saúde, com as condições físicas e espirituais dos médiuns, naturalmente nos compele a tudo aprender para que essa volta e o acoplamento ao corpo físico sejam sempre rápidos e perfeitos. Há, além disso, a necessidade constante de observar e aprimorar a técnica de acoplamento de espíritos comunicantes aos médiuns, pois se trata de manipulação de fenômeno com múltiplas e naturais sutilezas, em que se chega ao ajustamento sintônico das frequências, do comunicante e do médium, por ressonância vibratória.

2. Ressonância vibratória

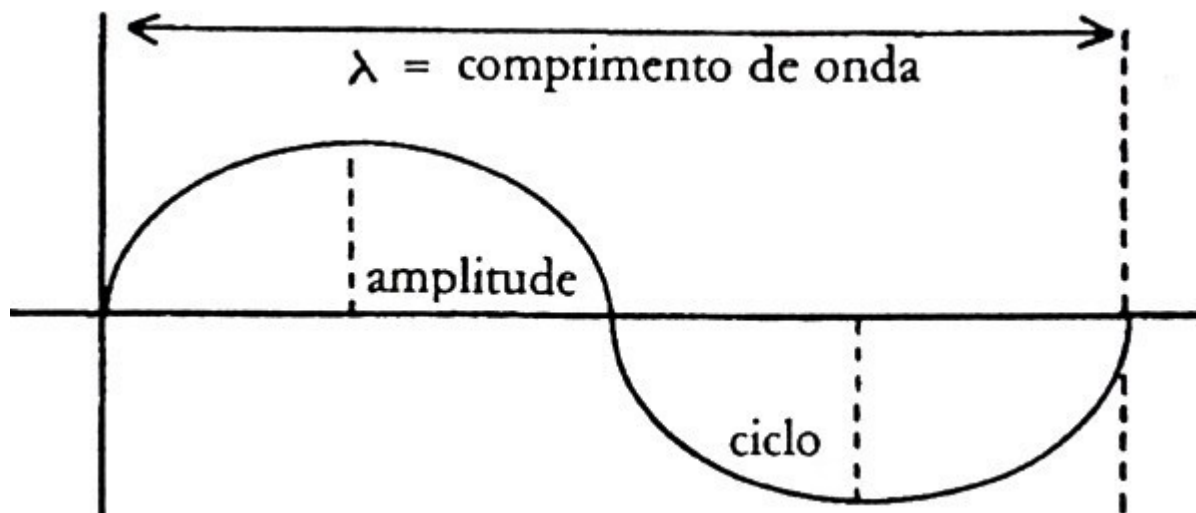
Ressonância, em Física, é "o fenômeno que ocorre quando um sistema oscilante (mecânico, elétrico, acústico etc.) é excitado por agente externo periódico, com frequência idêntica a frequência fundamental do receptor, ou a uma de suas frequências harmônicas. Nestas circunstâncias, há uma transferência fácil de energia da fonte externa para o sistema, com oscilações que podem ter amplitude muito grande. Se não houver amortecimento da onda, a amplitude pode atingir, em princípio, qualquer valor, por maior que seja; nos casos práticos, o amortecimento da onda, por dissipação de energia, a limita."

Já "a transferência de energia de um campo eletromagnético para um sistema atômico (condutor material), em presença de um campo magnético, pode ocorrer pela absorção da energia do sistema indutor, pelos núcleos ou pelos elétrons orbitais do sistema receptor." É a ressonância magnética.

Frequência (**v**) = número de ciclos por segundo

Ciclo = sinusóide completa

Comprimento de onda = trajeto percorrido por uma energia oscilante em movimento = λ .



No campo espiritual, ressonância é a transferência de energia de um sistema radiante, indutor, para outro sistema radiante, receptor, que tenham frequências sintonizadas.

É um fenômeno mental. A energia do pensamento do espírito emissor (encarnado ou desencarnado) é captada e absorvida pela energia mental do espírito receptor, esteja encarnado ou desencarnado. Esta transferência energética faz com que o receptor sofra influência da energia vinda de fora. Seu estado mental varia para melhor ou para pior, sua frequência fundamental se eleva ou se rebaixa segundo as características do influxo indutor. Se rebaixada a frequência, o receptor haverá de se sentir mal, e, conforme o estado de desarmonia que o abaixamento provocar, poderá até adoecer. (Há, nisso, gradação - conforme a potência do influxo indutor: desde a sensação de cansaço para a de peso nos membros e na cabeça, evoluindo para mal-estar geral, náusea, até atingir o estado mórbido declarado.) Quando o influxo deva a frequência fundamental do receptor, dá-se o contrário. Há de se sentir muito bem, leve e lúcido.

Para que se possa bem avaliar a importância desses fenômenos de ressonância, lembramos que a magia negra, em última análise, é um processo de intenso abaixamento de frequência, habilmente manipulado para gerar destruição, sofrimento e desarmonia. Para comprimir violentamente para baixo a frequência vibratória de suas vítimas, os magos negros se utilizam de processo diabólico, de vasto alcance, em que estudam o indivíduo visado, seus hábitos, vivências afetivas, defeitos, viciosas tendências, ambições de realização econômica, possíveis defesas espirituais e, principalmente, quantidade de seus inimigos do Passado e potencial maléfico deles.

Um outro tipo de ressonância costuma gerar síndrome psicopatológica perfeitamente definida, a que damos o nome de *Síndrome de Ressonância com o Passado*, com sintomatologia, patologia, terapêutica e prognóstico bem definidos. Abordamos o fenômeno, em detalhes, no capítulo Ressonância com o Passado, 2TM parte.

Para ilustrar como se processa a ressonância vibratória, relatamos um caso que consideramos como de ressonância vibratória simples.

Paciente: E. N., sexo feminino, branca, casada, de 36 anos, enfermeira.

Religião: Protestante.

Biótipo: Ecto-Mesomórfico.

Em 1975, a paciente, enfermeira, procura a "Casa do jardim" porque sofre de síndrome alérgica estranha e rebelde. Intensas crises alérgicas surgem subitamente, com grande

Espírito / Matéria

hipersensibilidade da pele e erupções discretas, seguidas de prurido intenso, terminando por deixar manchas arroxeadas aparentemente indeléveis e generalizadas. Dias depois, as manchas desaparecem também de repente, mesmo sem terapêutica.

Relata que, a princípio, os médicos pensaram tratar-se de sensibilidade exagerada a certas substâncias medicamentosas ou a anticépticos alergizantes, embora a doença não apresente as características típicas de "dermatite de contato". Por recomendação médica, foi afastada da manipulação dessas substâncias e submetida à ação do mais moderno arsenal terapêutico, desde os dessensibilizantes variados aos corticóides mais ativos, coadjuvados por dieta rigorosa. O quadro mórbido, que surgira espontaneamente há seis meses, não apresentou qualquer melhora com a terapêutica, ocorrendo períodos de acalmia imprevistos, quando, então, a pele costuma se tomar absolutamente normal.

Ao se apresentar para tratamento espiritual, e antes mesmo de procedermos ao desdobramento, constatamos a presença de uma entidade desencarnada, sofrendo muito, ao lado da paciente.

Como sempre ocorre em tais casos, atendemos primeiro o espírito sofredor. Incorporando-o num dos médiuns, começamos o tratamento.

Trata-se de operário que sofreu extensas queimaduras por explosão de uma caldeira, e que morreu depois de alguns dias de intenso sofrimento. No astral, continua a sofrer; aos períodos de sofrimento alternam-se os de torpor, com duração que não sabe determinar. Grita de dor quando tocamos no médium em que está incorporado, tentando mostrar os membros queimados e já em decomposição. Sabe que desencarnou, mais ainda não está livre das queimaduras.

Fazemos com que ele se aquiete por uns momentos e aplicamos passes magnéticos em seu corpo astral. Sob comando de contagem, projetamos sobre ele grandes massas de energias vitalizantes, com intensa vontade de que seus membros fiquem curados e seus sofrimentos tenham fim, EM NOME DE JESUS.

Passados alguns instantes, o operário se surpreende por se achar perfeitamente recomposto, as queimaduras curadas e livre, por fim, das terríveis dores. Tão surpreso fica, em tão grande e emocionada alegria, que pergunta se é milagre o que está acontecendo. Quer saber se somos santos...

Já mais calmo, relata o acidente que sofrera, fala da perturbação e da angústia ao se ver desencarnado, no meio de gente estranha. Na erraticidade, era enxotado de todos os lugares pelos outros espíritos, por causa do seu aspecto repelente e do mau cheiro que exalava. Profundamente esgotado e desanimado, aproximou-se do hospital em que a enfermeira E. N. trabalhava. Desejava ser socorrido. Mas se viu frustrado: foi corrido por outros espíritos, que se apoderavam de camas vazias e nelas se acomodavam. Foi então, que, por acaso, viu a enfermeira E.N. em seu trabalho rotineiro, tratando dos enfermos. Aproximou-se dela, esperando receber também algum socorro, um curativo que minorasse seus sofrimentos e ardências. Sentiu-se muito atraído pela aura de harmonia da enfermeira, recebendo uma sensação de bem-estar que há muito não experimentava. Sentia-se seguro, também, pois não fora repelido por ela.

A partir deste momento, passou a ter alívio. Mas, ao mesmo tempo, começou a provocar na amiga encarnada uma erupção na superfície do corpo. Iniciava-se a alergia que, com o tempo, evoluiria para o quadro mórbido de enfermidade da pele, rebelde a todo o tratamento. Como a causa da moléstia não se encontra no campo físico, resiste a todos os tratamentos médicos. Trata-se de processo de ressonância vibratória. Tudo o que o espírito doente sofre, passa, por uma espécie de filtragem lenta, para o corpo físico da enfermeira, o mal se acentuando a medida que o tempo passa; com os laços de imantação cada vez mais fortes, energias desarmônicas uma vez mais intensas passam para o corpo dela.

Espírito / Matéria

Como sempre costumamos fazer, tratamos o espírito com todo o carinho. Curado e em paz, removemo-lo para o Hospital Amor e Caridade, instituição do astral que dá cobertura aos nossos trabalhos de assistência a enfermos encarnados e desencarnados.

Enquanto atendíamos o espírito, médicos do mundo espiritual procediam ao tratamento do corpo astral da enfermeira, desdobrada pela apometria e conduzida ao mesmo hospital. As chagas do organismo astral dela passaram para seu corpo somático, como sempre acontece nesses processos de evolução lenta.

Discussão do caso: caso típico de indução espiritual por ressonância vibratória. O espírito enfermo não desejava, de forma alguma, prejudicar a paciente. Perturbou-a pelo contato magnético íntimo prolongado, e por se achar gravemente enfermo. Além disso, sendo a paciente uma sensitiva, recebeu de modo mais fácil e intenso a vibração desarmônica, tomando-se enferma. E cada vez pior, à medida que o tempo consolidava os laços de imantação. Removido o "alérgeno", espiritual, a recuperação se deu em pouco tempo, apenas o necessário para o organismo físico eliminar as toxinas irritantes.

Tempo de tratamento: 30 minutos.

Número de atendimentos: um único.

Observação: curada em um mês.

V - Nós, os mediadores

O operador encarnado atrai energias cósmicas (K), manipula-as (isto é, aglutina e condensa) e, misturando-as às energias vitais de seu próprio corpo (Z), transforma as frequências vibratórias delas em uma massa magnética de energias assimiláveis pela baixa frequência dos espíritos enfermos. Finalmente, projeta essa massa sobre os necessitados do plano astral, aliviando-lhes as dores ou mesmo curando-os.

Assim agindo, o operador funciona como transdutor. Recebe, transforma e projeta energias.

Transdutor (Fís. – in "Novo Dicionário Aurélio", 1ª ed., 11ª impressão) - Qualquer dispositivo capaz de transformar um tipo de sinal em outro tipo, com o objetivo de transformar uma forma de energia em outra, possibilitar o controle de um fenômeno, realizar uma medição etc.

Mas esse operador é também um modulador, pois modifica as energias atraídas, ao misturá-las com as de seu próprio corpo. Rebaixadas em sua frequência original, mas de fluxo intensificado (como se passasse por transformador, de alta para baixa tensão) ficam em condições de atuar nas frequências do plano astral e nos espíritos sofredores, que ainda vivem presos a sofrimentos e enfermidades.

Modulação (Fís. – in "Novo Dicionário Aurélio", 1ª ed., 11ª impressão) - Processo em que a uma variável característica de um fenômeno periódico é atribuída uma variação determinada por outros destes fenômenos.

Espírito / Matéria

Como se vê, conhecer e bem aplicar princípios de Física constitui um imperativo do trabalho espiritual. O tratamento de nossos irmãos desencarnados perde nebulosidades místicas para se transformar em ciência exata, pois que imutáveis as leis que regem os fenômenos.

Tudo se resume em ter condições de intervir nas energias livres do cosmo, para aglutiná-las, transformá-las e corretamente aplicá-las nos enfermos do astral. Misterioso na aparência (ou mesmo milagroso), o processo da manipulação mental dessas energias é, no entanto, bastante simples. O êxito depende, fundamentalmente, do Amor, desejo intenso, espontâneo e desinteressado de servir ao próximo. Amor límpido, que leve o operador a se dedicar à prática sistemática da mobilização desses fluxos de energias curativas, para o bem de muitos.

Nunca é demais repetir: o Amor tudo pode no Mundo maior. Armados de Amor e com sincero desejo de harmonizar, curar, iluminar e elevar o próximo, basta contar em voz alta (geralmente de 1 a 7), imaginando a aglutinação das energias em grandes flocos alvos como algodão, muito, muito alvos, invisivelmente espalhados no Espaço. A medida que a contagem progride, imaginamo-los mais e mais densos, mais maleáveis. Ao vocalizarmos o número final, projetamos essas massas ativas sobre os enfermos astrais (sem que, para tanto, precisemos vê-los).

Os resultados - todos os experimentadores notarão - São sempre espetaculares. Em instantes, os espíritos começam a manifestar-se pasmados e satisfeitos pela cura ou bem-estar que receberam como que por encanto.

1. A cura de enfermidades físicas

Em princípio, o mesmo processo pode ser aplicado em pessoas vivas, com idênticos resultados. Jesus é o exemplo: Ele curou doentes de variados tipos, deixando marcos de Luz a serem imitados. E não foi somente Ele que fez isso. Seus seguidores mais próximos, pela ardente vivência do Amor, expulsaram demônios, deram visão aos cegos e fizeram erguerem-se os paralíticos.

Temos convicção de que o processo é o mesmo. As leis, as mesmas. No entanto, ao tentar aplicá-las em encarnados, os resultados costumam ser decepcionantes: nem de longe se comparam aos efeitos da contagem com projeção de energias sobre desencarnados.

Qual a razão disso?

Se o êxito é tanto - e certo - quando jorramos catadupas de forças curativas sobre doentes do astral, por que não conseguimos cicatrizar ou sequer melhorar um ferimento físico? Ora, se as curas físicas foram praticadas por servidores de Cristo em todas as épocas, parece elementar que elas devam ser repetidas.

Pelo que pudemos notar, a dificuldade está na própria Matéria, que opõe condições energéticas intransponíveis. Todo operador, desde que munido de Amor, boa-vontade e treino mental, pode curar espíritos. Mas corpos físicos, não: a densa constituição da Matéria desafia o potencial energético de nossas mentes.

É preciso não perder de vista, no entanto, que o milagre permanece possível, pois depende do correto equacionamento da utilização de energias que já vimos serem palpáveis. Tudo depende da solução de um problema de Física. Se tivermos força mental suficientemente intensa para moldar energias a nível de densidade material, se conseguimos interferir na coesão molecular a ponto de a Matéria se tornar plástica e moldável à nossa vontade, estaremos em condições de realizar os mesmos prodígios do Divino Mestre.

Tal energia mental não haverá de ser essa, meramente: intelectual, que tantos usam e da qual freqüentemente abusam - por mais brilhante e lúcida que seja. Não, a freqüência tem que ser

Espírito / Matéria

outra. Emissão divina, só pode ser a Força que se irradia naturalmente dos seres de elevada evolução, que já não estão presos a interesses mundanos e individualistas. Como dizia Jesus, essas criaturas são deuses - co-criadores da Obra Divina.

Virá o dia, temos certeza, em que uma purificada Humanidade, radiosa de Amor e mentalmente poderosa, saberá agir sobre a coesão das moléculas e operar a harmonização completa de corpos físicos. E uma questão de tempo, apenas. Conhecidas as leis que balizam o caminho, trilhá-lo dependerá apenas do Amor, Amor sob vontade. E do primeiro passo.

VI - LEIS DA APOMETRIA

Primeira Lei: *Lei do Desdobramento Espiritual.*
(Lei Básica da Apometria)

- Enunciado:

Toda vez que, em situação experimental ou normal, dermos uma ordem de comando a qualquer criatura humana, visando à separação de seu corpo espiritual - corpo astral - de seu corpo físico, e, ao mesmo tempo, projetarmos sobre ela pulsos energéticos através de uma contagem lenta, dar-se-á o desdobramento completo dessa criatura, conservando ela sua consciência.

- Técnica:

Nesta lei geral se baseia a Apometria. No campo dos fenômenos anímicos a técnica de sua aplicação representa uma verdadeira descoberta. Ela possibilita explorar e investigar o plano astral, com bastante facilidade. Não dá condições, é evidente, de nos aprofundarmos até abismos trevosos do interior do planeta, nem nos permite a ascensão a píncaros espirituais, mas com ela podemos assistir os desencarnados na erraticidade, com vantagens inestimáveis tanto para eles como para os encarnados que lhes sofrem as obsessões.

A técnica é simples. Com o comando, emitem-se impulsos energéticos através de contagem em voz alta - tantos (e tantos números) quantos forem necessários. De um modo geral, bastam sete - ou seja, contagem de 1 a 7.

Segunda Lei: *Lei do Acoplamento Físico*

- Enunciado:

Toda vez que se der um comando para que se reintegre no corpo físico o espírito de uma pessoa desdobrada, (o comando se acompanhando de contagem progressiva), dar-se-á imediato e completo acoplamento no corpo físico.

Espírito / Matéria

- Técnica:

Se o espírito da pessoa desdobrada estiver longe do corpo, comanda-se primeiramente a sua volta para perto do corpo físico. Em seguida, projetam-se impulsos (ou pulsos) energéticos através de contagem, ao mesmo tempo que se comanda a reintegração no corpo físico.

Caso não seja completada a reintegração, a pessoa sente tonturas, mal-estar ou sensação de vazio que pode durar algumas horas. Via de regra, há reintegração espontânea e em poucos minutos (mesmo sem comando); não existe o perigo de alguém permanecer desdobrado, pois o corpo físico exerce atração automática sobre o corpo astral. Apesar disso, não se deve deixar uma pessoa desdobrada, ou, mesmo, mal acoplada, para evitar ocorrência de indisposições de qualquer natureza, ainda que passageiras. Assim, ao menor sintoma de que o acoplamento não tenha sido perfeito, ou mesmo que se suspeite disso, convém repetir o comando de acoplamento e fazer nova contagem.

Pelo que observamos em milhares de casos, bastam sete a dez impulsos de energia (contagem de 1 a 7, ou 10) para que se opere tanto o desdobramento como a reintegração no corpo físico.

Terceira Lei: *Lei da Ação à Distância, pelo Espírito Desdobrado* (Lei das viagens astrais)

- Enunciado:

Toda vez que se ordenar ao espírito desdobrado do médium uma visita a lugar distante, fazendo com que esse comando se acompanhe de pulsos energéticos através de contagem pausada, o espírito desdobrado obedecerá à ordem, conservando sua consciência e tendo percepção clara e completa do ambiente (espiritual ou não) para onde foi enviado. .

- Nota importante: esta Lei é aplicada, de ordinário, em sensitivos que conservam a vidência, quando desdobrados.

- Técnica:

Ordena-se ao médium desdobrado a visita a determinado lugar, ao mesmo tempo que se emite energia com contagem lenta. Ele se desloca seguindo os pulsos da contagem, até atingir o local estabelecido. Como permanece com a visão psíquica, transmite, de lá, descrições fiéis de ambientes físicos e espirituais, nestes últimos se incluindo a eventual ação de espíritos sobre encarnados.

Este tipo de desdobramento exige certos cuidados com o corpo físico do médium, que deve ficar em repouso - evitando-se até mesmo que seja tocado.

- Ilustração:

Narrativa de tratamento, à distância, de caso de obsessão simples, por desdobramento apométrico e aplicação da técnica de despolarização da memória.

Espírito / Matéria

Paciente: M. S., sexo feminino, branca, solteira, 19 anos, estudante. Residente em Minas Gerais.

Há dois anos começou a sofrer de forte depressão-psíquica com choro copioso. Às vezes tem crises de riso sem motivo, ocasiões em que sofre intensas dores precordiais. O quadro mórbido tem se acentuado nos últimos meses, a ponto de não permitir que a paciente saia à rua. Quase não se alimenta durante os períodos de crise. Já consultou vários médicos, que nada encontraram de anormal sob o ponto de vista físico. Está em tratamento psiquiátrico que, no entanto, não apresenta resultados animadores.

Exame:

Às nove horas de sábado, 07.06.75, duas médiuns (desdobradas por apometria) são enviadas em visita à enferma, no domicílio desta em Minas Gerais; acompanham-nas três médicos desencarnados.

Assim que chegam, relatam o que vêem e observam que a doença da moça tem implicações kármicas. Ela está recostada em uma poltrona, coberta por cobertor leve, em quarto conservado na penumbra. Junto dela um obsessor lhe exige contas do passado. A moça não parece estar em situação muito animadora, pois sofre de grande prostração que, talvez em parte, seja causada pela sedação medicamentosa.

Tratamento:

Comandamos a criação de um campo-de-força e nele recolhemos o obsessor, trazendo-o para tratamento aqui em Porto Alegre, em nosso ambiente de trabalho. Incorporamo-lo em uma das médiuns e ele começa a contar sua história.

Mostra-se muito revoltado diante de fatos ocorridos em encarnação anterior, quando M. S. fora sua esposa e o traiu com um amigo. Abandonado por todos e em estado de grande revolta, seu intenso sofrimento culminou com a morte prematura. Frustrado por não ter podido vingar-se naquela ocasião, procurou e encontrou a esposa á reencarnada. Pôde, então, executar sua cobrança: começou a obsedá-la. Logo teve seu ódio agravado, ao saber que M. S. pretendia se casar em breve. Em sua cegueira espiritual, deseja aniquilá-la por todos os meios possíveis.

Tratamos de esclarecê-lo.

Sob comando, projetando-lhe energias através de contagem, fazemos com que ele recue no Tempo. A causa do seu atual sofrimento se desdobra, então, ante seus olhos. Em existência anterior, havia sido dele o erro que condena na que fora sua mulher: abandonara na mais negra miséria a mulher legítima e seus filhos, para juntar-se à cunhada. Diante do que vê, mostra-se surpreso e confuso.

Aproveitando-nos de seu estado de perplexidade, falamos-lhe sobre a grande Lei da Responsabilidade, ou Lei do Karma, e de seus desdobramentos ao longo do Tempo. Ele nos ouve atentamente e, por fim, concorda em desistir de seus intentos malignos, permitindo que M. S. siga seu destino. É conduzido ao Hospital Amor e Caridade, do astral, onde receberá tratamento conveniente, depois de esclarecimento mais pormenorizado.

Afastado o obsessor, voltamo-nos para M. S.

Espírito / Matéria

Desdobramos a moça, à distância, com todo o cuidado, e rapidamente a trazemos às nossas dependências, onde a incorporamos em uma das médiuns - como se fora espírito desencarnado.

O tratamento consiste na despolarização da memória no cérebro. Com isso, a moça esquecerá as imagens negativas transmitidas pelo obsessor e as outras que, por ressonância com o passado dela própria, são filtradas para seu cérebro, durante a vida

Atual. Ficará livre, também, das cenas mentais que ela mesma vem criando (correntes mentais parasitas), por animismo exagerado. Livre dessas perturbações, seu sistema nervoso deixará de se desgastar e a cura será automática.

Para completar, imprimimos no cérebro astral idéias de saúde, alegria; incutimos harmonia, desejo de se alimentar, esperança de felicidade ao lado do noivo etc ... Por fim, reconduzimo-la ao seu corpo físico: fazemos o acoplamento ao corpo e ativamos os chakras.

M. S., ou melhor, o corpo dela, fica adormecido na poltrona durante todo o tempo que durou o tratamento.

Discussão:

Trata-se de paciente com obsessão simples, uma vez que o obsessor não se aliou a magos das trevas nem usou técnicas sofisticadas. A obsessão, no entanto, avançara muito no domínio da mente da obsediada, tanto que ela já se encaminhava para a franca desorganização mental. M. S. se confundia na apreciação de valores e tinha esmaecida a repercussão deles na conduta. Começava a se configurar uma alteração de personalidade que tenderia a se cristalizar em "loucura" dentro de pouco tempo.

Síndromes incidentes:

- Obsessão simples por um único obsessor.
- Ressonância com o Passado.
- Correntes mentais parasitas auto-induzidas.

Tratamento:

- Atendimento do obsessor.
- Atendimento da paciente pela apometria à distância, com sua incorporação em uma das médiuns.
- Despolarização dos estímulos da memória.

Tempo de tratamento: 30 minutos.

Número de atendimentos: Um.

Observação: Dois meses depois do atendimento a paciente casava. Curada.

Quarta Lei: Lei da Formação dos Campos-De-Força

- Enunciado:

Espírito / Matéria

Toda vez que mentalizarmos a formação de uma barreira magnética, por meio de impulsos energéticos através de contagem, formar-se-ão campos-de-força de natureza magnética, circunscrevendo a região espacial visada na forma que o operador imaginou.

Técnica:

Mentalizamos fortemente uma barragem magnética e projetamos energias para sua concretização, através de contagem até sete. Há de se formar um campo-de-força simples, duplo ou triplo, e com frequências diferentes - conforme desejarmos. A densidade desses campos é proporcional à força mental que os gerou. Costumamos empregar esta técnica para proteger ambientes de trabalho, e, principalmente, para a contenção de espíritos rebeldes.

Os antigos egípcios eram peritos nessa técnica, pois seus campos-de-força duram até hoje, conforme temos verificado. Usavam-nos para proteção de túmulos, imantação de múmias e outros fins.

A forma do campo tem grande importância, pois os piramidais, mormente os tetraédricos, têm tamanha capacidade de contenção que, uma vez colocados espíritos rebeldes no seu interior, eles não poderão sair - a menos que se lhes permita. Dentro desses campos, tais espíritos podem ser conduzidos para qualquer lugar, com toda a segurança e facilidade. Descobrimos que os ângulos diedros das pirâmides têm propriedades especiais: dificilmente se rompem e, assim mesmo, por ação de energias que, via de regra, esses espíritos não possuem.

Quinta Lei: *Lei da Revitalização dos Médiuns*

- Enunciado:

Toda vez que tocarmos o corpo do médium (cabeça, mãos), mentalizando a transferência de nossa força vital, acompanhando-a de contagem de pulsos, essa energia será transferida. O médium começará a recebê-la, sentindo-se revitalizado.

- Técnica:

Pensamos fortemente na transferência de energia vital de nosso corpo físico para o organismo físico do médium. Em seguida, tomamos as mãos do médium ou colocamos nossas mãos sobre sua cabeça, fazendo uma contagem lenta.

A cada número pronunciado, massa de energia vital - oriunda de nosso próprio metabolismo - é transferida de nosso corpo para o médium. Usamos essa técnica, habitualmente, depois dos passes magnéticos em pacientes muito desvitalizados. Ela nos permite trabalhar durante quatro ou cinco horas consecutivas, sem desgaste apreciável. De trinta em trinta minutos costumamos transferir energias vitais para os médiuns, que desse modo podem trabalhar sem dispêndio de forças.

Espírito / Matéria

Sexta Lei: *Lei da Condução do Espírito Desdobrado, de Paciente Encarnado, para os Planos Mais Altos, em Hospitais do Astral*

- Enunciado:

Espíritos desdobrados de pacientes encarnados somente poderão subir a planos superiores do astral se estiverem livres de peias magnéticas.

- Técnica:

É comum desdobrar-se um paciente a fim de conduzi-lo ao plano astral superior (para tratamento em hospitais) e encontrá-lo, já fora do corpo, completamente envolvido em sudários aderidos ao seu corpo astral, laços, amarras e toda a sorte de peias de natureza magnética. colocadas por obsessores interessados em prejudicá-lo.

Nesses casos, é necessária uma limpeza perfeita do corpo astral do paciente, o que pode ser feito, e de modo muito rápido, pelos espíritos dos médiuns desdobrados. Se estes não puderem desfazer os nós ou não conseguirem retirar esses incômodos obstáculos, o trabalho será feito pelos socorristas que nos assistem.

Note-se que os passes habitualmente ministrados em casas espíritas são ineficazes nesses casos, pois o passe age apenas sobre a aura do paciente, e mais no campo vibratório.

Com freqüência, fornecemos energias aos médiuns desdobrados, para que possam retirar do paciente essas peias e o material mais pesado. Lembramos que é sempre através de contagem que se transfere qualquer forma de energia. Insistimos: a contagem até sete (ou mais) nada tem de místico nem constitui ato mágico. Acontece que, em geral, 7 ou 10 impulsos energéticos são suficientes.

Sétima Lei: *Lei da ação dos espíritos desencarnados socorristas sobre os pacientes desdobrados.*

- Enunciado:

Espíritos socorristas agem com muito mais facilidade sobre os enfermos se estes estiverem desdobrados, pois que uns e outros, dessa forma, se encontram na mesma dimensão espacial.

- Técnica:

Estando os pacientes no mesmo universo dimensional dos espíritos protetores (médicos, técnicos e outros trabalhadores), estes agem com muito mais profundidade e rapidez. Os diagnósticos tendem a ser mais precisos e as operações cirúrgicas astrais também são facilitadas, pois quase sempre o espírito do paciente é conduzido a hospitais do astral que dispõem de abundante equipamento, recursos altamente especializados, com emprego de técnicas médicas muito aperfeiçoadas.

Espírito / Matéria

A apometria, desdobrando os pacientes para serem tratados, concorre, decisivamente, para o êxito de seu tratamento espiritual - e poderá se constituir em importante esteio no tratamento dos espíritos. Não está longe o dia, acreditamos, em que a Medicina será integral: enquanto médicos encarnados tratarem das mazelas físicas, seus colegas desencarnados se encarregarão das enfermidades do espírito, encarnados e desencarnados trabalhando juntos.

Como a maioria das doenças, talvez 80% delas, começam no corpo astral, bem se pode imaginar a extensão das aplicações da apometria, especialmente no campo das doenças mentais. Nessas, a terapêutica é grandemente facilitada, pois é viabilizado o tratamento e afastamento de obsessores, causa mais freqüente das psicopatias.

Oitava Lei: *Lei do ajustamento de sintonia vibratória dos espíritos desencarnados com o médium ou com outros espíritos desencarnados, ou de ajustamento da sintonia destes com o ambiente para onde, momentaneamente, forem enviados.*

- Enunciado:

Pode-se fazer a ligação vibratória de espíritos desencarnados com médiuns ou entre espíritos desencarnados, bem como sintonizar esses espíritos com o meio onde forem colocados, para que percebam e sintam nitidamente a situação vibratória destes ambientes.

- Técnica:

Quando se quiser entrar em contato com desencarnado de nível vibratório compatível com nosso estado evolutivo presente no ambiente, projeta-se energia em forma de pulsos rítmicos, ao mesmo tempo que se comanda a ligação psíquica.

Por está técnica se estabelece a sintonia vibratória entre sensitivo e desencarnado, facilitando grandemente a comunicação. Ela abre canal sintônico entre a freqüência fundamental do médium e do espírito. Emitidos por contagem, os pulsos energéticos fazem variar a freqüência do sensitivo do mesmo modo como acontece nos receptores de rádio, quando giramos o dial do capacitor variável até estabelecer ressonância com a fonte oscilante (estação) que se deseja.

Se o espírito visitante tiver padrão vibratório muito baixo ou se estiver sofrendo muito, o médium baixa sua tônica vibratória ao nível da entidade e fica nessa situação até que ela se retire. Tão logo aconteça a desincorporação, devemos elevar o padrão vibratório do médium. Se isso não for feito, o sensitivo ficará ainda por algum tempo sofrendo as limitações que o espírito tinha, manifestando sensações de angústia, opressão, mal-estar etc., em tudo semelhante as da entidade manifestada.

É comum verem-se médiuns saindo de sessões espíritas se queixando de que se sentem mal, psiquicamente esgotados e até doentes, o que denota a má condução dos trabalhos espirituais. Com efeito, isso só acontece porque os médiuns, tendo ficado por algum tempo em sintonia com espíritos sofredores, não desfizeram a ressonância vibratória quando da saída deles. Em trabalhos bem orientados, com freqüência o plano espiritual usa o recurso de incorporar, ao final das sessões, um guia em um dos médiuns, para processar a limpeza vibratória. (Esse, por sinal, é procedimento costumeiro nos trabalhos de Umbanda.)

Espírito / Matéria

Em trabalhos de desobsessão, as circunstâncias muitas vezes fazem com que seja necessário levar espíritos rebeldes a confrontar-se com situações constrangedoras do Passado ou Futuro, de modo a esclarecê-los. Estes nossos irmãos revoltados costumam não aceitar esse constrangimento, talvez porque não queiram se reconhecer como personagens dos dramas escabrosos que lhes são mostrados - avessos que são às admoestações, ainda que amoráveis. Nesses casos, procuramos fazer com que sintam o ambiente, isto é, entrem em ressonância com as vibrações opressivas que desencadearam no Passado, para que possam bem compreender a desarmonia que geraram e suas conseqüências. Tão logo projetamos energias em forma de pulsos, por contagem, a sintonia se estabelece. E haverá de permanecer até que o campo vibratório se desfça, por ordem do operador, com a volta da entidade ao Presente. Quando isso ocorrer, nosso irmão revoltado se pacificará, completamente esclarecido. Não poderia ser de outra forma: a transformação espiritual é automática quando ele vê as cenas e as sente, revivendo-as. A visão do encadeamento kármico implica iluminação instantânea.

Nona Lei: *Lei do deslocamento de um espírito no espaço e no tempo.*

- Enunciado:

Se ordenarmos a um espírito incorporado a volta a determinada época do Passado, acompanhando-a de emissão de pulsos energéticos através de contagem, o espírito retorna no Tempo à época do Passado que lhe foi determinada.

- Técnica:

Costumamos fazer o espírito regressar ao Passado para mostrar-lhe suas vivências, suas vítimas, sua conduta cruel e outros eventos anteriores à existência atual, no objetivo de esclarecê-lo sobre as leis da Vida. Há ocasiões em que temos de lhe mostrar as injunções divinas que o obrigam a viver em companhia de desafetos, para que aconteça a harmonização com eles, além de outras conseqüências benéficas à sua evolução. O conhecimento, aqui ou no plano espiritual, é Luz. Tão logo se esclarece, sentindo, sobre o funcionamento da Lei do Karma, qualquer sofredor desencarnado dá um passo decisivo em sua evolução, pois se elucidam suas dolorosas vivências passadas com todo o cortejo dos não menos dolorosos efeitos.

Também usamos essa técnica, e com grande proveito, para conduzir magos negros ao Passado, a fim de anular os campos energéticos que receberam em cerimônias de iniciações em templos.

Décima Lei: *Lei da Dissociação do Espaço-Tempo*

- Enunciado:

Se, por aceleração do fator Tempo, colocarmos no Futuro um espírito incorporado, sob comando de pulsos energéticos, ele sofre um salto quântico, caindo em região astral compatível

Espírito / Matéria

com seu campo vibratório e peso específico kármico (K_m) negativo - ficando imediatamente sob a ação de toda a energia K_m de que é portador.

- Técnica:

Chamamos de K_m o peso específico do karma do indivíduo, isto é, a energia kármica negativa de que está carregado. Constitui a massa kármica a resgatar, de uma determinada pessoa; por ser assim individual, consideramo-la específica. O fator m indica a massa maléfica desarmônica.

Esta lei é importante porque nela se baseia uma técnica para tratamento de obsessores simples, mas renitentes.

Observamos que um espírito, ao ser dissociado do espaço em que se encontra, através da aceleração do fator Tempo, dá um verdadeiro salto quântico (à semelhança dos elétrons, nos átomos). O afastamento do espaço normal não acontece de maneira progressiva, e sim por saltos, até que consegue instalar-se num espaço do futuro hostil. (Espaço freqüentemente ocupado por seres horrendos, compatíveis com a freqüência vibratória do recém-chegado viajante.)

Nesses casos de dissociação do Espaço-Tempo ocorre fenômeno sobremaneira interessante. Ao acelerar-se o Tempo, a carga kármica a resgatar - que normalmente seria distribuída ao longo do Tempo, 300 anos, por exemplo - fica acumulada, toda ela e de uma só vez, sobre o espírito. Esta é a causa da sensação de terrível opressão, de que começa a se queixar. Deste incômodo mas momentâneo mal-estar podemos nos servir, apresentando-as como provas das conseqüências dos seus atos e de sua repercussão negativa na harmonia cósmica.

A técnica é muito simples: projetamos energias magnéticas por pulsos rítmicos e através de contagem, sobre o espírito incorporado, ao mesmo tempo que se lhe dá ordem de saltar para o Futuro. (Esta técnica só deve ser usada em espíritos desencarnados, visando a esclarecê-los.)

O salto quântico acontece imediatamente, e o espírito passa a se ver no novo ambiente, sentindo-lhe a profunda hostilidade. Dá-se o abrupto encontro com toda a massa kármica negativa, com grande incômodo para o culpado.

Devemos ter muito cuidado com o espírito, durante este encontro. Se o desligarmos do médium de repente, sem preparação, será literalmente esmagado pelo campo energético acumulado. Seu corpo sofrerá destruição, transformando-se em "ovóide". Para desligar o espírito do médium, devemos fazê-lo, antes, retomar lentamente para a época presente.

Esse processo é fácil de ser entendido. Ao ser projetado para o futuro, o espírito passa a viver em uma nova equação de Tempo, de vez que o Futuro ainda não foi vivido por ele, mas seu karma negativo (K_m) continua a sobrecarregá-lo. Como este K_m ainda não foi resgatado, também não foi distribuído ao longo do Tempo: fica condensado e acumulado sobre seu corpo astral, comprimindo-o. Se, de repente, o desligarmos do médium, toda a massa negativa (ainda não espalhada em outras reencarnações) precipita-se sobre ele de uma vez só. E ei-lo reduzido a "ovóide".

Explicamos melhor. É como se esse espírito possuísse um caminhão de tijolos a ser descarregado ao longo de sucessivos amanhãs, mas que tivesse atirada toda essa carga de uma só vez, sobre sua cabeça - por acidente. O esmagamento seria inevitável.

Espírito / Matéria

Décima Primeira Lei: *Lei da ação telúrica sobre os espíritos desencarnados que evitam a reencarnação*

- Enunciado:

Toda vez que um espírito desencarnado possuidor de mente e inteligência bastante fortes consegue resistir à Lei da Reencarnação, sustando a aplicação dela nele próprio, por largos períodos de tempo (para atender a interesses mesquinhos de poder e domínio de seres desencarnados e encarnados), começa a sofrer a atração da massa magnética planetária, sintonizando-se, em processo lento mas progressivo, com o Planeta. Sofre apoucamento do padrão vibratório, porque o Planeta exerce sobre ele uma ação destrutiva, deformante, que deteriora a forma do espírito e de tudo o que o cerca, em degradação lenta e inexorável.

- Técnica:

A adaptação ao meio é da dinâmica da Vida. Dela, de seus vários níveis de complexidade e degraus evolutivos se ocupam as ciências biológicas. Mas a fonte da Vida é o Espírito. E o meio do Espírito é a Eternidade. Cada vez que reencarna - mergulhando num determinado Tempo do Planeta, de um certo país, de uma comunidade, família e humanos com quem irá conviver - a cada nova germinação na Matéria o Espírito tem um reencontro com cósmicas e eternas opções. Ou evolui, aumentando a Luz de si mesmo, que conquistou através de anteriores experiências na noite dos tempos, ou involui, fabricando suas próprias sombras e as dores e horrores que terá de suportar para reajustar-se à Harmonia Cósmica, que perturbou. De tempos em tempos, de ciclo em ciclo, passos grandes ou pequenos vão sendo dados. E o Espírito sempre avança, embora eventuais retrocessos.

Quando um ser humano se atira a variados crimes, perversões e vícios, de modo a retroceder alguns degraus na evolução, sabe-se que de sentirá, ao desencarnar, todo o fardo das conseqüências. Seu espírito tomará forma adequada ao meio que ele próprio se construiu: terá um corpo astral degradado, disforme, monstruoso. Será um exu, por exemplo. E, ao ver que outros companheiros, esbeltos quando encarnados, se transformaram e tomaram a aparência de animais, compreenderá que a degradação de sua forma está acompanhando a degradação espiritual. As lendas de homens que se transformam em animais (zoantropia) têm, no astral, permanente realidade.

Mas tais fenômenos de deterioração da forma, sendo relativamente rápidos, também são passageiros. Vistos da Eternidade, têm a duração de uma moléstia curável. O espírito, mais tempo ou menos tempo, reintegra-se ao fluxo reencarnatório e assim, vivendo e morrendo, vivendo e morrendo, reconquista o Caminho perdido.

Muito mais séria - porque irreversível - é a pavorosa deformação que sofrem os espíritos que transgridem sistematicamente a Lei da Reencarnação. Não é fenômeno comum, pois somente entidades sumamente negativas e dotadas de mente poderosa - como, por exemplo, os magos negros - têm condições e temeridade bastantes para desprezar e recusar a Vida.

Observamos cuidadosamente, por cerca de cinco anos: espíritos que evitam por todos os meios reencarnar, chegando a sustar a própria reencarnação durante tempo tão dilatado que vai a milênios, começam a sofrer uma sutil, quase imperceptível mas lenta e inexorável ação do magnetismo do Planeta - coercitivo e primário. O corpo astral se corrói e desgasta, o espírito perde

Espírito / Matéria

a aparência e estética normais e vai se transformando num ser repelente. Este processo tem semelhança com o envelhecimento de uma casa em que a ação do Tempo vai produzindo sinais de progressiva ruína, como o deslocamento de paredes, rachaduras, perda de reboco etc. Tão lenta é essa degradação que nem mesmo o espírito que a padece costuma percebê-la. O que é de suma gravidade, já que a deformação, segundo tudo indica, não tem reversão.

Já observamos muitos magos negros com estes sinais de decadência. Mais de trinta casos.

Ninguém burla as Leis Divinas impunemente. Quem se contrapõe ao ciclo das encarnações, repelindo oportunidades evolutivas; quem abomina, como repugnantes, as experiências na carne; quem prefere as ilusões do Poder, através do domínio tirânico de seres encarnados ou desencarnados (ou de vastas regiões do astral inferior), aferra-se, inconsciente e automaticamente, à massa do Planeta. E se afunda nele, em trágico retrocesso.

Este fenômeno só acontece com espíritos detentores de inteligência e poder mental suficientes para sustar as próprias reencarnações durante séculos. Espíritos inteligentes. De grande poder mental. Mas inferiores, pois ainda sujeitos à roda das encarnações e dependentes delas para subir na escada evolutiva. Nos espíritos superiores que, por mérito evolutivo, não mais precisam encarnar, esse ripo de degradação jamais acontece. Eles estão redentos: escapam ao magnetismo do Planeta em razão do grau de desmaterialização que já atingiram.

Temos aprendido que o conhecimento dessa Lei de Ação Telúrica é da mais alta importância. Ela nos ensina profundas lições espirituais ao desvelar a evolução dos seres. E esclarece, também, esses espíritos endurecidos, envelhecidos do Mal através do poder maléfico de suas mentes.

A importância da Lei nos leva a ilustrá-la com a apresentação de um caso. Esperamos que fiquem bem claros, assim, os detalhes da técnica de sua aplicação.

- Ilustração:

Narrativa de tratamento, por desdobramento apométrico, de caso de obsessão complexa, provocado por mago negro afetado pela ação telúrica.

Paciente: L. S. jovem de vinte e três anos, do lar, casada há poucos meses.

Comparece a Casa do Jardim em outubro de 1985, trazida pela genitora. Encontra-se em lastimável estado de abatimento psíquico e prostração física. Esquizofrênica de pouco tempo, segundo diagnóstico médico, sempre foi de temperamento emotivo, nervosa, sensível, temendo doenças, desastres e até trovões. Após o casamento os sintomas se acentuaram apesar da terapêutica específica a que foi submetida.

Os pais recorreram a vários trabalhos espirituais, na tentativa de auxiliar a filha. Percorreram vários terreiros de Umbanda (onde a moça teve alguma melhora) e muitos centros kardecistas. Sem diagnóstico espiritual definitivo, a paciente ficou apenas com o diagnóstico clínico.

Além da prostração, as manifestações patológicas se resumem à alucinação auditiva (com vozes que ela ouve quase constantemente), mania de perseguição, temores exagerados, angústia insuportável e desespero que a coloca à beira da alienação mental.

Espírito / Matéria

Exame:

Constatamos, de imediato, que se trata de caso de obsessão complexa; além de estar sofrendo influência de seres perversos, verdadeiros profissionais do Mal, logo se manifesta o autor intelectual do processo obsessivo. Trata-se de entidade de catadura patibular e maneiras agressivas, que protesta em termos violentos contra a nossa "intromissão em seus assuntos particulares". Vocifera, alegando que desconhecemos as causas da justiça que aplica a vítima, uma criminosa vulgar. No passado, ela o havia preterido por outro homem, a quem entregou um vasto patrimônio que por direito lhe pertencia, pois fora prometida em casamento pelo pai dela. Explica que, abandonado, teve de praticar um roubo para sobreviver, delito que lhe resultou em degradação pública, prisão infamante e, finalmente, a morte, assassinado por um desafeto.

Acalma seus arroubos de violência quando lhe fazemos exortação ao entendimento. Afirmamos que ele e ela não estão ante um tribunal, pois nem conhecemos a enferma. O que ele chamava de "interferência" era para nós um mero ato de solidariedade humana, atendendo ao pedido de auxílio que nos fora feito. Ele ainda profere ameaças durante alguns momentos, mas resolve contar, mais para alardear poderes do que por sinceridade, o modo como se aliara a uma vasta organização das Trevas, especializada em atormentar as criaturas por todos os meios possíveis.

Revela-nos que naquela reencarnação desregrada perdeu os sentidos quando apunhalado pelo inimigo, sofrendo dores atrozes no ferimento. Após tempo muito longo, de que nem mais se lembra, acordou extremamente enfraquecido e no meio de seres inferiores, deformados uns, maltrapilhos a maioria; era um mundo estranho, de criaturas galhofeiras e sem vida organizada, que mais pareciam gozadores aloucados, pois a inércia era geral.

Conseguiu safar-se deles a muito custo, passando a perambular, durante muito tempo, pelas regiões desconhecidas onde se encontrava. Com o tempo, começou a se sentir mais forte e a conhecer melhor aquele lugar inóspito que mais parecia um deserto, com vegetação raquítica, escassa, e bem pouca água.

Aliou-se, mais tarde, a uma malta de espíritos inferiores, onde conseguiu certa ascendência graças aos punhos e à violência, passando a gozar de situação melhor.

Um ódio contínuo crescia no coração ao relembrar o estado em que se encontrava e as situações de grandeza que sonhara desfrutar, mas que perdera pela indiferença afetiva da sua prometida. Por essa razão, resolveu encontrá-la a fim de se vingar de todas as frustrações.

Muito andou, até que conseguiu identificar a moça, agora na figura de L. S. Ela teve merecimento para reencarnar, por atos meritórios praticados. Trouxe porém, também ela, sérias dívidas kármicas a resgatar, consequência de grandes deslizes em encarnações anteriores, ocasiões em que, junto com seu atual perseguidor, desviara-se de deveres conjugais sagrados. Mal sabia o obsessor que a Lei Divina havia feito com que se encontrassem, para o reajuste entre eles e a conseqüente harmonização.

Acercou-se dela com toda a força do seu ódio, mas não conseguiu atingi-la de vez. Foi aconselhado por comparsas a procurar uma poderosa organização dedicada ao Mal e dirigida por terrível mago, temido por sua impiedade.

Um belo dia foi apresentado ao mago, que o industriou na arte de perseguir os encarnados, com toda a técnica de que era possuidor, e ao qual ficou ligado por laços de admiração mesclada de medo.

Os médiuns haviam notado uma aparelho parasita implantado no cérebro da moça, o que já nos havia revelado uma das facetas da obsessão a que vinha sendo submetida. Perguntamos, então, ao obsessor, quem fora o construtor daquele aparelho diabólico, do qual a vítima dificilmente se

Espírito / Matéria

liberta. Ele nos responde que o responsável é seu Chefe, o mago, que pessoalmente instalara o pequeno engenho, numa noite em que a vítima foi levada. a seus laboratórios, desprendida pelo sono.

Nessa altura da conversa, manifestamos nossa vontade de conhecer criatura tão poderosa e inteligente, para dialogar sobre o estado da paciente.

O obsessor se assusta:

- Nem penses em trazer até aqui um Chefe tão poderoso! Sabes, se ele vier, vai escravizar a ti e a todos os teus companheiros. Não tens poderes para obrigá-lo a vir. Aconselho-te a ficar quietinho e a não te meteres com ele. Para o teu bem!

Como mostramos cada vez mais curiosidade em conhecer personalidade de tal importância no Mundo Umbralino, ele retruca, com quase pavor:

- Olha, vamos fazer um acordo. Deixa ele pra lá e não tentes trazê-lo até aqui, pois não tens como fazer isso. Eu te peço, não insistas, pois ele pode virar-se contra mim, pensando que o traí. Nem imaginas a fúria dele quando alguém o trai ou tenta fugir. Ele é terrivelmente cruel, castiga muito o culpado; depois, ainda por cima, o mutila.

Sem dar importância a tais argumentos, comandamos a criação de um poderoso campo-de-força de atração, atuando sobre a base do mago. Pouco depois surge a figura impressionante do Chefe. Ele sintoniza uma das médiuns, incorporando, mas não pronuncia uma única palavra. Lança-nos apenas um rancoroso e demorado olhar de desprezo, como quem avalia e ao mesmo tempo faz pouco.

Trata-se de uma figura imponente. Alto, ereto, calmo e arrogante - embora o rancor. Talvez seja a primeira ousadia que sofre dos mortais, essa nossa "interferência" em seus negócios.

Sentimos que enfrentamos criatura acostumada ao poder, ao comando, e consciente de suas possibilidades.

Começamos o contato, muito polidamente. Agradecemos sua presença entre nós, honrados que nos sentimos por poder conversar com personalidade tão poderosa, de invejável inteligência.

Como todos esses seres são muito vaidosos, nossas palavras de certa forma o surpreendem. Embora não nos respondendo, aquiesce, com um gesto, em nos ouvir.

Falamos da apurada técnica que ele demonstra conhecer, ao construir tais engenhos, e elogiamos seu avançado conhecimento da fisiologia do Sistema Nervoso, principalmente pelo problema clínico criado para os especialistas da medicina terrena, que jamais poderiam sonhar com as conseqüências patológicas da ação desses aparelhos eletrônicos.

Após este preâmbulo, passamos a falar das leis espirituais e do pouco conhecimento que, mesmo nós, espíritas, temos delas. Ele continuou quieto, sem fazer qualquer comentário, mas demonstra grande atenção para o que estamos dizendo. Aproveitamos para ir direto ao alvo:

- Caro amigo, folgamos muito, como já dissemos, pela gentileza de ter vindo até nós. Nosso desejo é conversar com o Irmão sobre certos fenômenos da mais alta importância, observados por nós já há algum tempo, e que, sentimos, deverão interessá-lo muito. Trata-se de uma lei espiritual que, por sua sutileza, escapa a toda observação apressada. Seus efeitos somente podem ser observados em espíritos que não reencarnam há muito tempo, séculos talvez, como o caro amigo. Quando um espírito se furta à Lei das reencarnações, freando a volta à carne (embora tenha necessidade de reencarnar, para prosseguir no processo evolutivo), começa a sofrer constante ação do magnetismo primário do Planeta, e, com o tempo, acaba por se deformar inteiramente. Submetido a essa ação desgastante, o espírito vai se tornando velho, decrepito, e começa a mergulhar inexoravelmente nas abissais profundezas do interior da Terra.

Ele aguça o olhar, fixando-nos mais profundamente. Mas não se digna a falar.

Continuamos:

Espírito / Matéria

- Vamos fazer uma demonstração ao amigo. Gostaríamos de que observasse se, de fato, é verdade o que afirmamos. Vamos baixar um pouco sua frequência vibratória, apenas para ligá-lo mais fortemente ao gênero de obra que pratica. O irmão perceberá que já entrou nesse processo deformante, embora não tenha notado o horroroso fenômeno que o está afetando. Note bem, caro Irmão, que esse processo de degradação é muito lento. Mas inexorável. Irreversível.

Ao baixar-lhe a frequência colocamos um espelho astral à sua frente. Ele se assombra, se vê modificado. O cabelo apresenta-se ralo, em chumaços duros e desalinhados. O semblante se enrijecera e encovara, o rosto tem coloração amarela, enfermicha, encovada. A própria roupa demonstra sinais de envelhecimento, com partes puídas e sujas.

Insistimos:

- Caro irmão, vamos repetir a técnica, para que o amigo observe com mais perfeição a realidade dessa Lei.

Refazemos a experiência com bastante calma, de modo que o mago possa senti-la e vivê-la. Deve ter sentido a variação da frequência e conseqüente opressão, quando do rebaixamento do padrão vibratório, pois brada, surpreso:

- Mas como? E eu não conhecia esta Lei!

- No entanto, prezado amigo, ela é verdadeira - como você pôde verificar. Por se afastar do Cristo, nossa meta redentora, o amigo ficou entregue a si mesmo, desgarrado da Lei da Evolução. Distraiu-se das verdadeiras finalidades do Ser, porque preocupado unicamente em exibir seus poderes sobre um grupo de escravos misérrimos, que o obedecem por temor, empregando toda a inteligência no triste mister de atormentar seus irmãos em evolução. Agora, meu caro, deve arrostar as conseqüências de seus atos. Chegou o momento da colheita do que plantou com tanto afínco ...

Perplexo, o mago parece meditar. Prosseguimos:

- Meu amigo, agora se abrem para você duas alternativas. Você poderá levar a vida que vem tendo. Mas aumentará, obviamente, o volume dos erros que já lhe pesam na consciência e toda a carga que lhe reserva o tempestuoso futuro, com horrores sem conta a resgatar. Continuará entregue à ação irreversível do próprio Planeta que, dentro de pouco tempo, haverá de tolhê-lo por completo, petrificando-o por tempo indeterminado em regiões infernais. Já a outra alternativa é tomar outro rumo, desvencilhar-se disso tudo. Mas se abandonar imediata e definitivamente a crueldade e o arremedo de poder sobre criaturas indefesas, deve preparar-se, desde já, para enfrentar com coragem os resgates que terá pela frente, até poder reiniciar o trabalho no Bem - como antigo iniciado que é. Observe, caro Irmão, que esta noite é de máxima importância para seu destino. Tome a decisão livremente, que nós, aqui, pretendemos auxiliá-lo.

O Chefe se curva, mudo. Momentos depois, faz gestos de assentimento com a cabeça. Concorde em seguir nossa orientação. Prosseguimos:

- Caro Irmão, sentimo-nos felizes por sua decisão de voltar para Jesus. Mas é preciso que você seja despojado desses poderes iniciáticos que só irão perturbar sua próxima encarnação. Você sabe, o vício do mando não é erradicado com facilidade. Vamos levá-lo ao Egito antigo, para desfazer sua Iniciação.

O mago é conduzido ao Passado, para a retirada de seus poderes, amuletos, orações sagradas, objetos sacros, registro no Templo. A tudo ele se submete sem protesto, resignadamente. Continuamos:

- Caro amigo, permite que atuem sobre seu cérebro, para apagar seus "bancos de memória" o conhecimento de técnicas de magia? Isso é imprescindível para que você desfrute de um pouco de paz em sua próxima encarnação. É necessário que se torne ignorante de tudo quanto aprendeu sobre magia de tudo que usou para praticar o Mal.

Espírito / Matéria

Ele concorda em ser tratado por nossa técnica de despolarização dos bancos de memória.

Trazemo-lo de volta, do Passado para o Presente. Vem completamente anulado em seus poderes e funções mentais. As equipes do Hospital Amor e Caridade o levam, para tratamento pré-encarnatório.

A base que habitava, no astral inferior, foi desativada. Seus comandados são recolhidos para recuperação.

Livre do aparelho parasita e do obsessor, L. S. passou a se sentir gradativamente melhor. Tanto que não mais voltou a Casa do Jardim.

*

Gostaríamos de que os trabalhadores nas lides desobsessivas observassem o funcionamento dessa Lei, de modo a confirmar ou informar o resultado de nossas pesquisas. Já tratamos muitos outros magos, cerca de trinta, afetados por essa Lei identificada na "Casa do Jardim", após anos de observações. O sucesso é sempre certo, sem violências ou constrangimentos para as Entidades. Conhecendo os efeitos dessa Lei, que atua sobre todos os seres em evolução na psicosfera do Planeta, eles a tudo se submetem.

A Lei de Ação Telúrica pode ser formulada matematicamente. Se chamarmos Δ (delta: do grego "diastrofê", deformação) a deformação que sofre o Espírito, "m" a malignidade que ele representa, e "t" o tempo que roubou das encarnações, teremos:

$$\Delta = m \cdot t$$

Se quisermos saber o grau de malignidade de que é portador, encontraremos:

$$m = \frac{\Delta}{t}$$

(A maldade aparecendo como diretamente proporcional à deformação.)

Décima segunda Lei: *Lei do Choque do Tempo.*

- Enunciado:

Toda vez que levamos ao Passado espírito desencarnado e incorporado em médium, fica ele sujeito a outra equação de Tempo. Nessa situação, cessa o desenrolar da seqüência do Tempo tal como o conhecemos, ficando o fenômeno temporal atual (presente) sobreposto ao Passado.

O deslocamento cria tensão de energia potencial entre a situação presente e os deslocamentos para o Passado. Enquanto o espírito permanecer incorporado ao médium, nada lhe acontece; apenas passa a viver e vislumbrar a nova situação ambiental que lhe foi imposta. No entanto, se for bruscamente desligado do médium, sai do campo de proteção do mediador e fica como que solto na outra dimensão espaço-temporal. Recebe em cheio, então, a energia potencial

Espírito / Matéria

criada pelo deslocamento. Essa energia é suficientemente forte para destruir sua estrutura astral através do choque que se produz. E ele se reduz a ovóide vestido apenas por suas estruturas espirituais superiores: corpos átomico, búdico e mental superior."

Para que um espírito não sofra tal agressão quando submetido a tratamentos no passado, é necessário trazê-lo lentamente de volta ao Presente, através de contagem regressiva.

- Técnica:

É a mesma descrita em leis anteriores: emprego de pulsos energéticos através de contagem.

- Ilustração:

Narrativa de atendimento a paciente assediada por malta de espíritos obsessores, integrantes de hostes de magia negra.

Começamos o atendimento desmanchando campos magnéticos negativos. E capturamos os comandos das Trevas. Um dos chefes, o mais forte, logo se apresenta, fazendo alarde de poderes extraordinários, desafiando-nos a reduzi-lo a impotência, se pudermos. Ri, ao ouvir nosso convite para que passe para a bandeira do Cristo. Revela que é um orixá defendido por poderes desconhecidos dos mortais.

Respondemos-lhe que nenhum orixá verdadeiro trabalha para o Mal, como ele vinha fazendo, e que agora terá de fazer uma longa viagem conosco, para o Passado, onde lhe serão retirados todos os poderes. Ele continua rindo. Reafirma sua superioridade, duvida das nossas condições de conduzi-lo aos templos do Egito antigo.

Chegado ao Egito, e quando vamos iniciar a retirada dos poderes, ele se rebela. Grita que vai embora, vai embora, e que ninguém pode impedi-lo. Como possui muita força mental, rompe abruptamente suas ligações magnéticas com o médium, afastando-se. Mas imediatamente comandamos a formação de poderoso campo-de-força, obrigando-o a voltar para o médium.

Com surpresa, porém, constatamos que a entidade se encontra completamente anulada, apresentando a clássica síndrome de descerebração cortical, isto é, está inconsciente, em estado semelhante ao de coma.

Ao deslocar-se do médium, o falso orixá recebeu o choque do Tempo, desestruturando-se. Ele não conhecia esta Lei e seus fenômenos.

Observe-se que, nesta Lei, não há interferência da massa kármica, como se vê na Lei anterior. No Passado o espírito se defronta com acontecimentos já vividos.

Podemos deduzir, pelo relato, que o Tempo é, também, constituído por energia.

Décima Terceira Lei: *Lei da influência dos espíritos desencarnados, em sofrimento, vivendo ainda no passado, sobre o presente dos doentes obsediados*

- Enunciado:

Enquanto houver espíritos em sofrimento no Passado de um obsediado, tratamentos de desobsessão não alcançarão pleno êxito, continuando o enfermo encarnado com períodos de melhora, seguidos por outros de profunda depressão ou de agitação psicomotora.

Espírito / Matéria

- Técnica:

Em primeiro lugar, procede-se: ao atendimento dos obsessores que se encontram em volta do paciente, retirando-os para estâncias do astral especializadas no tratamento de tais casos.

Nunca se deve esquecer que obsessor, ou qualquer sofredor, só se atende uma única vez. Se bem feito o tratamento, com assistência espiritual devida, todos os espíritos malfazejos são retirados definitivamente - num único contato. Deixar obsessores soltos, após breve esclarecimento evangélico (como se faz em sessões kardecistas), é um erro. Não é com um simples diálogo de alguns minutos que se demovem perseguidores renitentes (ou magos negros). Reafirmamos: esse procedimento clássico torna o trabalho inócuo. E até prejudicial.

A remoção de todos esses seres pode ser feita em algumas sessões. Se o doente, depois, não apresentar melhoras definitivas, devemos dar início ao estudo de suas encarnações anteriores. Para tanto, abrimos as frequências dessas encarnações, para atendimento aos espíritos que estacionaram no Tempo. Todos eles, quase sempre, são profundos sofredores. Alguns ainda se encontram acorrentados em masmorras, outros vivem em cavernas ou se escondem. em bosques, temerosos, famintos, esfarrapados. Eles maldizem quem os prejudicou, formando campos magnéticos de ódio, desespero e dor, profundamente prejudiciais.

Quando o enfermo encarnado recebe o alívio que se segue ao afastamento dos espíritos mais próximos - os que estão na atual encarnação - esse alívio não se consolida porque as faixas vibratórias de baixa frequência, oriundas do Passado, refluem e se tornam presentes, por ressonância vibratória. O enfermo encarnado, partícipe ou causante daqueles passados barbarismos, continua a receber as emanções dessas faixas de dor e ódio. Sente, também ele, íntima e indefinida angústia, sofrimento,desespero. E somente terá paz se o Passado for passado a limpo.

De encarnação a encarnação, vai-se limpando essas faixas do Passado. Espíritos enfermos, dementados e torturados, são recolhidos para o Tempo presente e internados em Casas de Caridade do astral, para tratamento eficiente. E ao final, quando o enfermo encarnado manifesta sinais de que sua cura se consolida, o persistente trabalho de desobsessão - aprofundando-se no Passado - terá conduzido à regeneração e à Luz centenas, quando não milhares de irmãos desencarnados.

II - Parte

Ação Maléfica dos Espíritos Desencarnados

Introdução

Em toda sua História (cerca de 5.000 anos), a Humanidade conseguiu desfrutar de paz durante pequenos períodos descontínuos que, somados, chegam a apenas 300 anos, no máximo. Tivemos uma guerra de 100 anos. Mas - nunca - uma paz de cem anos.

Predador por excelência, o Homem trouxe das cavernas apetites de violência, conquista e carnagem. Desses vícios atávicos ainda não conseguiu desvencilhar-se, embora o roteiro seguro de libertação contido no Evangelho, o mais sublime código de conduta que já tivemos. "Civilizados" e sem os pelos pitecantrópicos, guerreamos e lutamos continuamente. Brigamos com vizinhos por questões sem importância, apoiamos agressões a povos mais fracos e as justificamos em nome de interesses da "pátria". Questões sociais são resolvidas com as dores da violência. Ante a falta de justiça, justificamos a força. Agredimos e assassinamos porque "é preciso". Onipresente, o egoísmo norteia ações de indivíduos e nações, a cupidez nubla o entendimento de governantes e governados.

Embora o inexorável buraco do túmulo esteja sob os pés de todos, isso jamais diminuiu a sanha com que se destroem valores que levaram séculos para serem acumulados. Procedemos como se fôssemos eternos, o "ego" nos polariza os interesses, torna-nos imediatistas e cria em nosso íntimo um vácuo que, de ordinário, procuramos preencher com coisas materiais. Sabemos, porém, que nada disto levaremos desta existência, nada, nem mesmo nosso cadáver. O vazio, portanto, ao invés de se encher, se aprofunda.

A luta pela vida, justificável em criaturas de evolução primária, foi racionalizada sobre alicerces de egoísmo. E a violência, se repetindo e crescendo, foi engendrando meios de destruição cada vez mais sofisticados - a Ciência a serviço da morte - tão apocalipticamente eficazes que, hoje, a antiga ferocidade de nossos ancestrais nos parece ridícula. Vivemos no temor de que qualquer conflitozinho entre nações (mesmo as guerras civis e meros incidentes de fronteira) degenerem em guerra total, os cogumelos atômicos varrendo a vida do Planeta.

De tudo isso resulta evidente que, embora as vantagens todas que temos sobre os animais, conseguimos um prodígio de irracionalidade: estamos progredindo contra nós próprios. Nossa inteligência nos deu maravilhas tecnológicas que nos empurram para uma barbárie terminal, para a fantasmagórica condição de habitantes de um planeta inóspito e quase sem vida (se não estéril).

Este paradoxo sempre esteve em nós. O paradoxo somos nós.

Em realidade, a essência dele está no fato de que a Humanidade tem existido em estado de ruptura com relação a valores básicos, do Espírito. Nossa crise, se vê, é espiritual, antiqüíssima. De tal modo nos acostumamos a usar a razão como arma, durante tantos e incontáveis séculos, que, agora, mal conseguimos perceber que o brilho de nosso intelecto apenas doura e justifica nossos primitivos impulsos de habitantes das cavernas.

Em tal contexto, ficam bem visíveis as raízes da ação maléfica dos espíritos desencarnados sobre nós, encarnados, e todos os processos de obsessão espiritual.

Com efeito, todo o homem conserva, no outro lado da vida, a mesma consciência que o animava, quando vivo. Os mesmos vícios. Os defeitos. O egoísmo. Impulsos de agressão e violência. Ninguém se toma santo só porque morreu. Ao contrário, quando libertas da carne, as

Espírito / Matéria

criaturas continuam a se conduzir, como espíritos, pelos antigos padrões de quando vivas - quando não de modo pior, numa degradação que é bem mais freqüente do que se imagina. Se antes nutria sentimentos de ódio e vingança, ao se ver desencarnada a pessoa se lança contra o desafeto com todas as forças e meios de que dispõe. Não fosse a proteção natural do corpo físico (que constitui uma defesa, pois que, sendo material, vibra em outra dimensão) os encarnados viveriam à mercê de seus inimigos invisíveis.

Acontece, porém, que o corpo físico não é inexpugnável. Os vivos, portanto, não escapam totalmente à ação dos desencarnados. Não podendo agir sobre a organização corporal física, eles atuam no astral, dimensão em que existem e se movimentam todos os espíritos, inclusive encarnados. Quase sempre atuam perturbando. Provocando moléstias. Discórdias. Tragédias. E, eventualmente, chegam a matar.

Essa ação maléfica é mais ou menos intensa conforme a quantidade e intensidade dos fatores que para ela concorrem. A potência mental do desencarnado, por exemplo. Métodos de perseguição. A ajuda recebida de outros desencarnados. O estado de saúde (física) da vítima, sua massa kármica, grau de evolução espiritual e, entre outros fatores, a maior ou menor proteção que tenha o ambiente onde o perseguido reside. Para resumir, podemos afirmar que todo esse assédio negativo constitui resultado natural do somatório dos atos das criaturas - tanto encarnadas como desencarnadas.

Não cultivando sentimentos bons, levamos para a outra vida aquilo que inelutavelmente somos. A maioria dos espíritos que habitam o astral inferior (chamado de umbral por André Luiz) é constituída de seres de evolução escassa, eivados de defeitos de caráter e cheios de sentimentos de vingança. Nessas regiões purgatoriais, de espíritos revoltados, o sofrimento mora. Ali a agressão a desafetos encarnados ou desencarnados é a solução mais comum para todos os problemas - conflagração que a todo instante atinge o mundo dos vivos. Não admira, portanto, que haja tantos desajustes, sofrimentos e crimes entre nós. Não é de estranhar, sobretudo, que tenhamos tantos loucos e que padeçamos de tantos sofrimentos psíquicos, pois tudo isso é, na essência, desequilíbrio espiritual.

Este assédio dos desencarnados - que pode: ser temível e mesmo letal - será visto, em detalhes, nas páginas seguintes.

1- Síndromes Psicopatológicas

A) - Indução de Campos Vibratórios Negativos sobre Encarnados

Nesses casos, o espírito perturbado atua apenas pela presença, por contigüidade. Pode acontecer que o espírito enfermo seja colocado propositadamente junto ao doente encarnado, por magos negros, com o objetivo de prejudicá-la. Mesmo assim, o fenômeno deve ser catalogado entre os de indução, pois a entidade perturbadora atua tão-somente pela proximidade. A vítima, entrando em ressonância vibratória com o doente desencarnado, rebaixa seu padrão vibratório e, em consequência, sofre.

1. Magnetismo, eletromagnetismo e indução espiritual (*)

(*) Encontramos a denominação "indução espiritual", pela primeira vez, na obra Arthur MASSENA.

Nossa definição desse fenômeno se escuda na Física.

Há certa relação (já de domínio científico) entre magnetismo, eletromagnetismo e fenômenos mentais. Tudo indica que a Lei que rege fenômenos materiais se aplica também aos espirituais, variando apenas os parâmetros.

Revisitemos, para melhor compreensão, alguns conceitos e postulados da Física.

- Em campo magnético, "indução é a grandeza vetorial energética igual à densidade do fluxo de um campo magnético".

- Em campo eletromagnético, "indução é o estabelecimento de uma força eletromotriz num circuito, por efeito de variação de um fluxo magnético que o atravessa".

A indutância eletromagnética é fundamental na transformação da energia elétrica em mecânica, ou vice-versa, tal como acontece em geradores e motores elétricos.

Fórmula:
$$V = - \frac{d}{dt}$$

Em que Φ_B = fluxo magnético

t = variável tempo

B = vetor

$d\Phi_B$ = derivada em relação ao fluxo

dt = derivada em relação ao tempo

- Em campo eletrostático, "indução é a distribuição de cargas elétricas num corpo eletricamente neutro, pela influência de campo elétrico externo a este corpo".

Chama-se também influência. Quando um sensitivo se arrepia, sentindo a presença, em suas proximidades, de um espírito com frequência vibratória mais ou menos semelhante à que ele possui, estamos em presença de fenômeno igual à indução eletrostática. Esta é a indução espiritual mais comum, principalmente em mulheres.

Espírito / Matéria

- Indução mútua é a indução eletromagnética entre dois circuitos em que circulam correntes variáveis em intensidade e tensão. No campo espiritual esse fenômeno é bastante freqüente, principalmente nos casos de obsessão mútua e nos de parasitismo, simbiose e vampirismo.

Espiritual, magnética, eletromagnética ou eletrostática, a indução é sempre uma transferência de energia de um sistema para outro, que tenha energia circulante variável.

A indução espiritual de desencarnado para encarnado se faz espontaneamente, na maioria das vezes de modo casual, sem premeditação ou maldade alguma. O espírito vê o paciente, sente-lhe a benéfica aura vital que o atrai, porque lhe dá sensação de bem-estar. Encontrando-se enfermo, porém, ou em sofrimento, transmite ao encarnado suas angústias e dores, a ponto de desarmonizá-lo - na medida da intensidade da energia desarmônica de que está carregado e do tempo de atuação sobre o encarnado. Em sensitivos sem educação mediúnica, é comum chegarem em casa esgotados, angustiados ou se queixando de profundo mal-estar. Atendendo essas pessoas, para tratamento espiritual, quase sempre se constata a presença de um espírito enfermo, às vezes em intenso sofrimento, que apenas permanece perto, encostado no sensitivo, porque deste recebe certo alívio, uma espécie de calor benéfico que se irradia do corpo vital. Em troca, por ressonância vibratória, o desencarnado causa no encarnado o mal-estar de que este se queixa. O afastamento da entidade espiritual é geralmente fácil, bastando um passe magnético do enfermo. Daí o valor do passe como terapêutica. Mas é preciso que se trate, antes de tudo, o espírito enfermo, projetando sobre de energias vivificantes que devem seu padrão vibratório, para que saia das pesadas faixas de padecimento e doença. Em seguida, deve ser providenciada sua condução a algum lugar de tratamento, no astral. O procedimento é semelhante ao usado no mundo físico, quando nos deparamos com um ferido. Após atendê-lo, será necessário encaminhá-lo a um hospital.

2. É preciso tratar os espíritos

Convém que todos os espíritas, principalmente os que executam trabalhos de caridade, se conscientizem disso no mundo espiritual tudo acontece e funciona à semelhança do mundo físico. Melhor, nosso mundo é uma pálida realidade do mundo dos espíritos. Assim, devemos ter conhecimento de lugares de tratamento, hospitais do astral para onde possam ser encaminhados espíritos enfermos. E, isso, sob comando energético nosso, sem esperar pelo concurso e ajuda de Espíritos Superiores, que nem sempre estão à nossa disposição. (Deve ser evitado o hábito, muito generalizado, de transferir toda a assistência para os espíritos, não importando o que possa acontecer aos desencarnados atendidos - como se os espíritos socorristas fossem onipresentes e onipotentes. Acreditar que mandar os espíritos sofredores para o Espaço resolve brilhantemente o caso, é não conhecer o mecanismo do socorro espiritual. Pode até constituir erro grave equivale a tratar um doente, no nosso mundo físico, e depois deixá-lo no meio da rua, para que se complete sua "recuperação".)

3. O perigo da simbiose

De fenômeno simples que é, a indução pode evoluir, contudo, para parasitismo ou simbiose. A escalada depende do grau de invigilância sobre pensamentos e sentimentos menos felizes ou francamente mórbidos, que se ajustem ao estado vibratório da entidade desencarnada, sintonizando-a. Com o tempo, encarnado e desencarnado vibrando na mesma faixa de freqüência, se instala, no encarnado, um estado patológico de simbiose psíquica. Dependendo também da

Espírito / Matéria

desarmonia do corpo astral da entidade, haverá a possibilidade de aparecer (e se instalar) a mesma enfermidade em idêntica área do corpo. A doença, emergindo agora como física (e de cura quase sempre difícil, para a Medicina) é, no entanto, de etiologia inteiramente espiritual.

Apresentação Esquemática da Síndrome de Indução

a) - Etiologia

A síndrome é causada por entidade espiritual, que age de modo direto e prejudicial sobre o encarnado, sem ato volitivo (isto é, sem querer), produzindo efeito maléfico apenas pela presença próxima.

b) - Mecanismos de ação

Atua por ressonância vibratória do paciente com a aura do espírito enfermo. A enfermidade é induzida pela ação desorganizadora das energias do campo mental do espírito sobre o corpo vital (etérico) da criatura encarnada.

c) - Sintomatologia

Mal-estar ou qualquer doença que provoque dor no corpo astral da entidade, passa, por ressonância, para o paciente, causando-lhe desajustes físicos, psíquicos, ou ambos.

d) - Tratamento

Afastamento e tratamento adequado do espírito indutor. Educação mediúnica conveniente do paciente encarnado, (se for sensitivo e quiser trabalhar) acompanhada de orientação para desempenho equilibrado da missão mediúnica que lhe for mais conveniente.

e) - Prognóstico

É dos mais favoráveis. Depende, entretanto, do estado mental do paciente, sua carga kármica negativa e do ambiente em que vive.

Caso Ilustrativo

Paciente: E.L., casada, do lar, 33 anos, católica.

Tipo físico: ecto-endomórfico.

Data do atendimento: junho de 1972.

Paciente internada no Hospital Espírita de Porto Alegre com síndrome de esquizofrenia. Apresenta temores exagerados, medo de doenças e da morte, sensação de estar sendo seguida, angústia acentuada, confusão mental e, em consequência, típicas perturbações de conduta. Além do quadro mental, sofre de freqüentes crises de disfunção respiratória, seguidas de sinais clínicos de

Espírito / Matéria

perturbações circulatórias, com insuficiência cardíaca ao menor esforço, crises de taquicardia, dores precordiais, dispnéia etc. Momentos depois, os sinais desaparecem de forma inexplicável, complicando o diagnóstico.

O atendimento é feito à distância, pois E. L. apresenta grande agitação psicomotora e está fortemente sedada.

Desdobrada pela apometria, duas médiuns acompanham as equipes astrais e vão até a doente. Assim que chegam, vêem junto dela uma entidade muito agitada e em lastimável estado de sofrimento; tendo desencarnado em idade avançada, apresenta ainda os clássicos sinais de cardiopatia descompensada: intensa dispnéia e dificuldades na fala. Notam que se desloca de maneira muito penosa, pois fora obesa em excesso. Ainda não se deu conta de que desencarnou; pretende continuar dando ordens e gerenciando o lar. Clama que, naquela casa, ninguém mais a obedece e tampouco lhe ministram remédios, como antes faziam. Queixa-se de que tem vivido, de uns tempos para cá, com sua doença crônica progredindo mais e mais, a ponto de lhe limitar todos os movimentos.

Trazida ao nosso ambiente de trabalho e incorporada em um médium, a senhora recebe tratamento de urgência e em seguida é levada a ambiente de repouso, no astral. Sob comando, aplicamos-lhe também cargas magnéticas, elevando-lhe o padrão vibratório e projetando-lhe energias vitais. Livramo-la, assim, das faixas vibratórias enfermícias, reflexos do estado que a levava ao desencarne.

Mais calma, confiante e segura da melhora recebida, ela concorda em acompanhar os espíritos socorristas que nos assistem. E vai para o H.A.C. (Hospital Amor e Caridade, do astral, cujos médicos nos dão cobertura espiritual), para tratamento definitivo.

(A desventurada senhora nos revelou que fora genitora de E. L. e se sentia ainda responsável pelo bom andamento do lar. E. L. confirmou que sua mãe havia desencarnado há dois anos, por insuficiência cardíaca e com os mesmos sofrimentos com que se manifestara, durante a incorporação; sempre fora muito decidida, dominadora, tal qual se mostrara em espírito.)

Tratada a entidade perturbadora, fazemos o desdobramento apométrico de E. L., à distância, levando-a para o H.A.C. para tratamento especializado que a tire das pesadas faixas vibratórias do espírito indutor.

Discussão: Caso de indução espiritual pura. O espírito da mãe é o responsável pela enfermidade da filha. Aproximando-se, a mãe transmite, por ressonância vibratória, angústia e perturbação psíquica. Ao primeiro impacto desarmonizador, a mente da enferma cria formas mentais parasitas, geradas pelo temor ante o fenômeno estranho e repentino. Com o passar do tempo, o desajuste se acentua progressivamente, com agravamento do quadro mórbido e perturbação do equilíbrio psíquico e físico. Estava a um passo da desestruturação completa da personalidade.

Resultado: Afastada a causa da enfermidade e fechados os chakras, E. L. curou-se por completo.

Tempo de tratamento: 30 minutos.

Número de atendimentos: um único.

B - Pseudo-Obsessão

Este tipo de ação nefasta é mais comum entre encarnados, embora possa haver pseudo-obsessão entre desencarnados e encarnados. Trata-se de ação perturbadora em que o espírito agente

Espírito / Matéria

não deseja, deliberadamente, prejudicar o ser visado. É consequência da ação egoísta de uma criatura que faz de outra o objeto dos seus cuidados e a deseja ardentemente para si própria como propriedade sua. Exige que a outra obedeça cegamente às suas ordens desejando protegê-la, guiá-la e, com tais coerções, impede-a de se relacionar saudável e normalmente com seus semelhantes.

Acreditamos que o fenômeno não deve ser considerado obsessão propriamente dita. O agente não tem intuito de prejudicar o paciente. Acontece que, embora os motivos possam até ser nobres, a atuação resulta prejudicial; com o tempo, poderá transformar-se em verdadeira obsessão.

A pseudo-obsessão é muito comum em pessoas de personalidade forte, egoístas, dominadoras; que, muitas vezes, sujeitam a família à sua vontade tirânica. Ela aparece nas relações de casais, quando um dos cônjuges tenta exercer domínio absoluto sobre o outro. Caso clássico, por exemplo, é o do ciumento que cerceia de tal modo a liberdade do ser amado que, cego a tudo, termina por prejudicá-lo seriamente. Nesses casos, conforme a intensidade e continuidade do processo, pode se instalar a obsessão simples (obsessão de encarnado sobre encarnado).

C - Obsessão Propriamente Dita

"A obsessão é a ação persistente que um espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. "

Allan Kardec

"Obsessão - Do *lat.* *obsessionem*. Impertinência, perseguição, vexação. Preocupação com determinada idéia, que domina doentivamente o espírito, e resultante ou não de sentimentos recalcados; idéia fixa; mania."

Novo Dicionário - A. B. de Hollanda F.

Nossa definição: *É a ação nefasta e continuada de um espírito sobre outro, independentemente do estado de encarnado ou desencarnado em que se encontrem.*

A obsessão propriamente dita implica sempre ação consciente e volitiva, com objetivo bem nítido, visando fins e efeitos muito definidos; o obsessor quer e sabe muito bem o que está fazendo. Essa ação premeditada, planejada e posta em execução, por vezes, com esmero e sofisticação, constitui a grande causa das enfermidades psíquicas. Quando a obsessão se processa por imantação mental, a causa está, sempre, em alguma imperfeição moral da vítima (na encarnação presente ou nas anteriores), imperfeição que permite a ação influenciadora de espíritos malfazejos.

1. A avassaladora importância da obsessão

A obsessão é a enfermidade do século. Tão grande é o número de casos rotulados como disfunção cerebral ou psíquica (nos quais, na verdade, ela está presente) que podemos afirmar: fora as doenças causadas por distúrbios de natureza orgânica, como "traumatismo craniano, infecção, arteriosclerose e alguns raros casos de ressonância com o Passado (desta vida). Todas as enfermidades mentais são de natureza espiritual.

Espírito / Matéria

Causadora, portanto, da maioria das doenças mentais, a obsessão superlota hospitais psiquiátricos de todo o Planeta, onde vem desafiando, há séculos, terapêuticas científicas e brilhantes teorias de pesquisadores materialistas. Nem a penumbra dos gabinetes de psicanálise nem a terapia heróica do eletrochoque ou drogas psicotrópicas seletivas conseguiram resolver satisfatoriamente a patologia mental. Ao contrário, ela cresce nesses nossos dias de desajustes morais de toda a ordem, e uma nefasta nuvem de loucura paira sobre a Humanidade em boa parte desvairada, projetando sombra que também é atestado da impotência da Ciência no tratamento da alma. O fato demonstra., por outro lado, o clamoroso fracasso das religiões em sua missão de nos religar com nossas origens divinas.

Há, sem sombra de dúvida, um notário desconhecimento do Homem-Espírito, não só por parte de investigadores e cientistas como também de religiosos de todos os credos. Desconhecendo ou negando a realidade do espírito desencarnado, o modo como ele continua vivendo, seu habitat, problemas existenciais e, sobretudo, seu relacionamento com os homens e os desequilíbrios que provocam nestes, não há quem possa formular terapêutica eficaz. Todas as síndromes psicopatológicas descritas pela Medicina (sobremaneira restritas, se vistas no contexto da patologia geral) são reais. Mas a etiologia delas, na maioria dos casos, é totalmente diferente da que: descrevem os tratados.

Disso resulta óbvia a necessidade de um estudo sistemático, aberto e minucioso, deste velho problema médico. Urge, antes de mais nada, abolir preconceitos tanto científicos como religiosos, de modo a tratar os fenômenos de patologia psíquica com uma asséptica objetividade, racionalmente, sem misticismo, mesmo que se faça necessário admitir – como hipótese de trabalho - premissas e conceitos que tangenciam o campo que se estabeleceu como sendo "religioso".

2. Etiologia e tratamento

A maioria dos casos dessa síndrome é de desencarnados atuando sobre mortais. A etiologia das obsessões, todavia, é tão complexa quanto profunda, vinculando-se às dolorosas conseqüências de desvios morais em que encarnado e desencarnado trilharam caminhos da criminalidade franca ou dissimulada; ambos, portanto, devendo contas mais ou menos pesadas, por transgressões à grande Lei da Harmonia Cósmica. Passam a se encontrar, por isso, na condição de obsediado e obsessor, desarmonizados, antagonicos, sofrendo mutuamente os campos vibratórios adversos que eles próprios criaram.

No tratamento de qualquer obsessão impõe-se, portanto, como objetivo básico, HARMONIZAR obsessor e obsediado. Libertados ambos da situação opressiva. poderão se dispor e ressarcir o mal praticado (preparando-se, para isso, convenientemente).

Visando esta meta, o primeiro e necessário passo no atendimento do enfermo mental (melhor dizendo, espiritual) será fazer o diagnóstico com a maior precisão possível – como, aliás, em qualquer atendimento médico. Diagnóstico que, atentando às causas. envolverá também a pesquisa e conhecimento da extensão dos danos psíquicos resultantes da ação obsessiva, no que se deve empregar, sempre, atitude e métodos científicos.

A maioria das ações perniciosas de espíritos sobre encarnados implica todo um extenso processo a se desenrolar no Tempo e no Espaço, em que a atuação odiosa e pertinaz (causa da doença) nada mais é do que um contínuo fluxo de cobrança de mútuas dívidas, perpetuando o sofrimento de ambos os envolvidos. Perseguidores de ontem são vítimas hoje, em ajuste de contas interminável, mais trevoso do que dramático. Ambos, algoz e vítima atuais, estão atrasados na evolução espiritual. Tendo transgredido a Lei da Harmonia Cósmica e não compreendendo os

Espírito / Matéria

desígnios da Justiça Divina, avocam a si, nos atos de vingança, poder e responsabilidade que são de Deus. Desse modo, mais e mais os obsessores se desarmonizam (a vítima também, pois tornará a ser o obsessor que já foi, antes), a ponto de se tornarem dementes. É comum ver-se o enfermo mental (encarnado) presa de um vingador (desencarnado) em estado lastimável, tão ou mais doente que sua vítima. Estes laços de imantação pelo ódio se perpetuam, por vezes, pelos séculos afora.

3. Uma doença com raízes na Eternidade.

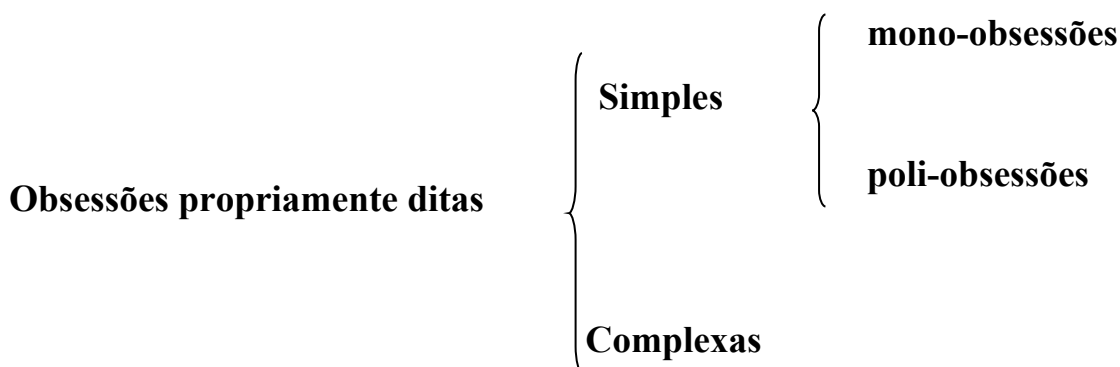
O chamado psicopata, como se vê, na realidade é um continuum espaço-temporal. Exemplificamos.

Atendendo um doente do Hospital Espírita de Porto Alegre, defrontamo-nos com doloroso caso de obsessão. Vítima e algoz se alternavam na perseguição mútua. Ora um, ora o outro encarnava. E aquele que encarnava sempre passava a sofrer a ação do inimigo que ficara no astral. Para encontrar o fio da meada foi preciso retroceder etapa por etapa a seis encarnações passadas. Tudo começara na alta Idade Média, quando um deles havia sido servo da gleba e sofrera sérios agravos por parte do outro, senhor feudal.

Tais contendores somente podem ser separados através da renovação no amor crístico e prática da vivência evangélica, pelo enfermo encarnado. Mas de um modo geral isso é muito difícil de acontecer, por razões bastante evidentes. Há, como já dissemos, um formidável desconhecimento do problema e do conjunto de fatos e condições que se equaciona e resulta na encarnação em tal ou qual ambiente, junto a pessoas determinadas, em tal Espaço e tal Tempo. Poucas são as pessoas (ainda!) que conhecem as causas deste tipo de sofrimento e os métodos evangélicos de tratá-lo - NICOS, por sinal, de real eficiência para debelar doenças como essas.

4. Obsessão simples e complexa

Para facilitar nossa exposição, dividiremos a obsessão propriamente dita em duas grandes ramificações: simples e complexas. Entre as simples, distinguiremos dois subgrupos: mono-obsessões e poli-obsessões.



Obsessão simples

Espírito / Matéria

A obsessão simples será mono-obsessão quando houver um único espírito agindo sobre outro. E poli-obsessão se forem vários os obsessores que atuam sobre uma mesma vítima.

A obsessão simples se caracteriza por ação maléfica que poderíamos chamar de superficial. O algoz atua através de simples sugestão, não empregando campos-de-força ou instrumentos mais sofisticados. Trata-se, quase sempre, de espontâneo fruto do ódio; o agente intenta prejudicar a vítima suggestionando-a através de idéias ou imagens. Não usa de maiores recursos para que isso se cristalice; a ação é limitada, em seus efeitos, pela força mental da indução.

Esses obsessores agem com os meios de que dispõem, sem maiores conhecimentos das leis do mundo espiritual. Procuram destruir o desafeto com paus, chicotes, cordas e instrumentos semelhantes, envolvem-no em amarras, laços, peias, sudários etc. As conseqüências destas agressões têm importância muito relativa, pois dependem das defesas naturais do obsediado, intensidade das energias empregadas pelos perseguidores e do tempo de atuação.

Na poli-obsessão, a ação produzida por vários obsessores (que agem quase sempre em grupo, e sincronicamente) é mais perigosa, pois há multiplicação de energias maléficas. Caso, no entanto, não se constate a implantação de aparelhos eletrônicos no sistema nervoso da vítima ou o emprego de meios sofisticados de causar danos irremediáveis, a poli-obsessão deve ser catalogada entre as do tipo simples.

Obsessão complexa

Como obsessão complexa consideramos todos os casos em que houver ação de magia negra; implantação de aparelhos parasitas; uso de campos-de-força dissociativos ou magnéticos de ação contínua, provocadores de desarmonias tissulares que dão origem a processos cancerosos. Campos-de-força permanente podem, também, inibir toda a criatividade das vítimas, ou desfazer projetos acalentados com o maior desvelo, principalmente os que geram dinheiro (levando as vítimas ao total empobrecimento). Complexos são igualmente, os casos em que técnicos das sombras fixam no obsediado espíritos em sofrimento atroz, visando parasitá-lo ou vampirizá-lo.

Vem sendo comum, em nossos atendimentos na Casa do Jardim, nos depararmos com pessoas aprisionadas em campos magnéticos que as envolvem em vibrações de baixíssima frequência. Esses pacientes se queixam de profundo mal-estar e sensação de opressão que, aumentando rápida e progressivamente, os levam a atitudes e idéia-fixa de auto-destruição, tão grande é o desespero que os aflige.

A técnica de cercar a vítima com vários tipos de obsessão configura outra característica da obsessão complexa. O enfermo se vê encurralado, indefeso, à mercê de inimigos e predadores desencarnados. Através de planejamento minucioso (plano de urdidura verdadeiramente diabólica, de "estado maior", executado com rigor militar), os técnicos do Mal investigam toda a vida da vítima, descobrem e "convocam" seus inimigos desencarnados (desde o passado mais remoto) para convidá-los à vingança e destruição de seu desafeto.

5. Magia negra

O pior tipo de obsessão, contudo, por todos os motivos complexa, é sem dúvida o que envolve a superlativamente nefasta magia negra. Ao nos depararmos com tais casos, de antemão sabemos: será necessário ministrar tratamento criterioso, etapa por etapa, para retirar os obsessores (que costumam ser muitos). Procedemos em seguida à desativação dos campos magnéticos que,

Espírito / Matéria

sem esta providência, ficariam atuando indefinidamente sobre a vítima. Isto é muito importante. Alertamos: a ação magnética só desaparece se desativada por ação externa em relação à pessoa, ou se o enfermo conseguir elevar seu padrão vibratório a um ponto tal que lhe permita livrar-se, por si próprio, da prisão magnética.

Os magos das trevas têm atuação bastante conhecida. Astuciosa. Dissimuladora. Diabólica.

Com tais criaturas, é preciso usar de técnicas específicas. Profissionais do Mal (no qual se especializaram), inteligentes e experimentados, esses magos fazem com que sejam de todo inoperantes as amorosas conversas de que se valem os trabalhadores em centros kardecistas. E não é para menos. Trata-se de seres que, com frequência, não reencarnam há séculos (quando não, milênios). Receberam avultados poderes magnéticos quando de suas iniciações, em templos do Passado; juraram solenemente empregá-los para o Bem, mas com o tempo, por imaturidade e complexas circunstâncias, acabaram decaindo. De magos puros, tomaram-se praticantes do Mal, apanhados em armadilhas de paixões sexuais, sede de vingança mesquinha ou cupidez de riqueza e poder; os conhecimentos e poderes adquiridos ficaram todos, assim, a serviço dos desígnios sinistros. A ação tenebrosa deles abarca o mundo dos humanos e também o astral, onde montam bases enormes e muito bem aparelhadas.

Para dominar um mago é preciso despojá-lo de seus poderes. Mas estes só podem ser anulados com a recondução do mago ao Passado, projetando-o em outra equação de Tempo. Só assim se torna possível desfazer sua Iniciação, utilizando, nisso, técnicas adequadas.

Uma vez despojados dos poderes iniciáticos, o passo seguinte será a redução de sua potência mental. Se isso não for feito, as chances de dominá-lo serão reduzidíssimas. Para conseguir esta redução usamos várias técnicas de comprovada eficácia, aplicadas de acordo com o poder e conhecimentos do mago. Depois disso - e só depois - chegamos à providência mais importante: abrir a rota da reencarnação para esses espíritos - reencarnação que eles conseguem evitar, usando seu potente magnetismo mental. (Encontramos alguns que não reencarnam desde sua última existência na Caldéia, Egito antigo ... e mesmo antes).

Embora a mansidão com que esses espíritos às vezes se apresentam, é preciso não se deixar embair pelas aparências - que na verdade escondem a segurança de se saberem poderosos e muito hábeis na prática do Mal. Eles costumam resistir não só a dialética evangelizadora como também a ação dos campos magnéticos de contenção, que costumamos usar para espíritos comuns. Magos só podem ser vencidos por campos-de-força especiais, de energia magnética concentrada.

Diante das dificuldades, ciladas, camuflagens, despistamentos e ardis com que certamente se há de defrontar em se tratando de magos, aconselhamos aos principiantes a não interferir em casos de magia negra, ou naqueles em que o processo obsessivo é comandado por magos das trevas. Para enfrentá-los, o operador deve ter conhecimento e suficiente experiência de técnicas de contenção, além do poder e proteção espiritual bastantes para enfrentá-los. Nunca se poderá esquecer de que, ao longo de séculos, eles vêm se preparando - e muito bem - para neutralizar as ações contra eles, e, se possível, revertê-las contra quem tentar neutralizá-los.

Casos Ilustrativos

1. Obsessão simples

Paciente: I. V. F., sexo feminino, branca, casada, do lar.

Idade: 28 anos

Espírito / Matéria

Data do atendimento: 22.03.72

I. V. F. se encontra no final do sexto mês de gestação, profundamente angustiada. Já não tem esperança de ter filhos. Perdeu seis gestações consecutivas por aborto espontâneo, apesar de rigorosos tratamentos a que se submeteu, com longos períodos de internações hospitalares. O desenlace sempre ocorre quando a gestação vai chegando ao sexto mês, o que torna particularmente dramáticos os dias que a paciente está vivendo. Tem crises de insônia. Nervosismo exagerado. Emotividade em descontrole.

Exame

Desdobrada pela apometria e conduzida para o H.A.C., nossos colegas desencarnados constatam que a enferma se encontra bastante depauperada, anêmica até. Os continuados abortos terminaram por enfraquecê-la. A frustração de ser mãe minou-lhe o sistema nervoso, tornando-a neurótica.

Os médicos desencarnados dizem que a problemática é, toda ela, espiritual. Há um espírito inferior (pelos seus sentimentos) interferindo maleficamente na vida de I. V. F.. As implicações kármicas são muito sérias. Na vida anterior, o atual obsessor era seu esposo, mas egoísta e dominador, sobremaneira ciumento e cioso do afeto da esposa. A tais extremos foi levado por sua volúpia de posse que induziu a mulher a praticar vários abortos, para evitar que os filhos lhe roubassem o carinho que sua amada lhe prodigalizava. A esposa concordara com o crime, endividando-se os dois perante a Lei da Harmonia Cósmica.

Tratamento

Tratamos do obsessor, em primeiro lugar.

Ele está muito revoltado, não aceita o fato da esposa, agora reencarnada, ter-se casado com outro. Todas as atuais gestações foram interrompidas por ele, com ódio que é também frustração e vingança.

Doutrinado, conduzimo-lo ao H.A.C. Está perto da demência: não consegue compreender que, pela crueldade de seus atos, mais e mais se separa da antiga esposa. No H.A.C. será preparado para reencarnar. Segundo nos foi informado, deverá animar um corpo oligofrênico, por causa de seu vício.

I. V. F., em seguida, passa a ser tratada pelos médicos desencarnados, visando, sobretudo, a normalidade da gestação. Orientam-na, também, para que cultive pensamentos positivos, alegres, sadios, a fim de se tornar mais receptiva e ter condições físicas e psíquicas para ser mãe.

Discussão do Caso

Caso típico de mono-obsessão, obsessão simples.

O obsessor aplica seu ódio não somente à antiga esposa mas, principalmente, ao filho dela, em gestação. Atingindo a mulher de maneira indireta, pode feri-la a fundo em seu afeto de mãe, ao mesmo tempo que cria ao redor dela uma atmosfera espiritual altamente negativa e muito conturbada. Conseguiu interferir no nascimento das crianças justamente por causa do

Espírito / Matéria

endividamento kármico da mãe, sua cúmplice nos abortos da existência anterior. Sem proteção espiritual suficiente para se defender das investidas do obsessivo, a vítima também não possui padrão vibratório elevado (que possa imunizá-la dos ataques maléficos).

A gênese do quadro clínico está, desde modo, elucidada. Agravando o natural enfraquecimento psíquico da enferma, notamos a incidência de uma segunda síndrome psicopatológica: as correntes mentais parasitas auto-induzidas. Tais correntes são criadas, alimentadas e mantidas pelo próprio paciente através do fantasma do medo, das criações mentais derrotistas, suposições sombrias, deduções absurdas, etc.

Tempo de atendimento: 40 minutos.

Número de sessões: três, a intervalos de vinte dias.

Resultado: Conseguiu levar a gestação a termo. De parto normal, nasceu-lhe linda menina. Teve outro parto normal, dois anos depois.

2. Obsessão complexa

Paciente: J. D., sexo feminino, solteira, branca.

Idade: 35 anos.

Residência: São Paulo (SP)

Data do atendimento, A distância: 20.11.84.

Há vinte dias J. D. praticou tentativa de suicídio ao atirar-se do sexto andar de um edifício, em crise de profunda perturbação mental. Há oito meses vem tendo surtos de angústia, confusão mental, insônia rebelde e desejo de morrer, quadro que, ultimamente, começa a se agravar. De neurose (diagnosticada pelos médicos), a síndrome psicopatológica evolui para a psicose franca, que resiste a toda terapêutica psicológica e psiquiátrica.

A paciente sempre teve temperamento de características esquizóides: ensimesmada, retraída, quase enfermiça em suas manifestações temperamentais, sempre temerosa. Aos olhos dos médicos, o foco da angústia atual reside nas frustrações da área afetiva: o noivo de J. D., parece, passara a inclinar-se por outra moça.

A queda do sexto andar seria o fim de tudo. Mas J. D. não morreu. Por sorte incrível, sofreu apenas fraturas pequenas, sem importância; nem mesmo se detectou qualquer traumatismo craniano. Ficou, no entanto, em surto psicótico agudo, praticamente inconsciente, presa de agitação psicomotora tão intensa que obriga os médicos a sedá-la fortemente. Hospitalizada desde o evento nefasto, o prognóstico clínico-psiquiátrico se apresenta sombrio.

Estas são as condições da doente quando familiares dela nos procuram, apelando para a terapêutica espírita (que desconheciam), em grau de último recurso.

A enferma é atendida à distância, estando presente um dos familiares.

Aberta a frequência vibratória de J. D., dois obsessores logo se apresentam, trazidos pelo poderoso campo-de-força estabelecido. Reconhecemo-lo como exus, pelo estado animalesco. Vestem molambos fétidos, têm cabelos compridos e desgrehados, pele grossa e suja, mãos enormes e peludas, unhas aduncas, pernas curtas e tortas. Falam por monossílabos acompanhados de grunhidos.

Estamos ante mais um caso de magia negra. Os exus são desencarnados degradados espiritualmente, seja por causa da prolongada estagnação em faixas primárias de consciência, seja

Espírito / Matéria

pela renitente prática do Mal. Em consequência, seus corpos astrais refletem toda essa negatividade através de monstruosas deformações corporais.

Sob o ponto de vista da enferma, o problema se complica. A magia negra envolve não somente seres primários de todos os níveis evolutivos (como omululus, que se alimentam. Das energias de proteínas em decomposição, nos cemitérios; exus, executantes .de maldades; etc.) mas também os mandantes supremos, desencarnados. Como se isso não bastasse, há também campos-de-força magnéticos, que geralmente são intensos e de baixa frequência. Convém repetir que esses campos-de-força agem mecanicamente sobre a vítima, e por tempo indeterminado; baixando-lhe o tônus vibratório, causam mal-estar intenso, angústia, desassossego etc. (Agem mecanicamente, afirmamos. Isto quer dizer que atuam independente de qualquer ato de vontade, do mesmo modo que uma barra de ferro atrai ou repele limalhas.)

Tratamento

Começamos o tratamento cuidando dos exus, pois sempre que se consegue atraí-los para nossa causa eles ajudam a desmanchar a feitiçaria (conforme já explicamos em detalhes, em outros casos).

Projetamos energias para limpeza de seus corpos; para vesti-los; para aparar-lhes as unhas, os cabelos e, por fim, assumirem forma humana mais compatível com a dignidade natural das criaturas.

Eles se sentem mais aliviados com a transformação benéfica, mais leves, esperançosos em finalmente escapar do longo cativeiro em que vivem. Concordam, por isso, em trabalhar conosco, apesar do temor que ainda demonstram em relação a seus chefes, nas Trevas.

Revelam-nos, então, que a vítima sofreu dois terríveis trabalhos de magia, renovados todas as semanas, às sextas-feiras. Um deles, trabalho de cemitério, tem a finalidade de levá-la ao túmulo; outro, feito em sete encruzilhadas, objetiva enlouquecê-la. (O que, aliás, quase conseguiram; se não houve o desejado desenlace, a paciente perdera a razão.)" Cuidamos primeiro do trabalho no cemitério.

Em cova recentemente aberta, há um cadáver em adiantado estado de decomposição, com o crânio fendido e, dentro, um pequeno papel encerado, com o nome da paciente. Junto ao corpo está um boneco com um grande estilete preto cravado na cabeça; perto, alguns objetos de uso da paciente, muitos fragmentos de roupas e um par de meias dela, além de seu retrato, fitas coloridas, velas etc. Percebemos tudo à distância, por vidência. (Com a técnica que usamos, os trabalhos de "desmancho" são feitos totalmente à distância, no plano astral). Todas essas coisas foram retiradas, juntadas, e imediatamente queimadas por uma das entidades, enquanto a outra observava e orientava.

Dirigimo-nos, em seguida, para as encruzilhadas. Junto às oferendas se encontram inúmeras entidades de baixo padrão vibratório.

A primeira oferenda, a "Bará" (que domina o "povo da rua"), está rodeada por chusma de entidades que, depois de fruir os presentes recebidos, voltarão a atormentar a enferma, assediando-a constantemente. Desfazemos as oferendas e recolhemos, em poderoso campo-de-força, aqueles desencarnados que perambulam ao léu.

Vamos desfazendo as oferendas, diferentes umas das outras, dedicadas às sete linhas.

Espírito / Matéria

Na terceira, porém, surge diante de nós um mago negro que nos enfrenta, agressivo e ameaçador. Grita. Não quer que toquemos em "seu trabalho". Conduzimo-lo a outra equação de Tempo, para tratá-lo. Nesse mergulho em seu Passado remoto, vamos ao templo em que recebeu a consagração (o mago é, sempre, um antigo iniciado). Ali retiramos-lhe todos os poderes, desfazendo todos os efeitos do cerimonial da antiga iniciação. De volta ao presente, o mago está inerte. E, neste estado, é conduzido para estâncias de recuperação espiritual, enquanto seus seguidores são recolhidos em campos-de-força.

Na sexta encruzilhada, repetimos o mesmo processo; por sinal, ela está dominada por outro mago negro.

Concluída a limpeza mais importante, vamos até o hospital onde se encontra a enferma e também à residência dela, limpando esses lugares, retirando todos os objetos (astrais) magnetizados negativamente. Afastamos inúmeros guardas das Trevas postados nestes ambientes, e desativamos as duas bases, sedes do comando dos magos. A paciente, assim, foi libertada da ação negativa mais imediata.

Revelações, dados e fatos percebidos durante o atendimento já nos permitem, nesta altura, um exame mais claro do caso. Ninguém sofre sem causa; colhe-se, e na justa medida, aquilo que se plantou.

No Passado distante, I. D. fora companheira de atividade menos digna de um dos dois magos; maga ela também, portanto, com desvios morais muito sérios, traíra os votos iniciáticos em comunidade "branca". Com o correr do tempo, e talvez por não ter sido perversa em demasia, teve a graça de reencarnar, a fim de continuar sua evolução. Como sempre acontece em tais casos, porém, passou a sofrer o assédio de seus antigos companheiros, que desejavam impedi-la de progredir espiritualmente, julgando-a trãsfuga. Com a carga negativa de recente trabalho de magia (em que uma mulher, invejosa e interessada em roubar-lhe o noivo, tentava destruí-la), os amigos do Passado aproveitaram a baixa frequência da atuação nefasta para agravar ainda mais sua situação.

Como se vê, a complexidade da ação invisível estava desafiando todas as tentativas de cura por parte das pessoas de boa vontade que, muitas vezes, assistiam a moça ministrando-lhe passes. Foi necessária uma ação mais enérgica e profunda, em que nos valem de procedimentos magnéticos mais atuantes, aliados a práticas de magia branca.

Resultado: A paciente ficou em observação. As últimas notícias que tivemos foram de que se acalmara bastante, tanto que já retornara ao lar.

Observação: Enfermos do espírito, tais pacientes devem receber longo tratamento de passes magnéticos e água magnetizada. Isso, porém, constituirá mero complemento à urgente e dedicada vivência do Evangelho: na renovação espiritual está o fator básico da cura - que do espírito passa à carne.

3. Obsessão Complexa

Paciente: D.A. B., cor branca, sexo masculino, casado, comerciante.

Idade: 65 anos

Data do atendimento: 17.10.85 - à distância

Espírito / Matéria

Emagrece constantemente desde há cerca de 12 meses. Tosse seca, renitente. Dores torácicas, mais acentuadas à esquerda. Fraqueza generalizada. Temperatura aumenta levemente, à tarde. Um médico lhe receitou medicação antitussígena enquanto aguardava o resultado de exames especializados. Os exames indicaram que as constantes perdas sanguíneas não pareciam provocar alterações significativas, que só apareceram no hemograma: a velocidade de sedimentação globular estava acima de 70 mm na primeira hora. Foi o exame radiológico que mostrou formação tumoral no lobo inferior do pulmão esquerdo, com a pleura já envolvida por sinais metastáticos. Durante os exames, D.A.B., prostático antigo, foi submetido a prostactetomia: reagiu bem. Biópsia por punção pleural mostrou a presença de adenocarcinoma. Foi imediatamente iniciado tratamento quimioterápico que apenas freou o desenvolvimento do tumor. Por causa das insuportáveis dores torácicas, foi feito o bloqueio das radículas nervosas, por etanol. Após recente pneumonia, D.A.B. piorou. Sente astenia de novo. E emagrece mais rapidamente.

Dados psicológicos

Nítidos traços de neurose, notados desde a juventude. Temperamento depressivo, ansioso, irrequieto, descontente com a vida - quadro que se agravou com a doença. Insônia rebelde, também agravada. As atuais condições de saúde influem negativamente em seu caráter, fazendo do paciente uma pessoa de convivência difícil, quase insuportável. Deblatera contra tudo e todos. Queixa-se, acusa os familiares de serem causadores de sua desdita. A família toda, em consequência, vive constante mal-estar de uma neurose que se tomou coletiva.

Tratamento

O atendimento é feito à distância, sem conhecermos o enfermo.

Tão logo lhe abrimos a frequência vibratória, o espírito do próprio D.A.B. incorpora em uma das médiuns, trazido pelas equipes de socorro que nos assistem. Ele se mostra angustiado. Com pavor, diz que não vai permitir que lhe façam nova cirurgia.

(Em nossos trabalhos, é fato comum a incorporação de espíritos de encarnados. Uns vêm sem que os esperemos, como no caso em foco, trazidos para tratamento. Outros chegam espontaneamente, por sua própria vontade; em geral são magos negros em atuação obsessiva; outros, nós os desdobramos à distância, por apometria, e em campos-de-força os trazemos, para tratamento.) Aplicamos em D.A.B. energias calmantes. Sossegamo-lo. Afirmamos-lhe que não será mais operado etc. Conduzimo-lo, em seguida, de volta ao seu corpo, reacoplando-o firmemente, ao mesmo tempo que reativamos todos os seus chakras.

Mas enquanto o enfermo está presente, incorpora em outra médium um obsessor desencarnado, técnico das trevas. Diz-nos que foi contratado para matar, por velhos inimigos de D.A.B. Desde muito tempo esses desafetos perseguiram e obsedaram; chegaram a perturbar intensamente a vida de sua vítima, mas não haviam conseguido o que mais desejavam: matá-la. Com os conhecimentos e ação do técnico contratado, pretendem alcançar o êxito tão desejado.

Tudo foi facilitado porque nesta existência, e de forma inesperada, D.A.B. recebeu intensa carga de magia negra, encomendada por pessoa interessada em prejudicá-la nos negócios. Essa energia dissociativa e de baixo padrão magnético foi explorada habilmente pelo técnico, que a concentrou em área escolhida e previamente delimitada do pulmão, explorando a irritação química provocada pelo fumo. A ação maléfica encontrou campo favorável também na situação kármica da

Espírito / Matéria

vítima. No passado, D.A.B., poderoso, foi impiedosamente cruel para com seres impotentes; suas vítimas continuam querendo vingança e cobram-lhe pesadas contas.

As energias dissociativas alteraram o equilíbrio tissular, levando algumas células a se tornarem independentes. A reversão desse processo quase sempre é impossível: as células independentes se reproduzem e está instalado o câncer.

Magia Negra

Constatada a magia negra, tratamos de capturar um dos magos responsáveis. (Capturar: esses espíritos fogem do contato com operadores do Bem, temendo interferências que os perturbem ou anulem). Conseguimos atrair; em campos-de-força triangulares, uma entidade que fora designada para cuidar do "trabalho" contra a vítima.

Dentro do putrefato tórax de um cadáver de homem recentemente falecido de câncer, o nome de D.A.B. estava enfiado, escrito em papel encoberto por parafina. Junto havia também um boneco, uma fotografia da vítima, velas, roupas, etc.

Desintegramos tudo, no astral, com luz cósmica.

O técnico das trevas assiste tudo e se mostra admirado. Faz comentários sobre o "nosso" poder de destruir trabalho tão bem feito. Explicamos-lhe que o poder é de Deus; nós apenas procuramos tratar dos enfermos, aliviando-lhes o sofrimento. Durante este diálogo e aproveitando o manancial de energia posto à nossa disposição pelo Mundo Maior, localizamos o laboratório de nosso interlocutor. Está numa base, no astral inferior. Destruímos-la por completo.

Ante tais demonstrações, o técnico resolve colaborar conosco. Passa a retirar tudo que de maléfico existe sobre o enfermo, limpa-o inteiramente das muitas e pequenas metástases disseminadas pelo corpo. Para facilitar-lhe o trabalho, aplicamos a dialimetria. Tudo terminado, conduzimos a entidade a instituição do astral, para recuperação.

Resultado: Fomos informados de que o paciente apresentou sensíveis melhoras. Ficou em observação, para atendimento futuro. Do caso, no entanto, não tivemos mais notícias.

4. Obsessão complexa

Paciente: M. A., sexo feminino, branca, solteira.

Idade: 45 anos

Data do atendimento: 10.09.84.

Tumor no seio direito, desde há 18 meses. Formação neoplásica maligna: submeteu-se à mastectomia. Radioterapia e quimioterapia intensiva. Apesar disso, metástase no olho direito, com perda da visão. Estado atual: franca invasão metastática, embora a quimioterapia. Emagrecimento progressivo, cor terrosa e insuportável astenia mostram a gravidade do caso.

Tratamento

Espírito / Matéria

Aberta a frequência vibratória da paciente, constatamos tratar-se de magia negra. Um exu cuida do trabalho junto a M. A.

Magos negros trouxeram das profundezas do planeta material magnético de irradiação muito potente, de baixíssimo nível vibratório - absolutamente incompatível com a Vida, pelo menos como se conhece.

A limpeza transcorre tal como descrevemos em casos anteriores. Tratamos levadas de espíritos inferiores ligados à magia e também inúmeros outros, sofrendores, a maioria mutilados por M. A. em encarnações anteriores, senhora toda-poderosa que fora. Pelo abuso cometido contra esses seres, granjeou maldições e ódios concentrados. Ao reencarnar, trouxe um lastro barônico de magnetismo denso, o que a tornou vulnerável ao ataque muito bem planejado pelos técnicos das trevas. Ressalte-se que a ação maléfica teve sucesso apesar de M. A. ter conduta atual irrepreensível, e atuar como médium em centro espírita.

Resultado:

Em observação, com melhoras no estado geral. Marcado atendimento para daí a 15 dias, não compareceu. Não tivemos mais notícias do caso.

5. Obsessão complexa

Paciente: M. P., cor branca, sexo masculino, casado. Internado na U.T.I. do Hospital Santa Rita, de Porto Alegre: cirurgia de pulmão por câncer em fase invasora.

Idade: 56 anos.

Data do atendimento: 27.11.84, à distancia.

Há cerca de dois anos começou a sentir cansaço, mal-estar, forte astenia, perda de apetite. Agravava-se, também, uma tosse que incomodava desde há algum tempo - atribuída ao fumo, de que abusava. Consultou um médico. Radiologicamente, foi constatado extenso processo neoplásico no pulmão direito, de características malignas. Broncoscopia e exame citológico do exsudato brônquico confirmam: carcinoma. Submete-se a ressecção de toda a área pulmonar comprometida. Biópsia comprova: carcinoma. Com a cirurgia, melhora bastante. Durante seis meses nada sente. Há cinco meses, porém, surgiu amplo processo metastático, com comprometimento do pulmão esquerdo. Os exames revelaram tratar-se do mesmo tumor.

Atualmente, M. P. está em fase final de vida. Tem a cicatriz da toracotomia aberta, sente dores generalizadas, intenso mal-estar. Agitação psíquica: sabe da gravidade do seu estado, mas não admite a morte.

Tratamento

Assim que abrimos a frequência vibratória do paciente, apresentam-se dois espíritos. Eles estão encarregados de guardar dois trabalhos de magia, e vão logo dizendo que de nada adiantará nosso esforço em benefício de M. P., pois é certo que ele há de morrer: os trabalhos foram feitos com todo cuidado e repetidos periodicamente, em dias convenientes.

Espírito / Matéria

Sintonizamos os dois com o sofrimento de M. P., ameaçando deixá-los neste estado para sempre. Eles informam, então, que o dono dos trabalhos é uma criatura terrível, com grande conhecimento de magia e muito cruel. Dizem-se temerosos do que lhes poderá acontecer por estarem revelando "segredos profissionais". Chegam a revelar onde se encontra o trabalho, mas se recusam peremptoriamente a retirar os objetos imantados maleficamente. Notamos que se trata de profissionais do Mal. Ameaçamos prendê-los no corpo de M. P., de modo a serem sepultados com ele. E o fazemos, efetivamente. Presos no corpo doente, sentindo todo o horror do sofrimento, são tomados de desespero ante a perspectiva de serem sepultados. Suplicam então, em prantos, que os livremos da terrível situação. Prometem que farão tudo que lhes ordenarmos.

Assim, embora a contragosto, os guardas mudam de lado, e de agentes do Mal passam a operadores do Bem: Vigíados por médiuns desdobrados, começam a levantar o trabalho de cemitério. Em cadáver de homem falecido de câncer, estão enfiados vinte e sete papéis com o nome de M. P. (correspondentes a 27 sessões de magia). Junto, pedaços de roupas da vítima, um boneco com um cravo de aço trespassando o abdome, velas negras e fitas coloridas.

Queimamos tudo, no astral, pela projeção de fortes jatos de energia cósmica.

Os guardas desmancham também outro trabalho. No mato, em buraco no chão, coberto por pedra, um sapo ainda vivo tem a boca costurada; dentro dela há um papel com o nome de M. P. Retiramos o papel. O sapo é libertado.

Para terminar, transportamo-nos (desdobrados) à casa do enfermo. Capturamos, ali, mais três guardas dos Trevas, que vigiavam para que não houvesse interferência nos trabalhos de magia. Com outras entidades de Umbanda que nos assistem, alguns queridos pretos-velhos fazem uma limpeza em regra em toda a residência.

Entrementes, o mago negro se apresenta voluntariamente, Iracundo, o chefe do bando impreca contra nossa intromissão em seu trabalho, ameaça céus e terra.

Colocamo-lo imediatamente em outra equação de tempo. Conduzido ao Passado, desfazemos sua iniciação de templo e, com ela, todo seu poder. De volta, é encaminhado a enfermaria especializada do H.A.C., para se examinar suas possibilidades de recuperação.

Tratada a parte espiritual, passamos a segunda fase do atendimento, isto é, o atendimento médico propriamente dito: tratamento dos corpos astral e físico do paciente. (Sem a limpeza prévia dos campos de magia, de nada adiantam os esforços e trabalhos de cura.)

Projetamos raios na frequência verde, esterilizando o ambiente e livrando-o de qualquer tipo de larvas astrais. Aplicamos a dialimetria e retiramos do corpo etérico as células anômalas de que se constitui o tumor. Cauterizamos toda a área afetada, com energia cósmica.

Deixamos M. P. renovado, na dimensão astral. A recuperação passa a depender do merecimento dele próprio, da misericórdia divina e das condições biológicas, profundamente afetadas pela desarmonização sofrida.

Resultado: Repetido o tratamento após 15 dias, não mais tivemos notícias do caso.

*

Tivemos de descer a algumas minúcias na descrição dos tratamentos, visando bem esclarecer a todos os interessados em auxiliar e curar enfermos. Para atuar e produzir efeitos no mundo astral, como se vê, é preciso projetar energias. E, isso, sempre se consegue através de emissão de pulsos - por simples contagem.

D - Tipos de Ação Obsessiva

a) - Ação de desencarnado sobre desencarnado

No mundo espiritual, principalmente em zonas inferiores do Umbral, proliferam grandes colônias organizadas por poderosos magos das Trevas. Eles aprisionam grande número de criaturas desencarnadas, tomando-as escravas, em típica obsessão. Pela assombrosa quantidade de prisioneiros nessas condições, como temos visto em nossos trabalhos espirituais, acreditamos que a obsessão entre desencarnados seja a que mais vítimas faz, no Planeta.

Quando da destruição de colônias e bases dirigidas pelas Trevas, é necessário, antes, resgatar os escravos. Para tanto, convém mobilizar suficiente número de auxiliares desencarnados e formar poderosos campos-de-força magnéticos, para neutralizar a guarda dessas tenebrosas organizações.

b) - Ação de desencarnado sobre encarnado

É a obsessão clássica. A ação maléfica se produz por diversas maneiras, indo desde a pequena influencição, passageira e eventual, até a submissão completa do obsediado ao desencarnado.

Variam enormemente os processos obsessivos. Mas, pelo que temos observado, a dominância talvez pertença à magia negra, com todas as suas temíveis conseqüências. Merece menção especial a aplicação de aparelhos eletrônicos e/ou parasitas no sistema nervoso da vítima. Esse processo obsessivo implica conhecimentos especializados e, por vezes, grande sofisticação técnica.

c) - Ação de encarnado sobre desencarnado.

Estranha, aparentemente, é a obsessão de um mortal sobre espírito desencarnado. Parece paradoxal que um homem possa agir sobre um espírito. No entanto, isso acontece mais freqüentemente do que se imagina, demonstrando que os universos dos vivos e o dos mortos estão interligados.

Como a mente do homem encarnado vibra sempre no universo espiritual, meio onde o Espírito vive constantemente (encarnado ou não), torna-se fácil esse intercâmbio. Durante o sono, em especial, o encarnado pode desprender-se da Matéria e viver, ainda que temporariamente, no mundo espiritual. Acontece, desse modo, o maior comércio entre vivos e mortos, com intercâmbio de sensações físicas e até mesmo sexuais.

É grande o número de obsessões deste tipo, em nossa experiência.

Certa vez, ao atendermos uma senhora, defrontamo-nos com espírito sobremaneira irrequieto e desesperado. Pensando tratar-se de obsessão comum, tentamos convencê-lo a abandonar aquela que, julgávamos, era a vítima. Para nossa surpresa, ele nos fez uma súplica:

- Olha, se conseguires me livrar dessa mulher, vou te agradecer muito. Já vi que, sozinho, não tenho condições de me afastar dela. Olha que já fiz de tudo. Mas não posso, não consigo me afastar dela!

Espírito / Matéria

- Mas como podes estar subjugado assim, meu caro, se és espírito, com imensa possibilidade de seguir teu caminho em paz?

- Ah! É porque não conheces o poder dessa bruxa. Na vida anterior, ela conseguiu prender-me num casamento desastroso para mim, tanto econômica como moralmente. Quando morri, pensei que haveria de me libertar dela. Mas que nada! Um belo dia, fui violentamente atraído para junto dela. E nunca mais pude me libertar. Durante o sono ela sempre me chama. Mais do que isso: ela me puxa com força irresistível. liberta-me dela, pelo amor de Deus!

O espírito foi atendido. Libertamo-lo e o conduzimos a estância de recuperação. Estudo mais profundo da paciente encarnada revelou que ela fora maga em passado remoto. Vendera oráculos e filtros mágicos, para encantamentos; praticara magia negra. Sofria, agora, perturbações psíquicas e espirituais, com várias entidades lhe pedindo contas dos atos passados. O espírito que ela havia dominado fora seu antigo comparsa; em encarnação anterior casara-se com ela sob efeito de trabalho de magia que ainda permanecia atuante.

d) - Ação de encarnado sobre encarnado.

A obsessão também é bastante comum entre os vivos. Todos nós conhecemos criaturas dominadoras, prepotentes e egoístas, que comandam toda uma família, obrigando todos a fazerem exclusivamente o que elas querem. Tal processo de domínio, interferindo até mesmo na afetividade alheia, não passa de obsessão que se mascara de proteção. Tão pertinaz (e ao mesmo tempo descabida) pode se tornar esta ação, que, sucedendo a morte do déspota, todas as vítimas de sua convivência às vezes chegam a respirar, aliviadas. No entanto, o processo obsessivo há de continuar, pois a perda do corpo físico não transforma o obsessor.

Felizmente, esta atuação de encarnado sobre encarnado raramente ultrapassa os limites da obsessão simples.

e) - Obsessão recíproca

Caracteriza-se pela reação do obsediado ao obsessor. Quando a vítima tem condições mentais, esboça defesa ativa: procura agredir o agressor na mesma proporção em que é agredida. Estabelece-se, assim, círculo vicioso de imantação por ódio mútuo, difícil de ser anulado.

Em menor ou maior intensidade, essas agressões recíprocas aparecem em quase todos os tipos de obsessão; são eventuais (sem características que as tornem perenes), surgindo conforme circunstâncias e fases existenciais, podendo ser concomitantes a determinados acontecimentos. Apesar de apresentarem, às vezes, intensa imantação negativa, esses processos de mútua influência constituem obsessão simples. Quando a obsessão recíproca acontece entre desencarnado e encarnado é porque o encarnado tem personalidade muito forte, grande força mental e muita coragem, pois enfrenta o espírito em condições de igualdade. No estado de vigília, a pessoa viva normalmente não sabe o drama que está vivendo. É durante o sono - e desdobrada - que passa a ter condições de enfrentar e agredir o contendor.

Espírito / Matéria

E - Tipos de Obsessão

a) - Ação eventual, transitória, de desencarnado sobre encarnado

Espíritos erráticos (como, por exemplo, as maltas de galhofeiros e todos os irresponsáveis que vivem parasitando o psiquismo de encarnados invigilantes) aproximam-se de um sensitivo e, durante algum tempo, mais por puro divertimento do que por maldade deliberada, iniciam processo de obsessão simples, sugando energias vitais de que são carentes. Para se divertir, induzem a criatura visada, por vezes, a tomar atitudes estranhas, agressivas ou radicais, contra familiares ou companheiros de trabalho. Em outras ocasiões, conseguem mudar a opinião da vítima a respeito de assuntos, sérios, importantes, prejudicando-lhe o rendimento profissional. Mas é nos assuntos triviais e corriqueiros, do quotidiano de suas vítimas, que esses espíritos mais atuam, perturbando e produzindo ansiedades, sem provocar maiores males ou danos. É comum, por exemplo, induzirem as pessoas a se tomarem fanáticas por política ou por coisas mais banais, como futebol, novelas de tevê etc.

Essa hetero-obsessão se toma mais séria quando seus irresponsáveis agentes conseguem interferir em trabalhos intelectuais, tanto mais se o obsediado for médium (atuante ou não) e estiver captando mensagens escritas. Com muita habilidade e admirável perícia, eles conseguem introduzir nos textos erros sutis, conclusões bombásticas mas ocas, fraseado pomposo mas sem substância, incompatíveis com o nível geral da obra e até mesmo com a intelectualidade do médium. Quase sempre são pequenas falhas que passam despercebidas pelos revisores e pelo próprio médium escritor; elas causam confusões, maculam a obra, prejudicam-lhe a credibilidade e têm por objetivo invalidá-la através da ação dos críticos profissionais ou leitores exigentes.

Vê-se, também por isso, que o "orai e vigiai" tem importância crucial no trabalho mediúnico. O médium deve ter o máximo cuidado em evitar entusiasmos exagerados, agressivo desprezo às opiniões contrárias e, sobretudo, as mil faces do orgulho. Por essas frestas os obsessores penetram, atuam, e terminam por estabelecer uma espécie de associação com o pobre invigilante. A sutileza destes processos obsessivos, se bem observada, já deveria levar-nos à luminosa conscientização do mero papel de intermediários, com a conseqüente humildade. Mas dessa postura o médium pode ser afastado até mesmo quando, inflado por sentimento de "justiça", passa a agredir eventuais detratores. Sua frequência vibratória, em se rebaixando, transforma-o em presa fácil dos espíritos daninhos.

b) - Obsessão propriamente dita

Já abordamos ao tratar das obsessões em geral.

Trata-se da obsessão clássica, em que desencarnado perturba encarnado por todos os meios que possa, visando vingar-se. Processo bem conhecido, essa patologia psíquica foi bastante estudada por investigadores do moderno espiritismo, a começar pelo próprio Allan Kardec.

O tratamento é difícil, quase sempre. Os problemas afetivos dos contendores levaram-nos a estados aberrantes de consciência, de tal modo foram se enraizando no ódio e na violência, com constância que chega a se medir em séculos.

Se obsessão simples (e se o obsessor não for um régulo das Trevas) será possível movê-lo por doutrinação amorável, calma e objetiva. Não haverá necessidade de agredi-lo com críticas contundentes. Observa-se, com frequência, que o obsessor não é totalmente mau e já se cansou da

Espírito / Matéria

perseguição. Toma-se fácil esclarecê-lo e conduzi-lo a outro estágio evolutivo: bastará mostrar-lhe seu próprio passado e, nele, os acontecimentos que são as causas mais remotas do sofrimento dele e de sua vítima.

Essa é a dialética da desobsessão clássica, praticada nas Casas Espíritas, com muitos e indescritíveis êxitos no tratamento de sofrendores psíquicos. Todavia, insistimos em asseverar que nos casos mais graves, quando os obsessores são técnicos especializados em atormentar, com requintes de torturadores profissionais, o tratamento exige técnicas compatíveis com a intensidade e sofisticação da atividade maléfica.

Tanto do ponto de vista do obsessor (que sempre alega razões justas para sua vingança) como do ponto de vista do obsediado (que sofre a ação espiritual do antigo desafeto) o processo obsessivo só existe pela ausência de espiritualidade dos contendores. Enquanto um deles, pelo menos, não for iluminado pelo perdão, haverá sempre - e viva - a força sinistra do ódio a imantá-los com o Mal. Só o amor liberta e ensaja o vôo para a paz e felicidade.

Não existem pessoas realmente credoras, cobrando dívidas reais de devedores relapsos - como quase todos cremos. Devedores somos todos, isso sim, do Pai Celestial, pois constantemente estamos transgredindo as leis da sagrada Harmonia Universal. Se nos conscientizássemos disso, estaríamos preocupados em resgatar, antes de tudo, nossas próprias e inimagináveis dívidas. Para tanto, dispomos todos de uma moeda cósmica: o Amor. Deveríamos gastá-la continuamente, seguindo o exemplo do Divino Mestre. Não foi sem razão que Paulo de Tarso destacou a caridade como a soberana dentre as virtudes. E não pode haver caridade onde não há o perdão. Se o perdão fosse natural e automático, não haveria obsessão. A obsessão, portanto, é atestado de nossa própria imaturidade.

Para todos os encarnados vítimas de obsessão, evangelizar-se é o remédio, a liberdade que só a paz pode dar. Para os obsessores, seja qual for seu poder mental ou o requinte com que executam sua vingança, o remédio é o mesmo - amor germinando caridade, vicejando perdão, florescendo liberdade e frutificando paz.

Note-se que obsessão, no entanto, não é apenas a temporária escravização da mente. A ação perturbadora apresenta enorme multiplicidade, apresentando sutilezas que, por vezes, tornam difícil sua identificação. Há ações obsessivas visando ao aniquilamento físico da pessoa, com utilização de recursos científicos e muito engenho. Exemplos delas temos visto nos diminutos aparelhos instalados nos corpos das vítimas, emitindo constante energia dissociativa que acaba por provocar uma desorganização tissular, e, em consequência, tumores incuráveis. Não há, nesses casos: nenhuma intervenção nos processos mentais do encarnado, nem lhe foi tolhida a liberdade de ação.

Em muitos casos de magia negra, por outro lado, os campos energéticos visam somente as realizações humanas (negócios, por exemplo), quando o objetivo é aniquilar economicamente. Nesses casos, corriqueiros em nossos atendimentos, a mente da vítima permanece intacta, sem qualquer espécie de subjugação.

c) - Magia negra

Em todas as civilizações, e desde a mais remota Antiguidade, a magia esteve presente. Começou, provavelmente, com o homem das cavernas. Sabemos de seus rituais propiciatórios para atrair animais com que se alimentavam, de rituais mágicos em cavernas sepulcrais, de invocações às forças da Natureza para defesa da tribo contra animais e inimigos.

Espírito / Matéria

Ainda na Antiguidade, mas já nas civilizações clássicas, a magia natural teve suas finalidades distorcidas, tornando-se arma mortífera nas mãos de magos renegados. Encantamentos eram usados para fins escusos. E para agredir, prejudicar e confundir, tanto indivíduos como exércitos e Estados. A ambição e o egoísmo usaram as forças da Natureza. para o Mal (tal como acontece, hoje); espíritos dos diversos reinos foram e ainda são escravizados por magos negros, que não poupam o próprio Homem. Abastardando elevados processos de utilização dessas forças, estes magos impossibilitaram que fossem empregados - e com grandes possibilidades de êxito - pela Medicina. (pelo menos a Medicina atual). E a magia caiu em rápida e progressiva decadência.

É de se lamentar que isto tenha acontecido. Hoje, o conceito e as idéias que se tem sobre este assunto são bem mais do que imprecisos: confusos quase sempre, às vezes falsos ou propositadamente envolvidos no desdém cientificista que os pinta de "fantasias".

No entanto, "magia é a ciência exata e absoluta da Natureza e suas Leis" (ELIPHAS LEVI). E mago é todo aquele que lida com forças invisíveis da Natureza produzindo fenômenos sem causa aparente.

O mago manipula, pelo poder da mente e práticas ritualísticas, essas energias magnéticas sutis e ao mesmo tempo poderosas. Aquilo que se conhece como "práticas ritualísticas" nada mais é do que técnicas de seqüência de atos visando ao desencadeamento ou precipitação dessas energias segundo Leis imutáveis.

"A Magia encerra, pois, numa mesma essência, tudo o que a filosofia pode ter de mais certa e o que tem a religião de infalível e eterno. Ela concilia perfeita e incontestavelmente estes dois termos que à primeira vista parecem opostos: fé e razão; ciência e crença; autoridade e liberdade. Ela dá ao espírito humano um instrumento de certeza filosófica e religiosa exata como as matemáticas, corroborando a infalibilidade das próprias matemáticas." (ELIPHAS LEVI)

Magia, portanto, não é superstição - como querem pretensos sábios (em que se incluem alguns kardecistas), zelosos em defender, conservando, uma estreita e apoucada interpretação da imensa realidade cósmica. Em realidade, Magia implica complexos processos que deveriam interessar - e muito - à Ciência, pelo que têm de investigação e experimentação.

A magia não se ocupa apenas de espíritos desencarnados, como muitos acreditam. Seu objeto é a Vida em suas variadas formas e em todas as dimensões, espíritos de todos os seres. incluindo também os espíritos da Natureza (impropriamente chamados "elementais"): gnomos, silfos, salamandras, ondinas, sereias, fadas e muitos outros. Entre as forças ou energias naturais de que se servem os magos, podemos citar as planetárias, como as da Lua (que aciona as marés e regula o crescimento dos vegetais); a energia das cachoeiras e do mar; a força do vento, das nevascas, das avalanches; a energia térmica do fogo; as forças de ressonância dos átomos, na constituição dos cristais. Todas essas energias podem ser usadas tanto para o Bem como para o Mal, conforme as intenções de quem as utilize.

No uso para o Mal, a manipulação dessas forças naturais se faz associando-as a outras de baixo padrão vibratório (forças negativas) que causam na vítima abaixamento de frequência e intenso mal-estar. Conforme a duração, intensidade da ação e defesas naturais da vítima, poderá instalar-se nesta um estado francamente patológico, após uma fase de intensos mal-estares. sensação de opressão, angústia e certos desconfortos de difícil descrição.

Processos de magia negra geralmente apresentam um desses dois aspectos:

A) - Utilização de forças naturais;

B) - Ação maléfica de espíritos desencarnados, dos mais diversos níveis de evolução.

Este segundo aspecto merece abordagem especial, pela variedade de suas facetas, extensão e intensidade das conseqüências. No uso da Vida contra Vida - ação sacrílega e cruel - não se utilizam apenas espíritos desencarnados dotados de consciência normal. Emprega-se massa

Espírito / Matéria

microbiana imaterial (larvas astrais), massas inconscientes que povoam cemitérios e se alimentam de restos humanos em decomposição. Recorre-se também ao concurso dos exus, espíritos humanos moralmente degradados e transformados em verdadeiros monstros. São eles, quase sempre, que atuam sobre a vítima, seja cuidando de objetos no corpo dela, seja agindo diretamente sobre o organismo, em processo tormentoso, de atividade cruel e continuada, em que, no entanto, eles mesmos são apenas escravos de régulos das Trevas.

Todos os que tratam da desobsessão, como se vê, deveriam levar em conta este aspecto duplo da ação das sombras:

- Os campos silenciosos de magia, que atuam constantemente, por anos ou séculos a fio, conforme as defesas da vítima;
- A presença de obsessores, de nível inferior, enviados e governados por seres poderosos, das Trevas.

Se tratarmos apenas de um desses aspectos, é quase certo que não teremos muito êxito em auxiliar o enfermo.

É bem provável que, dos dois, o processo de imantação magnética seja o mais importante. Esses campos deletérios agem continuamente, pois se constituem de energias magnéticas físicas que ficam vibrando eternamente. Só cessam quando os objetos imantados (amuletos, estruturas, etc) são destruídos, ou se a pessoa visada, evoluindo, alcança um padrão vibratório que a faça escapar à ação dos campos energéticos negativos. É sabido que todo o mal tem sua ação limitada a um parâmetro espacial, fora do qual não tem mais alcance. Se a vítima elevar sua frequência vibratória, escapa à ação maléfica.

Dentre as antigas técnicas conhecidas, uma das principais é sem dúvida a utilização de ressonância vibratória por meio de imagens e bonecos que representam a vítima. O feiticeiro faz o "encantamento". isto é, cria campos magnéticos adversos, através de invocações, orações, chamamento de seres etc., e por imantação ressonante esses campos passam a atuar fisicamente sobre a pessoa.

Em nosso país, os feiticeiros costumam, ao mesmo tempo, mostrar a vítima a um ou vários exus, instruindo-os sobre como devem agir. Uma vez dada a frequência vibratória dela a esses seres animalizados (através de objetos e vestes, tal como se faria com um cão), eles passam a rastrear sua presa e se apegam a ela, vampirizando-a vorazmente. Como cães. Ou pior.

A utilização de larvas astrais e de seres primitivos dos cemitérios é, também, mais freqüente do que se imagina. Como no caso anterior, a identidade da vítima é essencial nesse processo de sacrílego desrespeito à Vida.

Para fins de ilustração, lembramos que em todos os povos primitivos, e nas mais longínquas latitudes, o mesmo processo vem sendo empregado; apenas as técnicas têm variado um pouco com o evoluir dos tempos, poder dos encantadores e de acordo com o potencial maléfico dos seres desencarnados envolvidos na ação.

Em Platão, por exemplo, encontramos um texto ("Leis") em que o filósofo descreve duas ações de magia. Em uma delas, amarra-se a vítima através de imagens encantadas e rituais específicos. Em outra, é desencadeada a ação de forças naturais contra o corpo do adversário. Usavam-se bonecos de cera representativos da vítima, colocados depois em encruzilhadas ou sepulturas, tal qual nossos quimbandeiros de hoje!

Entre romanos também se utilizava a técnica do boneco de cera, picado, depois, por agulhas.

Na França, sob o reinado de Felipe IV, o Belo (séc. XIV), a prática desse tipo de magia era bastante generalizada, embora combatida, desde a alta Idade Média, por Ordenações oficiais. No ano 337, por exemplo, o imperador Constâncio já condenava à fogueira os que "de longe fazem

Espírito / Matéria

morrer seus inimigos". E há ainda as Ordenações de Quilpérico III (742); Charles VIII (1470); Charles IX (1560); Henrique III (1569); Louis XIII (1628); Luiz XIV (1672).

Arquivos oficiais de todos os países da Europa guardam processos de feitiçaria em que aparecem idênticas práticas de magia negra. A França, especialmente, foi célebre por seus feiticeiros. Nos Arquivos Nacionais daquele país existem descrições pormenorizadas de práticas de bruxaria e necromancia em que figuras de cera eram muito empregadas.

Vê-se, assim, que práticas como as do "vudu" antilhano, ou de nossos macumbeiros nacionais, já eram largamente usadas durante toda a Idade Média.

No Havaí, os Kahunas (sacerdotes nativos) costumavam lançar os sortilégios da célebre "oração da morte" em seus inimigos. Dentro de poucos dias os visados morriam, atacados por estranha enfermidade de características desvitalizantes, que começava pelas extremidades inferiores e subia, até provocar parada cardíaca.

Note-se que todas essas técnicas visam rebaixar o padrão vibratório da vítima, gerando angústia, opressão, desespero e outros sofrimentos psíquicos e físicos, de efeito proporcional aos poderes magnéticos do operador e do grau de malignidade dos desencarnados envolvidos, e inversamente proporcional às defesas (conscientes ou naturais) da pessoa enfeitiçada.

Em síntese, a magia negra implica:

I - Poder da vontade do feiticeiro, criando formas-pensamento que são projetadas contra a vítima;

II - Ação direta de espíritos malfeitores, comandados ou induzidos a prejudicar a pessoa em troca de dádivas como velas, alimentos vivos, doces, etc.

III - Ação de campos-de-força magnéticos, negativos, que atuam sobre o enfermo indefinidamente, haja ou não a convivência de malfeitores desencarnados.

(Vide, ao final deste capítulo, "MAGIA NEGRA. - Casos Relatados por ALBERT DE ROCHAS", "EXUS" e "O DESMANCHO").

d) - Presença de campos magnéticos negativos, sem a assistência de obsessores desencarnados.

Trata-se de fenômeno presente em quase todos os casos de obsessão por magia negra.

Como já vimos (e é sempre interessante relembrar), a magia negra atua em dois pólos:

- Através da ação de espíritos humanos degradados, os "exus" que atuam diretamente sobre a vítima (atrapalhando seus movimentos, por exemplo, e provocando acidentes), ou indiretamente (prejudicando negócios e atividades profissionais, além de muitas outras perturbações) causando-lhe tantos problemas quantos a potência das forças do mal pode criar, na medida em que pode superar as defesas espirituais da pessoa;

- Através de ação magnética, física, mecânica, de campos-de-força emitidos por amuletos e objetos imantados, carregados de emissões de baixa frequência e fixados neles em "trabalhos" feitos em cemitérios, em determinados lugares da natureza e nas encruzilhadas.

Nesses "trabalhos" se criam poderosos campos-de-força maléficos, agressivos, que têm ação especialmente direcionada. Quando a intenção é separar um casal, por exemplo, os feiticeiros costumam usar a técnica (citamos uma, dentre muitas) de amarrar dois bonecos de costas um para o outro e "batizá-los", isto é, ambos receberem o nome das pessoas contra as quais é dirigida a magia. Fortemente imantados em situação antagônica, ou seja, colocados juntos, amarrados, mas se repelindo mutuamente porque imantados em pólo de mesmo sinal, a repulsão mecânica dos bonecos passa, por ressonância, às vítimas. Com o tempo, forma-se no casal uma antipatia mútua

Espírito / Matéria

inexplicável à luz de todos os antecedentes afetivos. O processo obedece às leis da Física: em um ímã, pólos de sinal contrário se atraem (norte sul), e os de mesmo sinal se repelem. A repelência psíquica que se instala entre os cônjuges acaba por separá-los, a menos que haja entre eles um amor profundo, renúncia e dedicação cristãs ou estado de vivenciada espiritualidade, coisas bastante difíceis de se encontrar, nos nossos dias.

Esses campos magnéticos de magia negra atingem as pessoas conforme o grau de evolução em que se encontrem, seu estado mental, emocional ou de harmonia interior. Com os amuletos imantados nem sempre são encontrados obsessores. Os objetos agem por si mesmos, vibram até serem destruídos. Para que durem mais tempo, costumam ser revestidos com cera, de modo a evitar a ação corrosiva da umidade e do tempo.

Para desfazer esses campos magnéticos é preciso "levantá-los" (expressão usada pelos "especialistas" nesses malefícios), isto é, retirá-los e destruí-los. É possível, no entanto, desintegrá-los apenas no mundo astral, através da formação de poderosos campos magnéticos que neutralizem a vibração maligna (coisa, aliás, relativamente fácil de ser feita, para quem entende de magia).

O conhecimento dessas técnicas pode ser considerado indispensável para um diagnóstico preciso da enfermidade da vítima / paciente, pois sem esse conhecimento o tratamento deverá resultar, no mínimo, inadequado. A técnica do vudu (das Caraíbas) vem sendo muito usada no Brasil; espetando alfinetes imantados em bonecos com o nome da vítima, produzem-se enfermidades ou persistentes estados dolorosos em áreas vitais, geralmente de difícil diagnóstico. E já encontramos partes de cadáveres (principalmente órgãos isolados) com nome ou objetos da vítima, formando um conjunto rodeado de velas e oferendas para os exus encarregados de prejudicar a pessoa.

e) - Aparelhos parasitas fixados no sistema nervoso

Estes casos se incluem entre as obsessões complexas.

Há anos vimos constatando, nos enfermos atendidos na "Casa do Jardim", a presença de pequenos e estranhos aparelhos colocados com muita precisão e perícia na contraparte astral do sistema nervoso. Eles aparecem para os videntes como se estivessem fixados no corpo físico, já que o corpo astral se sobrepõe a ele. Como este corpo espiritual tem fisiologia em tudo semelhante à física, qualquer perturbação de seu funcionamento fatalmente repercute nesta, decorrido pouco tempo.

No início de nossas observações pensamos que a surpreendente presença desses aparelhinhos só pôde ser descoberta porque os médiuns estavam desdobrados pela apometria; permanecendo na dimensão espiritual durante toda a sessão de trabalhos, ficavam em condições de ver, em detalhes, a estrutura astral e desvãos anatômicos dos pacientes. Vimos, depois, que esta percepção também é resultado de simples clarividência, sem recurso ao desdobramento. Temos, hoje, explicação ainda mais plausível, que talvez esclareça a razão por que esses aparelhos não foram identificados há muito mais tempo: é provável que os médiuns, vendo, não possuam noção exata do que vêem. Explicamos: de ordinário, os aparelhos são pequeníssimos; e as pessoas que têm condições de vê-los raramente conhecem os detalhes anatômicos do sistema nervoso.

Por tudo isso, quando nos defrontamos com o primeiro caso, já lá vão quatorze anos, nossa surpresa foi enorme. Tratava-se de algo totalmente anômalo. Desconhecido. Não tínhamos qualquer referência sobre o assunto, nem o que consultar, para esclarecimento.

Espírito / Matéria

Nestes últimos quatorze anos, porém, o volume de casos atendidos, tratados e observados foi crescendo constantemente. Já podem ser contados mais de mil, com os mais variados graus de complexidade, sofisticação e gravidade de efeitos.

1. Como funcionam

A finalidade desses engenhos eletrônicos (eletrônicos, sim; e sofisticados) é causar perturbações funcionais em áreas como as da sensibilidade, percepção ou motoras, e outros centros nervosos, como núcleos da base cerebral e da vida vegetativa. Mais perfeitos e complexos, alguns afetam áreas múltiplas e zonas motoras específicas, com as correspondentes respostas neurológicas: paralisias progressivas, atrofias, hemiplegias, síndromes dolorosas etc., paralelamente às perturbações psíquicas.

Como se vê, o objetivo é sempre diabólico: desarmonizar a fisiologia nervosa e fazer a vítima sofrer.

A constante interferência no sistema nervoso provoca perturbações de vulto na vida vegetativa e, sobretudo, no vasto e nobre domínio da mente. As vítimas desse tipo de obsessão sofrem distorções quase imediatas na apreciação de valores, com desvios de conduta que terminam por lhes desestruturar as personalidades.

A técnica mais corrente é fixar o aparelho no cérebro ou ossos do crânio, com parafusos especiais. Em seguida são feitas ligações por finíssimos filamentos, com diversas áreas do sistema nervoso central ou núcleos ao longo da medula, de acordo com o efeito específico desejado.

Em alguns aparelhos, vimos que recebiam sinais eletromagnéticos de controlada e variável intensidade. Emitidos por enormes bases muito bem instaladas em locais de difícil acesso, no Umbral, eles afetavam continuamente determinadas áreas do cérebro, causando esgotamento e fadiga funcional. Alterando o limiar da resposta fisiológica a determinados estímulos normais, eram emitidos comandos anômalos e intempestivos para a área auditiva, por exemplo; induziam atitudes estranhas e ridículas (perturbando o convívio social da vítima), sugeriam formas de autodestruição e compeliavam a toda uma gama de ações nefandas ou esdrúxulas, diretamente injetadas no cérebro.

Casos há em que notamos continua emissão de vibrações de baixa frequência, de baixo volume e pequena amplitude, subliminar à resposta. Essas emissões visam cansar o paciente, quebrando-lhe a resistência, de modo a torná-lo obediente às ordens que depois receberá. Assim preparada, condicionada, a vítima recebe ordem súbita ou ouve voz galhofeira com comentários desabonadores à sua pessoa ou conduta. Não sabendo a que atribuir o fenômeno, estupefata, estressada e confusa, a pessoa tende a se julgar completamente louca. Além disso, os agressores sabem esperar e encontrar ocasião propícia. No momento certo, preparado e aguardado com requintes de crueldade, fazem a pessoa ouvir gritos acusando-a de homossexual, por exemplo. Aterrorizada, em pânico, a vítima não sabe a quem apelar. Desamparada e indefesa, não demorará a entregar-se por inteiro aos seus algozes, depois de se convencer de que a Medicina é impotente para sanar um mal tão exótico.

É lastimável que, nesses casos, os médicos quase nada possam fazer. Nem mesmo conseguem consolar, pois não acreditam no que lhes dizem os pacientes. Classificam o quadro clínico como de "alucinação auditiva" - quadro que, justamente por ser de "alucinação", não existe para a Medicina! Como "solução", costumam sedar fortemente o "alucinado". Com isso, conseguem embotar certos efeitos da ação nefasta e dos aparelhos. Mas não eliminam, de modo algum, a causa da patologia.

Espírito / Matéria

Já tivemos um caso em que a pessoa, dada como catatônica, na verdade se degradara à condição de robô humano, sem vontade própria, completamente dominada por seus obsessores.

Inimigos umbralinos podem agir de maneira ainda mais sutil - vimos. Para não serem descobertos e identificados, não emitem som algum. Enviam apenas a energia eletromagnética do sinal eletrônico.

Há, além desses, os que aplicam aparelhos com refinamentos especiais, estimulados em sistema de feed-back, de modo a se realimentarem com as energias da própria vítima. Sem saber, ela faz continuamente funcionar o engenho parasita. Isso só acontece quando os técnicos do Mal são bastante hábeis para fazer derivações no circuito. Conectam um filamento em órgão que funciona com energia elétrica mais forte - um músculo, por exemplo, em que a tensão é da ordem de 10^5 vezes maior que a dos neurônios. Captando a vultosa energia muscular (que se mede em milivolts) e lançando-a diretamente sobre os neurônios (cuja energia se mede em micro-volts), o resultado será um verdadeiro desastre, algo semelhante a um curto-circuito. E, naturalmente, perturbações funcionais imediatas e intensas.

Já nos defrontamos com refinamentos, nesse tipo de crueldade. Um deles consiste em calibrar a energia de realimentação, deixando passar a tensão elétrica de determinado valor. O objetivo (sempre atingido) é perturbar a pessoa exatamente nos momentos em que as atividades profissionais são mais exigidas, ou quando mais necessita de energias. Nestes precisos instantes ela recebe, de súbito, toda a carga elétrica de seus próprios músculos. O resultado será uma espécie de choque que poderá levá-la à perda da consciência, crise cardíaca ou outra repentina disfunção. Como se vê, o processo consiste em providência basicamente simples, em sua concepção: estabelecer pontes entre áreas motoras (que liberam fluxos energéticos relativamente grandes) e zonas cerebrais (extremamente sensíveis que funcionam com tensões elétricas muito débeis). Para executar isso, contudo, é necessária habilidade, conhecimento e técnicas de cirurgia.

2. Um caso "estranho"

Há cerca de seis anos procurou-nos um paciente, diretor de banco, com estranha manifestação patológica, cuja etiologia os médicos não conseguiam identificar. Isso nem chegava a causar surpresa, pois a própria sintomatologia não se enquadrava nas síndromes conhecidas.

Começara a sofrer crises de desmaios, com suores abundantes, extremidades frias e exagerada palidez - quadro que seria facilmente identificável como lipotimia, não fosse a ausência de hipotensão arterial. Assemelhava-se a um choque vagal, isto é, perturbação funcional neurovegetativa.

O ataque súbito não apresentava causa visível detectável. Surgia em pleno trabalho do enfermo, quando se concentrava e exigia mais do intelecto. O próprio paciente já observara que os ataques somente apareciam durante os estados de concentração ativa.

Todos os EEG não apresentaram traçados anômalos, mesmo durante as crises, razão porque foi definitivamente descartada a hipótese de epilepsia. Com efeito, não havia perda de consciência. Mas o choque invalidava a vítima por dois ou três dias, para o exercício de suas funções na diretoria do banco. Decorridos seis meses de tratamento e investigações clínicas, sem resultados ou melhoras, frustrado, o paciente chega à "Casa tio Jardim". Demonstra grande preocupação, pois sente que acabará sendo aposentado por invalidez, com apreciáveis prejuízos financeiros.

A apometria revela, de imediato, a causa do mal.

Espírito / Matéria

Na base do cérebro está implantado um aparelho eletrônico, parasita, com realimentação. Saindo do engenho, filamento longo foi mergulhado, através da bainha mielínica de um tronco nervoso (bainha de Schwann). em plexo nervoso do pneumogástrico. Outro filamento se liga à "placa motora" de músculo esquelético: no caso a inserção occipital esquerda do músculo trapezius.

Quando o doente, sentado, se concentra no trabalho, tem por hábito dobrar o corpo para frente, baixando a cabeça. Isso exige certa contratura dos músculos dorsais. Esta contratura funciona como "gatilho": a energia produzida pela ação muscular vence o limiar de calibração do aparelho e um minúsculo disjuntor liga a corrente que desaba em cheio num dos núcleos reguladores do tônus arterial, provocando o colapso do sistema sangüíneo.

O tratamento é simples. E rápido.

O aparelho é retirado. Capturamos o técnico umbralino e o obsessivo, causador da maldade. O paciente fica inteiramente recuperado, na hora. Tratado sábado pela manhã, retoma o trabalho na segunda-feira seguinte. Nunca mais teve desmaios.

3. Obsessores, aparelhos e obsediados

A só presença dos aparelhos parasitas já indica o tipo de obsessores que terão de ser enfrentados. Em geral, pertencem a dois grandes "ramos":

1 - O inimigo da vítima contrata, mediante barganha, um mago das Trevas, especializado na confecção e instalação dos aparelhos;

2 - O obsessivo é o próprio técnico, que confecciona, instala o aparelho e, como se não bastasse, também zela pelo seu ininterrupto funcionamento, o que torna o quadro sobremaneira sombrio.

Em qualquer caso, a presença desses mecanismos deverá supor a ação de um técnico de consumada capacidade com bons conhecimentos de eletrônica e da fisiologia do sistema nervoso. A necessidade de um tal grau de especialização faz com que o uso desses aparelhos seja relativamente limitado. Se fáceis de aplicar, constituiriam uma calamidade: passes magnéticos jamais extraem estes engenhos fixados no sistema nervoso.

Sofisticados, inseridos na intimidade nervosa do indivíduo, os aparelhinhos só devem ser extraídos com o concurso de espíritos superiores ou técnicos do astral devidamente habilitados (é preciso muito cuidado para evitar lesões em neurônios). Por isso mesmo, com frequência nos valem da própria habilidade de quem os implantou, obrigando os técnicos do Mal a inverterem o sinal de suas atividades. Usamos, para tanto, de todos os recursos. Pode ser o constrangimento direto, por exemplo: fazer com que os malfeitores se sintam na condição de alienados mentais, em futuras encarnações onde não de colher as conseqüências dos seus atos. Mas também poderemos levá-los ao convencimento (se viável) através da doutrinação paciente e amorosa, nos moldes do Espiritismo clássico.

De qualquer modo, nosso objetivo sempre tem sido alcançado: aliviamos o paciente da insidiosa agressão e recuperamos também o agente causador. Nunca se deve confiar, advertimos, na sinceridade de propósitos destes técnicos. mesmo quando concordem em colaborar. Jamais deixamos que trabalhem livremente; eles são permanentemente fiscalizados, de bem perto, pelos espíritos vigilantes que nos assistem e pelos médiuns desdobrados.

f) - Instrumentos fixados no corpo, visando provocar enfermidades localizadas.

Em muitos casos, tantos que se tornam comuns, os obsessores têm o objetivo único de destruir fisicamente sua vítima, levando-a à morte ou ao sofrimento prolongado. Não se nota nenhum indício de atuação sobre o cérebro, nem sinais de imantação ou escravização mental. Se nos ativéssemos à conceituação clássica, kardecista, não poderíamos considerar tais casos como obsessões, pois nossos irmãos ortodoxos vêem a obsessão como uma interferência na mente ou, quando muito, na fisiologia do cérebro.

Pela nossa experiência, é comum obsessores colocarem objetos, envenenados em incisões operatórias, durante cirurgias, para causar nos enfermos o maior mal-estar possível, já que com isso impedem a cicatrização ou ensejam a formação de fistulas rebeldes, perigosas (em vísceras ocas, por exemplo). Usam, para tanto, cunhas de madeira embebidas em sumos vegetais venenosos - tudo isso no mundo astral, mas com pronta repercussão no corpo físico: dores, prurido intenso, desagradável calor local, inflamação etc. Contam-se por centenas os casos, por nós observados, com esse tipo de patologia.

Nos atendimentos, costumamos retirar todo o material deletério, incinerando-o em seguida, no plano astral, com energia cósmica. Enquanto isso, médicos desencarnados debridam fistulas, fazem curetagens de limpeza etc., e muitas vezes tratam dos ferimentos com seivas vegetais preparadas e trazidas por pretos-velhos.

Em 1985 tratamos uma jovem, recém casada, que apresentava uma cistite rebelde, acompanhada de disfunções genitais. Médicos atribuíram as perturbações funcionais, a princípio, ao recente casamento. Mas, agravando-se o quadro clínico, tiveram de aprofundar os exames e tratamentos específicos. De pouca eficácia foram os medicamentos, pois os sintomas apenas se atenuaram. Com polaciúria (micções freqüentes, em pequena quantidade), disúria (dor, ao urinar) e incontinência urinária, ao sofrimento da paciente se adicionavam os constrangimentos facilmente imagináveis, na vida social.

Feito o desdobramento apométrico, constatamos a presença de pequeno objeto de madeira preta, profundamente introduzido no útero; outro, semelhante, dilatava o esfíncter vesical. O processo visava impedir as gestações, causar disfunções pela ação do veneno e provocar incontinência urinária.

Capturamos o obsessor. Em existência anterior, ele fora um pretendente da moça. Foi desprezado por ela e maltratado por seus fâmulos, por ser casado e ainda assim continuar pretendendo conquistá-la. Dos maus tratos, teve uma perna fraturada e mal recomposta, ficando aleijado. Jurou vingar-se, o que só conseguiu depois de morto. Na atual encarnação da mulher que adorara, conseguiu estabelecer um cerco que só foi interrompido pela nossa ação.

(A Lei Cósmica havia permitido que de se reaproximasse da mulher, para um início de reajuste entre eles, com eliminação do antagonismo. A reconciliação entre desafetos só acontece com o perdão recíproco.) Descobrimos que os dois haviam sido parceiros em atividades delituosas, em encarnações anteriores. Na última, a paciente praticara um aborto, fruto de amores clandestinos com o atual obsessor: seu campo genital, em consequência, se tornou vulnerável à ação de malfetores espirituais, mesmo os menos capacitados, tecnicamente.

Casos de câncer costumam ter origem neste tipo de obsessão. Espíritos com bons conhecimentos técnicos produzem a ruptura da tela búdica e instalam processo neoplásico, através da interferência nas energias que mantêm a harmonia citológica e tissular.

Espírito / Matéria

g) - Obsessão indireta

Acontece, freqüentemente, de a pessoa visada por obsessores possuir condições naturais de autodefesa, seja por trabalhos meritórios em encarnações anteriores, seja pelas conquistas evolutivas na vida atual. Tais barreiras são suficientemente fortes para anular investidas de malfetores espirituais; por mais que tentem, seus esforços esbarram nos campos vibratórios positivos que anulam ou minimizam ao extremo as ações predadoras.

Frustrados, os obsessores tendem a mudar de tática. Atacam de modo indireto: passam a perseguir alguém ligado à vítima, pessoa da família ou muito amada, certos de que o sofrimento infligido irá preocupar e perturbar a criatura visada - que, imune à ação direta, torna-se vulnerável a esse tipo de agressão. É comum escolherem um filho, por exemplo, que não tenha condições de defesa ou seja sensível às investidas espirituais. Podem atacar até mesmo toda a família da vítima, se houver invigilância e condições que ensejem ação assim coletiva.

A angústia da vítima satisfaz, de certo modo, esses seres vingativos. O interesse deles é perturbar, ao máximo, a vida do inimigo encarnado.

Este tipo de obsessão, infelizmente, é bastante freqüente nos nossos atendimentos. Quase sempre os obsediados são jovens, sobretudo adolescentes do sexo feminino que, via de regra, se apresentam intensamente obsediados, vítimas de toda a sorte de agressões. E não eles os visados. A ação visa o pai, a mãe ou ambos; o objetivo é fazer um dos pais sofrer.

Comum, também, é ouvirmos desencarnados se queixarem de tormentosos sofrimentos de que o inimigo atualmente encarnado foi o autor, em penosas encarnações passadas. Vingam-se, agora, procurando atingir o desafeto no campo moral, porque impossibilitados de prejudicá-lo em sua estrutura física. Arquitetam as mais variadas situações de sofrimento e desassossego no lar, induzem filhos a desvios morais, ao vício em tóxicos, a desvarios e violências; incentivam idéias libertárias (comuns em jovens), afastando os filhos dos pais, provocam doenças etc. Essas obsessões habitualmente podem ser classificadas como simples, pois os obsessores atuam por influência, nas mentes invigilantes dos jovens. O processo, todavia, pode estender-se, com ataque a criaturas totalmente indefesas, por fatores kármicos; o conjunto, então, pode assumir contornos bem mais sérios, de modo a tornar a vítima indireta uma presa fácil da ação predatória.

Na realidade, a obsessão indireta não passa de uma obsessão direta em que os obsessores, por conveniência tática, alteram o objeto do ataque. Como o ser diretamente prejudicado não constitui o alvo real do ódio do perseguidor, temos notado que costuma haver pouca profundidade na ação destrutiva (a direta).

Abordamos este assunto apenas por imperativo didático, e também porque o fenômeno bem demonstra a complexidade de que costumam se revestir os processos obsessivos.

h) - Obsessão paradoxal

A rigor, a obsessão paradoxal não se enquadra - pelo menos na fase inicial no conceito de obsessão que apresentamos neste trabalho. Consideramos obsessão a ação maléfica, premeditada, de alguém contra outra pessoa. E no começo, pelo menos, desta obsessão paradoxal, o obsessor nem de longe intenta prejudicar a pessoa visada, já que deseja tão-somente ampará-la, protegê-la, orientá-la. Sucede, no entanto, que essa intenção pode transformar-se em verdadeira obsessão (com todas as suas características); e é por causa da degradação dessa intenção que esses casos passam à galeria de obsessivos.

Espírito / Matéria

O processo começa pelo interesse exagerado de uma criatura pela outra, interesse que, mais cedo do que os envolvidos esperam, degenera em domínio cada vez mais declarado. A vítima desse "zelo" se vê tolhida em seus atos, mesmo os mais banais e passa a ser governada até em seus desejos, em progressão que leva à perda total de autonomia. Sem que às vezes nem se dê conta, a criatura "protegida" se transforma em escrava.

Esses obsessores são, em geral, pessoas dominadoras, egoístas, de vontade forte. Os dominados, por sua vez, têm vontade débil, quase sempre dependendo economicamente do seu pólo oposto, que assume o papel de tutor. Com o tempo, porém, o "protetor" passa a prejudicar seriamente o "protegido", pois tolhe suas realizações e interfere profundamente, ditando aspirações, volições, atitudes, comportamento, aspirações, tipo de profissão ou carreira e, principalmente, como e quem deve amar ou odiar. Nobre, no início, a proteção degenera em tirania. Tão egoísta se torna o "protetor" que, não raro, passa a odiar ferrenhamente o "protegido", se este vier a se livrar do jugo pretensamente "amoroso".

Temos nos defrontado com muitos desses processos obsessivos, em que egoísticas frustrações afetivas degeneraram em ódio absurdo. A criatura dominadora, por exemplo, passa a abominar sua dominada porque esta realizou um casamento feliz. Este amor às avessas indica a instalação de um temível processo obsessivo, com prejuízo das duas pessoas diretamente envolvidas (e das outras, ligadas diretamente a elas).

A guisa de esclarecimento, convém lembrar que o ódio nada mais é que uma aberração do amor. Sem equilíbrio emotivo é fácil a ultrapassagem dos limites da desinteressada amizade: basta apenas que um dos pólos se sinta bloqueado em seu interesse afetivo.

A obsessão paradoxal, em suma, nada mais é do que uma aberração: amor e amizade pelo lado mais avesso, afetando encarnados e desencarnados.

i) - Arquepadia

Arquepadia (do grego "épados" - magia e "archaios" - antigo) é a síndrome psicopatológica que resulta de magia originada em passado remoto, mas atuando ainda no presente.

Há alguns anos nos deparamos com o primeiro desses casos, com quadro inédito.

Tratava-se de paciente com processo psíquico de características crônicas, que a tornara enfermiça, neurótica, cheia de temores, constantemente preocupada com doenças. Apesar de moça, mostrava sinais de envelhecimento precoce. Já tinha feito inúmeros tratamentos espirituais; sendo espírita, recebia passes semanais, assistia cultos evangélicos e freqüentava curso de desenvolvimento mediúnico.

Pois foi precisamente nessas reuniões mediúnicas que o processo psíquico se agravou (como, aliás, é comum acontecer - sempre que o despertar da mediunidade não é bem conduzido).

Desdobrada pela apometria e aberta sua freqüência vibratória, não detectamos a presença de obsessores. Resolvemos, então, investigar a problemática kármica. E abrimos campos vibratórios do passado.

Descobrimos, então, admirados, que a paciente vivera no Egito antigo e nas encarnações daquela época sofrera intensa ação de magia negra, por motivos vários. Em uma das vidas, desfrutara de riqueza e poder político, granjeando inimigos poderosos que procuraram aniquilá-la. Na ocasião, não se submeteu a uma eficiente limpeza dos nefastos campos magnéticos. Conservou-os, portanto. E ainda os mantinha fixados em seu corpo astral.

As entidades que atuavam junto a esses campos provavelmente haviam sido afastadas ao longo dos milênios. A indução magnética, porém, por ser de ordem física, mecânica, permanecia

Espírito / Matéria

atuante e perturbando. Para isso contribuía, também, a própria paciente, que não cuidava de evoluir o bastante para desprender-se de energias deletérias. Desconhecendo a importância do Espírito, de que modo poderia ela supor (ou sequer imaginar) que a causa de seu mal se explicaria pelo simples funcionamento de um ímã? Com efeito, orientado um campo magnético para material magnetizável (como o ferro, por exemplo), se esse material não for desestruturado o campo há de permanecer vibrando eternamente, conforme leis físicas inalteráveis. Do mesmo modo, se magnetizada a pessoa, o campo só desaparece por interferência externa (tal como fizemos), ou se a pessoa elevar sua própria frequência. escapando ao campo negativo.

A paciente melhorou em pouco tempo.

Ressalte-se que, nessas situações, em se tratando de processos muito antigos, forma-se uma segunda natureza que caracteriza a consolidação da doença, cristalizando-se a personalidade psicótica. Um longo processo educativo deve ser iniciado logo após a anulação da arquepadia, para que a pessoa se encontre com sua verdadeira personalidade. Nesses pacientes, o culto do Evangelho, o estudo da palavra do Cristo e a educação espiritual dão resultados maravilhosos.

Em poucos meses a enferma se transformou por completo. Tornou-se alegre, comunicativa. Nunca mais apresentou problemas de ordem mental.

Não conhecemos nenhuma referência, em obras espíritas, a esse estado patológico. Ele tem aparecido, no entanto, com relativa frequência em nossos atendimentos.

Casos Ilustrativos

I - Processo obsessivo visando destruição do corpo físico.

Paciente: E. F., sexo feminino, casada, cor branca, 24 anos.

Data do atendimento: ano de 1984.

Desde que casou, há 18 meses, E. F. começou a ter perturbações na área genital. Dismenorréia. Discreta mas persistente leucorréia. Sensação de peso no baixo ventre. Constante mal-estar. Os sintomas se acentuam quando a temperatura cai. Não engravidou, embora não use anticoncepcionais.

Exames médicos nada revelaram de anormal. Exame radiológico (histerossalpingografia) acusou perfeita permeabilidade das trompas, não revelando anomalias abdominais.

Desejando ter filhos, E. F. procura a "Casa do Jardim".

- Exame:

Ao exame superficial, médicos desencarnados logo perceberam anormalidades no baixo ventre. A paciente tem corpo-estranho introduzido no colo do útero, e outro no pavilhão da trompa esquerda. São como cunhas de madeira, de 3 cm de comprimento (material envenenado, saberíamos depois).

Espírito / Matéria

- Tratamento:

Abrimos a frequência vibratória de E. F., para identificar espíritos obsessores que porventura a estejam perseguindo.

Os médiuns, de imediato, acusam a presença de duas entidades de baixo padrão vibratório, interessadas na destruição da moça. Logo contidos, um deles é obrigado a incorporar em médium. Irrita-se com nossa interferência, ameaça-nos. Vocifera contra a moça, alega que foi prejudicado em outra vida, quis casar-se com ela e foi desprezado. Como se não fosse suficiente humilhá-lo perante a sociedade, a mulher o perseguiu: na partilha de uma herança comum, ela influenciou juizes e advogados de modo a prejudicá-lo, deixando-o quase na miséria, com toda a família.

Trata-se de espírito sem maiores conhecimentos, não calejado na prática do mal; a obsessão poderia ser classificada como simples. O ódio concentrado, porém, levou-o a desejar a destruição total da inimiga, e a aliar-se a seres das Trevas com bons conhecimentos técnicos, a obsessão, por isso, transformou-se em complexa. Foram esses técnicos que puseram as cunhas envenenadas no aparelho genital da moça. E o processo obsessivo gerou consequências sérias, pois esses instrumentos não podem ser retirados com simples passes magnéticos, até porque dificilmente são visíveis a observação superficial de um médium inexperiente.

O obsessor foi conduzido às enfermarias de recuperação do H.A.C. ("Hospital Amor e Caridade", no astral). Todo o grupo de entidades que o auxiliavam foi capturado e enviado às enfermarias especializadas.

No tratamento da paciente, as cunhas envenenadas foram removidas com facilidade. Toda a área física comprometida e todo o aparelho genital foram impregnados com seiva vegetal de propriedades curativas, pelos pretos-velhos que no-las trouxeram.

E. F. recebeu aconselhamento para se tratar com passes, água magnetizada e evangelização, pois a aquisição de valores espirituais autênticos é que fornece proteção e imunidade efetivas contra a agressão de espíritos vingativos. Foi-lhe lembrado que o conhecimento puro e simples da letra do Evangelho não é bastante; espiritualizar-se implica reconstrução de si próprio, em trabalho intenso e pertinaz. Um dos caminhos mais seguros para nos aproximarmos de Jesus é a doação espontânea de nossas próprias energias em benefício do próximo; só a vivência do Amor aplicado - a Caridade - consolida a ascensão espiritual. Enfatizamos a E. F. (tal como fazemos com todos os doentes que nos procuram) que nós não curamos ninguém, apenas tentamos auxiliar nossos semelhantes; na verdade, é o enfermo que cura a si próprio, ao aproximar-se de Deus.

- Diagnóstico:

Obsessão complexa, com implantação de corpos estranhos envenenados no corpo da vítima, visando causar-lhe enfermidade incurável que a levaria à morte.

- Número de atendimentos: Um único

- Discussão do caso:

Se a ação tóxica dos corpos estranhos conseguisse vencer as forças de coesão fisiológica, varando a tela búdica, o equilíbrio celular se alteraria profundamente. Desarmonizadas, as células passam a se comportar como células indiferenciadas embrionárias, com grande pujança de multiplicação. Estaria criando, dessa forma, o núcleo de tumor incurável.

Espírito / Matéria

Essa desarmonização tissular, todavia, só é conseguida se a constituição somática da vítima contiver uma brecha kármica. Essa brecha se localiza em área orgânica enfraquecida por violações das leis de Harmonia Cósmica e/ou desajustes maléficos de que a pessoa é culpada, em vidas anteriores. Foi o que aconteceu com nossa paciente. Para fins de estudo, abrimos frequências de seu passado e verificamos que ela praticara vários abortos. Por reflexo de sintonia, a área genital se tornou enfraquecida na presente encarnação, vulnerável, portanto, aos predadores das sombras.

- Resultado:

Por ter recebido, a tempo, tratamento espiritual especializado, E. F. recuperou-se completamente.

- Observação:

Trata-se de um dos muitos casos em que não há escravização permanente ou temporária do pensamento da vítima, condição necessária para que seja enquadrável no conceito de obsessão - conforme autores kardecistas.

A obsediada se encontrava no gozo integral de suas funções mentais, mas sob a mira e atuação de obsessores técnicos que visavam bem mais do que enlouquecê-la. Queriam matá-la.

II - Aparelho parasita fixado no sistema nervoso

- Primeiro caso tratado na Casa do Jardim -

Pela importância de seus detalhes, registramos esse primeiro caso com que nos defrontamos, em junho de 1972.

Paciente: P. C. G., solteiro, estudante, 23 anos, cor branca.

Diagnóstico médico: esquizofrenia catatônica desde há 2 anos.

Anamnese:

Sofreu internação há um ano e oito meses. Recolheu-se, depois, à intimidade do lar, onde ia piorando progressivamente, a ponto de não sair mais do quarto. Vive em tal estado de temor (e inatividade) que precisa ser acompanhado até mesmo ao banheiro. Reações quase vegetativas. Demonstrações psíquicas mínimas.

Os primeiros sinais de morbidez apareceram há mais de três anos, quando passou a ouvir vozes que o induziam a autodestruição ou criticavam sua conduta de homem etc. Algum tempo depois, começou a ter medo de tudo, seguindo-se o clássico delírio de perseguição. Alteraram-se, em pouco tempo, as manifestações da personalidade; instalou-se a alienação mental.

Exame espiritual

Apresenta-se ao exame caminhando lentamente, como autômato. Está rodeado por cinco obsessores de baixo padrão vibratório.

Espírito / Matéria

Desdobrado pela apometria, é conduzido ao H.A.C. (Hospital "Amor e Caridade", do astral) Ali, submetido a exame mais demorado na presença de médiuns (que acompanharam o enfermo), descobre-se pequeno e estranho aparelho fortemente fixado, por parafusos, no osso occipital, base do crânio. Do aparelho partem filamentos muito finos que penetram na massa encefálica, atingindo áreas do córtex frontal.

Os médicos espirituais explicam que se trata de aparelho eletrônico implantado no cérebro do moço por obsessores muito inteligentes. Os cinco espíritos que o rodeiam são meros guardas, criaturas atrasadas, incapazes de dominar técnica tão sofisticada; apenas zelam pela permanência do aparelho no doente. Por trás de tudo há o principal responsável, um técnico das sombras.

Tratamento

Atendemos em primeiro lugar os guardas, reduzidos à impotência sem muita conversa, e encaminhamos ao H.A.C. Procuramos, em seguida, cuidar do técnico.

Como estamos enfrentando obsessor desconhecido, de inteligência superior, e, principalmente, porque nós ainda não tínhamos conhecimentos suficientes para tratar de tais casos, o plano superior determina que o obsessor seja tratado em horário diferente do habitual. A sessão especial acontecerá à tarde daquele mesmo dia.

A hora aprazada, o paciente é de novo desdobrado e conduzido ao H.A.C. Fazemos com que o obsessor seja atraído por poderoso campo de força, projetado por contagem.

Nossos amigos desencarnados explicam que o aparelho possui minúsculo emissor, que emitirá sinal de alerta para a base, se tocado de maneira não habitual: trata-se de parafuso de "rosca esquerda", isto é, que funciona às avessas. Se alguém quiser retirar o aparelho, aquele parafuso há de apertar-se mais, ao invés de sair, acionando o mecanismo de alarme lá no interior da base.

É o que os médicos fazem, propositadamente. A intenção de desativar o engenho deixa o obsessor furioso. Momentos depois (exatamente como os médicos haviam previsto), sai do campo magnético a colérica criatura, apresentando-se com espalhafato. Personagem estranha, de feroz catadura, veste suntuosa roupagem dos tempos de Luiz XIV. Interpela, com modos grosseiros. Ameaça quem ousar mexer no aparelho, ou tentar desmontá-lo. Diz que o doente lhe pertence, que de modo algum permitirá que alguém se meta nos seus planos.

Nossos amigos começam a dialogar mansamente, tentando persuadi-lo à concórdia. Mas o técnico resiste, insolente, descortês. Os médicos desencarnados mudam de tática, então: passam a mostrar admiração pelo aparelho, comentam, uns para os outros, a complexidade do artefato e a inteligência do seu criador, etc.. Tocam, deste modo, em ponto fraco desses espíritos moralmente inferiores, apesar de inteligentes: a vaidade. (Todos eles, temos observado, são muito vaidosos.) O obsessor passa a dar mais atenção às perguntas, mostra o funcionamento em todos os detalhes. Chega a revelar que a finalidade é exatamente aniquilar a vontade de P.C.G., transformando-o em robô humano. Doutrinado amoravelmente, esclarecido sobre as terríveis consequências que de sem atos não de refluir já em futuro próximo, se aquieta e ouve com mais atenção as palavras sábias e precisas do Dr. Lourenço, diretor-médico do H.A.C.

Tocado pela aura de bondade e amor do nosso mentor espiritual, começa a relatar seu drama.

Na última existência nascera príncipe, mas foi impedido de ocupar o trono por irmão que lhe usurpou o poder, exilando-o. Cheio de ódio ao desencarnar, jurou que faria um reino particular cujos súditos seriam humanos automatizados. Depois de muito vagar na erraticidade, aliou-se a uma colônia do Umbral inferior. Galgou postos de comando e foi recebendo cursos e mais cursos

Espírito / Matéria

técnicos especiais, visando sempre o Mal e à escravização de encarnados. Com o tempo, montou seu próprio laboratório, em dependências da colônia. Tem, atualmente, setecentos comandados, entre técnicos e soldados.

Sentimo-nos atônitos ante relato assim estranho. É a primeira vez que isso acontece, em nossos trabalhos.

Nossos amigos desencarnados fazem com que o ex-príncipe veja o que poderia ter feito de bem (e o que poderia ter lucrado) se suas intenções fossem outras. Quanta alegria, quanta harmonia poderia ter semeado em seu caminho, e assim por diante. Em certo ponto, mostram-lhe que a desarmonia lançada a seu redor já havia começado a produzir frutos: a forma exterior do ex-príncipe começa a sofrer a reação das energias negativas que ele próprio emite; já apresenta deformações que ele ainda não percebeu. Mostram-lhe, num espelho, sua figura exótica, os cabelos desgrehados, unhas aduncas e mal cuidadas. Falam-lhe da crescente secura interior, da insatisfação difícil de explicar em quem pretende (e julga ter conseguido) um reino só seu ...

Nitidamente assustado, o ex-príncipe mais se comove quando lhe revelam que sua mãe, muito preocupada com seus desvarios, incessantemente pede a Jesus por sua recuperação.

O amor materno tem efeito mágico sobre aquele coração empedernido e impiedoso. O obsessor resolve fazer uma viagem com os mentores espirituais, em visita a planos melhores, regiões de mais luz e paz, lugares onde futuramente poderá permanecer (se mudar de conduta), havendo até mesmo a possibilidade de encontrar-se com a mãe.

Concorda em retirar o aparelho que implantou. Usa, nisso, de muito cuidado, para não lesar o enfermo. Informa que já colocou cerca de novecentos aparelhos de vários tipos no sistema nervoso de criaturas encarnadas, alguns deles bem mais aperfeiçoados do que aquele. Revela que, em algumas pessoas, a implantação não funciona, parece que elas têm uma espécie de imunidade contra os engenhos, pois eles caem por si mesmos, após algum tempo." (O ex-príncipe não sabe que os aparelhos caem porque a vítima possui padrão vibratório superior. Nesses casos, a imunidade é natural.) Em outros indivíduos, diz ele, o êxito é total: a vítima se torna robô. Em alguns poucos casos, a vítima chega a morrer em consequência da implantação.

O ex-príncipe é levado ao H.A.C., onde será internado em enfermaria especializada (permanecerá ali por longo tempo, em recuperação espiritual). Capturamos todos os seus seguidores.

Em seguida, P. C. G. é submetido a tratamento de ativação magnética das áreas atingidas. Aplicamos-lhe líquidos de revitalização e seivas vegetais.

Discussão

Essa foi a primeira vez que nos deparamos com obsessão dessa natureza. A presença de aparelhagem eletrônica no cérebro do obsediado não era do nosso conhecimento; também desconhecíamos referências sobre tais técnicas, na vasta literatura espírita. Acostumados à clássica doutrinação de obsessores vulgares, nunca tínhamos nos defrontado com técnicos especialistas em Física e Medicina. Resolvemos, daí para a frente, estudar o problema com muito interesse. Ao longo de quatorze anos de observação, o enfrentamento de tais obsessores e a desativação desses mecanismos nos proporcionaram experiência bastante para formar uma teoria a respeito. Hoje, temos condições de penetrar em bases das Trevas, devassar seus laboratórios e desativar completamente toda a instituição do Mal, capturando comandantes e toda a guarnição.

Espírito / Matéria

Felizmente, o primeiro obsessor deste tipo, que encontramos, não era um mago das Trevas; se fosse, o caso seria muito diferente (porque mais difícil). Tratava-se de obsessor comum, embora comandando numeroso grupo de espíritos inferiores.

O aparelho implantado recebia onda eletromagnética de radiofrequência em frequência bem baixa, de maneira contínua, emitida por antena bem dimensionada, na base situada no Umbral. O aparelho transformava o sinal e aumentava-lhe a intensidade energética, ativando um grupo de neurônios da área auditiva, de maneira subliminar; isto é, emitia uma espécie de ruído de fundo, sem definição, com o objetivo de esgotar os neurônios, provocando desgaste fisiológico do cérebro, com a finalidade de torná-lo sem resistência. Em momentos escolhidos, emitiam sinais modulados com vozes de comando ou comentários desabonatórios à conduta, induzindo P. C. G. a atitudes ridículas etc.

A Medicina classificava o fenômeno como "alucinações auditivas". Logo, não havia socorro nem saída para o paciente - que teve suas resistências minadas lenta e solertemente. A essa degradação esdrúxula e sem apelação, se somaram correntes mentais auto-induzidas, formadas na mente do próprio paciente, causadas pelo temor e desespero daquela situação sem remédio. Nem os próprios familiares mais íntimos conseguiam perceber a terrível realidade do que sofria. Com o quadro obsessivo assim completo, a vítima tinha tudo para sucumbir.

P. C. G. possuía bastante sensibilidade mediúnica, o que facilitou a ação obsessiva. Havia também o que chamamos de brecha kármica (*), que tornou possível a aproximação do obsessor.

(*) BRECHA KÁRMICA: ocorrência desarmônica em vida anterior, propiciando uma espécie de abertura ou vulnerabilidade para frequências baixas, negativas; no caso, qualquer ação (da atual vítima) que tenha tido como resultado a loucura ou suicídio de outras pessoas.

Tempo de tratamento: Uma hora.

Número de atendimentos: Um para a primeira fase. Revisão em um mês. Tivemos oportunidade de examinar P. C. G. dois anos depois.

Resultado: A recuperação se deu em 48 horas, mas continuou manifestando temores e certa insegurança durante algum tempo. Nunca mais ouviu vozes, nem precisou de assistência médica (o pai, por sinal, é médico). Passados cinco anos, vimos o paciente pela última vez. Continuava bem.

III - Caso de aparelho parasita fixado no sistema nervoso

Paciente: A.M.G., sexo feminino, cor branca, solteira, estudante, 19 anos.

Data do atendimento: durante o ano de 1975.

História clínica

Durante estágio cultural nos Estados Unidos, a moça resolve visitar o Canadá. Algum dias depois de chegar àquele país, sofre violenta crise de enxaqueca, que se repete uma semana depois com características mais graves, durante três dias. As crises surgem repentinamente, sempre; e nunca, antes, A. M. G. tivera crises deste tipo.

Agravando-se o quadro clínico, a moça é internada em hospital canadense e submetida a eletroencefalogramas, múltiplas radiografias do crânio, arteriografias bilaterais, hemogramas, determinações das constantes dos líquidos orgânicos etc.. Nada de anormal é constatado.

Espírito / Matéria

Com etiologia assim imprecisa para síndrome tão dramática, a jovem volta aos Estados Unidos logo que pode. Tão logo chega, decorridos poucos dias, tem novo surto agudo. Submete-se a todos os exames imagináveis, sem resultados positivos.

Na primeira melhora, volta ao Brasil, onde os achaques se repetem, agora com nítidas manifestações neurológicas. Começa anotar perturbações e perda da visão, síndrome de hemianopsia direita. Sem diagnóstico firmado, os oftalmologistas pouco podem fazer. As crises intermitentes obrigam-na a hospitalizar-se por mais de uma vez e a jovem se cansa de exames laboratoriais, que não acusam anormalidades físicas. As dores alucinantes levam A. M. G a vários Centros Espíritas, que também não chegam a um diagnóstico espiritual. Assim, após vários meses de sofrimento, vê-se obrigada a abandonar os estudos. Vive aterrorizada e à espera das crises que se sucedem regularmente, com tendência ao agravamento (a visão do olho direito enfraquece lenta mas progressivamente). Com a doença neste estágio evolutivo, recebe atendimento espiritual a distância, pois reside no Rio de Janeiro.

Tratamento

Enviamos à residência da moça duas médiuns desdobradas que acompanham a equipe de médicos desencarnados. A equipe constata que a enfermidade tem problemática essencialmente espiritual, em quadro de obsessão complexa. Obsessores de grande capacidade maléfica já haviam instalado no sistema nervoso um aparelho parasita bastante sofisticado. Somos aconselhados a escrever para a enferma, sugerindo-lhe que se desloque para Porto Alegre para tratamento espiritual mais especializado e também urgente, pois o artefato influi diretamente no centro ótico, com perigo de cegueira total.

A.M.G. compareceu à Casa do Jardim em 29.09.75.

Entidade feminina, usando rica vestimenta do século XVIII, apresenta-se logo. Trata-se de opulenta senhora que fora esposa do vice-rei da Colônia Britânica do Canadá.

Volumosa, enérgica (para não dizer odienta), arrogante e coberta de jóias, verbera acrimoniosamente a conduta de A. M. G., dama de honra de seu séquito naqueles anos em que fora representante de reis no Canadá.

Ouvimos pacientemente, mostrando-nos muito interessados em suas razões. Por não interferirmos em seus arroubos de ódio, pensa que concordamos com seus propósitos. Relata-nos, em detalhes, fatos de há dois séculos, quando a jovem foi pivô de drama passionai.

A opulenta senhora trouxera para o Canadá uma jovem desprovida de fortuna, mas pertencente à nobreza menor da Inglaterra. Dentro de pouco tempo (como, aliás, era de se prever), a moça ganhou o afeto do primogênito da família, garboso jovem de vinte e dois anos - que foi correspondido. Acontece, porém, que a esse jovem estaria reservado casamento com moça de alta nobreza, que fosse rica e digna de sua linhagem. Com esses esponsais, a família poderia gozar na sociedade da época os mais altos direitos que a heráldica lhe reservava.

Assim que soube do romance, a opulenta senhora tomou-se de fúria quase selvagem. Desterrou a jovem, enviando-a de volta a sua gente. Ante a violência contra sua eleita, o noivo, embora o rígido respeito devido aos genitores, resolveu deixar também o Canadá. Para completar, renunciou, ao mesmo tempo, a todos os seus direitos de progenitura.

O gesto altivo e nobre mais revoltou a orgulhosa dama, que intensificou o ódio e o desejo de vingar-se da menina, então com dezoito anos. Por infelicidade, o rapaz, já na Inglaterra, contraiu moléstia grave, morrendo pouco depois. Exacerbou-se ainda mais o ódio da matrona, que atribuía tudo, "toda a desgraça de sua Casa" (como ela dizia), à pobre e indefesa jovem. Não se

Espírito / Matéria

dava conta de que a responsável por toda a desarmonia fora ela própria, por seu egoísmo, orgulho e maldade.

Impotente embora, jurou vingar-se da menina assim que lhe fosse possível. Mar não conseguiu levar a efeito seu intento, fosse pela distância em que a moça se encontrava, fosse por sua situação social, por demais em evidência.

Ao desencarnar, a dama levou não apenas seu orgulho, mas também o velho e cultivado ódio pela antiga dama de honra.

Depois de perambular por tempo indeterminado pela erraticidade, estufada de orgulho e buscando o antigo poder, encontrou, por acaso, alguns de seus antigos servidores. De imediato contratou-os para servi-la, repetindo situação e condições de quando estavam na Terra. Espíritos fracos, acostumados a servir sem discussão, eles concordaram alegremente. Catando ao longo do tempo seus velhos fâmulos, ela conseguiu formar um arremedo de corte no Umbral, impondo-se pelo poder de mando e impiedade.

As leis divinas, porém, são sábias e justas. No destino das duas mulheres estava previsto um reajuste cármico na encarnação atual da jovem.

Entrando no Canadá, A. M. G. se encontrou com a velha dama, que ficara habitando o astral daquele país. Bem que a velha senhora havia tentado encontrar a moça, antes. Suas constantes buscas nas áreas locais, porém, sempre tinham resultado infrutíferas; à falta de maiores recursos técnicos, não conseguira achar a moça. A estada de A. M. G. no Canadá possibilitou sua identificação por assalariados desencarnados. E a dama não perdeu tempo. Para que sua vingança fosse perfeita, contratou técnico das Trevas pagando-lhe com valiosa jóia. Era preciso cegar aquela atrevida que havia ousado levantar os olhos para seu filho querido!

O técnico instalou, com muito cuidado e habilidade, um pequeno instrumento eletrônico junto à área ótica, dotado de sistema de realimentação energética. Em determinados momentos, energias anômalas se derramavam no centro ótico, desorganizando-o.

Terminado o relato, depois de ouvirmos todos os detalhes da ação vingativa, começamos a tratar da solução.

Mostramos à opulenta senhora nossos "trunfos", com demonstrações de projeção de energias. Usando de severidade, afirmamos que seu reinado havia terminado, sua residência seria destruída e os fâmulos recolhidos, pois toda sua maldade chegara ao fim. Amedrontada, ela presenciou a evacuação de seus seguidores, a destruição de sua base e captura da guarda. Concordou em determinar ao técnico, já capturado, a retirada do aparelho que mandara colocar na jovem (para isso, pagou-o com um péndulo de brilhantes, que tirou do peito.) Assim que executou o serviço, dando liberdade a A.M.G., o técnico foi conduzido ao Hospital, para tratamento de recuperação.

Com tudo já terminado, a velha senhora tem outra surpresa, que torna solenes aqueles momentos do seu destino. Recebe a visita do filho, que não via há muitos anos. Ele incorporou espontaneamente em uma das médiuns e falou demoradamente com a mãe, que chorou muito. O rapaz se encontrava em sublime estágio evolutivo. Seu carinho e vibrações de amor fizeram com que a velha dama se rendesse à Luz, concordando em seguir, em companhia dele, para o Hospital que a haveria de abrigar nos primeiros dias de recuperação.

Solucionada a parte mais importante, voltamos para a moça.

Desdobrada (como estava) pela apometria, recebeu tratamento diretamente dos médicos desencarnados, por causa da lesão cerebral provocada pelo artefato. Eles conseguiram reduzir a perda de visão a apenas 25 %. Oftalmologista desencarnado tentou recompor o nervo ótico fazendo enxertia parcial, com bastante êxito.

Espírito / Matéria

No terceiro atendimento, A.M.G. estava praticamente recuperada, com perda muito reduzida da visão. As terríveis crises de cefaléia desapareceram com o primeiro atendimento e nunca mais se repetiram. Passou a viver alegre e feliz, como antes.

Discussão do caso

Quadro típico de obsessão complexa, pela presença de aparelho parasita implantado no sistema nervoso, com profunda e rápida ação nefasta. A cegueira evoluía sem que os médicos pudessem sequer diagnosticar a moléstia.

Houve desencadeamento do processo patológico com a ida da paciente ao Canadá. Sob o aspecto espiritual, tratava-se de fenômeno kármico, em que contendores do Passado (sob ação da divina Lei da Harmonia Cósmica) deveriam encontrar-se para reajuste. Sustada a ação perniciosa do técnico das Trevas, desmantelada a base em que se abrigava grande número de espíritos inferiores, recuperamos todas as entidades envolvidas.

Tipo de tratamento

Tratamento de obsessores, desativação de suas bases no astral. Desdobramento da enferma por apometria, com tratamento do corpo astral.

Tempo de duração de cada sessão

A primeira, quarenta e cinco minutos. As duas outras, trinta minutos cada uma.

Resultado

xito pleno quanto à recuperação espiritual, com todos os obsessores conduzidos a locais de recuperação. Na dimensão física, desaparecimento total da sintomatologia dolorosa. Hemianopsia residual insignificante: apenas pequena perturbação visual no olho direito.

IV - Caso recente de aparelho parasita fixado no sistema nervoso

Paciente: J. M. F., sexo feminino, 21 anos, estudante, cor branca.

Data do atendimento: 01.11.86

A paciente está em tratamento com psiquiatra. Tem crises, "ataques nervosos", e desmaios. É trazida à Casa do Jardim porque o tratamento clássico não tem apresentado os resultados esperados.

Espírito / Matéria

Diagnóstico espiritual - Aberta a frequência da moça, constata-se, pela vidência, que a enferma sofre ressonância de simbiose com magos negros. Trata-se de antiga iniciada. A atividade dos chakras mostra mediunidade reprimida. Há aparelhos parasitas na cabeça e nos pés.

Tratamento - Com uso de capacitor e projeção de energia (contando: 1.2.3....) vai-se limpando (...4.5.6.7.8.9...) o corpo todo, cortando a simbiose (10..11..12.....20..., movimentando o capacitor em diagonal sobre o peito) e levando para o H.A.C. os espíritos responsáveis pelos aparelhos parasitas (21...22.23.24...33). O corpo, ao fim, aparece limpo. Nesse ponto, constata-se que a ressonância / simbiose é com fatos ligados à 4TM faixa, isto é, 4TM encarnação anterior. Aberta a frequência daquela faixa do Passado, é feita varredura de limpeza, com uso do capacitor, movimentado sobre a cabeça e o corpo todo (no peito, transversalmente, para cortar a simbiose). A vidência revela que a simbiose (1.2.3.4.5. ...) envolve energia e atividade sexual. Começamos a cortar a simbiose (1.2.3.4.5. ...); os espíritos vinculados aos autores e ao processo simbiótico, bem como as faixas negativas de outro tipo, todos paralisados no Passado, começam a ser libertados e conduzidos, através do espaço-tempo, para o H.A.C. (...8.9.10 ... 15); o Passado, relativo aos acontecimentos desarmônicos naquela frequência, aparece limpo quando a contagem chega a 25.

Opera-se a projeção de Luz Crística nos campos e faixas de Passado em que intervimos, no Presente e em todas as entidades vinculadas ao processo tratado. E estancada, com isso, e por completo, qualquer ressonância com vivências anteriores.

O atendimento se encerra fechando-se a frequência da paciente e reacoplando-a (estivera desdobrada).

Duração do atendimento: 3 minutos e meio.

Resultado: Tivemos notícia de que a paciente vem apresentando melhora constante e progressiva. Não nos procurou para novo atendimento.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE - O presente caso é relatado apenas para que se constate a evolução das técnicas empregadas, refletindo-se na rapidez de atendimento. Sob orientação dos Mentores espirituais, vimos usando capacitores, aparelhos eletrônicos emissores de sinais de radiofrequência (frequência de 20 a 200.000 Hz), diapasões de variáveis amplitudes de onda, bem como outros instrumentos. Este avanço técnico, mercê do amparo do Mundo Espiritual, tem (acontecido com rapidez além de qualquer expectativa nossa. Destas técnicas recentes, porém, não podemos nos ocupar nesta obra, que surpreendeu ao próprio autor, por sua extensão. Trata-se de assunto que deverá merecer tratamento especial, pela importância de todos os seus detalhes. Uma tarefa para o futuro, um Futuro que nos chega sempre mais depressa do que temos imaginado.

V - Caso de magia negra (ESPECIAL)

Paciente: E. M., 58 anos, sexo feminino, branca, casada

Data do atendimento: setembro de 1985, à distância

O atendimento nos foi solicitado por nossa antiga companheira de trabalho, sra. LIA PENTER. A paciente era antiga conhecida da médium, da qual fora vizinha há muitos anos. Nunca

Espírito / Matéria

mais se haviam visto; mas um dos familiares da ex-vizinha, no entanto, encontrando-se com a sra. LIA, fez-lhe um pedido de tratamento espírita, já que o tratamento clássico não surtira efeito.

Conforme o relato feito pelo parente de E. M. à médium, a paciente - que nunca; antes, apresentava qualquer sintoma de doença - começou a perder peso sem causa aparente. Sua vitalidade estava em declínio constante, em razão de algum mal desconhecido. Desde que apareceu o quadro mórbido, há seis meses, E. M. vem sendo submetida aos mais variados exames e tratamentos, sem resultado.

Tratamento

Na terça-feira seguinte ao pedido da companheira LIA, o nome e endereço da enferma foram colocados sobre a mesa dos trabalhos, junto aos de outros doentes. Chegada a vez do seu atendimento, mal abrimos a frequência da paciente o espírito que dirigia os trabalhos determinou que trouxéssemos o espírito da própria E. M. e o incorporássemos na médium da qual ele próprio (o mentor) estava se servindo. Para isso, afastou-se incontinenti.

Tal procedimento era um tanto insólito. A regra geral é, em primeiro lugar, investigar condições espirituais, meio e prováveis obsessores do doente. Configurada a exceção, logo vimos que E. M. é que era responsável pelo seu estado. O caso, pelo visto, não seria simples.

Desdobramos a paciente, à distância, e a trouxemos em seu corpo mental. Ela incorporou na médium como se fora espírito desencarnado. Tão logo incorpora, agride:

- O que querem de mim? Por que me trouxeram aqui: se não conheço este lugar e nenhum de vocês?

- Calma! Calma, minha senhora! Nós a trouxemos aqui para tratá-la, pois a querida irmã está muito doente e sabe muito bem que é causadora de seu próprio mal.

Havíamos percebido que seu espírito estava envolvido em faixas densas, escuras, bem características de vibrações de magia negra. Perguntamos, por isso, por que ela praticava magia contra seus semelhantes, e qual fora sua última vítima. (Nós nem suspeitávamos de quais poderiam ser suas vítimas.) Mal formulamos a pergunta, a resposta vem, incisiva:

- Faço magia contra meus inimigos porque quero! Com ela (referindo-se à última vítima) fiz um "trabalho" para destruí-la. E vou fazer tudo que for preciso para acabar com ela. Acabar.

Tratamos de movê-la:

- Mas minha cara, a criatura humana goza de livre arbítrio limitado, que nos foi dado pelo Criador. No entanto, todos somos responsáveis por nossos atos. Tudo que fizemos de bem ou de mal contra qualquer pessoa, cedo ou tarde volta para nós próprios, conforme leis imutáveis.

Ela resiste, insolente:

- Não acredito. Sou livre e posso fazer o que quero. Ninguém fica sabendo o que faço no mundo espiritual. Ninguém.

Diante da recusa dela em se corrigir, decidimos:

- Pois então vamos lhe dar uma pequena amostra do mal que a senhora pratica. Vamos apenas reverter o horror que a cara amiga projetou sobre sua inimiga: a senhora vai entrar em ressonância com aquilo que sua vítima está sofrendo.

Mal operamos a ressonância, ela segura a cabeça com ambas as mãos e grita ainda mais do que antes, desesperada:

- Não, não posso mais! Tirem isso de mim, pelo amor de Deus!

Deixemos que ela sofra a angústia: por alguns momentos. E sentenciamos:

Espírito / Matéria

- Aquele que praticou o mal só pode ficar aliviado se desmanchá-lo. Assim, minha amiga, não poderemos lhe dar alívio enquanto não desfizer o malefício. A senhora ficará neste estado até que compreenda que foi a senhora mesma quem cavou o abismo em que agora se encontra. Todo esse sofrimento que está sentindo é o de sua vítima. Uma situação espiritual chamada choque de retorno. Uma Lei. Lei inexorável, colheita daquilo que semeamos. Por causa disso, (aconselhamos a prezada irmã a desmanchar o "trabalho" feito contra essa pessoa, com o que aliviará seu próprio karma. Não há outra, esta é a única porta de saída para esse sofrimento e angústia que a senhora está sentindo. Nada podemos fazer contra uma Lei Cósmica.

Em profundo desalento, E. M. se deixa convencer e nos pede que a aliviemos um pouco, já que, nas condições em que se encontra, nem forças tem para desfazer o "trabalho".

Aliviamos seu sofrimento. Mas fomos surpreendidos pela presença de sua vítima encarnada, que incorporou em outra médium por iniciativa dos trabalhadores do mundo espiritual, que nos assistem, a fim de ser libertada do campo de magia negra.

O Caso, assim, tornou-se particularmente interessante. Numa das médiuns se encontrava a autora do malefício. Ao lado, em outra médium, sua vítima. UMA E OUTRA ENCARNADAS.

A vítima, em péssimo estado espiritual, completamente desvitalizada e quase inconsciente, nem conheceu sua algoz.

A agressora acabou confessando que a outra era "sua amiga íntima". Fizera o trabalho destrutivo apenas por inveja, porque a amiga desfrutava de situação econômica muito favorável. A mesquinheza dos sentimentos e a inveja surda roia sua alma primária a tal ponto que tentava matar a amiga!

Assim que E. M. desmanchou o "trabalho" de cemitério (comum nestes casos), capturamos os espíritos inferiores, que ela usava como agentes ativos do mal. (Essa prática é norma nossa, sempre que nos deparamos com magia negra.) Descobrimos, também, que, além dos exus habituais, havia ainda - por detrás de tudo - um poderoso mago que desde há muitos anos assistia a autora do "trabalho", mago com quem ela havia feito um pacto, antes de encarnar. Essa entidade também foi capturada e recolhida com outros, para os laboratórios de seleção do H.A.C..

Em seguida, reconduzimos as mulheres para seus respectivos corpos físicos, tendo o cuidado de acoplá-las firmemente.

Diagnóstico - A paciente fora desvitalizada por choque de retorno. O fenômeno é comum, pois representa a colheita dos próprios atos.

Prognóstico - Sombrio. Embora a autora da magia tivesse desfeito o mal, não temos como avaliar quantas atitudes e obras nefastas ela tem, em seu Passado. E. M. apresentou melhoras. Mas dela não tivemos mais notícias, nem nos foi solicitado novo atendimento.

Leituras

A célula do Dr. Teofrastus

Sobre aparelhos eletrônicos implantados no sistema nervoso de obsediados, encontramos (em livros espíritas) uma referência no livro *"Nos Bastidores da Obsessão"* (Ed. F.E.B., 1972),

Espírito / Matéria

obra psicografada por DIVALDO PEREIRA FRANCO; do autor espiritual MANUEL PHILOMENO DE MIRANDA.

↳ Página 159, o autor mostra uma técnica diabólica, aplicada e narrada por poderoso mago das trevas:

"Iremos fazer uma implantação - disse, em tom de inesquecível indiferença, o Dr. Teofrastus - de uma pequena célula fotoelétrica gravada, de material especial, nos centros da memória do paciente. Operando sutilmente o perispírito, faremos que a nossa voz lhe repita insistentemente: 'Você vai enlouquecer! Suicida-se!' Somos obrigados a utilizar os mais avançados recursos, desde que estes nos ajudem a colimar nossos fins. Este é um dos muitos processos de que nos podemos utilizar em nossas tarefas"

Esta foi a única menção à existência dessas técnicas, que até hoje encontramos em toda a vasta literatura espírita.

Pelos termos da narrativa do Dr. Teofrastus, porém, é provável que o autor tenha cometido algum equívoco. A célula fotoelétrica produz eletricidade somente quando sobre ela incide um feixe luminoso; a energia produzida é proporcional à intensidade do feixe e à frequência da onda luminosa incidente. Uma célula fotoelétrica funciona, portanto, pela ação da luz.

Parece-nos no mínimo imprópria a denominação "célula fotoelétrica gravada". Trata-se de fonte de energia simples, sem modulação de áudio. Logo, não poderia produzir vozes.

Estamos por presumir que se tratasse de aparelho receptor de rádio-frequência semelhante ao do primeiro caso que tratamos. Ou, então, que a célula mencionada fosse fonte energética para funcionamento de aparelho mais sofisticado, que o mago não quis mencionar. Um magnetofone, por exemplo.

De qualquer modo, o artefato do Dr. Teofrastus era eletrônico. E implantado no cérebro do seu paciente.

Leituras

Magia Negra - Casos relatados por ALBERT DE ROCHAS

Transcrevemos trechos do livro de ALBERT ROCHAS, "L'Extériorisation de la Sensibilité" (Chamuel Éditeur, Paris, 1899 – trad. Edicel, 1971), em que o autor apresenta casos de magia negra observados em diferentes épocas - Verdadeira notícia histórica sobre este assunto.

1. O Pe. Léon-Marie, subprocurador da Grande Chartreuse, respondendo a uma pergunta que eu havia apresentado à Intermediaire des Chercheurs et des Curieux, escreve isto:

Durante os três anos (1864 a 1867) que passei na China, em Kouai-Thao, província de Cantão, muitas vezes ouvi velhos cristãos falar de processos consistentes em fazer morrer pessoas à distância, por meio de figurinhas de barro, de pequeníssimas dimensões (ordinariamente representando porcos), que são colocados nos túmulos ou nas casas, depois que as figurinhas receberam uma espécie de benção por parte dos bonzos.

Monsieur de Chourry, prefeito apostólico de Kuang-Si (China) me deu a conhecer uma prática análoga em uso em Kuang-Si e em Ksung-Fong.

Espírito / Matéria

Uma pessoa fugiu de casa sem que se possa saber o que lhe aconteceu; um ladrão conseguiu sumir da mesma maneira, com objetos roubados. Assegura-se que bastou, para fazer o tipo voltar, descobrir seu rastro no solo e chamar um bonzo, não o primeiro surgido, mas um mestre. Este, depois de invocações aos espíritos e de haver aspergido com sangue de cachorro aqueles rastros, aí enterra, em golpes redobrados, um pedaço de madeira ou de bambu, e assim inflige ao indivíduo – ao que se pretende – cólicas e dores nas entranhas, de uma extrema intensidade, nele excitando uma tal necessidade de voltar ao seu ponto de partida, com a persuasão de assim obter sua libertação, que não tem mais repouso, se não for executado, confessando, mesmo se se tratar de um ladrão, os objetos que havia roubado. Assim que chega, recobra o estado normal.

2. Em 1895, o sucessor de Béhanzin no trono de Dahomey, tendo tido que se queixar dos franceses, não encontrou nada melhor que os fazer enfeitiçar por um feiticeiro tsaussá. Este último preparou uma pasta especial, que um outro feiticeiro deveria enterrar no campo dos franceses, nos lugares onde os brancos passavam de preferência. O feiticeiro ajudante teve medo e não ousou ir cometer a sua perversidade. Veio contar tudo ao capitão ameaçado. Interrogado pelos brancos quanto à ação que deveria ter produzido o malefício, respondeu:

"A cada um de vossos passos sobre a dita pasta, encarregada de vos representar, devia suceder para vós um grande mal-estar; depois, a breve prazo, a morte." (Dr. REGNAULT - "La Sorcellerie", 1897, p. 18)

3. O Sr. LECLERC, num artigo da *Revue Scientifique* sobre a Feitiçaria entre os Cambodjianos (2 de fevereiro de 1895), assim se exprime:

"Dizem que há feiticeiros que sabem fabricar rups, ou estatuas de cera, que chamam pelo nome da pessoa que querem ferir ou matar, desde que a atravessem com uma faca, pronunciando palavras mágicas. Então, contaram-me, a pessoa representada pela estatueta é ferida ou morta no mesmo instante em que a estatueta é atravessada pelo feiticeiro."

4. Em 1317, João XXII, segundo Papa de Avignon, escrevia que seus inimigos tinham querido enfeitiçá-lo: "Os magos Jacques, dito Brabançon, e Jean Amant, médico, prepararam beberagens para nos envenenar, a nós e a alguns cardeais, nossos irmãos. E não tendo tido a possibilidade de no-las fazer beber, fizeram imagens de cera com nossos próprios nomes, para atacar nossa vida. picando essas imagens. Mas Deus nos preservou e fez: cair em nossas mãos três dessas imagens diabólicas". (Biblios. Arch. Hist. Tarn-et-garonne, Tom. IV, 2º trim. 1876).

5. Em suas *Récherches Sur l'Eavoutement* (Chamuel, 1898), o Sr. Kerdanniel deu o relatório de um processo ocorrido em 1723, perante o Senado de Savóia, em consequência do qual o Sr. André Philibert, Conde de Pleorz, do Ducado de Aosta, foi condenado a morte por ter querido enfeitiçar sua mulher, por meio de figuras de cera que fazia fundir ao fogo.

6. Paracelso, em seu livro sobre o Ser Espiritual (De Ente Spirituum), diz: 'Sabeis que a vontade de um espírito em luta com outro, se se cobrir de terra e de pedras uma imagem de cera, o homem do qual a imagem foi feita é inquietado, atormentado no lugar em que as pedras foram amontoadas, e só é aliviado quando a imagem for trazida à luz; então é libertado de suas ansiedades.

Notai, ainda, que se se quebrar uma perna dessa imagem, o homem se ressentir dessa fratura: dá-se o mesmo com picadas e outras feridas semelhantes, feitas na imagem, (Cap. VII).

7. Na Grécia antiga vamos encontrar um trecho de Platão com o seguinte:

"Há entre os homens duas espécies de malefícios, cuja distinção é muito embaraçante. Uma é a que acabamos de expor claramente, quando o corpo prejudica ao corpo, pelos meios naturais. O outro, por meio de certas práticas, de encantamentos e daquilo que é chamado de ligadura, aos que empreendem fazer mal aos outros, que assim lhes podem fazer e aos que, empregando essas espécies de malefícios, realmente os prejudicam. É muito difícil saber ao certo o que nisto há de verdadeiro; e quando se soubesse, não seria mais fácil convencer aos outros. É mesmo inútil tentar provar a certos espíritos fortemente prevenidos que não se derem inquietar com pequenas figuras de cera, que tivessem posto à sua porta, ou nas encruzilhadas, ou no túmulo de seus antepassados e exortá-los a os desprezar, porque têm uma fé confusa na verdade desses malefícios ... Aquele que se serve de magia, de feitiços e quaisquer outros malefícios desta natureza, com o fito de prejudicar prestígios, se for adivinho ou versado na arte de observar prodígios, que morra! Se, não tendo nenhum conhecimento dessas artes, estiver convicto de haver usado malefícios, o tribunal decidiria o que deve sofrer na sua pessoa ou nos seus bens." (Leis, liv. XI, tom. VII, pg. 324-325).

8. É conhecida a reputação das feiticeiras de Tessália, que causavam impotência e uma morte lenta, perfurando diariamente a imagem de cera da pessoa a quem queriam prejudicar.

* * *

NOTA: A quantidade de casos de magia negra de que já tratamos, na "Casa do Jardim" nos leva a usar de compreensível naturalidade na abordagem deste tema, que para alguns leitores poderá parecer fantasioso ou fantástico. Para nós, o assunto magia negra sai das linhas e entrelinhas dos livros para se tomar vivo - e sempre pernicioso para nossos pacientes - a cada sessão de trabalho. É freqüente, por exemplo, nos depararmos com magos negros (desencarnados, quase sempre) oriundos do Antigo Egito. Tão grande é o número dos que já tratamos (em consequência dos tratamentos de pacientes encarnados) que não temos dúvida alguma: Uma das mais sérias causas de decadência da civilização egípcia foi a proliferação de atos de magia negra por parte dos sacerdotes menores, ávidos de riqueza e poder pessoal, que se valiam, para tanto, dos mais variados encantamentos - até mesmo para atrair pessoas sexualmente.

Leituras

Exus

Espíritos inferiores, de criaturas humanas que muito se degradaram espiritualmente, os exus geralmente são seres de aparência horrível, bastante deformada. Peludos e hirsutos, desgrenhados, unhas grandes e sujas, vestem molambos imundos; quase sempre aparecem como guardiões de malefícios.

Sempre que detectamos a presença de um deles, tratamos logo de colocá-la em um campo magnético de contenção, face às conseqüências de sua agressiva malignidade, manifestada já no primeiro contato.

Os trabalhadores espirituais sem experiência, desconhecendo como são feitos e mantidos os trabalhos de magia negra, querem de imediato capturaras exus. Ora, esses pobres seres são, via de regra, escravos de magos negros ou régulos das Trevas. São obrigados a agir contra os encarnados, para não sofrer castigos impiedosos. Podemos afirmar que 60% deles desejam sair do estado em que se encontram. Uma vez elevada sua freqüência vibratória e feita a limpem de seus corpos astrais, respiram aliviados. Embora temerosos dos castigos de seus chefes, acabam passando para o nosso lado, contribuindo ativamente para o "desmancho" do "trabalho" ou feitiço.

Já os outros 40%, empedernidos no mal, não são fáceis de conquistar. Estes desejam efetivamente continuar na prática do mal, porque em encarnações anteriores sofreram violências físicas e morais que não esquecem. Pretendem infligir em outros, mesmo em criaturas inocentes, todos os agravos por que passaram - em vingança ilógica e dementada. Devem ser contidos de pronto, e logo conduzidos a estâncias de recuperação.

O "Desmancho"

No atendimento às vítimas de magia negra, cuidado especial deverá ser dado aos campos negativos ligados a objetos físicos: cadáveres de animais ou de homens, bonecos de cera, pano ou qualquer outro material usado para vestuário, roupas, travesseiros e toda a sorte de materiais imantados. Esses campos devem ser desfeitos.

Há duas maneiras de fazer o "desmancho" desses campos-de-força adversos:

1 - PELA DESTRUIÇÃO FÍSICA DOS OBJETOS a que estão ligados: queimando-os, por exemplo.

2 - Através do "LEVANTAMENTO" DESSES CAMPOS, NO ASTRAL, retirando-os dos objetos a que estão ligados. Este processo pode ser feito à distância.

É prática nossa, bastante comum, atirar o objeto enfeitiçado (quando o temos) em água corrente. Um rio, riacho etc. Ou mar.

No "desmancho" à distância, costumamos projetar poderosos campos energéticos, em forma de jatos de alta freqüência. Estes jatos desintegram, como se fossem de fogo, os campos-de-força negativos que imantam os objetos magiados.

Quanto às orações de encantamento, bastante usadas pelos feiticeiros de todos os tempos, não é preciso preocupar-se muito com elas. Com a destruição dos campos magnéticos astrais dos amuletos e objetos usados no trabalho de magia negra, todos os encantamentos, fórmulas mágicas e orações se desativam automaticamente, ainda mais que são afastados os agentes e guardiões do malefício. Para anulação dos efeitos dessas orações etc., contribui também a projeção (que sempre

Espírito / Matéria

fazemos) de campos vibratórios de alta frequência. Eles envolvem o paciente e o protegem contra quaisquer resquícios da baixa frequência de formas-pensamento emitidas pelo feiticeiro.

A coroação do desmancho, no entanto, a melhor vacina contra assédios e agressões trevosas, é levar a vítima de magia negra à prática do Evangelho (principalmente no lar) e a uma vida moralmente sadia e espiritualizada. A prática do amor e da caridade tornará a pessoa cada vez mais imunizada e protegida.

F - Tipos De Obsessão Complexa

Processos:

- 1 - de destruição do corpo físico, com ou sem ruptura da tela búdica.
- 2 - de perturbação das realizações humanas ou mesmo de levar à morte (associados ou não aos acima).

Magia negra.

1 - Processos de destruição do corpo físico, com ou sem ruptura de tela búdica.

Quando a obsessão visa destruir o corpo físico, apresenta esses dois aspectos (como já vimos):

a) - Os obsessores não usam técnicas sofisticadas nem possuem energia mental bastante para destruir a vítima. Não provocam consequências sérias. Constituem, felizmente, a maioria dos casos de obsessão. Classificamo-los como obsessão simples.

b) - Os danos, doenças e sofrimentos são provocados por magos negros desencarnados ou por magia negra de encarnados. Empregam-se técnicas engenhosas e sofisticadas, cuja aplicação demanda, por vezes, longos períodos de tempo. O trabalho é feito por especialistas, reunidos em organizações de que fazem parte muitos espíritos solidamente hierarquizados e obedecendo, com frequência, a verdadeiros potentados das Trevas. Nestes casos (e também nos que a magia é virulentamente desencadeada por encarnados) estamos diante de processos que classificamos como obsessão complexa.

Note-se, porém, que nem sempre os obsessores agem sobre a mente - atuação que não se enquadraria no conceito clássico de obsessão (uma vez que este: contempla apenas os casos em que a mente é visada).

Muitas vezes, o objetivo não é - de: modo algum - induzir à loucura, mas empobrecer, levar à miséria ou aos vícios, desfazer casamento sólido ou até mesmo destruir, pura e simplesmente, a criatura.

Neste último caso, costumam ser programados acidentes de trânsito, agressões etc.; nos outros usam-se processos em que pode não entrar a atuação direta sobre a mente da vítima.

Tela búdica

Além da programação de acidentes, agressões etc., técnicas às vezes apuradíssimas são empregadas para provocar moléstias incuráveis.

Ora, é sabido que: a geração de: moléstia física, por parte de agentes (espíritos) astrais, dificilmente tem condições de êxito. Todos os encarnados possuem órgão especial de defesa contra tais ações predatórias. Trata-se do que se costuma denominar de tela búdica. Esta tela (como a vêem os videntes) está localizada nos limites exteriores do corpo etérico, e se constitui de fina, mas protetora faixa de magnetismo condensado. Ela impede que predadores desencarnados se apossessem do corpo físico dos encarnados. Dá proteção idêntica à de um bunker ou casamata, fazendo do corpo somático um refúgio e fortaleza para seu dono. Sem esta tela estaríamos todos à mercê do astral inferior, povoado por malfeitores de todo o tipo.

Acontece, porém, que mesmo esta nossa proteção natural pode ser vencida, em determinadas condições. Para tanto, são necessários conhecimentos técnicos e acurado escudo das condições kármicas da pessoa visada. É o que fazem os técnicos das Trevas. Localizando brechas kármicas (pontos fracos das vítimas) eles agem através delas até se apossar de limitadas áreas do organismo físico, quando não dele todo.

Quase sempre a ação se concentra em determinado órgão. Cravam cunhas de madeira tóxica ou espinhos astrais envenenados, renovando-os periodicamente, colocam sobre ele um ou mais ovóides que o parasitem implacavelmente etc.. Chegam, mesmo, a trazer do núcleo ou das profundezas do Planeta materiais astralinos de baixíssima frequência vibratória, que põem em contato direto com delicados tecidos do organismo. O resultado vem inexoravelmente, depois de algum tempo: rompe-se a tela búdica e sobrevem uma desarmonia tissular localizada, com instalação de moléstia incurável - como o câncer, por exemplo.

Em vista das centenas de casos deste tipo, que já tratamos e estudamos, podemos afirmar: sempre que se constatar rompimento de tela búdica, se estará diante de processo obsessivo complexo.

2 - Processo de perturbação das realizações humanas e de levar à morte.

Magia negra

Já vimos que a obsessão visa, de modo geral, fazer com que o obsediado sofra o mais intensamente possível, até morrer. Mas também são muitos os casos, dentre os que tratamos, em que obsessores não buscam a morte da vítima, mas fazê-la sofrer por longo tempo. Em outros casos, mais raros, os danos que eles buscam são morais: querem que o inimigo passe pelos mesmos sofrimentos que infligiu a eles, no passado. Temos nos deparado com obsessores que providenciam, de todas as formas, para que seu inimigo encarnado possua bastante dinheiro e viva em grande conforto, desfrutando de situação de destaque, na sociedade. No último caso que atendemos, o perseguidor se comprazia, requintadamente, com o sofrimento moral do seu inimigo. Este, rico e com imenso círculo de amizades, via-se a braços com problemas morais de toda a ordem. O primeiro filho, esperado com muito amor, nascera oligofrênico microcéfalo. A filha mais velha entrou nos descaminhos dos modernos vícios, tornou-se toxicômana; entregava-se também a amores livres e descambara até mesmo para o roubo. Outro filho, desajustado, tornara-se homossexual, além de toxicômano. Até a esposa, volúvel ao extremo, era apontada como infiel. Bem se pode imaginar até que ponto a vida deste homem se tornou amarga e cheia de decepções, apesar da riqueza e do poder econômico e social.

Espírito / Matéria

Ação maléfica deste porte, envolvendo o mundo das pessoas, ou quaisquer outras em que se programam (e provocam) acidentes, delitos etc., visando empobrecer, aviltar ou mesmo destruir as vítimas, em sua quase totalidade denotam atos de magia negra, por magos do astral ou encarnados.

(SOBRE MAGIA NEGRA, VIDE "c - Magia Negra", e item "d - Presença de campos magnéticos negativos, sem a assistência de obsessores desencarnados" e "e - Aparelhos parasitas fixados no sistema nervoso")

G - Etapas do Processo Obsessivo (Ação sobre a mente)

Segundo Kardec, a obsessão se instala em três estágios. Transcrevemos os n°s 238, 239 e 240 do "*Livro dos Médiuns*", pela importância dos esclarecimentos do mestre de Lyon, embora tantos anos já passados:

238 - Obsessão simples - Dá-se a obsessão simples quando um Espírito mal-fazejo se impõe a um médium; se imiscuindo, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados. Ninguém está obsediado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se, pois, estar enganado, sem estar obsediado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua ...

239 - Fascinação - A fascinação tem conseqüências muito graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salta aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até o ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem ...

240 - Subjugação - A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra, o paciente fica sob um verdadeiro jugo.

A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se no médium escrevente por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com os dedos, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes.

Espírito / Matéria

Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria, e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão.

Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações: estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era, porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horivelmente ...

Não temos a pretensão de corrigir Kardec. Mas fomos levados a ampliar o conceito de obsessão, não por força de teoria, mas - como o fez o próprio Kardec - pela observação, estudo e tratamento desses casos psicopatológicos ao longo de cerca de um quarto de século. Para nós, os estágios do processo obsessivo mental são quatro, o primeiro deles constituindo um estágio prévio e quase que inserido na normalidade (porque todos nós estamos sujeitos à obsessão, médiuns ou não).

I - Ação perturbatória passageira e eventual

Trata-se de processo difuso, sem visíveis sinais psicopatológicos. Parece atuação à distância, leve, mas persistente. Essa persistência transforma o incipiente estado patológico em clara morbidez.

No começo, por invigilância, a vítima é discretamente envolvida em campo magnético difuso, projetado pela mente do obsessor. Progressivamente, o obsediado vai se aclimatando a essa atmosfera de baixo padrão vibratório, sem se dar conta do posicionamento que estão tomando suas opiniões. O início de um processo Obsessivo pode ser observado exatamente: aí, na passionalidade e/ou radicalização virulenta com que são manifestadas as opiniões pessoais. É comum ver pessoas de vida de relação normal, que diante da mais leve crítica às suas opiniões (políticas, religiosas, etc.), explodem intempestivamente, causando espanto aos interlocutores. Essa ênfase excessiva às próprias idéias quase sempre contradiz a conduta calma e cordata com que a pessoa aborda outros assuntos.

Há os que, por exemplo, defendem de modo agressivo seu time de: futebol. Vão aos estádios para agredir os adversários de seu time com palavras de baixo calão, não poupando nem mesmo o juiz. Estes atos desequilibrados, alguns os cometem também nos negócios. E, nos amores, muitas vezes levam os protagonistas às crônicas policiais.

A medicina classifica esse comportamento como paranóico. Demasiado enfático, denota sempre uma notória influência externa. Na verdade, campos magnéticos de obsessores estão exercendo verdadeiro domínio hipnótico nestas pessoas que se deixam influenciar. Os vícios, por exemplo, quase sempre começam por esses campos.

II - Fascinação

Corresponde plenamente ao conceito de Kardec, levando em conta, para maior amplitude, que todos podem sofrer de fascinação, e não só os médiuns.

Espírito / Matéria

É, naturalmente, uma etapa mais acentuada no processo de obsessão, no qual já se notam sinais de anormalidades: conduta opiniática e, sobretudo, distorção de valores subjetivos da personalidade. Nessa etapa o doente luta para fazer valer suas concepções. Casos bastante comuns são os das pessoas aparentemente normais que, descendo de sua posição social e dignidade, passam a pichar paredes com frases feitas, exaltando seu candidato preferido, por ocasião de eleições políticas. Costuma-se dizer, então, que a pessoa está fascinada por outra ou pelas idéias que defende. Esse fenômeno é muito mais comum do que se pensa, pois toda a humanidade é fortemente influenciada pelos espíritos evolutivamente: inferiores, habitantes das regiões próximas à crosta planetária.

III - Domínio da mente

Nessa fase a pessoa já está praticamente governada pelo obsessor que, lentamente, conseguiu envolvê-la em seu campo magnético-mental, quebrando resistências psíquicas e hipnotizando-a.

A censura natural que temos (e que vigia nossa conduta) nessas pessoas se torna quase nula. O enfermo passa a joguete do obsessor. Valores subjetivos se subvertem, sobrevêm as alucinações auditivas, a princípio difusas e esporádicas, mas cada vez mais freqüentes; ao fim, tornam-se declaradas: seres invisíveis dialogam com o obsediado, invectivam seus atos, acusam-no de conduta que: nunca teve. Induzem-no, assim, a atitudes deprimentes.

Alucinações visuais também são comuns nessa fase, ou mesmo manias de perseguição. O doente se julga marcado para morrer, perseguido por espiões ou outros verdugos. Está praticamente dominado pelo obsessor: todas as suas ações são dirigidas por este.

IV - Subjugação

Atima e mais trágica de todas as fases. Nesse estágio da doença psicopatológica, o enfermo está totalmente dominado pelo obsessor, que faz dele o que quer. O obsediado (e enfermo) se tornou mera marionete.

Caracteriza-se pelas agressões a si próprio, pelo suicídio puro e simples, ou pela agressão a circunstantes, começando pelos familiares. É a loucura franca e total, conforme a conhece o vulgo. O paciente não atende às admoestações amoráveis. Reage, quase sempre, com irracionalidade e violência. Alguns esmurram paredes, porque vêem os inimigos das sombras e querem atacá-los. (Tais surtos psicóticos agudos necessitavam, ainda em tempos recentes, de camisa-de-força. Hoje, o recurso é sedar fortemente o paciente, derrubando-o em sono.)

Esse último estágio configura a posse corporal, em tudo semelhante à incorporação espírita. O obsessor empurra para fora do obsediado o espírito deste e incorpora através do chakra esplênico. (No que obedece ao princípio quântico de De Pauli, pelo qual um corpo não pode ocupar dois lugares, ao mesmo tempo, no Espaço.)

A ação agressiva, acreditamos, não ocorre inteiramente por conta do obsessor. Em parte, ela é um processo reacional do próprio paciente, no afã de se libertar do ser estranho que se apossou do seu corpo: réstias de consciência não totalmente apagada. A reação agressiva é habilmente usada pelo invasor, que a intensifica e dirige para o objetivo de aniquilar a personalidade da vítima perante os circunstantes.

Espírito / Matéria

Com o tempo, o obsediado fica apático, alheio ao ambiente - configurando a esquizofrenia crônica da Medicina. Passa a engrossar as fileiras de mortos-vivos dos hospitais psiquiátricos, em enfermarias de casos crônicos.

*

Como temos visto nesta obra, há muitas outras formas de ação maléfica de espíritos desencarnados sobre encarnados, dependendo do interesse do obsessor, seus conhecimentos técnicos, força de sua mente, a região visada e a resistência da vítima.

Abordamos, aqui, os processos de ação obsessiva sobre a mente. Por esta razão, pela abordagem desse campo particularizado, nossas convicções coincidem, em muitos pontos, com as de Kardec. Frisamos, porém, que no nosso entendimento a patologia é muito mais vasta. Abrange, além da mente, **TODO O CORPO FÍSICO**. Apenas para esclarecimento de nossa posição, perguntaríamos:

- Podemos classificar como processo obsessivo "clássico", mental, a magia negra que impede a realização de negócios através de injunções apenas materiais?

- E as enfermidades incuráveis provocadas por espíritos, como o câncer, por exemplo, em que é atingido um órgão longe da cabeça, excluindo qualquer ação sobre o cérebro ou pensamento da vítima?

Como se vê, nem só de disfunções mentais se constituem os processos obsessivos.

II - Fenômenos Anímicos Auto-Obsessivos

a) Ressonância com o passado

Ressonância com o passado é o vislumbre fugaz e inesperado - por "flashes" ideoplásticos - de situações vividas em encarnações anteriores. A pessoa encarnada não se recorda de vidas passadas porque o cérebro físico não viveu aquelas situações e, logicamente, delas não tem registro. Nosso cérebro está apto a tratar de fenômenos que fazem parte da existência atual, e não de outras.

O Espírito eterno que nos habita, entretanto, guarda todas as cenas vividas nas encarnações anteriores. Tudo, sensações, emoções e pensamentos, com todo seu colorido.

Em ocasiões ou circunstâncias especiais, alguma vivência anterior pode filtrar-se para o cérebro atual, fazendo com que possa emergir ao nível da consciência. Se harmônica a lembrança, alegre, feliz, a sensação irradiada será um misto de indefinível alegria e saudade, algo que a pessoa jamais poderá explicar, embora se vislumbre uma certa relação com fatos, coisas, paisagens ou situações vividas no presente. Ao visitarmos lugares desconhecidos, por exemplo, acontece de sermos visitados por lembranças saudosas, fragmentárias mas vivas, embora foscas e sem contornos. De repente uma casa antiga, recanto de jardim ou ambiente interno se mostram muito familiares, a tal ponto que nos parecem já conhecidos, embora a certeza, que temos, de jamais os ter visto antes.

Essas impressões não são descabidas.

Ao nos depararmos com tais lugares, sua semelhança com ambientes e cenas do passado despertam uma lembrança que não tem como emergir normalmente. Há uma espécie de

Espírito / Matéria

superposição de imagens que, por sua semelhança, provocam uma ressonância vibratória. E alguma cena longínqua, talvez de muitos séculos atrás, emerge foscamente, pressionando a consciência de modo por vezes tão vivo que pode ressurgir em vislumbre fugaz.

Quando a vivência remota é desagradável, sua filtragem para o presente pode causar angústia súbita, mal estar, temor. Com o tempo, sobrevem a desestruturação da personalidade e, nos graves, franca psicopatia. As sucessivas lembranças, brotando inesperadamente e sem explicação lógica, acabam por minar o sistema nervoso. E, para agravar ainda mais o estado patológico, costuma concorrer o próprio pavor gerado pelo insólito fenômeno. Este medo da origem a correntes mentais parasitas auto-induzidas que, por si próprias, constituem uma síndrome psicopatológica bem definida.

Tratamento

O tratamento desta síndrome, ainda desconhecida da Medicina, consiste em apagar do cérebro do paciente a impressão das imagens irrompidas de outra equação de Tempo. Este apagamento se faz pela técnica de despolarização dos estímulos de memória, desenvolvida na Casa do Jardim há quatorze anos, e aplicada por nós durante todo este tempo, com sucesso.

Caso ilustrativo

Paciente: L. V., sexo feminino, branca, casada, 32 anos.

Biótipo: Ecto-endomórfico.

Religião: Espírita.

Data de atendimento: maio / 1974.

Internada no Hospital Espírita pela segunda vez. Hospitalizada há já três meses. Diagnóstico de esquizofrenia em fase de cronificação, ante a irredutibilidade do quadro clínico - não obstante o uso do arsenal terapêutico especializado. Intensa angústia. Delírio de perseguição. Crises exageradas de temor. Sensação de abandono e desamparo que levam a prolongados acessos de choro seguidos de confusão mental. Psicopatia franca, instalada.

Tudo começou durante enfraquecimento orgânico ocasionado pelo último parto, quando enfrentou problemas domésticos de pouca importância. Houve uma súbita e desproporcional crise de angústia a que se seguiu outra, e mais outra alguns dias mais tarde ... e assim por diante. Após ter percorrido psiquiatras competentes, a paciente foi obrigada a internar-se, tal era sua agitação psicomotora durante as crises.

A primeira internação durou três meses, resultando em acalmia que lhe possibilitou a volta ao lar. Dentro em breve, porém, reapareceram as anomalias - que resistiam aos mais fortes calmantes. De volta ao hospital, suas crises de agitação são agora constantes.

Tratamento no Hospital Espírita: o clássico; eletrochoques e altas doses de psicotrópicos apenas reduziram a intensidade da sintomatologia. Os médicos, por isso, foram levados a classificar o quadro como "esquizofrenia em processo de cronificação".

O tratamento na Casa do Jardim pôde ser feito com a presença da paciente.

Espírito / Matéria

Ao entrar na sala, ela se agarra a nós, inesperadamente, e irrompe em choro desesperado, implorando que a salvemos. Grita que não agüenta, não pode resistir por mais tempo.

Desdobrados pela apometria, nossos médiuns logo identificam uma mulher desencarnada, em péssimo estado vibratório, junto à paciente. A entidade está presa, ainda, a esquife de tipo muito antigo, que arrasta penosamente.

Passamos a tratar da entidade sofredora. Cortamos os laços magnéticos que a prendem ao trambolho fúnebre, libertando-a. Aliviada, a desencarnada começa um longo relato do drama vivido pela enferma em encarnação anterior, quando vivia na Escócia.

Naquele país, foi irmã muito querida da agora encarnada. Havia grande diferença de idade entre elas, pois a caçula (enferma atual) nascera de pais já idosos. Os pais, muito ricos, não viveram muitos anos depois do nascimento de sua última filha; a mãe desencarnou logo depois, e, em seguida, o pai. A caçula ficou órfã em tenra idade. A irmã mais velha, solteirona de caráter enérgico e muita personalidade, tomou-se de amores pela criança e passou a criá-la com desvelos de mãe. Protegia-a até em excesso, em qualquer situação da vida, de modo que se estabeleceram entre as duas laços afetivos tão intensos como entre mãe e filha.

A vida da menina transcorria tranqüila e doce, abrigada em mansão, berçada no carinho da irmã e cercada da atenção de muitos fâmulos. Flor de estufa, não pôde se preparar para enfrentar as borrascas que o destino lhe poderia reservar.

Chegando a idade de casar-se, a irmã fê-la unir-se a conterrâneo que, embora nobre, longe estava dos anseios da moça rica e romântica. Viciado pelo ambiente em que vivia, o rapaz era dado à boêmia, noites amorosas fora do lar, jogo desenfreado - que o estava empurrando a ruína. Para evitá-la é que se casou com a jovem, visando seu opulento patrimônio.

Demonstrou bem cedo o caráter frívolo e de baixo estofó moral, exigindo sempre mais e mais dinheiro para satisfazer seus instintos inferiores. Esse desvario chegou ao ponto de a irmã intervir energicamente na vida do casal, expulsando o estróina de casa. Este, em conseqüência, passou a votar à solteirona um ódio mortal, ao mesmo tempo que a temia pelo caráter enérgico e pela honestidade de suas atitudes.

Quando a enferma atingiu, naquela existência, a idade de 32 anos, a irmã mais velha desencarnou, deixando-a imersa em saudade incontrolável e à mercê do esposo, que não titubeou em voltar para casa e, logo, assumir o comando da fortuna. Dilapidou todo o patrimônio em pouco tempo. E, para completar, abandonou impiedosamente a esposa e o lar.

Pouco tempo depois, a rica herdeira de barões das highlands escocesas morria em miséria total, após passar por amargas privações, frustrações, desgostos enormes e muitos sofrimentos.

Quando da morte da cunhada, o estróina tomou a preocupação de imantá-la à sepultura, por vingança e precaução. Temeroso de que a mulher, mesmo no além-túmulo, viesse a exigir contas de seus atos, conseguiu fazer isso (provavelmente contratando competente feiticeira) por meio de um crucifixo preto, adredemente preparado, que colocou sobre os pés do cadáver. A cunhada, por causa do reduzido desenvolvimento espiritual, e talvez, também, por não possuir maiores merecimentos, não conseguia livrar-se da mortalha nem do esquife com que fora sepultada. Carregava ainda consigo, na erraticidade, o fardo tétrico e incômodo, com toda sua carga de desespero. (E bom esclarecer que todos os objetos de nosso uso têm uma contrapartida astral, tão real como a física.) Esse foi, com supressão de detalhes, o drama ocorrido na Escócia em meados do século passado, tal como narrou o espírito da irmã, incorporado.

Espírito / Matéria

Tratamento do espírito

Projetamos energias, sob contagem, e ministramos passes magnéticos bastante enérgicos, para libertar a senhora da pesada mortalha e do caixão. Isso foi conseguido em minutos.

Cuidamos, em seguida, de revitalizá-la. Com resultado imediato, projetamos energia cósmica revitalizante. Libertada, mais calma, a senhora nos agradece repetidas vezes, chorando de alegria.

Fazemos com que ela seja, então, o grande mal que estava causando a irmã encarnada, com sua presença chorosa e acabrunhada. Isso a choca profundamente, porque seu desejo é tão-somente ajudá-la. Tanto isso é verdade que ela só está ali por chamamento da própria irmã. Revela que a irmã costuma chamá-la durante a noite, como tantas vezes fizera antes, aliás, quando, criança ainda, clamava pela presença dela (com medo de dormir no escuro).

Seus anseios de mãe adotiva culminam em carinhos na irmã / paciente. Permitimos que ela toque, pelas mãos da médium, as mãos longas e tratadas da irmã. Chora, então. E ao mesmo tempo ri, em momentos de intensa e patética emoção, que sensibiliza os trabalhadores presentes. Dá graças a Deus por aqueles instantes supremos de amor longamente represado, pela ventura de poder tocar fisicamente sua pequenina, como outrora. Chorando de alegria, diz que as mãos da irmã são iguais às da vida anterior.

Perguntamos se gostaria de iniciar um tratamento em hospital do astral para, futuramente, ajudar melhor sua irmãzinha. Ela concorda, de pronto. E se desliga da médium, agradecendo, agradecendo ...

Tratamento da paciente

L. V. não foi desdobrada, em vista do seu estado emotivo. Comandamos, apenas, sintonia vibratória para ligá-la com o Alto.

Ministramos:

- 1 - passes magnéticos para limpeza de vibrações negativas que a envolvem;
- 2 - tratamento magnético para redução vibratória dos chakras superiores;
- 3 - drenagem, do cérebro, das correntes magnéticas de baixa frequência e imagens parasitas, formadas no cérebro astral pelo temor e angústia continuados. (Vide "Correntes mentais parasitas auto-induzidas")

- 4 - aplicamos a "despolarização dos estímulos da memória" da vida anterior, com o objetivo de fazer com que a paciente se esqueça do drama escocês.

Discussão do Caso

Processo patológico em que incidem duas leis psíquicas atuando simultaneamente, como acontece com as leis da eletricidade. No cérebro astral se geraram correntes mentais parasitas, agravando ainda mais o estado da paciente, pelo esgotamento psíquico que se instalou.

Espírito / Matéria

1ª Lei - Ressonância vibratória com o Passado

Por atuação desta Lei, houve passagem de situações angustiosas de encarnação anterior para a atual. Essas passagens se repetiram tantas vezes que construíram um estado de consciência anormal. A permanente angústia foi o primeiro núcleo da neurose que, com o tempo, degenerou em psicopatia. A ressonância com o drama do passado surgiu quando a paciente completou 32 anos na atual encarnação - mesma idade que tinha na vida anterior, quando morreu a irmã. O trauma afetivo do passado tornou-se o foco ativo da psicose atual.

Vibrátil ao extremo, L. V. teve mais facilidade de sintonizar vibratoriamente o plano espiritual porque fisicamente enfraquecida. Com os laços vitais debilitados, pôde perceber psiquicamente (por fenômenos de ideoplastia) certas situações de desespero por que passou na Escócia.

(Esclareça-se que a ideoplastia é como a modelagem mental de uma idéia. O cérebro atual, porém, não tinha registro dos fatos da vida anterior. Assim, a paciente não podia equacionar a súbita angústia, o mal estar de que era acometida sem causa aparente).

Esse processo gerou o temor da loucura, medo da morte, horror de vir a ser abandonada, tal qual sofrera antes: correntes mentais parasitas, que acompanham estados mórbidos, agravando-os.

2ª Lei - Indução Espiritual

Quando o corpo de L. V. adormecia, o espírito, desesperado, clamava por socorro. Chamava pela irmã, pela proteção que tantas vezes havia tido, antes. A irmã, que se encontrava errante, também angustiada e sofredora, atendia ao chamado. Vinha. Mas, porque também desarmonizada, transmitia - por indução espiritual - seu próprio estado vibratório à paciente. Contribuía, pois, ainda que involuntariamente, para o sofrimento desta. Note-se que a irmã agia negativamente apenas pela presença e não por manifesta intenção de prejudicar.

Resumindo, para compreensão plena:

I - A ressonância vibratória com o passado angustioso trouxe a desarmonia psíquica para a vida presente, através de "flashes" ideoplásticos;

II - A indução espiritual, transferindo energia desarmônica da irmã para a paciente, agravou o desequilíbrio;

III - A ação das duas leis anteriores gerou correntes mentais parasitas, auto-induzidas, acelerando o desgaste psíquico que, em sua progressão, tendia a levar a doente ao desequilíbrio total.

Tempo de tratamento: 40 minutos.

Número de atendimentos: um único.

Resultado: alta do Hospital Espírita em 3 dias, completamente curada.

Durante cerca de cinco anos tivemos oportunidade de acompanhar a paciente, comprovando sua cura completa. Formou-se em Direito e exerce a profissão.

Espírito / Matéria

b) - Recordação tormentosa, fragmentária, de encarnação anterior

Nesta síndrome não há imagens, nem vislumbre de cenas vividas em existências anteriores. O doente tem súbito mal-estar, angústia ou estados depressivos que repetem os sofridos em outra(s) vida(s), sofrimento este que parece consequência de algo indefinível, fosco, uma apenas vislumbrável sensação. Vislumbram-se fragmentos de cenas, tudo esparsa e desconexo, mas que se sabe fazer parte de um conjunto que se sente - é degradante (ou em degradação).

A princípio essas vivências costumam ser interpretadas como restos ou talvez parte de esquecido sonho. Lentamente, porém, elas vão gerando um estado de consciência diferente do natural. A contínua focalização de uma realidade deprimente (ainda que entrevista por fragmentos e estranhas sensações) leva a sintonizá-la; tornam-se cada vez mais constantes os momentos de fuga em que de novo são vividas as sensações de antes, algumas angustiosas, outras maldosas, mas todas degradantes. Instalada a ambivalência de vivências, ocorre, mesmo, a prevalência das anteriores sobre as atuais, com evidente perturbação: a pessoa não sabe a que atribuir fenômeno tão irresistível e ao mesmo tempo insólito.

Persistindo, o processo tende a se fixar na conduta. E, uma vez fixado, instala-se também uma outra síndrome. Como a pessoa não consegue explicar tais lembranças, o medo da loucura produz correntes parasitas auto-induzidas. E o desgaste psíquico se acelera ainda mais.

A esse terror, outros podem se ajuntar. Se a pessoa, por exemplo, tiver conhecimentos da Lei do Karma, vem-lhe o medo do resgate pelos erros. Tais círculos viciosos formam verdadeiros vórtices energéticos, focos de dissociação neurótica.

Embora a Medicina não acredite, levando as vagas sensações, angústias etc., na conta de delírios imaginativos, "alucinações" etc., tudo que o doente vê é perfeitamente real para ele.

Tratamento

Desdobrado, o paciente é levado ao espaço-tempo de que provêm as sensações e lembranças fragmentárias. Uma vez lá, todas elas devem ser apagadas da mente, através da técnica de despolarização dos estímulos da memória, de êxito certo.

c) - Correntes mentais parasitas auto-induzidas

Nas mentes obsediadas costumam formar-se correntes mentais de intensidade proporcional às situações de angústia que lhes deram origem, espécie de formas-pensamento geradas e alimentadas pela imaginação do doente, em seu desequilíbrio emocional.

A causa principal é o medo, às vezes terror pânico, com angústia tanto mais intensa quanto maior o pavor. Essas correntes mentais provocam grande desgaste no sistema nervoso e esgotam a pessoa, que muitas vezes sofre desnecessariamente, por antecipação. Conforme a intensidade, o processo poderá ser classificado como síndrome psicopatológica, clara enfermidade mental.

Essas correntes mentais auto-induzidas constituem fenômeno que afeta todos os humanos, obsediados ou não, por atavismo, talvez. Nossos antepassados pré-históricos, abrigados em furnas escuras e frias nas longas noites hibernais, viviam em constante temor das feras, dos elementos e dos inimigos humanos. Este pavor, vivido por milênios e infindáveis gerações, terminou por ficar impresso em nossa Espécie.

Espírito / Matéria

Na infância temos medo do escuro. E esse escuro tende a se ampliar, tomando-se maior e mais importante que a escuridão apenas física. No adulto, é o temor do desconhecido. Medo da morte. Horror a qualquer espécie de sofrimento. Angústia pela possibilidade de perder bens ou entes queridos. Medo de ficar pobre (como se observa em alguns neuróticos), e todo o imenso rosário de pavores mais ou menos subterrâneos.

Disso se aproveitam os obsessores, que atemorizam suas vítimas - a partir deste alicerce atávico - por todas as formas imagináveis, sob os mais incríveis pretextos, visando aniquilá-las ou fazê-las sofrer. Usam, nisso, de todos os meios, desde técnicas hipnóticas sofisticadas (formando imagens mentais destrutivas) até as mais grosseiras e de efeitos físicos, como os "raps", pancadas (comuns em casas assombradas), tornando bem evidentes as presenças do "outro mundo".

Há pessoas bastante vulneráveis a esse tipo de obsessão. São as que continuamente cultivam pensamentos enfermicos, comprazendo-se, por exemplo, em descrever sintomas de doenças de que sofrem ou imaginam sofrer. Poderíamos nos alongar, descrevendo algumas outras idéias malsãs que dominam a vida de pessoas e, às vezes, grupos delas; mas preferimos que o próprio leitor as encontre e reflita. Mencionamos apenas um ou outro desses estados mentais, porque muito sutil e formidavelmente negativo.

Muitas vezes encontramos criaturas que, frente a todas as circunstâncias - até mesmo em questões de fé e religião - mostram-se tão vacilantes que fazem da dúvida o anti-alicerce de suas personalidades: deixam-se dirigir muito mais por ela do que pela sadia realidade da certeza! São enfermos mentais, mas não sabem. Podem não ter chegado ao ponto de franco desequilíbrio. Mas vivem inseguras, angustiadas, vulneráveis e sujeitas a se deixar influenciar por pessoas de personalidade forte. Sobre essas pessoas e sua doença, André Luiz nos legou páginas esclarecedoras. No livro "*Os Mensageiros*", por exemplo, podemos ler (capítulo "Mente enferma"):

"Aniceto nos tocou de leve, e falou:

- Reparem como este homem traz a mente enfermiza. É um dos curiosos doentes, encarnados. Tem vasta cultura e, todavia, como traz o sentimento envenenado, tudo quanto lhe cai nos raciocínios participa da geral intoxicação. É pesquisador de superfície, como ocorre a muita gente. Tudo espera dos outros, examina seu semelhante, mas não ausculta a si mesmo. Quer a realização divina sem o esforço humano; reclama a graça, formulando a exigência; quer o trigo da verdade, sem participar da sementeira; espera a tranquilidade pela fé, sem dar-se ao trabalho das obras; estima a ciência, sem consultar a consciência; prefere a facilidade, sem filiar-se a responsabilidade, e, vivendo no torvelinho de continuadas libações, agarrado aos interesses inferiores e à satisfação dos sentidos físicos, em caráter absoluto, está aguardando mensagens espirituais ..."

Em todos os casos de obsessão de que tratamos (e estudamos) essas correntes mentais parasitas, auto-induzidas, concorrem com sua apreciável parcela de energia desgastante, agravando o estado do enfermo. Em qualquer tratamento de obsessão, portanto, é preciso levar em conta essa auto-atuação negativa.

A higiene mental (tão insistentemente recomendada por orientadores religiosos de todos os tempos), a psicoterapia bem conduzida, o apoio moral sadio e amoroso podem fazer com que o doente trilhe seguro caminho de cura, minimizando o efeito dessas energias anímicas. Também como remédio, apontamos os passes magnéticos recebidos sistematicamente, estudo e culto do Evangelho, vida ao ar livre e esportes bem orientados.

Espírito / Matéria

Vejamos, agora, as analogias dessas correntes mentais auto-induzidas com outras, de que trata a Física.

Demos, ao fenômeno, a denominação de correntes "parasitas" porque, em sua gênese, das se comportam como as correntes de FOUCAULT, em eletroímã. Sabemos que, ao circular a corrente elétrica em um eletroímã, no núcleo de ferro se formam correntes magnéticas induzidas - parasitas - que se degradam em forma de calor. (Em toda corrente eletromagnética, se a frequência aumentar, parte da energia se transformará em calor.) O calor poderá chegar a tal intensidade que provoque a danificação do aparelho, razão por que todos os núcleos de ferro de aparelhos elétricos são constituídos de laminados, para evitar a amplitude dessas correntes magnéticas.

Exatamente como na Física, muitos seres humanos têm seu psiquismo afetado, "queimado" pela "doença" de que pode sofrer um eletroímã. Correntes de natureza anímica também super-aquecem e destroem. Egoísmo desenfreado, gosto mórbido por notícias chocantes (noticiário policial, por exemplo), "fofocas" sobre atos alheios menos dignos, enfim, a contínua falta de asseio mental instala na pessoa a baixa frequência propícia à desestruturação psíquica. Qualquer dificuldade que surja na vida desses desavisados, uma perda, dor ou doença, poderá ser bastante para provocar o super-aquecimento e a auto-destruição, com anulação da vontade e desorganização de todos os valores da personalidade.

O fenômeno é de tamanha sutileza que, não raro, se lhe minimiza a importância. Nisto reside sua periculosidade. Por causa dela é que nos alongamos, expondo o resultado de nossas observações e estudos. No entanto, nenhuma novidade introduzimos, à exceção, talvez, da ênfase. Kardec, em "Obras Póstumas", já escreveu:

"Alguns estados doentios e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do próprio indivíduo."

d) - Estigmas kármicos físicos formando núcleos obsessivos.

Todos conhecemos pessoas que nascem marcadas indelevelmente por sinais, cicatrizes e outras deformações que lhes limitam a atividade psicomotora ou tornam muito feia sua aparência física. O que marca principalmente as mulheres. Criaturas assim estigmatizadas sofrem enormemente por causa dessas deformidades, para as quais não encontram explicação lógica. As anomalias geram núcleos, mais ou menos profundos, de estados angustiosos que evoluem para a neurose, ao mesmo tempo que engendram recalques.

É sabido, no entanto, que tais marcas aparecem sempre por imposição da Lei do Karma. Sua presença na atual encarnação constitui verdadeiro acicate, mostrando à pessoa, constantemente, a natureza de algum antigo erro dela. A anomalia, portanto, aponta para a educação espiritual.

Essas deformações costumam aparecer, por exemplo, em suicidas de encarnações anteriores. Como a autodestruição lhes lesou profundamente os corpos inferiores somático, etérico, astral e mental - permanecem eles, depois da morte, com lesões que ressurgem em outra vida, sinal indelével do erro cometido.

Em 1979 atendemos uma criança (seis anos) portadora de cardiopatia congênita, mistura de sangue venoso com arterial e descompensação funcional. Criança subdesenvolvida, enfermiça, fraca, sempre achacada por resfriados, tinha sua vida de relação muito limitada, e era presa da angústia e pesadelos noturnos. Antes de se submeter à cirurgia cardíaca (física), e em preparação a ela, procurou a Casa do Jardim.

Espírito / Matéria

Estudando o passado do menino, descobrimos que a causa da cardiopatia era um punhal cravado profundamente no peito dele, na área cardíaca. Em encarnação pretérita ele assassinara um amigo numa vetusta mansão, onde os dois cortejavam a mesma moça. Desesperado por se ver preterido em favor do rival, resolveu eliminá-lo traiçoeiramente. Assim, quando ambos visitavam a moça (convidados, que foram, para um jantar), aproveitou-se de um momento em que ficaram a sós e, a pretexto de mostrar um belo cavalo, convidou o rival para acompanhá-lo às cavalariças. Enquanto desciam escada um tanto escura, em dependência térrea pouco freqüentada, voltou-se subitamente e desferiu certa punhalada no coração do outro, matando-o. Saltou sobre o corpo e foi para o pátio, onde encontrou outras pessoas com as quais se misturou, conversando e agindo como se nada tivesse acontecido.

O crime não foi descoberto, embora o criminoso tivesse ficado sob alguma suspeição. Como ambos os moços pertenciam à alta nobreza, foi fácil, para as autoridades, atribuir o crime a algum ladrão que se viu surpreendido pela vítima antes que tivesse tempo de roubar.

O tempo passou, mas o criminoso jamais se esqueceu do punhal cravado no peito do amigo e aquele olhar surpreso, no momento em que morria. Como o pensamento tem força criadora, no astral, formou-se na mente do culpado (por fenômeno criativo ideoplástico) uma forma-pensamento em que o punhal resplandecia perenemente, manchado de sangue. O punhal tornou-se uma presença real em todos os momentos do espírito do criminoso.

O tempo fez com que a arma passasse a integrar o corpo astral do assassino. Ao desencarnar, o punhal foi com ele. Só que, agora, cravado em seu próprio peito. (Lei do Retorno dos atos praticados: Bem gera o Bem; Mal, o Mal.)

A energia anômala do punhal, profundamente dissociativa em relação ao delicado equilíbrio biológico das células que iriam constituir o órgão cardíaco (durante o processo de formação embrionária), acabou por perturbar acentuadamente o dinamismo de formação dos tecidos, provocando anomalia congênita. A etiologia da patologia cardíaca era, portanto, nitidamente de ordem espiritual. Fugia, por completo, aos meios normais de investigação e tratamento científicos. A causa estava, em última análise, na ação da Lei de Harmonia Cósmica: obedecendo-a, o criminoso providenciou sua própria punição; nasceu enfermo, na justa medida do mal que desencadeara.

Por misericórdia divina, todavia, a cardiopatia era passível de correção através de ato cirúrgico cruento. Com esse sofrimento, o aluno cósmico ficou sabendo, talvez para sempre, que nunca se deve ferir nossos irmãos, sob nenhum pretexto.

Após três atendimentos na Casa do Jardim (a intervalos de 7 dias), com a retirada do punhal fatídico, o menino sofreu a cirurgia programada, com êxito relativo.

Tratamos da vítima do passado. Em processo de obsessão simples, o moço apunhalado não abandonava o menino: foi encaminhado a estância de recuperação, no astral.

Em março de 1987 tivemos notícia do estado do paciente. A cicatrização da cirurgia só se completou em quatro meses. Durante cerca de cinco anos (até 1984, portanto) permaneceu enfermo, entrando depois em fase de recuperação. Goza atualmente, de perfeita saúde.

e) - Estigmas kármicos psíquicos formando núcleos obsessivos

Estigmas psíquicos têm origem e conseqüências idênticas às dos físicos. A diferença é que os físicos são relativamente raros, enquanto os psíquicos podem ser encontrados por toda a parte, já que grande parte dos encarnados são portadores deles, nos mais variados graus de intensidade.

Espírito / Matéria

Hábitos viciosos, por exemplo (para não falar do vício franco e degradante), constituem estigmas difíceis de ser extirpados, pois em suas raízes não penetra o escalpelo do cirurgião. Mas há também as idéias fixas, as opiniões sistemáticas e radicais, os ódios injustificados contra as pessoas, raças ou instituições, que também contribuem para aumentar o grande exército dos desajustados psíquicos.

A dificuldade na extirpação desses estigmas está em que o tratamento requer, como já vimos em outros casos, cuidadosa higiene mental. A pessoa deve exercer ativo policiamento de sua ideação, modificando seu modo de ser.

Esses defeitos só são vencidos, quase sempre, mediante o despertar de uma consciência mais profunda, tanto a respeito de si próprio como da realidade em torno. Criaturas, por exemplo, que no pretérito exerceram atividades de mando (reis, potentados, militares prepotentes) voltam à carne com mentalidade distorcida, tendendo a exigir de todos anuência imediata às suas opiniões, quando não obediência. Vícios resultantes do poder econômico também são muito comuns, e dos mais difíceis de serem erradicados: nossa existência física permanece dinamizada e atropelada pelo dinheiro. Há, ainda, as personalidades e intelectuais de tendências messiânicas, que pretendem liderar as massas por meio de fórmulas de governo inviáveis para o momento histórico; trata-se, na maioria das vezes, de antigos tribunos e políticos que ainda conservam o ardente desejo de se destacar do comum dos mortais, a quem - julgam eles - têm o direito e o dever de orientar.

Tão grande é a gama desses estados de consciência que é impossível abordá-los em detalhes. Constatamos, todavia, que boa parte desses estigmatizados (sobretudo os que podem exercer certa influência sobre os demais) são manobrados pelas Trevas, com quem, na invigilância que os caracteriza, costumam se vincular em simbioses dos mais variados graus de profundidade.

Todas essas criaturas precisam perceber que a nota tônica de sua conduta é o egoísmo. Se perceberem e se convencerem da necessidade do antídoto - renúncia evangélica - terão curados seus estigmas psíquicos. Elas não conseguem ver a cura que está nelas, naquele que disse: EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA.

f) - Desajustes reencarnatórios

Os desajustes reencarnatórios geralmente se tornam focos de angústia - as neuroses -, que, com o tempo se transformam em psicoses. E a psicose caracteriza o estado final e definitivo da psicopatologia, com comprometimento sério da estrutura da personalidade, sobretudo no julgamento de valores subjetivos.

Uma dessas causas de desajustes reencarnatórios é a troca de sexo. Raramente uma criatura consegue viver em ajustamento perfeito, quando encarna com sexo oposto ao seu. O novo estado lhe trará um modo de ser diferente do habitual, apesar de viver em outra época, com costumes e valores diversos, e embora o corpo físico a isole das vivências do passado.

Temos visto casos, muitos, em que o sexo anterior transparece na personalidade atual, causando perturbações estranhas, gestos e maneiras diferentes, apreciações de valores incompatíveis com a atual personalidade, além de muitas outras situações, tendências e atitudes algo inusitadas, com prejuízo para o sujeito. Aparecem, também, aberrações e vícios, na prática sexual.

Os desajustes sexuais são mais comuns porque o sexo é regido por tendências atávicas, em que o instinto prevalece, dominante. Nos casos de troca de sexo por injunções kármicas, a situação atual se imbrica com vivências profundas de situações anteriores. Estas, em certos momentos,

Espírito / Matéria

podem aflorar em níveis subliminares de consciência, interferindo na existência atual da criatura. Estabelecem-se, assim, as perturbações.

Embora o sexo seja predominante como fator desses desajustes, todos os outros conflitos com estados encarnatórios anteriores podem provocar irreversíveis aberrações emocionais.

Temos encontrado seres que não se afinam com a vida social. Parecem misantropos que, ante investigação mais profunda, se revelam antigos anacoretas, monges que passaram a vida fugindo do convívio humano por medo dos pecados da carne. Via de regra, estes monges encarnam no mesmo sexo, mas fogem das mulheres. São bisonhos, ingênuos, incapazes de convivência materna: Viveram reclusos por anos a fio, encarcerados em concepções coercitivas que lhes marcaram as personalidades por largo período de tempo. Com tais antecedentes, facilmente se desajustam. Não sabem viver em sociedade.

Outras vezes, nos deparamos com antigos poderosos que hoje se vêm frustrados em suas prepotências, colocados em encarnação sem brilho e poder, pobres, presos a empregos que odeiam, e além disso perseguidos pelos desafetos desencarnados.

Por tudo isso, bem se pode entender o terrível drama da humanidade.

Quase todos os humanos são enfermos espirituais. Com o passado de erros e viciações de conduta, o homem de hoje nasce desajustado pelas pesadas cargas kármicas de ontem, que o infernalizam e infelicitam. A psiquiatria também considera neurótica a grande maioria da humanidade. Com efeito, uma criatura raramente se considera feliz. Todas apresentam problemas e algum tipo de angústia, que calmantes não solucionam. É por essa razão que as religiões recomendam a harmonização pessoal através da prece, da meditação, da evangelização etc.. Indiscutivelmente, para a cura de qualquer dessas disfunções psíquicas é de extrema necessidade a renovação interior proporcionada por uma educação espiritual bem orientada.

g) - Viciação mental-emocional

Toda viciação mental indica enfermidade do espírito. Desde a mais sutil manifestação viciosa, na conduta ou enfoque de valores subjetivos, todas elas demonstram alguma anormalidade mórbida no caráter. Seja qual for o vício, fumo, álcool, tóxico, gula, sexualidade desregrada, jogo etc., qualquer um deles é, antes de tudo, um vício da mente - vinculado a desregramentos emocionais.

Com o tempo, o mórbido estado de consciência se fixa na individualidade imortal. Perdura então, ao longo de encarnações, como estigma indelével, cuja cura será necessariamente demorada e difícil. A viciação mental, portanto, pode ter origem em encarnações anteriores, e seu tratamento espiritual implicará investigação de suas raízes, no passado eterno. Já os vícios mentais da presente vida são mais fáceis de ser extirpados, em razão da relativa inconsistência de suas raízes e da menor profundidade da anomalia.

Todas as formas de vício, recentes ou enraizadas no pretérito, constituem focos de desajustes da personalidade. Interferem na conduta e no modo de encarar a vida, gerando energias de baixo padrão vibratório que, com o passar dos anos (quando não dos séculos) dominam o viciado e o escravizam.

Em todos os casos, a cura passa pela higiene mental, prática de vida reta, cultivo de atos nobres, vigilância de atitudes, atos e palavras, de modo que o indivíduo tenha condições de sair do estado de inferioridade espiritual em que se afundou.

Sabemos que as emoções dão vida e colorido aos nossos atos. Logo, é preciso que as controlemos, como primeiro passo à reconstrução interior. Quem ostenta boa educação é porque,

Espírito / Matéria

desde pequeno, foi habituado a manifestar as emoções com comedimento, sem explosões ruidosas e palavras de baixo calão. (Em síntese, boa educação é obediência a padrões éticos mais ou menos rígidos.) A conduta reta, em consequência, vem a ser o atestado mais evidente da eficiência com que foram moldados os indivíduos que consideramos educados.

Se bem policiarmos nossos sentimentos, vícios e defeitos de caráter desaparecem. Mas é preciso perseverança, constante fiscalização do que sentimos, pensamos, de todos os nossos atos, atitudes e conduta. Só assim se conseguirá o efetivo aperfeiçoamento do caráter, propiciando a elevação a planos superiores.

O balizamento deste caminho para a felicidade e a luz espiritual - notem os leitores - tem sido mostrado por Mestres de todas as épocas, nas mais diferentes civilizações. Aqui, nós estamos apenas insistindo, com Eles, em apontá-lo. Buda, o Iluminado, recomendava a seus discípulos o proceder reto, em regras imortais que visavam à educação espiritual pela vigilância constante. Em todas as religiões, embora com palavras e rótulos diferentes, a orientação básica também é esta. Sendo assim, por que seguir, por conta própria, desvios e atalhos que levam à dor, ao vício e à treva de lugar nenhum?

h) - Animismo descontrolado.

Como o próprio nome indica, animismo é tudo aquilo que vem da alma.

Nos fenômenos mediúnicos, por vezes detectamos interferência do psiquismo do sensitivo nas comunicações espirituais. Muitas pessoas impressionáveis, por exemplo, sobretudo mulheres sensíveis, simulam contatos com espíritos desencarnados, veiculando mensagens e orientações pretensamente de entidades sublimes. Via de regra são criaturas desajustadas, com ânsias de afirmação pessoal, que vêem nesse procedimento uma forma de valorizar-se no seu meio. Dizem banalidades em linguagem apoucada e sem conteúdo, em que vazam seus próprios e ralos conhecimentos, as opiniões que defendem e o desejo de exaltar as suas personalidades.

Outras vezes são médiuns que, insatisfeitos com a linguagem humilde e evangélica que normalmente usam, entregam-se à ênfase de seus pontos de vista pessoais. Começam por enxertar na mensagem legítima as criações de seu próprio cérebro que, embora afinadas com o teor da mensagem autêntica, a falseiam e deturpam.

Este fenômeno, consciente ou inconsciente mistificação, constitui uma praga, o joio no trigo amarelecido. E, como o joio, costuma ser de difícil erradicação, porquanto implica profunda mudança no modo de ser do médium.

A vigilância e a determinação de não se desviar da autenticidade, aliadas a uma inabalável humildade, é que mostrarão o roteiro seguro para todo o médium sincero, que deseja servir com pureza, discrição e bem-aventurada caridade.

Tivemos, há anos, um caso muito interessante.

Uma de nossas companheiras, de bom potencial mediúnico e com vários anos de trabalho em nosso grupo, recebia uma entidade superior que tinha a função de médico em uma das dependências do Hospital Amor e Caridade, do astral. Sintonizava-se perfeitamente com o espírito e dele recebia orientação segura para o tratamento de enfermos e nas técnicas de desdobramento.

Com o tempo, porém, ela passou a se adonar do seu orientador, fazendo prevalecer, suas opiniões pessoais sobre a melhor forma de tratamento dos doentes.

Pessoa de personalidade dominadora, nossa companheira se mostrava intransigente e opiniática em questões de fé, embora não conhecesse em profundidade tanto a Doutrina Espírita como outra qualquer.

Espírito / Matéria

Começamos a notar, a princípio, leves sinais de animismo em certas comunicações do médium desencarnado, sinais que apareciam de repente, na exagerada ênfase aos conceitos que coincidiam com os da médium. Até aí a mensagem não resultava distorcida. Havia apenas o forte sublinhamento das passagens que interessavam a médium, com emoção que não vinha do espírito comunicante. Notem os leitores a sutileza do processo de animização quando no início, e a armadilha em que pode ser apanhado o médium, quando deixa de ser humilde e vigilante.

Nossa companheira sobrepunha - apenas - à mensagem autêntica, o matiz emocional dela própria, reforçando imagens e exagerando certas facetas. Com o tempo, porém, a interferência indébita foi se acentuando, até haver notória mistura de opiniões dela com as do espírito.

Quando a mixórdia mediúnico-anímica chegou a cerca de 50% de animismo, aconteceu o inevitável. O espírito, através da própria médium (em autenticidade, portanto, indiscutível), mandou suspender o atendimento aos enfermos, porque terminada a assistência que dava à médium. Perdemos, dessa maneira, uma trabalhadora que poderia ainda estar no Serviço, se houvesse cultivado a humildade evangélica. E não foi o único caso, na Casa do Jardim. Infelizmente.

O processo anímico normalmente desemboca em franca obsessão parasitária, se o médium (e agora paciente) não for atendido a tempo. Sempre que o personalismo se manifesta, o culto ao "ego" quer a "glória do mundo" e ouropéis passageiros. Nada de bom se colherá, então. Logo se achegam os espíritos inferiores que pululam ao redor de nós, procurando fazer simbiose com o médium desprevenido. E este muitas vezes os acolhe, gratificado e feliz!

Há perigo no animismo. Perigo insidioso. Ele pode chegar a tal descontrole que o sensitivo acaba em claro desequilíbrio mental, seja pela ação mediúnica parasitária, improdutiva, anômala e possessiva, seja pelo esgotamento psíquico que sobrevém.

O tratamento dos descontroles anímicos tem melhor resultado se ministrado logo que a doença dá seus primeiros sinais. Para sua cura empregam-se providências idênticas às indicadas para a mediunidade descontrolada.

III - Parasitismo

Em Biologia, "parasitismo é o fenômeno pelo qual um ser vivo extrai direta e necessariamente de outro ser vivo (denominado hospedeiro) os materiais indispensáveis para a formação e construção de seu próprio protoplasma." O hospedeiro sofre as conseqüências do parasitismo em graus variáveis, podendo até morrer.

O parasitismo é largamente difundido entre os seres vivos - animais e vegetais. Grande é o número deles que vive à custa de outros, da mesma espécie ou de espécies diferentes.

No mundo espiritual o fenômeno varia apenas no processo de extração das energias do hospedeiro. Há, como na definição biológica, a dependência do espírito parasita: ele se especializou de tal modo (e durante tanto tempo) em viver às custas de outro, que perdeu toda a possibilidade de sobreviver por seus próprios meios.

Parasitismo espiritual implica - sempre - viciação do parasita. O fenômeno não encontra respaldo ou origem nas tendências naturais da Espécie humana. Pelo contrário, cada indivíduo sempre tem condições de viver por suas próprias forças. Não há compulsão natural à sucção de energias alheias. É a viciação que faz com que muitos humanos, habituados durante muito tempo a viver da exploração, exacerbem esta condição anômala, quando desencarnados.

Espírito / Matéria

Tanto quanto o parasitismo entre seres vivos, o espiritual é vício muitíssimo difundido. Casos há em que o parasita não tem consciência do que faz; às vezes, nem sabe: que já desencarnou. Outros espíritos, vivendo vida apenas vegetativa, parasitam um mortal sem que tenham a mínima noção do que fazem; não têm idéias, são enfermos desencarnados em dolorosas situações. Neste parasitismo inconsciente se enquadra a maioria dos casos.

Mas há também os parasitas que são colocados por obsessores; inconscientes, espíritos enfermos são ligados ao corpo astral dos encarnados, para enfraquecê-los. Essas situações com frequência aparecem nos casos de obsessão complexa, sobretudo quando o paciente se apresenta anormalmente debilitado.

O tratamento tem, como primeiro passo, a separação de parasita e hospedeiro. Seguem-se os cuidados com o espírito; no tratamento deste, elementos valiosos podem surgir, facilitando a cura do paciente encarnado. Por último, tratamos de energizar o hospedeiro, indicando-lhe condições e procedimentos profiláticos.

IV - Vampirismo

Vampirismo é o fenômeno pelo qual um ser, de acordo com a lenda, sai do sepulcro, à noite, para sugar o sangue dos vivos.

Vejamos, porém, como ANDRÉ LUIZ, abalizado médico e instrutor desencarnado, vê o fenômeno:

"Sem nos referirmos aos morcegos sugadores, o vampiro, entre os homens, é o fantasma dos mortos, que se retira do sepulcro, alta noite, para alimentar-se do sangue dos vivos. Não sei quem é o autor de semelhante definição, mas, no fundo, não está errada. Apenas cumpre considerar que, entre nós, vampiro é toda entidade ociosa que se vale, indebitamente, das possibilidades alheias e, em se tratando de vampiros que visitam os encarnados, é necessário reconhecer que eles atendem aos sinistros propósitos a qualquer hora, desde que encontrem guarida no estojo de carne dos homens." In "Missionários da Luz", Cap. "Vampirismo"

O Dr. ANDRÉ LUIZ tem razão. Temos visto toda espécie de vampiros espirituais. Os mais perigosos assumem a forma de enormes morcegos, semelhantes aos das lendas - grandes quirópteros com cabeça humana. São homens degradados espiritualmente, que se transformam por completo, em consequência da longa viciação.

Criaturas perigosas, de frequência vibratória muito baixa, predadores por excelência, essas criaturas habitam cavernas do astral inferior. Como os morcegos, são inimigos da luz, e costumam agir à noite. Têm plena consciência de seus atos; vampirizam porque querem, e sabem o que querem. Muitas vezes agem por ordem de régulos das Trevas, que os usam com objetivos diabólicos - para prejudicar e aniquilar pessoas.

O vampirismo, no entanto, não é obra apenas desses seres com aspecto de morcego. Há todo um leque de vampiros, em que se encontram desde criaturas encarnadas a desencarnados parasitas. Todos os espíritos inferiores, ociosos e primários, podem vampirizar ou parasitar mortos e vivos.

Vemos que, aqui, uma pergunta há de surgir na mente do leitor: "Qual viria a ser, então, a diferença entre parasita e vampiro?" No parasitismo, como no vampirismo, há a sucção de energias

Espírito / Matéria

alheias. Mas a diferença está na intensidade da ação nefasta, determinada pela consciência e crueldade com que é praticada. O parasita, de modo geral, provoca prejuízos mais brandos, porque costuma não saber o que está fazendo, já o vampiro propriamente dito tem plena consciência do que pratica, e nunca poupa um vampirizado.

Já nos defrontamos com situações em que parasitismo e vampirização se confundem, nos danos que produzem na vítima.

Em 1985 tratamos de caso de parasitismo em fase adiantada, em que o parasita se ligava de tal modo ao parasitado que os clarividentes não perceberam sua presença. O corpo astral dele se ligava tão estreitamente ao do encarnado que não podia ser distinguido pela vidência comum. Somente foi descoberto quando fizemos o desdobramento do paciente, pela apometria. Desdobrando-se, ele carregou o parasita - que foi logo visto pelos médiuns também desdobrados.

Achamos o caso tão interessante que resolvemos investigar mais a fundo a problemática espiritual. Induzimos o parasita a incorporar e o submetemos a interrogatório.

Tratava-se de espírito extremamente sofrido e desesperado de fome, pois desencarnara nesse estado. Tamanha era sua angústia e temor de não ter o que comer, que se agarrava a nós em busca de abrigo, pedindo para permanecer colado ao nosso corpo, como estivera no enfermo. Para acalmá-lo, consentimos. E até projetamos fortes correntes de energia vital, para alimentá-lo. Ele se mostrou muito satisfeito. Mas ao lhe dizermos que deveria deixar o enfermo, agarrou-se a nós mais fortemente ainda, implorando que o deixássemos sugar nossa força vital.

Alguns visitantes, presentes ao nosso trabalho, chegaram a ficar temerosos. No entanto, o parasita espiritual não tinha nenhuma intenção maléfica. Sentia-se agoniado pela falta de nutrição, marcado por encarnação terrivelmente dolorosa. Seu primarismo levou-o à consolidada viciação: a busca de comida se transformara no único motivo de sua existência. Para ele, desencarnado, qualquer energia vital era valiosa, e ele haveria de buscá-la em qualquer encarnado que lhe desse guarida.

Em nosso entendimento (e em coerência com nossa definição), não se tratava de um vampiro; era apenas um sofredor. Seria vampiro se estivesse determinado a causar mal ao outro, enfraquecendo-o e aniquilando-o.

V - Simbiose

Por simbiose se entende a duradoura associação biológica de seres vivos, harmônica e às vezes necessária, com benefícios recíprocos.

A simbiose espiritual pode ser definida através da quase totalidade dessas palavras, pois obedece ao mesmo princípio.

Na Biologia, o caráter harmônico e necessário deriva das necessidades complementares que possuem as espécies que realizam tais associações. Há autores que vêem na simbiose uma associação que primitivamente foi parasitismo. Com o tempo, a relação evoluiu e se disciplinou biologicamente: o parasitado, também ele, começou a tirar proveito da relação.

Existe simbiose entre espíritos como entre encarnados e desencarnados. É comum se ver associações de espíritos junto a médiuns, atendendo aos seus menores chamados. Em troca, porém, recebem do médium as energias vitais de que carecem. Embora os médiuns às vezes nem suspeitem, seus "associados" espirituais são espíritos inferiores que se juntam aos homens para parasitá-los ou fazer simbiose com eles.

Espírito / Matéria

A maioria dos "letores da sorte", sem dotes proféticos individuais, só tem êxito na leitura das cartas porque são intuídos pelos desencarnados que os rodeiam. Em troca, os espíritos recebem do médium (no transe parcial deste), energias vitais que sorvem de imediato e sofregamente ...

É ainda ANDRÉ LUIZ quem nos faz revelações interessantes a respeito do mundo espiritual junto à Terra, no tocante ao assunto que estamos abordando. Referindo-se a um psiquista que se interessava mais por dinheiro do que em auxiliar enfermos, nos mostra:

"Segundo estarão informados, dispomos no recinto de vigoroso operador mediúnico, sem iluminação interior de maior vulto. Assalariou ele algumas dezenas de Espíritos desencarnados, de educação incipiente, que lhe absorvem as emanções e trabalham cegamente sob suas ordens, tanto para o bem quando para o mal."

In "LIBERTAÇÃO", Cap. "Valiosa Experiência"

Mais adiante, ANDRÉ LUIZ continua descrevendo a simbiose entre o mundo material e os desencarnados que auxiliavam o psiquista:

"Depois de visivelmente satisfeito no acordo financeiro estabelecido, colocou-se o vidente em profunda concentração e notei o fluxo de energias a emanarem dele, através de todos os poros, mas muito particularmente da boca, das narinas, dos ouvidos e do peito. Aquela força, semelhante a vapor fino e sutil, como que povoava o ambiente acanhado e reparei que as individualidades de ordem primária ou retardadas, que coadjuvavam o médium em suas incursões em nosso plano, sorviam-na a longos haustos, sustentando-se dela, quanto se nutre o homem comum de proteína, carboidratos e vitaminas".

No Evangelho encontramos uma informação preciosa sobre a simbiose entre mortos e vivos, para fins interesseiros. Em ATOS DOS APÓSTOLOS, ao descrever parte das pregações de Paulo de Tarso na cidade de Filipos, Macedônia, LUCAS nos conta:

Prisão de Paulo e Silas

Um dia que íamos para a oração, veio ao nosso encontro uma jovem escrava que tinha um espírito de adivinhação; ela obtinha para seus amos muito lucro, por meio de oráculos. Começou a nos seguir, a Paulo e a nós, clamando: "Esses homens são servos do Deus Altíssimo, que vos anunciam o caminho da salvação!" Fê-lo durante vários dias. Por fim, Paulo, aborrecido, voltou-se e disse ao espírito: "Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo: Sai desta mulher". E o espírito saiu no mesmo instante.

"Mas os amos, vendo escaparem-se-lhes as esperanças de ganho, agarraram Paulo e Silas, arrastam-nos à ágora, diante dos magistrados, e disseram, apresentando-os aos estrategos: Esses homens semeiam perturbação em nossa cidade."

Atos 16,16-20

Pela descrição de Lucas, vemos que Paulo não somente expulsou o espírito comunicante da pitonisa, como também fechou os canais (chakras) de comunicação entre os planos espiritual e físico. Disso resultou a acusação dos patrões da moça e a prisão de Paulo e Silas, que foram açoitados e expulsos da cidade.

O registro do apóstolo mostra que as práticas mediúnicas de baixo nível, isto é, visando interesses financeiros, eram tão comuns na Antiguidade como em nossos dias. No entanto, esse aviltamento da mediunidade não tem desculpa. Deve ser proscrito. Médiuns venais abastardam faculdades sublimes da alma, e se comprometem perante a Lei Divina, principalmente se

Espírito / Matéria

enveredarem pelos abomináveis carreiros da magia negra. Prejudicam a si próprios, aos seus clientes e a toda a Humanidade.

Como vivemos em mundos vibratoriamente diferentes, nos quais devemos fazer nossa evolução, só temos direito de nos valer do intercâmbio mediúnico quando os fins forem nobres, caridosos ou de esclarecimento.

É nossa convicção: é preferível fechar definitivamente as portas da mediunidade do que abastardá-la com interesses rasteiros. Tinha razão MOISÉS, quando proibiu o mediunismo entre o povo judeu, inculto e ignorante das elevadas finalidades da comunicação entre mortos e vivos.

(*) Vivemos ao mesmo tempo nas dimensões: física, etérica, astral, mental, búdica, átmica e espiritual.

VI - Mediunidade Reprimida

1. Conceitos

Mediunidade é a faculdade psíquica que permite a investigação de planos invisíveis (isto é, os ambientes onde vivem os espíritos), pela sintonização com o universo dimensional deles. Médiun, portanto, é o intermediário, ou quem serve de mediador entre o humano e o espiritual, entre o visível e o invisível. É médiun todo aquele que percebe à vida e a atividade do mundo invisível, ou quem lá penetra, consciente ou inconscientemente, desdobrado de seu corpo físico.

Sempre que se pensar em mediunidade, se deverá imaginar um sexto sentido especial; múltiplo, que se manifesta de maneira muito específica - pela visão, audição, olfação, premonição, intuição ou outra qualquer forma (externa ou interna) de percepção. Seja qual for o modo com que se apresente, é, em essência, um sentido interno. Manifesta-se sensorialmente, mas não provém dos sentidos físicos. Estes são meros captadores de um fenômeno que nasce e se desenvolve fora da dimensão física. Este sentido especial pode receber e registrar mensagens, visões ou percepções do mundo dos espíritos, do mesmo modo que uma ponte estabelece ligação entre margens distantes. Pode também manifestar-se sob a forma de intuição, sem concurso de desencarnados. Nestes casos, aparece como o célebre dom da profecia ou pré-ciência de eventos, tomando acessíveis, por outro lado, realidades desconhecidas e invisíveis ao comum dos mortais. Esta maravilhosa faculdade fez de homens rudes, entre os judeus bíblicos, os profetas imortais do Antigo Testamento.

2. Médiuns - Missão com problemas

Todo médiun é agente de captação. Mas também transmite ondas de natureza radiante - as "noures" de UBALDI. "Noures" são correntes de pensamento ao espaço cósmico que circunda nosso Planeta. A semelhança das ondas de rádio comuns, saturam o astral da Terra e podem ser captadas com maior ou menor precisão, conforme a sensibilidade e capacitação psíquica do receptor.

Todos os homens, e provavelmente todos os seres vivos (sobretudo os animais mamíferos superiores), possuem, em estado latente, este sentido especial. Mas somente uma minoria insignificante de homens e mulheres têm consciência desta faculdade e a desenvolvem.

Espírito / Matéria

Considerando os passos evolutivos que já deu nossa Espécie, é de se esperar que a Humanidade futura, mais evoluída e refinada psiquicamente, possua esta faculdade superior desde o nascimento de cada ser, como estado natural e comum, da mesma forma como desfruta, da inteligência e da memória, faculdades que nos diferenciaram definitivamente dos animais.

Sabe-se, no entanto, que este sentido especial, quando não disciplinado, pode causar grandes perturbações psíquicas (conduta anormal, sensibilidade exagerada, temores, angústias, mania de perseguição etc.) podendo levar à desorganização completa da personalidade, caracterizando quadros clássicos de psicose.

Esse perigo tem explicação. O médium é, antes de tudo, um sensitivo: indivíduo apto a captar energias radiantes de diversos padrões vibratórios, do mundo psíquico que nos cerca. Se não se desligar dessas emissões em sua vida normal, acabará por sofrer sucessivos choques e desgastes energéticos que esgotarão seu sistema nervoso, com graves conseqüências para seu equilíbrio psíquico. O consciente desligamento da dimensão imaterial é obtido pela educação da mediunidade, indispensável a todo médium. A sintonia só deverá acontecer quando ele estiver em trabalho útil e em situação adequada, a serviço de ambos os planos da Vida.

(A ação maléfica de desencarnados sobre encarnados _ a tão temida obsessão quase sempre se instala através de desordens de mediunismo. Em última análise, todo obsediado é um médium que não sabe de suas potencialidades nem como funciona sua faculdade especial.) Imaginemos, para ilustração, um receptor de rádio mal sintonizado, com volume todo aberto, continuamente. É fácil prever que, em pouco tempo, ninguém por perto agüentará o ruído. O portador de mediunidade desequilibrada se comporta da mesma forma. Com o tempo, a vibração desarmônica abala seu equilíbrio nervoso, tornando-o psicótico.

A educação mediúnica consiste em controlar o rádio do exemplo acima, de modo a lhe reduzir o volume, ajustá-lo na frequência desejada e ligá-lo quando se quiser ou for necessário. Esta educação exige disciplina severa, quase a mesma exigida nos templos do passado - em que o neófito era submetido a provas por anos a fio, até estar apto a receber conhecimentos e poderes superiores. Sob as abóbadas de criptas secretas, essas práticas visavam o aprimoramento cada vez maior do aprendiz, para que nele se desenvolvesse uma intensa noção do sagrado, a tal ponto profunda que impregnasse de religiosidade todos os momentos de sua vida. Hoje, nesta civilização dominada por materialismo absorvente, não se exige do candidato a trabalhador mediúnico uma iniciação como as antigas. Em resultado, geralmente não temos condições de chegar aos notáveis níveis de conhecimento espiritual que nossos ancestrais atingiram.

Mesmo assim, podemos operar como mediadores entre planos de Vida, com grandes resultados. Para tanto, é absolutamente necessário que o médium se conscientize de que o correto exercício da mediunidade implica amor aos sofredores e desejo sincero de servir. Um médium é instrumento de serviço.

Trabalhadores há, no entanto, que, deslumbrando-se com suas próprias possibilidades, vêem-se em auréola de potestade divina, e começam a destacar-se dos demais companheiros. Julgam-se superiores porque são médiuns. O fracasso os encontrará logo adiante. Inexoravelmente.

3. Construir-se pala construir

Jamais há de ser verdadeiramente médium. em sua plenitude espiritual, quem não compreender a santificada e secreta grandeza que confere este poder psíquico, grandeza que implica humildade e responsabilidades sempre renovadas. Pesadas responsabilidades, por sinal, de muitas e surpreendentes facetas, que exigem conduta moral sobremaneira íntegra.

Espírito / Matéria

Para se construir um edifício muito elevado, no mundo físico, é imprescindível que a base seja ampla e forte. Da mesma forma, para se conquistar alturas espirituais, é necessário alicerce moral amplo e sólido. Sem esta base, os contatos jamais se alçarão aos planos dos Espíritos Superiores. Hão de ficar rescritos ao comércio psíquico com entidades inferiores, que nunca trazem algo de bom; pelo contrário, muitas vezes nos tomam meros escravos de suas exigências de baixo padrão.

A construção de nós próprios deve ser tão perfeita e cristalina como o trabalho espiritual que abrigaremos e que através de nós se há de realizar.

Assim como o ato volitivo, ou a palavra, tem o poder de modificar o mundo que nos cerca, assim também as energias do pensamento, do sentimento, e o poder magnético do espírito encarnado influem nos domínios invisíveis do mundo imaterial, só que de maneira ainda mais intensa e precisa. Se bem conduzida, a energia emanada da vontade pode modificar os ambientes dos espíritos e até o corpo astral deles. Isso tem maravilhosa aplicação no campo das curas, pelo tratamento magnético que pode ser aplicado diretamente sobre eles, aliviando-lhes as dores.

O uso positivo de nossas energias sutis, em sintonia com a Grande Lei da Harmonia Cósmica, nos mergulha em intenso halo criador. O oposto, isto é, o emprego das forças psíquicas e dos poderes do espírito para fins puramente pessoais e egoístas (visando interesses materiais e imediatistas) é profanação de um dom divino. Implica violar a própria Lei da Evolução, por ignorância da razão de ser da mediunidade.

4. O caminho certo

Os médiuns plenamente conscientes de seu dever têm profunda reverência pela função sublime da mediunidade. Não aceitam elogios, para não alimentar a vaidade, nem se compungem com lamentações em seus infortúnios, que também só afetam os valores externos da personalidade. O verdadeiro Iniciado passa pela tida com seu sacrário interior intangível, tanto pelos aplausos como pelas agressões dos profanos. Para se conduzir dessa forma, no entanto, é preciso imensa fé, inexpugnável fortaleza interior alimentada pelos caudais do Mundo Maior.

Se o aluno das Verdades Eternas aceitar, desde o início, o fenômeno mediúnico como um dom divino, se o considerar instrumento de um verdadeiro apostolado, e o tratar como tal; se exercitar sua mediunidade sentindo-a sagrada; se conseguir integrar-se nela, com coração e mente, então sim, os umbrais da espiritualidade superior se abrirão à sua vontade. Uma vez transposto este estágio com lapidada pureza, seus poderes psíquicos hão de se ampliar, transformando-o em instrumento da Luz. A conscientização do médium atingirá, então, o limiar da Iniciação Superior. A mediunidade será para ele um prêmio divino a seus esforços, permitindo-lhe desenvolver continuamente seu campo de ação e ao mesmo tempo oferecer, enriquecidas pelo amor, suas energias psíquicas aos necessitados.

Esclarecemos que não é objetivo nosso exaltar esta faculdade psíquica, colocando-a em pedestal. Nossa intenção é outra: queremos tornar bastante evidente o caráter sagrado da mediunidade, com todas suas implicações. O médium que não a sentir assim, nem se conscientizar de suas responsabilidades, na verdade não será digno de ser médium. Nisso, aliás, não estamos sendo originais. Todos os grandes iniciados, os Mestres de todas as épocas e entidades desencarnadas com função orientadora veicularam sempre estes ensinamentos.

5. A mediunidade no contexto da Eternidade

Na maioria dos casos, a mediunidade representa uma evolução espiritual anterior, isto é, desenvolvimento de faculdades psíquicas em cultos religiosos do passado. Tal desenvolvimento acarreta responsabilidades elevadas sob o ponto de vista espiritual, inerentes às próprias vivências superiores. Se na presente existência o possuidor desta faculdade especial, por orgulho, vaidade ou egoísmo, abastardá-la pelo mau uso, há de se tomar responsável perante os poderes que governam a evolução do Planeta, com graves conseqüências para seu progresso espiritual. Cedo ou tarde, nesta ou em encarnações futuras, haverá de perder a magnífica oportunidade de contato com o mundo dos espíritos, oportunidade esta que lhe dá, se bem usada, condições extraordinárias para sua evolução.

Em qualquer de suas formas, portanto, a mediunidade deve ser consagrada ao serviço, no grande programa de auxílio à Evolução em todos os planos de Vida. Não pode ser considerada propriedade pessoal, bem disponível e produtor de lucros ou vantagens materiais, em benefício do indivíduo. Nem haverá de ser apanágio de ouropéis sociais com direito a distinções que destaquem seu possuidor entre seus semelhantes. Médiun que pensa em situações materiais ou honras pessoais não permanece muito tempo verdadeiramente médium; perdendo os motivos nobres de sua prática mediúnica, esta em breve se transforma em mera alavanca de exploração egoísta e comercial. .

Se o médium, enfrentando dificuldades por vezes imensas (inerentes à sua condição humana), incompreensões e agressões dos seus semelhantes, consagrar sua faculdade ao serviço daqueles que o cercam, encarnados e desencarnados, ele estará realmente cumprindo sua missão sagrada. A noção da responsabilidade e dos valores espirituais torna-se nele uma constante, natural modo de ser de médium humilde e bem formado. Dificilmente, então, haverá de tropeçar ou desviar-se, perdendo a assistência espiritual superior - única proteção para o trabalho útil. Ele sabe que a perda dessa proteção o levará, automaticamente, a receber assistência de espíritos do baixo astral, com grande prejuízo para ele e para as pessoas que ele "atender".

Casos Ilustrativos

Caso nº 1

Paciente: M.E.L.A., sexo feminino, branca, solteira.
Idade: 22 anos.

Desde os 17 anos a moça apresentava sintomas estranhos: sensação de angústia, mal-estar indefinido, peso nas costas, cefaléias etc. Surgiam sem causa aparente, nos horários mais diversos. Com o tempo, começou a notar que o quadro mórbido surgia - quase sempre na rua, em festas ou em aglomerações de povo.

Com o passar dos anos, M.E. começou a viver em constante temor, já com sensações de que havia alguém por perto, parecendo sombras fugazes e indistinguíveis. As vezes era presa de mal-estar sob forma de pesadelo; acordava molhada de suores gélidos. A paciente já não podia exercer sua profissão de advogada; voltava para casa, às vezes, para deitar-se e cobrir-se toda.

Espírito / Matéria

Tratamento

Como a moça não quisesse de forma alguma trabalhar como médium (apesar de espírita), foi necessário que ela se convencesse da gravidade do seu mal e das consequências danosas à estrutura de sua personalidade, para então se decidir a iniciar uma terapêutica espiritual - única válida e segura, nesses casos. A terapêutica consistiria na educação de sua faculdade mediunidade no trabalho em benefício dos necessitados.

Sempre a atendíamos por ocasião das crises psíquicas. Retirávamos o espírito indutor da perturbação, transferindo-o para outra médium. Tratávamos a doença do espírito e o encaminhávamos ao H.A.C. Minutos depois, a moça, antes desesperada, passava a se sentir perfeitamente bem. E voltava aos seus afazeres habituais.

M.E. sofria assédio não de obsessores mas de pobres espíritos enfermos, cheios de dores, angústia e desespero. Dela se aproximavam ao acaso, desejando apenas fruir o conforto da proximidade de seu potencial energético descontrolado. Uma vez afastados e tratados, não mais voltavam. Mas em qualquer oportunidade eram substituídos por outros igualmente doentes que, por indução, passavam para ela os seus males.

Passados cinco anos, M.E. não tem apresentado os antigos sintomas. Está perfeitamente curada.

Caso nº 2

Paciente: R.L.A., sexo feminino, branca, solteira.

Idade: 20 anos.

Apresentava quadro quase semelhante ao do caso anterior. À noite, em sono, era presa de terrível pesadelo, com a estranha sensação de estar sendo sufocada. Sentia as mãos que a agarravam e dominavam completamente, a ponto de nem poder gritar por socorro. Acordava-se, às vezes, em pleno sono, ao som de vozes e gemidos que a enchiam de pavor.

Com o tempo, passou a ter medo de ficar só, mesmo em vigília, evitando dormir em quarto isolado. Apesar de seu gênio extrovertido, folgazão e bondoso, seu estado já inspirava cuidados sérios. Sofria de um mal pouco conhecido pelos médicos, e cuja terapêutica quase nada resolveria.

Tratamento

Logo de início, observamos: apesar de ter boa sensibilidade psíquica, a moça, por toda uma problemática de vivências anteriores em ambientes católicos de disciplina muito rígida (fora religiosa em mais de uma encarnação), não permitia a passagem espiritual de maneira nenhuma. Em vista disso, os espíritos se aproveitavam de suas energias durante o sono.

O processo começava por simples indução vibratória, passando logo para a incorporação mediúnica, com posse total do espírito sobre a médium. Inicialmente indução, progredia para obsessão clássica, vampirismo e outras formas inferiores de obsessão.

Se algum psicanalista fosse levado a interpretar a sintomatologia da moça, lembraria logo o sexo e a constelação freudiana dos desejos sexuais reprimidos. No entanto, apesar das belas

Espírito / Matéria

interpretações acadêmicas e do rosário de sessões psicanalíticas, o problema - com certeza - não seria resolvido.

A cura foi bem simples.

Encaminhada para um trabalho espiritual sistemático e bem orientado, a moça não teve mais nada. Esclarecemos que a cura foi simples porque consequência de fenômeno automático. A educação mediúnica através de trabalho continuado tem como resultado um automatismo de defesa. O médium tem fechados os seus chakras corporais, e somente dá passagem (isto é, sintoniza o mundo dos espíritos) em momentos oportunos, por ocasião do trabalho espiritual.

Caso nº 3

Paciente: R.S.B., sexo feminino, casada, branca.

Idade: 20 anos

Biótipo: Ecto-endomórfico

Religião: católica

Data do atendimento: 29.06.78

Há cerca de 4 anos começou a sentir temores, instabilidade emocional, angústia e aperto no peito, vislumbrando vultos fugazes etc., sintomas que se agravaram ultimamente, após o casamento.

Tratamento

Feito o desdobramento pela apometria, os médicos espirituais constataram que a moça era possuidora de grande potencial energético-mediúnico, com os chakras extremamente vibráteis e funcionando como antenas poderosas.

Junto à enferma encontrava-se espírito perturbado, mas sem intenções maléficas. Nem sabia que havia desencarnado: aconchegava-se à moça para dela receber calor humano e, com ele, a carga de energia vital que o mantinha em situação razoável, mas que desvitalizava a médium / paciente. Foi recolhido para o H.A.C..

Na moça, aplicamos técnica de redução da atividade dos chakras, a fim de evitar a anômala sintonia com o mundo dos espíritos. (É como se tivéssemos diminuído sensivelmente o volume de um rádio, até torná-lo inaudível.) Foi encaminhada, em seguida, para um grupo de educação mediúnica, para que suas energias fossem controladas convenientemente e aplicadas em momentos determinados, em trabalhos de auxílio a enfermos encarnados e desencarnados.

A enferma psíquica recuperou-se inteiramente. Tomou-se ótima médium.

Caso nº 4

Paciente: L. V. S. sexo feminino, solteira, cor branca.

Biótipo: Endo-mesomórfico.

Religião: católica

Idade: 40 anos

Espírito / Matéria

Queixava-se de mal-estar, dores generalizadas pelo corpo, fraqueza (a ponto de não poder varrer a casa), angústia, esquecimento e tonturas. Encontrava-se em tratamento médico, clínico e psiquiátrico, há longo tempo - sem resultado.

Tratamento

Submetida ao desdobramento apométrico, os médicos espirituais constataram que o corpo astral da enferma estava inteiramente envolto em placas de material vivo, espécie de limo grosso, móvel e pulsátil, formado por miríades de larvas pequeníssimas.

Ao nos defrontarmos com esta espécie de material vivo, podemos fazer o diagnóstico, sem medo de errar: processo obsessivo. Via de regra é obsessão simples; os obsessores visam enfraquecer a vítima para futuramente, poder agir mais à vontade. Este vampirismo primário é bastante comum, principalmente em magia negra.

A presença desses seres vivos de nível biológico inferior denota, quase sempre, que o obsediado não tem vigilância sobre seus pensamentos. Fornece uma espécie de húmus mental de baixo nível, de que se alimentam esses seres ínfimos. Nesses casos, a primeira providência a ser tomada é recomendar a elevação dos pensamentos, através da higiene mental. É preciso evitar, por exemplo, se comprazer com leitura das páginas policiais dos jornais, comentários sobre crimes, etc..

A enferma era médium, mas não sabia. Exsudava grande quantidade de força vital, que alimentava as larvas.

Com certa dificuldade, os médicos desencarnados procederam à limpeza completa do corpo astral. Entrementes, atraímos os obsessores em campos-de-força, incorporando-os em outras médiuns para descobrir a razão do processo obsessivo.

Os obsessores eram espíritos fracos. Assediavam a enferma para cobrar antigas dívidas, mas sem grande atuação maléfica. Não tinham condições magnéticas para prejudicar a vítima de forma irremediável. Recolhemos esses sofrendores comuns ao hospital (H.A.C.) para serem tratados.

Na paciente, procedemos à redução dos chakras, de modo a diminuir a sensibilidade mediúnica. Aconselhamo-la a policiar energeticamente seu modo de ser, cultivando pensamentos sadios, esquecendo o gosto por vivências mórbidas de qualquer espécie. Encaminhamo-la para educação mediúnica bem orientada e sugerimos que introduzisse no seu lar o culto do Evangelho.

Ficou completamente curada.

Caso nº 5

Paciente: E. C., sexo masculino, cor branca, estudante.

Idade: 16 anos Biótipo: ectomórfo extremo (leptossômico)

Religião: católica

Data do atendimento: 04.06.77

Queixava-se de crises de distração seguida de perda de memória, verdadeiras "ausências" psíquicas, prolongadas e patológicas. Exames neurológicos, inclusive eletro-encefalograma repetido em várias épocas, não acusaram anormalidades de qualquer tipo. O processo patológico mostrava tendência a agravar-se nos últimos tempos.

Espírito / Matéria

Exame

Os médicos espirituais constataram a presença de espírito ligado ao paciente por laços afetivos muito fortes, forjados e consolidados quando tiveram a penúltima encarnação na Inglaterra. Este espírito, que não tivera o merecimento de encarnar, vivia em simbiose com o paciente, na viria atual. A simbiose estava bem caracterizada: o paciente desejava sua presença, tanto que ia ao seu encontro no astral, assim que se desprendia do corpo pelo sono. O processo tendia a se agravar porque, mesmo em vigília, o encarnado ia à procura do outro. Era isso que estava causando as "fugas" psíquicas (arroladas pela medicina como "estados epileptóides").

O rapaz é médium. E muito vibrátil.

Tratamento

Afastamos o espírito comparsa, que foi conduzido ao H.A.C., para tratamento. Quanto ao rapaz, por se tratar de médium com boas possibilidades de trabalho, foi aconselhado a fazer sua educação mediúnica. Não tivemos mais notícias do caso.

Caso nº 6

Paciente: A.S.; sexo masculino, cor branca, militar.

Idade: 30 anos

Religião: católica

Queixava-se de insônia rebelde. Quando conseguia dormir, freqüentemente tinha sono agitado, onde se via em luta com inimigo desconhecido, em combate desesperado; acordava coberto de suores frios. Crises freqüentes de taquicardia, acompanhadas por sensação de desmaio e suores abundantes. Nervosismo contínuo, que prejudicava sua carreira de militar. Encontrava-se nessas condições já há cerca de dez anos, tendo piorado muito ultimamente. Tratamentos médicos não tinham surtido efeito.

Exame

Feito o desdobramento do paciente, constatamos a presença de obsessão cuja atuação se relacionava a um passado distante, quando ambos viviam no Oriente Médio. O espírito fora gravemente lesado pela vítima atual, agora sofrendo a reação de seu desafeto. O processo obsessivo não apresentava sinais de maior gravidade, em face do pequeno potencial energético do espírito perturbador. Poderia ser classificado de "obsessão simples". O assédio prolongado, no entanto, acabou por acelerar a sensibilidade psíquica do paciente.

Tratamento

Afastado o obsessão, encaminhamos o enfermo à educação mediúnica.

Espírito / Matéria

Acompanhamos o caso por dois anos. O militar está perfeitamente recuperado.

Caso nº 7

Paciente: D. E., sexo feminino, cor branca, solteira.

Religião: católica

Queixava-se de insuportável angústia e sensação de astenia profunda que, por vezes, a retinha na cama por dias seguidos. Tinha crises periódicas de taquicardia intensa, com manifestações de insuficiência circulatória. Exames cardiológicos nada acusaram de patológico. Nem mesmo o eletrocardiograma, que apenas indicou uma leve perturbação de recuperação elétrica do coração, normal para a idade. Sofria há mais de quinze anos. Quase fora internada em hospital psiquiátrico, durante surto esquizofrênico (esse foi o diagnóstico médico).

Ultimamente, a paciente tinha nítida impressão de fracasso, que julgava ser uma constante em sua vida, "pois tudo saía errado em seus negócios" (sic).

Exame

Ao exame espiritual, vimos a enferma custodiada desde longa data, por obsessor. Em passado remoto ela fora sacerdotisa, na civilização hitita. Naquela ocasião, traira segredos de iniciação religiosa e também de Estado, granjeando com isso inimigos poderosos. O obsessor atual fora seu fiador espiritual, ou seja, o responsável por sua ascensão a sacerdotisa. Quando do julgamento dos crimes, foi punido juntamente com ela. Perdeu o poder político que possuía e foi banido do país.

A justa e sábia Lei Divina, no entanto, faz com que inimigos se reencontrem para reajustes kármicos, em alguma etapa de sua longa jornada evolutiva, de modo a dissolver as cargas negativas dos desafetos.

Como a enferma fora uma sacerdotisa, trazia consigo grande potencial energético mediúnico, desenvolvido no passado. A presença do espírito exacerbou-lhe a sensibilidade, ativando seus chakras de maneira anômala. Ela captava não só a presença do obsessor como a aura de grande número de entidades sofredoras, que se aproximavam apenas para sugar-lhe as energias irradiadas desbragadamente. Essa era a causa da astenia exagerada.

Obviamente, a terapêutica médica não resolveu o problema psíquico. Apenas atenuou o quadro de angústias.

Tratamento

Afastado o obsessor, sugerimos à paciente que tratasse de sua educação mediúnica, acompanhando-a de tratamento espiritual com passes e água magnetizada. Mais tarde, tivemos notícias de que a enferma se recuperava e fazia parte de um grupo espírita.

VII - Mediunidade Descontrolada

No animismo descontrolado, a pessoa, via de regra, se compraz em manifestar sua opinião enquanto recebe ou finge receber mensagens dos espíritos desencarnados. Já na mediunidade descontrolada ela não tem condições de controlar os impulsos psicomotores por vezes agressivos que recebe do mundo astral.

Seja por educação mediúnica inadequada, seja por desequilíbrio em seu psiquismo, o sensitivo não consegue equacionar com justeza as manifestações. Entrega-se inteiramente aos espíritos inferiores, que dele se apossam e abusam.

Nesses médiuns, temos encontrado obsessores tão poderosos quanto odientos. Perseguindo o médium, aproveitam toda a oportunidade para dele se apossar, na tentativa de destruí-lo. Este fenômeno pode levar o médium a total desequilíbrio psíquico, com sério comprometimento da personalidade.

Disso, bem se pode depreender que a prática de mediunidade exige atenções especiais, e o desenvolvimento do dom que ela representa envolve cuidados ainda maiores. O médium, normalmente, faz contato com espíritos de grau evolutivo inferior, mas muitos deles com grandes poderes magnéticos. Vendo-se contidos em suas agressões a desafetos, eles costumam se voltar contra o médium, envolvendo-o em campos magnéticos adversos.

O médium, portanto, deve vigiar constantemente seus comunicantes desencarnados, procurando sentir-lhes as vibrações, contendo-os em seus arroubos agressivos e entregando seu corpo na exata medida - apenas o bastante e suficiente - para a manifestação do espírito. E não apenas os comunicantes devem ser vigiados. Tudo que vem do mundo invisível deve ser avaliado e, na medida do possível, filtrado pelo médium - sem comprometimento da verdade e autenticidade.

O tratamento da mediunidade descontrolada se resume nestas providências:

Primeira - Suspender totalmente qualquer tentativa de contato com o mundo espiritual através do mediunismo. Para auxiliar o médium, reduzir o mais possível a atividade dos chakras, sobretudo os frontal, cardíaco e esplênico.

Segunda - Se for possível o aproveitamento do médium em tarefas futuras, colocá-lo em escola para médiuns. Deverá estudar sistematicamente as bases da Doutrina Espírita e praticar contatos progressivos e controlados com os espíritos e seu mundo dimensional.

Terceira - Uma vez educado o médium, colocá-lo em trabalhos regulares de doação mediúnica (para encarnados e desencarnados), nos moldes preconizados por KARDEC.

VIII - "Efeito de Arraste" do Espírito Desdobrado

O espírito do médium desdobrado pode sofrer uma espécie de atração e acompanhar o espírito que lhe estava incorporado, quando este for afastado. Após a saída do espírito comunicante, o médium não responde aos comandos, comportando-se como se estivesse alheio ao ambiente, o que de fato acontece. Custa a voltar. E pode ser necessária a projeção de um campo-de-força para trazê-lo de volta.

Desdobrados também, os outros médiuns nos avisam de que o colega foi com o espírito. E está longe.

Espírito / Matéria

O fato não apresenta gravidade nem perigo algum, mas é bom que o dirigente dos trabalhos esteja atento à possibilidade dessa ocorrência na prática mediúnica. Se não for bem conhecida, poderá causar temores.

A solução para tais casos é simplesmente chamar de volta o médium, uma, duas ou três vezes. Se ele não obedecer, projeta-se um campo-de-força, toca-se seu chakra esplênico e faz-se contagem bem enérgica. Basta, quase sempre, chamar o médium de volta para que ele retorne.

Este fenômeno tem duas causas:

- Ação do espírito comunicante, sobretudo os de grande potencial mental e energético, como os magos negros. Por maldade, eles atraem o médium, levando-o com eles até quando já contidos.

- O médium, por curiosidade e voluntariamente, deseja saber onde o comunicante habita, e, levemente, se dispõe a acompanhá-lo. (Esta causa é a mais importante, como se verá, por suas implicações.) O fenômeno é também comum em se tratando de entidades superiores. Por sua aura altamente harmônica, elas formam um campo de tal bem-estar que os médiuns tentam ir com eles, atraídos pela sensação de paz que deles se irradia.

Essa atitude por parte dos médiuns (segunda causa) revela certa imaturidade e indisciplina. Desvios desse tipo, para atender anseios de ordem pessoal não se coadunam com a natureza do trabalho, constituindo transgressão de uma norma que pode não ter sido expressa, porque tácita. Somente a ordem e a disciplina conseguem conduzir a bom termo qualquer trabalho, principalmente os trabalhos espirituais. Por sua própria natureza, estes exigem constante atenção e vigilância do dirigente e também - em especial - por parte dos médiuns, dos quais dependem por completo.

Nenhum trabalhador, portanto, deve se deixar seduzir pela curiosidade, nem fazer investigações no mundo astral por conta própria, aventurando-se a sortidas pelo Umbral afora. Já vimos médiuns afoitos retornarem, apavorados, de intempestiva incursão no astral. É preciso entender: existem normas de segurança que, se violadas, podem comprometer todo o trabalho. A equipe fica exposta à súbita invasão das Trevas, invalidando planos de trabalho penosamente elaborados.

O "efeito de arraste" obedece a leis espirituais semelhantes às leis físicas, de onde tiramos a denominação. "Arraste", na Física, é o fenômeno de deslocamento e condução de um corpo, por energias vindas de fora.

IX - Fixação de Desequilíbrios Mentais

Desequilíbrios mentais são alterações patológicas do psiquismo. Resultam de estado degenerativo das faculdades mentais, com etiologias diversas. Podem ser fruto de longos processos obsessivos ou de desregramento do próprio paciente, por fenômenos anímicos auto-obsessivos.

Independentemente da origem, o estado final é sempre o mesmo. Uma vez estabelecido o desequilíbrio, ele se fixa como uma segunda natureza. Além disso (o que é muito pior) tende a repetir-se ao longo de encarnações, caso não haja esforço para melhorar o caráter, ou se não se produzir alguma imposição kármica violenta, cujo impacto sacuda a criatura.

As aquisições positivas, se sabe, armazenam-se em cada um através dos bancos de memória do Espírito - passando a fazer parte de seu inalienável patrimônio. Mas as vivências viciosas, pelo

Espírito / Matéria

mesmo processo, se acumulam e aumentam a bagagem negativa que deverá ser expurgada pelo indivíduo eternidade afora.

¿ medida que praticamos a auto-educação, mais fortes e argutos nos tornamos, e mais aptos, naturalmente, a vencer embates contra forças desagregadoras. Com o passar do tempo, em função de experiências positivas continuamente repetidas, vamos adquirindo solidez em nossas convicções e compreendendo esse processo educativo que é nossa Vida, do qual devemos tirar o máximo proveito. Ele constitui a lenta plenificação consciencial do Estado Crístico de cada criatura, espiritualizando-a e lucificando-a.

Jamais devemos nos esquecer de que estamos no Caminho. Nossa cura, nosso futuro e nossos horizontes dependem de nós. Apenas de nós mesmos.

X - Efeitos de "Franjas de Onda" Maléficas sobre Encarnados.

Deparamo-nos, muitas vezes, com pessoas sensíveis - sobretudo jovens - sofrendo processos obsessivos de baixo nível (inclusive magia negra) que não foram dirigidos especificamente contra elas. Foram atingidas apenas por estarem próximas do alvo realmente visado.

Essas pessoas ficam perturbadas, angustiadas, deixam de trabalhar, tornam-se enfermiças, enfim, sofrem toda a ação maléfica das vibrações negativas disparadas contra outra pessoa, da família, do lar ou do ambiente, pessoa esta que se mostra imune a tais agressões espirituais ou é atingida muito levemente. A causa do fenômeno está na grande sensibilidade desses receptores extemporâneos que, sem querer, entram em ressonância com as torrentes negativas. Com isso servem de escudo de proteção para o alvo principal dessas forças, que, quase sempre, é o chefe da família.

O efeito destruidor, mesmo que não atinja em cheio o sensitivo (e alvo indireto), será proporcional ao potencial energético do malefício desencadeado, ao tipo de "trabalho", às defesas espirituais do lar e ao merecimento de todos, perante as leis divinas. Deve-se levar em conta, também, o grau de sensibilidade da pessoa perturbada, suas condições espirituais e problemática kármica. Principalmente esta última: as anomalias kármicas são brechas por onde se infiltram as forças negativas.

* * *

Em se tratando de magia negra, a situação se complica, envolvendo muitos detalhes. Será preciso levar em conta duas situações. Recapitemo-las:

Primeira - A mobilização de forças naturais, escolhidas, manipuladas e dirigidas no sentido de prejudicar a vítima. Isso é feito por hábeis artesãos das Trevas, especialistas em produzir desarmonia e sofrimento. Eles visam a destruição da vítima, mental ou fisicamente, pela desagregadora vibração de campos magnéticos de baixíssima frequência.

Segunda - A presença de um, de grupo ou levas de entidades de baixo nível mental, intelectual e espiritual, que se comportam, uns como escravos, coagidos pela força; outros, livre e conscientemente, se comprazendo em servir - com feroz perversidade - os "Dragões" do Mal. Essas entidades de baixo nível estão vinculadas ao "trabalho" maléfico pelos técnicos das Trevas, encarnados ou desencarnados. Os escravos costumam vigiar os campos negativos, flagelar periodicamente o corpo astral da vítima, além de conduzir recém-desencarnados (em sofrimento e

Espírito / Matéria

desesperados) para junto dela, transformando-os em enormes vampiros que ela terá de alimentar com suas já escassas energias.

A vampirização de grande porte, continuamente concentrada em um só ponto do organismo, acaba por enfraquecer de tal modo aquela área que torna relativamente fácil o rompimento da tela búdica. Rompendo-se a principal defesa do corpo físico, a vítima estará à mercê do algoz.

Normalmente, é essa malta inferior que aparece nas sessões kardecistas, fazendo barulho e atemorizando. Nos trabalhos de magia negra, no entanto, eles são os ingredientes mais inofensivos. A retirada deles (quando possível) não significa nada. Se não forem capturados os técnicos e os chefes, o problema não se resolve.

Capturados os técnicos e chefes de falange, será preciso, ainda, desativar as bases que os sediam, no Umbral.

As bases abrigam muitas criaturas, e por vezes são tão grandes que constituem verdadeiras cidadelas das Sombras. Ali se formam técnicos em classes, com aulas etc - tal como uma escola. Ali podem ser traçados, em segurança, os bem elaborados planos de assédio a encarnados. Muito bem protegidas, essas bases dispõem de farto material (com frequência sofisticadíssimo) quer para ação direta sobre as vítimas, quer indireta - através de toda a sorte de aparelhos eletrônicos, principalmente o arsenal de potentes emissores eletromagnéticos, utilizados para atormentar e aniquilar seres humanos. Como fonte de energia, chegam a se valer de usinas nucleares situadas bem ao fundo das construções, ao abrigo de toda invasão estranha. Elas fornecem energia para os diversos laboratórios especializados em todos os ramos imagináveis e inimagináveis da experimentação científica.

Encontramos bases, por exemplo, cujos habitantes eram especializados no sistema nervoso. Possuíam modelos de cérebros humanos e animais primatas, em tamanho avantajado, que eram primores de técnica e causariam inveja aos pesquisadores da Terra. Há poucos meses nos deparamos com uma base que se especializara em ... Cardiologia! Foi a única que encontramos, até agora, com essa especialização. Em uma sala de reuniões, das muitas de que dispunha a instituição, havia sobre a mesa um enorme coração construído de material diáfano, em que aparecia mui nitidamente toda a rede venosa e arterial, além de toda a estrutura nervosa. Os dois médiuns que tinham descido até à base, para desativá-la, quedaram-se admirados com a perfeição do modelo. Especialistas, os técnicos desse modelo umbralino empregavam seus conhecimentos para desarmonizar e destruir. Provocavam infartos e quaisquer quadros patológicos cardíacos com a maior facilidade, cumprindo os contratos com os interessados nos malefícios.

Desativadas as bases e recolhidos os obsessores, será preciso, ainda, desfazer os campos magnéticos, que ficarão vibrando por tempo indeterminado, se não forem desfeitos.

Para essa anulação, no mundo espiritual, usam-se muitas técnicas. Desde o simples "levantamento", isto é, a retirada dos amuletos imantados, à destruição ("desmancho") de toda a "muamba" (ou "trabalho"), que pode estar localizado em cemitério, na residência ou no local onde a vítima exerce suas atividades profissionais. Desfeitos os campos, fisicamente, ou desativados no plano astral, o Mal se desfaz.

Todos os trabalhos de magia negra - temos repetido - além de serem complexos, apresentam quase sempre uma ou outra faceta surpreendente, mesmo para trabalhadores já experimentados.

Focalizamos de novo esse tema, ao abordarmos os "efeitos das franjas de onda", apenas para alertar para o que se poderá encontrar, numa investigação profunda. Nem sempre, porém, a investigação será necessária. Por ser efeito indireto (e, em consequência, atenuado) do "trabalho"

Espírito / Matéria

de magia negra, a síndrome das "franjas de onda" costuma ser removida facilmente. Bastará elevar o padrão vibratório do paciente (e magiado indireto) para torná-lo imune ao malefício.

Chamamos esses efeitos de "franjas de onda" porque se comportam, em tudo, como os rebordos exteriores de campos magnéticos radiantes.

XI - "Efeito de Refração de Onda" de Natureza Maléfica

Em Física, "refração é o desvio que sofre o raio luminoso ao passar de um meio transparente para outro meio transparente, contíguo, porém de densidade diferente".

Em campo magnético de natureza espiritual acontece fenômeno semelhante.

Uma emissão magnética de magia negra ou magia mental, projetada sobre criatura encarnada, tem conseqüências que variam na medida das defesas da vítima e de seu grau de evolução. Se a criatura visada estiver em faixa vibratória inferior (portanto, sem defesas naturais), seja por invigilância, por se comprazer no mal ou, mesmo, por não estar em condições evolutivas normais, a onda agressiva poderá atingi-la em cheio. Nesses casos, como bem se pode imaginar, a vítima será presa fácil para os predadores das Trevas.

Mas pode acontecer de a vítima desfrutar de boas condições evolutivas, razoável harmonização e frequência vibratória acima da média. Nesse caso, a projeção pode ser refratada no todo ou em parte, desviando-se. É bastante comum, pelo que temos observado, a onda negativa ser desviada pelo campo positivo da pessoa-alvo e atingir um circunstante, quase sempre um ou alguns familiares sensíveis a essas agressões. Sem defesas, eles passam a sofrer, mais ou menos intensamente, o efeito da projeção maligna.

Como se vê, há enfermidades espirituais que são causadas por cargas negativas disparadas, não contra o doente, mas em outra pessoa. A vítima é alvo indireto, sofre aquilo que foi dirigido contra a pessoa-alvo, e tão-somente por viver no mesmo ambiente desta.

Há também casos especiais (e raros) em que o encarnado desvia totalmente a onda maléfica, em reflexão total, fenômeno que só acontece em seres muito elevados espiritualmente.

Em suas conseqüências, os "efeitos de refração de onda" são semelhantes aos "efeitos de franjas de onda", de que já tratamos em capítulo anterior.

Embora essas classificações possam parecer filigranas do trabalho de investigação dos fenômenos psíquicos, elas, na verdade, conferem bastante precisão aos diagnósticos e ensejam maior sistematização às pesquisas.

XII - Hipnotismo Usado na Obsessão

Hipnotismo é um estado de transe sonambúlico induzido, em que a vontade do sujeito fica dominada total ou parcialmente pelo operador.

Embora as técnicas de indução deste estado de transe se percam na noite dos tempos, tal sua antiguidade, foi o médico austríaco ANTON MESMER (1733-1815) quem as usou de modo mais ou menos científico, sob a denominação genérica de "magnetismo animal". MESMER tratava enfermos na Paris de fins do século XVIII, em sessões que ficaram célebres. BRAID, médico inglês,

Espírito / Matéria

criaria depois o termo "hipnotismo" com que haveria de ficar conhecido este tipo de tratamento psíquico.

MESMER acreditava em uma energia de natureza magnética, agente causador do sono e da cura dos enfermos. Em seguida, outros pesquisadores retomaram as experiências, formando Escolas que defendiam a sugestão e não o magnetismo, como o fator desencadeante do transe sonambúlico. A teoria da sugestão seria grandemente reforçada, modernamente, pela Escola Reflexológica, de PAVLOV.

Sem entrar no estudo aprofundado das teorias sobre o hipnotismo, entendemos que as posições de ambas as Escolas são válidas. As técnicas de ambas podem ser conjugadas, com êxito bem maior do tratamento.

Desde que começou a ser empregado para fins terapêuticos, o hipnotismo obedece a uma seriação de graus de intensidade. Inicia por leve estado de sugestão, e atinge nível profundo de catalepsia. Vários fatores concorrem para essa variação: a resistência à indução hipnótica, o ambiente, o estado emotivo do sujeito e o potencial magnético do operador, entre outras condições.

Uma pessoa sensível pode ser dominada de modo a cair em sono profundo. Se receber do operador, quando em sono e inconsciente, algumas ordens a serem executadas após o período sonambúlico (em pleno estado de vigília, portanto), o sujeito as executará fatalmente. Obedecerá a uma compulsão interna, sem que se lembre, em vigília, do que se passou durante o sono.

Há, evidentemente, uma imposição. É notória a atuação do operador sobre o psiquismo do paciente (tecnicamente denominado "sujeito"). Forma-se, neste, uma espécie de estado de reflexo condicionado, independente da vontade, que o leva a executar as ordens recebidas durante o sono, embora não se lembre delas.

Esse estado de domínio parcial é mais comum do que se pensa. Criaturas de personalidade forte, dominadoras, egoístas, criam ao seu redor, estados de fascinação hipnótica, exercendo domínio despótico sobre as criaturas fracas ou de personalidade pouco estruturada, principalmente se os "sujeitos" dependerem economicamente das criaturas dominadoras.

Os líderes das massas, via de regra, possuem essa faculdade. Usam-na (e até abusam) sobre as criaturas que lideram. Exemplo clássico é o dos líderes carismáticos da última grande guerra, que conduziram milhares de seres para o sacrifício, em nome de "ideais" estúpidos, sem que os liderados se dessem conta do abismo a seus pés.

Esses magnetizadores das massas, entretanto, não se dão conta de que são hipnotizadores. Agem naturalmente, sempre com resultados positivos, sem conhecer um til da teoria sobre hipnose. Sem saber, formam ao seu redor um campo magnético muito poderoso, fruto da ação mental e da vontade (o "magnetismo animal", de MESMER). Esse campo independe de qualquer sugestão, e tem efeito coercitivo para criaturas sensíveis ou de caráter débil. Elas sempre são presa fácil para obsessores encarnados e desencarnados.

Se imaginarmos a ação desse campo magnético, criação da mente e da vontade do operador, conjugada à sugestão energética dirigida, poderemos entender a submissão, comportamento e subserviência do sujeito.

O fator mais forte talvez seja a sugestão, que dá origem aos reflexos condicionados corticais (segundo a Escola Pavloviana, a única aceita pela ciência). Mas a hipnose depende do "magnetismo animal" e da sugestão.

Se se devesse apenas à sugestão, todos teriam a mesma força hipnótica, pois quase todas as pessoas usam a palavra mais ou menos bem. Nem todas elas, porém, imprimem à sua palavra energia suficiente para impressionar ou modificar a conduta dos circunstantes.

Os fenômenos hipnóticos que acabamos de abordar não devem constituir surpresa. Eles ocorrem na vida normal de todos os homens, desde as épocas pré-históricas. Mas poucos são os

Espírito / Matéria

seres humanos encarnados que exercem influência sadia sobre os outros. A maioria vive jungida a outras criaturas da mesma comunidade, mas em situação aflitiva, sofrendo coerções, pressões e até escravidão mental por parte de familiares, patrões, líderes etc.

Isso acontece também no mundo dos desencarnados.

Líderes desencarnados de evolução moral inferior exercem ação muito mais dominadora sobre os desencarnados de suas comunidades. E a ação maléfica passa para o mundo dos vivos, prejudicando-os, principalmente quando os amarra em processos obsessivos de longo curso. Criaturas de grande potencial mental, com respeitável conhecimento das leis do psiquismo (além de Física, Química, e, sobretudo, Fisiologia humana), especializados em Anatomia e Fisiologia do Sistema Nervoso, esses seres predatórios são inimigos perigosos para o encarnado que sintonize as frequências do Umbral, em que eles dominam soberanos. Usam técnicas sofisticadas visando dominar, fazer sofrer ou destruir o corpo físico dos que caírem em suas redes obsessivas. Uma dessas técnicas, talvez a mais simples e generalizada, é a prática do hipnotismo. Induzem a situações de sofrimento, desviam da reta moral, levam a erros de apreciação e, principalmente, aterrorizam por todos os modos possíveis.

ANDRÉ LUIZ nos mostrou como isso acontece, ao descrever casos em que o obsessor aplica a indução magnético-sugestiva. No livro "*Libertação*" relata cenas dramáticas de um processo obsessivo de longo curso. O mago das Trevas submete uma jovem a intenso processo magnético-hipnótico, visando enfraquecer suas defesas mentais, subjugar-lá e, depois, desencarná-la:

Penetrando o compartimento em que Margarida descansava, lá nos aguardavam os dois hipnotizadores em função ativa. ...

Dois desencarnados, de horrível aspecto fisionômico, inclinam-se, confiantes e dominadores, sobre o busto da enferma, submetendo-a a complicada operação magnética. Essa particularidade do quadro ambiente dava para espantar.

Margarida demonstrava-se exausta e amargurada.

Dominadas as vias de equilíbrio no cerebelo e envolvidos os nervos óticos pela influência dos hipnotizadores, seus olhos espantados davam idéia dos fenômenos alucinatórios que lhe acometiam a mente, deixando perceber o baixo teor das visões e audições interiores a que se via submetida.

Revela o obsessor encarregado da ação junto à paciente:

- Estamos em serviço mais ativo há dez dias precisamente - elucidou, resoluto. - A presa foi colhida em cheio e, felizmente, não contamos com qualquer resistência. Se vieram colaborar conosco, saibam que, segundo acredito, não temos maior trabalho a fazer. Mais alguns dias e a solução não se fará esperar.

Comentário do orientador:

A história de gênios satânicos atacando os devotos de variados matizes é, no fundo, absolutamente verdadeira. As inteligências pervertidas, incapazes de receber as vantagens celestes, transformam-se em instrumentos passivos de inteligências rebeladas, que se interessam pela ignorância das massas, com lastimável menosprezo pela espiritualidade superior que nos governa os destinos. A aquisição da fé, por isso mesmo, demanda trabalho individual dos mais persistentes.

Mais adiante, descrevendo um dos verdugos:

Que significava aquela máscara psicológica do magnetizador das sombras? Jazia surdo, quase cego, plenamente insensível. Respondia às longas e importantes perguntas através de monossílabos, de modo vago, e demonstrava insistência irredutível, no setor de flagelação à vítima.

Espírito / Matéria

Hipnotizado por senhores da desordem, anestesiado por raios entorpecentes, perdeu transitoriamente a capacidade de ver, ouvir, e sentir a elevação. Demora-se em aflitivo pesadelo, à maneira do homem comum, dentro do qual a dilaceração de Margarida se lhe torna a idéia fixa, obcecante.

O magnetismo é uma força universal que assume a direção que lhe ditarmos. Passes contrários à ação paralisante restitui-lo-ão à normalidade.

Citações dos Cap. IX, XIV e XV

III - Parte

Técnicas Operacionais

Introdução

Muitos são os procedimentos e técnicas que vimos empregando, ao longo desses vários lustros, no tratamento de enfermos encarnados e desencarnados. Alguns, clássicos e antigos, já de eficiência e conhecimento geral. Outros, constituindo técnicas mais complexas, experimentadas e com êxito comprovado mais recentemente, fruto de investigação e aprendizado contínuos.

Para ilustração do leitor, arrolamos algumas dessas técnicas e procedimentos:

- 1 - Apometria
- 2 - Acoplamento do espírito desdobrado
- 3 - Dialimetria
- 4 - Pneumiatría
- 5 - Despolarização dos estímulos da memória
- 6 - Viagens astrais sob comando
- 7 - Técnica de sintonia psíquica com os espíritos
- 8 - Incorporação entre vivos
- 9 - Dissociação do Espaço-Tempo
- 10 - Técnica de impregnação magnética mental com imagens positivas
- 11 - Regressão no Espaço e no Tempo
- 12 - Técnica de mobilização de energias para os espíritos operadores
- 13 - Técnica de revitalização dos médiuns
- 14 - Teurgia
- 15 - Tratamentos especiais para magos negros
- 16 - Tratamento de espíritos em templos do Passado
- 17 - Utilização dos espíritos da natureza
- 18 - Esterilização espiritual do ambiente de trabalho
- 19 - Técnica de condução dos espíritos encarnados, desdobrados, para hospitais do astral
- 20 - O médium como transdutor-modulador
- 21 - Diagnósticos psíquicos - telemnese
- 22 - Imposição das mãos - magnetização curativa

Espírito / Matéria

Quando operamos no mundo de energia livre do astral, com nossa mente vibrando nessa dimensão, torna-se extremamente fácil projetar energias curativas. Como o espírito não tem mais o corpo material, a harmonização de seus tecidos requer menos energia. Um caudal suficientemente forte há de inundá-lo em todas as suas fibras, com completo e instantâneo aproveitamento. Pelo que temos notado, essas energias projetadas pela mente são de frequência vibratória muito elevada. Elas têm imenso poder de penetração, assemelhando-se ao que, para nós, é o tratamento heróico dos Raios-X de alta potência, ou por isótopos radioativos. Em instantes se reconstituem membros amputados, lesões graves, órgãos extirpados e males mais profundos que, por vezes, vêm acompanhando o irmão desencarnado há várias encarnações.

Atentem os trabalhadores em sessões espíritas: "tratamento" de espíritos não se resume em simplesmente afastá-los. Não! É preciso recuperá-los. E isso é fácil, incrivelmente fácil.

Ao nos depararmos com um desses infelizes com sinais de grande sofrimento (causado, por exemplo, por lesões graves em seu corpo astral), projetamos sobre ele toda nossa vontade em curá-lo. Colocamo-lo no campo de nosso intenso desejo de que seus males sejam curados, suas dores acalmadas, ou seus membros reconstituídos.

Enquanto falamos com o espírito, vamos insistindo em que ele vai ficar curado. Ao mesmo tempo, projetamos energias cósmicas, condensadas pela força de nossa mente, nas áreas lesadas. Isso é fácil, já que, estando ele incorporado em um médium, basta projetar as energias sobre o corpo do sensitivo, contando pausadamente até sete. Repete-se a operação tantas vezes quantas necessárias; em média, com uma ou , duas vezes se atinge o objetivo.

Recomendamos aos interessados e doutrinadores que experimentem fazer isso o mais cedo possível, em suas sessões espíritas. Curem! Curem pela ação direta e consciente, por ato volitivo firme, enérgico, harmonizador. Para os espíritos, convém não esquecer, o tratamento será físico - de plena e instantânea realidade.

Este mesmo tratamento - acreditem e experimentem! - Pode ser aplicado diretamente em todos os espíritos presentes às sessões, mesmo que não estejam incorporados em médiuns. Projetadas as energias, todos ficam curados. Temos condições, assim, de tratar de uma só vez (e em poucos segundos) grandes multidões de espíritos sofredores.

Nos capítulos DIALIMETRIA e PNEUMIATRIA o leitor poderá encontrar subsídios interessantes. Mas, basicamente, é no princípio da apometria que se encontrará o essencial. Depois do Amor - é evidente.

I - Despolarização dos Estímulos da Memória

Graças à Fisiologia e à Bioquímica, começamos a entender o funcionamento íntimo de nosso corpo físico. Estamos muito longe, ainda, de dominar inúmeras funções orgânicas, sobretudo as do sistema nervoso. Mas já avançamos bastante.

A determinação do "Ciclo de Krebs", por exemplo, fez com que compreendêssemos a degradação energética das substâncias orgânicas assimiláveis e sua utilização pelo organismo vivo. Mas não sabemos os porquês da imensa maioria dos fenômenos vitais, pois ainda não atinamos com o que seja, em realidade, a Vida. Detectamos sua presença pelos fenômenos que causa, não por sua natureza. Ela escapa ao bisturi e ao microscópio eletrônico, situando-se, portanto, em dimensão além da física.

Se nosso corpo material, palpável e mensurável, ainda tem mistérios indecifráveis para a argúcia dos investigadores e sofisticação de seus equipamentos, que haveremos de pensar em relação à fisiologia da alma? Sua imensa e misteriosa complexidade está tão fora do alcance da Ciência (pelo menos, nos moldes em que esta a investiga) que os cientistas se bloqueiam em atitude primária e radical: negam-lhe a existência. A Medicina, por causa disso, se torna míope ao tangenciar fenômenos da alma. Vê o corpo somático unicamente, de debaixo de uma ótica materialista que a Física Quântica tem mostrado inconsistente, para não dizer turva. Mesmo a Psiquiatria, que lida com manifestações da alma (ou deveria lidar), foge da cura do paciente quando o trata apenas com substâncias químicas de ação exclusivamente física.

FREUD tentou tratar o enfermo mental abordando a doença de modo mais compatível com a realidade dela. Mas falhou ao não considerar o Espírito imortal como sede da individualidade; em consequência, não poderia nem mesmo considerar ou investigar a reencarnação, quanto mais admiti-la: reencarnação é fenômeno do Espírito. Ora, sem considerar o continuum eterno que é o Homem, não há como entendê-lo, nem suas doenças.

É profundamente lamentável que a interpretação psicanalítica do Mundo Interior das pessoas tenha ficado ao sabor do intelecto do analista, com conclusões tão afastadas da realidade patológica que só podem ser fantasiosas. A terapêutica, naturalmente, se mostra ineficaz, mesmo quando os analistas se aproximam da etiologia do distúrbio nervoso: a metodologia não é compatível com a realidade do Espírito.

Exatamente por isso, e apenas por isso, não conseguiram - por exemplo - descobrir e aplicar método científico objetivo, utilizável por qualquer operador, para penetrar na intimidade das recordações humanas, possibilitando alterá-las.

Descoberta da Lei. Desenvolvimento da técnica

É, no entanto, o que já conseguimos com a técnica de "despolarização dos estímulos da memória", arma poderosa no tratamento de inúmeros focos de neuroses e psicoses.

Conforme a teoria de PAVILOV, a aprendizagem é fruto de repetição de estímulos, de modo sistemático e progressivo. Na estrutura tissular neuronal, o registro do estímulo se processa sempre polarizado; o neurônio dá passagem à corrente elétrica do estímulo sempre em um só sentido. Seria de se supor, então, que, quando gravados na memória, os estímulos obedecessem a uma polarização estratigráfica semelhante à de um gravador magnético comum.

A Apometria, que já nos abriu tantos caminhos, poderia se constituir também na chave para penetração na memória.

Espírito / Matéria

Passamos a pesquisar. Projetamos concentrados campos magnéticos sobre o córtex cerebral, até atingir as áreas da memória.

Tivemos êxito inesperado.

Repetimos a experiência várias vezes, sempre com êxito. Chegáramos à Lei:

Toda vez que aplicarmos energias específicas de natureza magnética, na área cerebral de espírito encarnado ou desencarnado, com a finalidade de anularmos estímulos eletromagnéticos registrados nos "bancos da memória", os estímulos serão apagados por efeito de despolarização magnética neuronal, e o paciente esquecerá o evento relativo dos estímulos.

Em gravador de fita comum, os estímulos eletromagnéticos tomam a forma de pequenos campos magnéticos no material magnetizável da fita magnética (ferro, cromo etc.). conforme a intensidade da variação da corrente que passa nas bobinas das cabeças escritoras. O processo obedece a uma seqüência regular de fatores espaço-tempo distribuídos ao longo da fita. Microscopicamente, a superfície da cinta virgem se modifica, formando uma espécie de grumos, orientados segundo o campo magnético criado.

Temos razões para crer que o processo de despolarização da memória funciona de modo semelhante, a nível microscópico. Os neurônios cerebrais do cérebro astral (ou físico, no caso dos encarnados) sofrem alterações espaciais por efeito do fluxo $\vec{\Sigma}$ (sigma) da carga magnética emitida pelo operador. Com isso, se modifica o trajeto elétrico da rede de neurônios que responde pelo armazenamento dos estímulos, isto é, se altera a memória.

Quando se pretende apagar uma gravação em fita magnética, basta passá-la novamente pelo mesmo campo, que agora é de intensidade mais forte e regular. Há, então, completa despolarização dos campos anteriormente formados, e a fita é apagada. No caso humano, o apagamento dos estímulos magnéticos (que organizaram os campos elétricos dos neurônios) obedece à mesma Lei, *mutatis mutandis*.

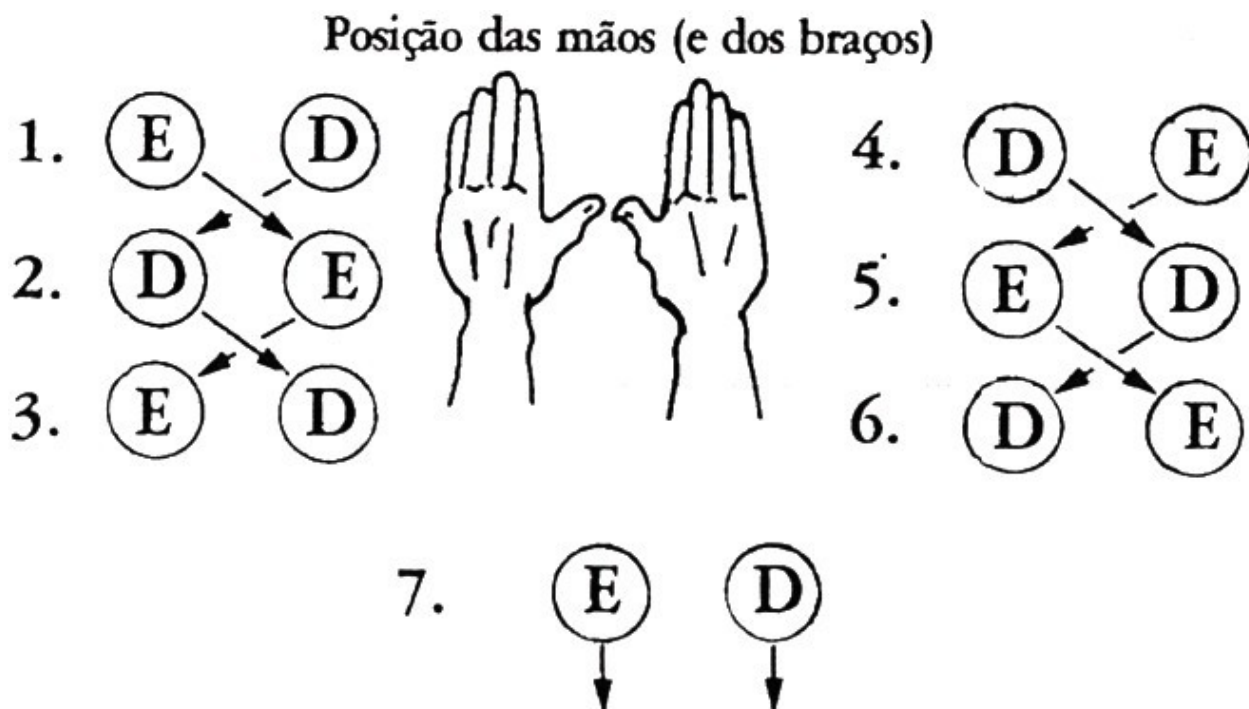
Com essa simplicidade, e em poucos segundos, se apagam totalmente da memória dos desencarnados cargas emotivas deletérias (ódio, vingança, humilhações, rancores etc.) que polarizam sua atenção e obstruem as idéias e sentimentos altruístas que teriam, se desfrutassem de normalidade.

Em encarnados, temos observado que o evento perturbador não é completamente apagado, mas o paciente já não o sente mais como antes: o matiz emocional desapareceu. Despolarizada a mente, a criatura passa a não se importar mais com o acontecimento que tanto a mortificava. Acreditamos que isso acontece porque a imagem fica fortemente gravada no cérebro físico, cujo campo magnético remanescente é muito forte, por demais intenso para que possa ser vencido em uma única aplicação. Já a emoção, que fica registrada no cérebro astral, esta é facilmente removida.

Técnica:

(Aplicação em desencarnados incorporados)

Colocadas as mãos espalmadas sobre o crânio do médium, ao longo dos hemisférios cerebrais, comandamos um forte pulso energético, contando: 1! Em seguida, trocamos a posição das mãos, de modo que fiquem nos hemisférios opostos aos de antes, e projetamos outro pulso, contando: 2! Voltamos à posição anterior e contamos: 3! E assim por diante, sempre trocando a posição das mãos.



Desde 1973 estamos usando esta técnica com pleno êxito, no tratamento de obsessores; com encarnados, em alguns casos (terapêutica de vícios e da toxicomania, por exemplo).

A troca da posição das mãos é necessária. Cada mão representa um pólo magnético, que deve ser invertido.

Durante a fase experimental nos deparamos com um fato imprevisto: quando se aplica a despolarização em espírito desencarnado, ele salta, automaticamente, para a encarnação anterior. O fenômeno é estranho, mas constante. Parece ser efeito do potente campo magnético do operador, que, por ser de natureza isotrópica, abrange de uma só vez a presente encarnação e a memória de outras, gravadas, de algum modo desconhecido, em alguma dimensão do cérebro. Seja como for, se fizermos nova despolarização o espírito salta para encarnação anterior. E assim sucessivamente - sempre - a cada despolarização.

Os resultados. E cuidados.

Na prática, a técnica dá resultados extraordinários. Já nos acostumamos a ver espíritos obsessores, espumantes de ódio contra sua vítima, desejando por todos os meios destruí-la e fazê-la sofrer, retomarem de uma despolarização totalmente calmos, e até negando, formalmente, conhecer a criatura que, antes, tanto demonstravam odiar. Todo um drama vivido, às vezes, durante séculos, se apaga por completo da memória do espírito.

Antes de trazer o despolarizado de volta da encarnação em que se situou, costumamos impregnar seu cérebro, magneticamente, com idéias amoráveis, altruísticas, fraternas etc., usando a mesma técnica - só que agora visando a polarização. Para tanto, basta ter o cuidado de não trocar a posição das mãos: estamos polarizando o cérebro. Faz-se a contagem lentamente, expressando em voz alta a idéia a ser impressa na mente do desencarnado. Por exemplo:

Espírito / Matéria

Meu amigo, de agora em diante tu serás um homem muito bom, amigo de todos 1! muito bom ... 2! ... amigo 3! amigo ... 4! ... bom ... 5! muito bom ... 6! sempre amigo e bom ... 7!

Em outra contagem, se pode imprimir:

Meu caro, de agora em diante tu serás muito trabalhador1! ... muito trabalhador ... 2! responsável ... 3! cumpridor de tuas obrigações ... 4! trabalhador ... 5! muito trabalhador ... 6! 7!

Em mais contagens, se poderá imprimir:

.... gostarás muito de tua família ...

.... serás feliz, muito feliz ...

.... serás uma pessoa alegre etc. etc.

Despolarizado o espírito e trazido de volta ao presente, não devemos soltá-lo na erraticidade. Será preciso encaminhá-lo a um hospital do astral, para que complete sua recuperação e possa se reintegrar, o mais rápido possível, em seus rumos evolutivos.

A despolarização da memória poderá não surtir resultado em espíritos mentalmente muito fortes, como os magos negros. Estes, tendo recebido iniciações em templos do passado (das quais se desviaram), possuem, ainda, campos magnéticos que os tornam poderosos. Para esses, o procedimento é outro.

Esclarecemos aos pesquisadores que nos sucederão que o tratamento é puramente magnético, não usa forma alguma de sugestão e é infinitamente superior à sugestão. Os efeitos do hipnotismo costumam não ter durabilidade porque, nele, um estímulo se sobrepõe a um outro mais antigo, sem apagá-lo. Ora, os antigos logo hão de ressurgir ao nível da consciência, dominando os novos, e dentro de pouco tempo tudo fica na mesma. Na despolarização, ao contrário, se apagam os estímulos mais antigos, e todos os outros - sobre o assunto. O cérebro fica pronto para receber estímulos novos, positivos.

Para coroar o tratamento de encarnados e desencarnados, procuramos encontrar a encarnação em que desfrutaram de mais alegria, paz, felicidade, a fim de que, voltando, fiquem com a recordação mais positiva possível. Se, submetidos a um tratamento que muitas vezes é dramático, eles caírem em encarnação cheia de tropeços dolorosos, fazemos nova despolarização até encontrarmos uma melhor. E, só então, trazemo-los de volta ao presente.

Temos empregado a despolarização, com bastante êxito, em tratamento de vícios de encarnados, sobretudo toxicomania em jovens. Como a técnica apaga as emoções que alimentam o vício, a cura sobrevém, naturalmente. Será ainda mais rápida se o paciente tiver terapia de apoio bem orientada, ou se se filiar a algum movimento saudável, antivício.

Importância da assistência espiritual

Como esta técnica foi descoberta, experimentada e desenvolvida por nós, sentimo-nos profundamente responsáveis por suas conseqüências em nossos irmãos humanos.

O trabalho da Casa do Jardim se desenvolve dentro de um plano de auxílio a sofredores elaborado pelo Alto e seguido por todos nós, trabalhadores encarnados e desencarnados. Mais do que o juramento de Hipócrates, portanto, nos guiam os ideais e ensinamentos do Evangelho. Realizações científicas, estudos e pesquisas são apenas subproduto de nossa atividade em favor do próximo.

Recomendamos cuidado, criterioso cuidado na aplicação dessa Lei e dessas técnicas. Antes de tudo, os trabalhos espirituais devem contar com assistência elevada, do Mundo Maior - sem o

Espírito / Matéria

qual todo o êxito poderá estar comprometido, mesmo que não pareça, inicialmente. Além disso, não se deverá tratar de forma leviana espíritos rebeldes e poderosos, bem como as falanges que eles comandam. Sem cobertura, é temeridade.

Casos Ilustrativos

Caso nº 1

Paciente: I. C. C., estudante, cor branca, sexo masculino.

Idade: 19 anos

Data do atendimento: julho / 1984.

História clínica

Há cerca de dois anos o paciente se habituara a tomar "calmantes". Junto com um grupo de companheiros, a princípio, fumava maconha. Algum tempo depois, a droga já não o satisfazia; passou a usar cocaína vez por outra, quando conseguia dinheiro para adquiri-la.

Interrompeu os estudos e passou trabalhar, a fim de conseguir dinheiro para o vício. Agora o tóxico fazia parte inseparável de sua existência, era necessidade cada vez mais premente. Por essa razão, passou a experimentar outros estupefacientes. Seus amigos, todos viciados, descobriram que, próximo às coudelarias do Jockey Club (Porto Alegre) havia abundância de uma espécie de cogumelos venenosos, que cresciam em terrenos adubados com estrume de cavalo. Passaram a fazer com os cogumelos uma alcoolatura forte, de cor preta intensa, que ingeriam em pequenas doses, com café preto.

Em pouco tempo, a ação deste tóxico (provavelmente mescalina), junto com os outros já usados, produziu seu efeito deletério. O jovem começou a alhear-se do ambiente, permanecia cada vez mais em casa, dela saindo à noite, para juntar-se aos amigos (seus e dos tóxicos).

Deixou o emprego. Não podia mais estudar, por ser incapaz de assimilar a mais simples equação matemática. De alegre e comunicativo que era, passou a ensimesmado, alheio ao ambiente e totalmente desinteressado, mesmo pelos problemas mais urgentes da família. Os familiares (principalmente a mãe), mostravam-se desesperados. Viam, impotentes, o rapaz despencar num abismo.

Tratamento

Aberta a frequência do paciente, tivemos uma surpresa. Não constatamos a presença de magos negros, que, via de regra, estão por trás dos casos de toxicomania. Apareceram apenas alguns pobres toxicômanos desencarnados, que se associaram aos rapazes, em triste intercâmbio de sensações grosseiras, obtidas pelo efeito das drogas. Os obsessores, em péssimo estado, aproveitavam a oportunidade para vampirizar as energias vitais emanadas deles, encarnados. Espíritos doentes e fracos, sem outro objetivo a não ser o vício, foi fácil afastá-los através da projeção de campos-de-força poderosos. Foram conduzidos ao H.A.C., para tratamento.

Espírito / Matéria

O caso era de obsessão simples. O parasitismo dos desencarnados mais parecia um caso de simbiose, em que eles e os rapazes, inconscientemente, trocavam entre si experiências sensoriais, comuns nesse tipo de relacionamento. Feito o diagnóstico, passamos a tratar o paciente.

O rapaz se encontrava em casa, pois disso nos deram conta dois médiuns desdobrados, que foram à sua residência para examinar o ambiente.

Procedemos ao desdobramento do enfermo, à distância, trazendo-o - em espírito - para nosso ambiente de trabalho. Incorporamo-lo em um médium, como se fosse espírito desencarnado. Apresentava-se em estado lastimável. Pedia apenas um pouco de droga, só queria estar numa "boa" ... na triste linguagem da juventude niilista de nossos dias.

Aplicamos-lhe, de imediato, a despolarização da memória visando apagar de sua mente o desejo do tóxico, imagens e hábitos viciosos. Com o choque da despolarização, ele saltou para encarnação anterior, onde fora robusto aldeão, na Alemanha, exercendo atividade braçal (lenhador) na Floresta Negra. Havia sido muito ativo, extremamente forte e bronco. Sua vida, porém, fora saudável: em contato com a natureza, hauria das matas e montanhas uma simplicidade natural, que se refletia em ingenuidade e pureza dos costumes.

Aproveitamos essas características do passado como fator terapêutico, e o fixamos firmemente nessa fase de sua evolução. Polarizamos positivamente seu cérebro com saudáveis idéias de amor ao trabalho, idéias de bondade, fraternidade, amor à natureza etc. Terminado o tratamento, conduzimo-lo de volta ao corpo, que nessas ocasiões costuma cair em leve sono. E o acoplamos firmemente em seu próprio corpo físico, ativando bastante todos os chakras.

Poucos dias depois do atendimento, deram-nos notícias do paciente. A conduta dele estava mudando: de criatura em vias de robotização, passou a se mostrar disposto e inusitadamente ativo: começou por pintar seu quarto, depois a cozinha, e estava pintando toda a casa! Voltara a trabalhar e pretendia continuar os estudos. Aceitando os conselhos de sua mãe, começou a freqüentar a Igreja. Deixou completamente o vício, o que se confirmou, depois, como atitude definitiva.

Discussão do Caso

Toxicomania em fase inicial, fruto de perversão dos costumes. Muito jovem, curioso como todo adolescente, e sem formação religiosa sólida e vivenciada (sem orientação segura, portanto), foi presa fácil para os exploradores do vício. Caiu em suas garras, como tantos outros. Sob obsessão simples, teve a memória despolarizada e, os obsessores, afastados e tratados. Foi colocado em ressonância com encarnação anterior, muito sadia. E recebeu, por fim, repolarização positiva.

Ficou curado.

NOTA: Alertamos: o tratamento de pacientes envolvidos com tóxicos quase nunca apresenta a simplicidade do caso ora relatado: Costuma ser difícil, muito difícil - mesmo o tratamento espiritual - por implicar enfrentamento de magos negros, com toda sua densa e sofisticada ação maléfica.

Caso nº 2

Paciente: A. J. P. - sexo masculino, comerciante, branco, residente em BUENOS AIRES
Idade: 30 anos

Espírito / Matéria

Data do atendimento: à distância, em 28.08.76.

História clínica

Após o casamento, A. J. P. de repente começou a ter perturbações de natureza neurológica, algo semelhante a crises epiléticas (porém mais fracas), que o inutilizavam para o trabalho durante um ou dois dias. Sensação de adormecimento nas extremidades. Tonturas. Cefaléia. Vômitos. Prostração. Tremores na língua e sonolência.

As crises eram freqüentes, a intervalos curtos, depois espaçando-se, chegando a um período de três meses entre os surtos. Estava sofrendo há cerca de três anos.

Tratamento

Atendido à distância respondendo a pedido de auxílio da esposa, que nos escrevera.

No dia marcado para o tratamento, enviamos dois médiuns à casa do paciente, desdobrados por apometria e acompanhando a equipe espiritual chefiada pelo Dr. JOHN, médico canadense desencarnado, que na ocasião estagiava no Hospital Amor e Caridade. Lá chegando, depararam com o paciente acamado, muito abatido, como se tivesse saído de uma crise. Junto à mesinha de cabeceira, observaram vidros de medicamentos, um deles específico para epilepsia. Espiritualmente, o enfermo se encontrava envolvido por densas faixas vibratórias (à semelhança de escamas) que o envolviam todo, mais compactas ao redor da cabeça.

Iniciaram o tratamento removendo essas camadas, com muito cuidado. Revitalizaram o cérebro, depois; e, em seguida, todo o sistema nervoso.

Estudando melhor o material estranho retirado do doente, procuravam descobrir sua origem e os obsessores porventura responsáveis, a enfermidade parecia causada por evidente obsessão, embora não tivessem identificado a presença de entidades desencarnadas. Havia apenas um campo vibratório, de certa forma intenso, oscilando no ambiente.

Procuraram localizar a estação emissora do sinal e constataram que, a dez quilômetros do local, havia uma casa habitada por uma mulher jovem e seu filho, criança de cerca de quatro anos. Era ela o foco emissor do campo magnético.

Investigando, verificaram que a jovem vivia intenso drama afetivo. Tivera, há alguns anos, ligação amorosa muito viva com o paciente (antes do casamento deste), de que resultara o nascimento do garotinho. Apesar das clássicas juras de amor eterno, A. J. P. em pouco tempo abandonou-a, para casar-se com outra.

Chocada e frustraria (mormente quando lhe nasceu o filho), ela constantemente relembrava a figura simpática do seu amado e os sonhos de amor desfeitos, com isso vibrando intensamente pelas recordações dos momentos felizes vividos a sós com seu amor.

Nesse ponto, o médico desencarnado nos esclareceu que o problema residia na constante emissão de pensamentos que atingiam o paciente em cheio, embora a moça não tivesse intenção de prejudicá-lo. A imagem dele em seu cérebro, de forma contínua, matizada intensamente pelo sentimento frustrado (a emoção realimentava a imagem), criara uma forma-pensamento de enorme intensidade (vetor $\vec{\Sigma}$ do fluxo magnético), capaz de interferir na fisiologia dos neurônios cerebrais do ser amado causando-lhe a perturbação.

Espírito / Matéria

Primeiro tratamos a moça, pivô do drama. Fizemos seu desdobramento à distância, pela apometria, trouxemo-la em corpo mental e a incorporamos em uma das médiuns, como se fora espírito desencarnado. Procedemos, então, à despolarização de sua mente. Em seguida, imprimimos-lhe idéias positivas de paz, esperança, alegria, focalizando principalmente o pequenino, seu filho. Mostramos o futuro brilhante que ela deveria esperar dele, dentro de alguns anos, e as alegrias que o filho certamente haveria de lhe dar, sobretudo em sua velhice. Já carregada dessa idéias positivas, conduzimo-la de volta ao lar, à cozinha onde ela se encontrava semi-adormecida. Fizemos o acoplamento do seu corpo físico e ativamos todos os chakras.

Acordou agradavelmente surpreendida (os médiuns presenciavam tudo isso). Começou a alisar os cabelos, depois o avental, sem saber o que se passara com ela. Neste momento surgiu a criança, de outra peça da casa, correndo ao seu encontro. Ela se abraçou ao filho, beijando-o sofregamente, em lágrimas, como se não o visse há muito tempo. As idéias impressas em seu cérebro astral já tinham começado a fazer efeito ...

O apagamento da estratificação da memória não fez com que ela esquecesse completamente o drama, gravado no cérebro físico. Mas ele foi apagado no cérebro astral. Com isso, o quadro emotivo foi esquecido, permanecendo apenas como se fora lembrança remota, próxima de esquecimento total, não podendo mais se constituir, portanto, em foco de problemática neurótica ou emocional. Com a polarização positiva, o Passado se tornou apenas pesadelo distante.

Discussão

Caso de interferência magnética de características maléficas, por forte ação de fluxo magnético polarizado (vetor $\vec{\Sigma}$) emitido pela mente poderosa de pessoa encarnada. Ação mental de encarnado sobre outro encarnado, sem interveniência de desencarnados.

A ação intempestiva provocava, na última, seu desdobramento espiritual. O campo magnético forçava o espírito a sair violentamente do corpo físico, razão por que o enfermo se perturbava sentindo mal-estar, tonturas, cefaléia etc. O quadro permanecia até que o espírito desdobrado fosse naturalmente atraído de volta ao corpo físico, em acoplamento espontâneo (como sempre acontece nestes casos).

Embora a autora do campo magnético não alimentasse idéias de vingança, tinha condições mentais bastante fortes para causar o distúrbio; o desejo ardente, matizado de emoção constante, criava o campo.

Se o desdobramento intempestivo era a causa principal da perturbação, à própria perturbação se ajuntava um grupo de energias destrutivas: as correntes parasitas auto-induzidas, fruto do temor que se criou no próprio paciente. Essa conjunção levaria A. J. P. a estado mental que fatalmente terminaria em dissociação da personalidade, quadro clássico de esquizofrenia.

Número de atendimentos: Um único.

Tempo de duração do tratamento: Trinta minutos.

Diagnóstico: Pseudo-obsessão, por desdobramento à distância.

Prognóstico: Muito favorável, já que, cessada a causa, cessa o efeito - como aconteceu.

OBSERVAÇÃO FINAL - Embora o quadro clínico tivesse explicação lógica e o tratamento surtisse efeito, não nos conformamos, na ocasião, com o fato de uma simples mulher ter energia suficiente para interferir, com tanta intensidade, na vida de um homem sadio. Comunicamos nossa

Espírito / Matéria

inconformidade ao Dr. JOHN, que concordou conosco. Afirmou-nos que iria estudar melhor a moça. Passados alguns minutos, informou, sorrindo, que ela fora sacerdotisa em passado distante, ocasião em que adquiriu extraordinários poderes mentais. Explicava-se, por completo, a misteriosa enfermidade do paciente argentino. As camadas que o recobriam nada mais eram do que materializações, no astral, de campos energéticos acumulados ao seu redor.

*

Notem os leitores que este paciente seria mais um dos infelizes a engrossar as estatísticas de doenças mentais, com diagnóstico de esquizofrenia. No século XVI, a Medicina prescrevia continuadas sangrias em várias manifestações patológicas, em que se incluía a anemia. Esperemos, portanto, que proximamente a doença do Espírito não seja mais tratada com drogas químicas, à semelhança das sangrias, do Renascimento.

Caso nº 3

Paciente: E. S. C., branco, solteiro, professor secundário.

Idade: 27 anos.

Data do atendimento: 12.10.87

História clínica

Há anos sofre estranho mal; não sabe por que, mas sua vida é azarada (sic). Nada dá certo. Nos estudos, sempre teve imensa dificuldade em cumprir os programas de aula, não por falta de luzes intelectuais, já que sempre esteve bem colocado entre seus colegas de turma. Nos amores a situação não era diferente. Nunca se acertou com moça alguma: com o casamento já próximo, perto da data marcada tudo ia por água abaixo. No trabalho, então, a situação foi bem pior; foi com enorme dificuldade que conseguiu um emprego de professor.

Sente-se um fracassado e o desânimo toma conta de seu íntimo.

Tratamento

Mal aberta a frequência do rapaz, apresenta-se obsessivo esbravejando contra ele e quem quer que deseje auxiliá-lo. Inquirido, responde que deseja que E. S. C. sofra o mais possível, do mesmo modo como infligira sofrimentos a outros. Apresenta-se como "O Vingador", dizendo que é conhecido assim nos meios inferiores do astral. Revela que, em passado distante, foi vítima das violências de E. S. C., que lhe desgraçara a vida. Agora se vinga; seu inimigo terá de pagar com a mesma moeda.

Apesar de nossas ponderações conciliatórias, "O Vingador" não abre mão de sua vingança. Resolvemos, por isso, apagar de sua memória as cenas dolorosas vividas no passado.

Fazemos a primeira despolarização e "O Vingador" salta para a encarnação anterior, automaticamente. Vai para a existência em que havia sofrido os agravos de seu inimigo - agora encarnado e nosso paciente. Nessa encarnação a que o salto o conduziu, o obsessivo também não mostra ser de bons sentimentos; sua situação é igual ou pior do que a do seu inimigo agora encarnado. Quando nos deparamos com caso assim, costumamos proceder a uma segunda despolarização, e outra ou mais, até encontrarmos uma existência em que o quadro geral da vida é

Espírito / Matéria

positivo, com sentimentos bons e procedimento virtuoso. Nessa, então, fixamos o espírito - aplicando em seu cérebro correntes magnéticas com aconselhamentos elevados e ensinamentos evangélicos, trazendo-o imediatamente para o Presente. Como se pode observar, isso não constitui violência contra o espírito, pois tudo é perfeitamente compatível com seu modo de ser; acentuamos, apenas, ideais positivos e posturas éticas que são próprias de sua vivência naquele Tempo.

Na segunda despolarização "O Vingador" se apresenta como um monge. E tivemos com ele diálogo muito interessante:

- Caro amigo - dissemos - vemos que o Sr. é um sacerdote, monge muito devoto, não é assim?

- Sim, graças a Deus, sou muito devoto. Amo a Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo.

- Meu caro irmão, poderia nos informar em que ano estamos?

- Mas como? - admirou-se. Então o Sr. não sabe em que ano estamos? O Sr. não é daqui?

Ora ... estamos em 1564!

Por momentos o monge fica confuso, segura a cabeça entre as mãos e diz:

- Mas o que está se passando comigo? Onde estou? Então saí do mosteiro? É ... é bem possível que alguém tenha vindo me buscar, pois com tantos crimes que lá se praticam, isso ... isso ... Eu nem entro lá ... são ordens do Prior e deles lá de cima. De certo as autoridades eclesiásticas superiores deram um fim naquilo ... Sua Santidade o Papa deve ter ordenado a intervenção que era necessária.

Diante dessas divagações, acalmamos o monge:

- Escute, meu amigo. O Sr. não saiu do convento, apenas se afastou um pouco para falar conosco. A propósito, caro irmão, desejaríamos apresentar-lhe um amigo nosso, pois temos quase certeza de que o Sr. o conhece muito bem.

Ele olha atentamente o paciente encarnado (que há bem pouco tempo queria esganar) e meneia a cabeça:

- Não senhor. Não conheço essa criatura, nunca vi em minha vida. - E, monologando: - Também ... eu saio tão pouco ...

Sobressalta-se:

- Ah! Quero te avisar, também. Cuidado com o Prior e com aqueles que o rodeiam. Por qualquer coisa aplicam tortura nos presos e mandam-nos para a fogueira.

Fazemos então sair todos os prisioneiros, que estão em condições lastimáveis, confinados em masmorras subterrâneas, parecem esqueletos ambulantes. Aprisionamos em seguida todos os monges e os trazemos para o Presente em poderoso campo de força, encaminhando-os para as equipes espirituais de seleção. (Pertenciam, todos, a uma tenebrosa comunidade da Inquisição espanhola). As instalações do mosteiro são demolidas, para que não sirvam de abrigo a outros espíritos do Umbral.

Assim que terminada essa parte, conduzimos o monge a pequena capela de Donremy, onde Joana d'Arc ouvia as vozes que a orientaram em sua missão; levamo-lo para que se acenda em seu íntimo a devoção da fé viva, ao contato com as vibrações de Joana e de Santa Catarina, ainda atuantes no ambiente pequenino.

Ao entrar na capelinha o monge tem uma espécie de êxtase. Ouve também as vozes, que o aconselham à prática do bem, à vivência do amor aos semelhantes etc., tanto que se recolhe em oração fervorosa.

Finalmente, trazemos o Espírito de volta ao presente, onde ressurge como um ser renovado espiritualmente, disposto a seguir a meta vislumbrada. Abandonou, portanto, toda a idéia de vingança porque teve seu ódio apagado por deslumbrante vivência que lhe foi impressa.

Espírito / Matéria

Resultado

O paciente não solicitou novo atendimento. No final do mês (quando já ultimávamos a matéria deste livro), tivemos notícia de que seu ânimo melhorara consideravelmente.

II - Dialimetria - Eteriatria

Curas junto ao lago

E Jesus, partindo dali, foi para as cercanias do mar da Galiléia e, subindo a um monte, sentou-se. Logo vieram até ele numerosas multidões trazendo coxos, cegos, aleijados, mudos e muitos outros, e os puseram aos seus pés e ele os curou, de sorte que as multidões ficaram espantadas ao ver os mudos falando, os aleijados sãos, os coxos andando e os cegos a ver. E renderam glória ao Deus de Israel.

Mateus 15:29-31.

Curas na terra de Genesaré

Terminada a travessia, alcançaram terra em Genesaré. Quando os habitantes daquele lugar o reconheceram, espalharam a notícia de sua chegada por toda a região. E lhe trouxeram todos os doentes, rogando-lhe somente tocar a orla da sua veste. E todos que a tocaram ficaram curados.

Mateus 14:34-36

A cura de um leproso

Um leproso foi até ele, implorando-lhe de joelhos: "Se queres, tens o poder de purificar-me". Movido pela compaixão, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: "Eu quero, sê purificado." E logo a lepra o deixou. E ficou purificado.

Mateus 8:2-3

Cura de um aleijado

Pedro e João subiam ao Templo para a oração da nona hora. Vinha, então, carregado, um aleijado de nascença que todos os dias era colocado à porra do Templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam. Vendo Pedro e João entrarem no Templo, pediu-lhe uma esmola. Pedro o encarou, como também João, e disse: "Olha para nós." Ele fitou-os, esperando receber deles alguma coisa. Pedro, porém, disse: "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto te dou: em nome de Jesus Cristo Nazareno, anda!" E, tomando-o pela mão direita, ergueu-o. No mesmo instante os pés e os calcanhares se lhe consolidaram; de um salto ficou de pé e começou a andar ...

Atos 3:1-8

Espírito / Matéria

1. Algumas reflexões

Como é possível para nós, homens do século XX, racionalistas por excelência (em que se incluem cientistas do mais alto padrão) aceitar piamente essas descrições fantásticas, recuadas no tempo e tão ao sabor das lendas orientais?

Como é possível, também, em nossos dias, que alguém consiga curar certos estados tumorais operando o corpo físico sem qualquer anestesia, sem o menor cuidado asséptico - antes, pelo contrário, deliberadamente e apenas para demonstração, colocando sobre o ferimento operatório terra do chão ou mesmo cuspe dos assistentes, sem que apareça o mais fugaz sinal de infecção pós-operatória?

A Ciência não crê em milagres, por isso não acredita em curas sobrenaturais. No primeiro ponto está cena, pois não existem milagres. Tudo obedece a leis; nós é que não conhecemos as que regem os fatos não comuns e, por isso, os rejeitamos. Tampouco existe o sobrenatural enquanto mistério, pois todos os fenômenos são naturais e passíveis de serem repetidos, bastando conhecer as leis que os regem.

Essas reflexões são necessárias para bem compreender em que contexto se insere e qual a importância da Dialimetria, assunto que passaremos a abordar. Trata-se de um conjunto de fenômenos que obedecem a leis imutáveis que, é bem provável, foram utilizadas por Cristo e seus santificados seguidores, nos primórdios do Cristianismo.

* * *

No início deste século tivemos criaturas com poderes de curar não só em transe sonambúlico (EDGAR CAYCE, americano) como também por meio de orações (casal WORRAL, americano). Na Inglaterra, HARRY EDWARDS adquiriu fama internacional como curandeiro. E estudiosos modernos de fenômenos paranormais têm encontrado muitos indivíduos capazes de curar grande variedade de males, alguns considerados incuráveis pela Medicina oficial. Essa inusitada faculdade se revestiu de contornos espetaculares com as estranhas operações cirúrgicas, cruentas, praticadas por curandeiros das Filipinas, dentre os quais destacamos TONY AGPOA, MURATORE, JOSÉ MERCADO e MARCELO AGUIAR. Aqui no Brasil, entre outros, tivemos o célebre JOSÉ ARIGÓ que, incorporado pelo Dr. FRITZ, fazia cirurgias revolucionárias, agora repetidas pelo mesmo FRITZ no médium e médico ÉDSON CAVALCANTI DE QUEIROZ.

Como poderemos explicar fatos tão fora do normal, com aparente violação de leis biológicas, já que esses curadores não usam de anestesia nem de assepsia?

O que se admite como mais provável é a projeção de algum poder, qualquer espécie de energia do curador para o paciente. Uma força magnética desconhecida, talvez o magnetismo animal- como queria MESMER. É de se cogitar que essas pessoas tenham a faculdade de projetar energias cósmicas moduladas pelo poder de suas mentes, poder de alto teor harmonizante, interferindo diretamente nas forças que unem os tecidos.

2. Cura e Energia

Note-se que as curas milagrosas praticadas por JESUS e pelos apóstolos tinham, como processo de operação, a ingerência direta e instantânea nas estruturas tissulares dos organismos enfermos. Em outras palavras: o caudal energético do Mestre agia na intimidade molecular dos tecidos, dissolvendo rapidamente excrescências, calosidades, anomalias, enfim, que caracterizavam a deformidade ou doença. Reforçadas por essas energias vindas de fora do corpo,

Espírito / Matéria

as Leis do Equilíbrio se faziam atuantes e a harmonização se reinstalava: tecidos lesados recuperavam, de pronto, a vitalidade e a forma, obedecendo ao padrão normal de saúde. O fato de levantar paralíticos de nascença, dar visão aos cegos, limpar leprosos, entre outras curas milagrosas, mostra sobejamente que, em minutos, é possível harmonizar toda espécie de tecido biológico em desequilíbrio. O problema está, em primeiro lugar, na energia necessária. Em seguida, é preciso considerar qual o tipo de energia a ser empregada: deve haver uma especificidade, conforme a condição do tecido e da anomalia a ser curada: a projeção de força terá de ocorrer de modo a não lesar tecidos, apenas modificando suas estruturas.

Ora, não conhecemos até agora uma energia que, momentaneamente, possa dissolver tecidos vivos sem destruir também o fenômeno "Vida." Podemos avaliar, por aí, a complexidade do assunto.

Que energia seria esta, então?

Energia radiante, das frequências conhecidas pela Ciência (Raios-X, Raios-Gama, Raios Cósmicos) ou alguma outra força semelhante, modificável e modulável pela ação do pensamento?

Sabemos de algumas formas de energia pouco conhecidas em sua intimidade, embora sejam perfeitamente conhecidas as leis de suas manifestações: eletricidade, fenômenos do magnetismo do ferro, eletromagnetismo, gravitação etc. Sabemos também que pensamento é energia, mas não conhecemos sua natureza, nem como se opera sua transmissão, chamada telepatia. Mas o poder, a força, a energia responsável pelos fenômenos de cura é, de longe, o que mais nos intriga, polarizando nossa atenção. Com efeito, esse fenômeno existiu no passado (mesmo o mais remoto), foi repetido vezes sem conta através dos séculos por curandeiros de todas as épocas, e se repete no presente, sob nossos olhos. Ninguém pode negá-lo. Estamos em presença de fatos que - exatamente por serem fatos - têm que ser repetíveis, desde que se atendam as condições e causas de sua ocorrência.

Faz mais de dez anos que estudamos todos os tipos de cura paranormais, ao mesmo tempo que avaliamos os efeitos da aplicação de energias magnéticas (através do pensamento) a nível celular. Para tanto, criamos uma técnica - a **Dialimetria** (*) - abrangendo um conjunto de fenômenos e leis que embasam o tratamento médico por meio de aplicação de energias magnéticas específicas, visando a harmonização de tecidos biológicos enfermos. Fundamenta-se no conhecimento e emprego de leis sobre energias mentais que modulam energias cósmicas de alto teor vibratório.

(*) Do verbo grego *dialyo* (dissolver, dissociar), acrescido da terminação *metria* (relativa a "medida" - ou, em nosso caso, pulsos energéticos)

3. Definição. Modus operandi.

Poderíamos definir a dialimetria, portanto, como uma forma de tratamento médico que conjuga energia magnética de origem mental (talvez em forma de "força vital") com energia de alta frequência vibratória proveniente da imensidão cósmica, convenientemente moduladas e projetadas pela mente do operador sobre o paciente.

O potencial de energia cósmica é infinito, mas fica, na prática, limitado pelo poder mental do operador. Quando o potencial deste puder alcançar frequência vibratória suficiente para vencer a força de coesão (*) intermolecular, esta ficará momentaneamente diminuída. O corpo ou área visada se tornará plástico e maleável por alguns minutos, as moléculas afastadas umas das outras na medida da intensidade da energia que lhes foi projetada. O processo inicia no corpo etérico e, se empregada suficiente energia radiante, se refletirá no corpo físico.

Espírito / Matéria

(*) "Coesão" é definida, genericamente, como a propriedade que têm os corpos de manter estável sua forma, desde que não sujeitos à ação de forças deformantes. Resulta das forças atrativas entre moléculas, átomos ou tons que constituem a matéria.

Para bem compreender em que consiste a dialimetria, basta considerar os estados da matéria. Em estado natural, por exemplo, a água é líquida: moléculas afastadas umas das outras e permitindo extrema mutabilidade de forma. Se congelada, solidifica-se: moléculas justapostas. Mas, evaporada por ação do calor, transforma-se em gás; as moléculas se afastaram tanto que a água perdeu a forma.

A mesma coisa acontece na dialimetria. O extremo afastamento molecular leva qualquer corpo sólido ao completo desaparecimento. Este "milagre" já foi inúmeras vezes realizado, no século passado, por médiuns de "efeitos físicos". Dentre os que se tomaram célebres, destacaram-se, sobretudo, DANIEL DUNGLAS HOME, EUSAPIA PALADINO, FLORENCE COOK e MADAME D'ESPÉRANCE. Esta última chegou ao ponto de sofrer dissolução, parcial e momentânea, de seu próprio corpo físico, perante o cientista ALEXANDRE AKSAKOF. A história do Espiritismo é rica em fenômenos de desaparecimento súbito de objetos com reaparecimento em lugares distantes, durante incríveis sessões de "efeitos físicos" a que presenciaram cientistas de renome (WILLIAM CROOKES, ALEXANDRE AKSAKOF, ZOINNER, WALLACE, etc.) que deram testemunho público das ocorrências.

Em todos esses casos há interferência na coesão molecular dos corpos, fenômeno que também explica as célebres cirurgias físicas do nosso JOSÉ ARIGÒ e, atualmente, as do médico e médium ÉDSON CAVALCANTI DE QUEIROZ. O afrouxamento da coesão permite que se façam incisões profundas, extirpando tumores internos quase sem derramamento de sangue. O sangramento, com efeito, terá de se situar em nível abaixo ou muito abaixo do normal: não há corte integral de tecido, como costuma acontecer na cirurgia clássica. A abertura cirúrgica é mais um afastamento inciso dos componentes do corpo (pele, tecido celular subcutâneo, aponevrosos, músculos, etc.) do que corte propriamente dito. Esses tecidos tomam-se localmente plásticos e maleável permitindo que instrumentos cortantes ou mesmo mãos nuas do operador penetrem no corpo, sem acentuadas conseqüências traumáticas e manifestações dolorosas.

Esta propriedade - a plasticidade dos tecidos biológicos - pode ser perfeitamente utilizada em tratamentos de cura, em vista da rápida recomposição do corpo etérico. Com surpresa, a princípio, depois à saciedade e mesmo em tratamentos à distância, pudemos constatar: em estado de plasticidade o organismo se toma maleável, permitindo que a ação das leis fisiológicas seja imediata, plena e surpreendentemente rápida, como conseqüência da menor resistência dos tecidos. Se a lesão for física, poderá ser facilmente recuperada por ação das forças internas naturais, capazes de recompor qualquer área afetada ou lesionada, seja qual for o tamanho ou espécie da lesão. A cura se processa automaticamente e por intussuscepção, isto é, de dentro para fora - de acordo com as leis do crescimento tissular.

Trata-se, sem dúvida, de fenômeno extraordinário, absolutamente novo para a Medicina clássica. Mas que se explica de modo muito fácil, pelas próprias leis que regem a Vida. O estado hígido é o bem-estar resultante da ação de leis (bioquímicas, fisiológicas, vitais etc.) visando um único fim: manter a Vida em perfeito equilíbrio. Este equilíbrio é mais conhecido por saúde. A doença ou qualquer lesão causada por agressão exterior (seja qual for sua natureza) é um acidente. Quando ocorre um traumatismo, por exemplo, as leis fisiológicas começam a agir automaticamente: alguns dias depois a lesão está cicatrizada e a saúde se recompõe. Mas se aplicarmos a dialimetria na área lesada, as leis da Fisiologia atuam de modo mais livre e, portanto, mais rapidamente. Bastarão alguns segundos ou minutos para a recuperação "ad integrun" tornar-se uma realidade.

Espírito / Matéria

Já notamos que, em casos de lesões muito graves, os médicos desencarnados aproveitam a momentânea plasticidade do corpo para tratá-lo através do corpo astral. Fazem cirurgias astrais extremamente delicadas e complexas, de modo que a reconstituição conseguida se transfira, algum tempo depois, para o corpo de carne. Este tratamento espiritual pode ser facilmente compreendido por sua analogia com o princípio dos vasos comunicantes, da Física. Se ligarmos vasos com líquido em níveis diferentes, tão logo se estabeleça a comunicação o líquido toma o mesmo nível. Como o corpo astral integra nosso ser e está intimamente ligado às outras estruturas corpóreas, a cura dele se transmitirá, sucessivamente, ao corpo etérico e, finalmente, ao físico.

Com essa técnica vislumbramos novos horizontes para a Medicina. Entrevemos possibilidades de tal modo amplas que mal podemos avaliá-las em toda a plenitude. Estamos apenas esboçando, com nossas pesquisas, os primeiros passos nessa investigação que - com a graça de Deus - há de permitir à Humanidade acesso à inesgotável e divina fonte de toda cura.

A dialimetria nos dá condições de tratar com pleno êxito espíritos feridos, lesados, enfermos e estropiados de toda sorte. No plano físico, porém, nos sentimos ainda muito longe do domínio completo da técnica, embora já estejamos obtendo resultados mais do que animadores. Com encarnados, usamos o desdobramento apométrico para tratar o espírito do paciente pela dialimetria (como se estivesse desencarnado) e, por fim, o acoplamos novamente ao corpo físico. Simples e diminutos transformadores de energia cósmica, faltam-nos condições para vencer a barreira energética da matéria, e atuar diretamente no corpo denso. Por enquanto, agimos sobre o corpo etérico para que, em resultado, o corpo físico também se cure. Consola-nos a certeza de que, após o primeiro passo, será apenas questão de tempo: entraremos no terceiro milênio com a Medicina usando dialimetria como hoje a aplicamos em doentes do astral. As curas acontecerão - completas - em poucos segundos.

4. A técnica

É muito simples, assemelhando-se à da apometria.

Mentaliza-se fortemente o corpo do enfermo, desejando fixamente a diminuição de sua coesão molecular, para receber tratamento energético adequado. Faz-se contagem firme, em que os pulsos sejam pausados, porém carregados de energia. Repete-se a contagem duas, três vezes.

O corpo físico não acusa a menor mudança de forma, nem de textura. Mas o corpo etérico se torna mole, menos denso, pronto a receber tratamento. Sensitivos videntes logo registram o fenômeno, assim como os médicos desencarnados que estão tratando o doente. (Os médicos imediatamente se valem da nova situação para intervir mais profunda e facilmente no corpo astral e mesmo no etérico, tratando-os).

Ao mesmo tempo que interferimos, assim, na coesão molecular do corpo físico e etérico, projetamos energia para dissolução das compactas massas de energia de baixa frequência vibratória - quase: sempre de coloração escura - sobre o corpo etérico, energias estas que estão, muitas vezes, na raiz da enfermidade. Em seguida, aplicamos nas áreas lesadas energias vitalizantes, fazendo-as circular através dos tecidos por meio de passes magnéticos localizados, de pequena extensão. Nos processos mórbidos a circulação da vitalidade ao longo do corpo fica comprometida, de modo mais ou menos semelhante ao do estado inflamatório dos tecidos - em que a linfa e a própria circulação sanguínea se estagnam, provocando dores, edemas e ingurgitamento dos tecidos afetados. Uma vez dissociadas essas energias estagnantes (que aos videntes aparecem como nódos escuras), os tecidos ficam mais permeáveis às energias vitalizadoras, que aceleram o processo da cura.

5. O futuro e a Dialimetria

Pelos estudos e pesquisas que, principalmente nestes últimos dois anos, vimos desenvolvendo de modo sistemático e intensificado, e, sobretudo, graças à experiência de centenas de casos tratados e observados em Porto Alegre e nos grupos de Brasília, Pelotas (*) e Santa Maria, a dialimetria está nitidamente se configurando como técnica de tratamento do corpo etérico, com resultados seguros e efetivos.

(*) Ao grupo do Companheiro Prof. Althen Teixeira, de Pelotas (RS) devemos extraordinária contribuição no campo dessas pesquisas.

A par de tornar cristalino o entendimento do modo como se processam certas curas até aqui vistas como miraculosas, a "nova" técnica aponta para um vasto campo, praticamente inexplorado pela ciência médica: o corpo etérico, sua constituição, propriedades, fisiologia e inter-relações com os corpos físico e astral. A tal ponto é vasto esse horizonte, que já passamos a tratar os fenômenos de que cuida a dialimetria como apenas um segmento (pioneiro e diminuto) da Eteriatria - denominação que demos à Medicina do corpo etérico.

Nossas pesquisas, observações e estudos amadurecem dia a dia à medida que nos vamos entregando, com desinteressado amor, ao atendimento de enfermos e aos tratamentos dialimétricos. Nossos conhecimentos sobre o corpo etérico, esta invisível estrutura de energia pura e ao mesmo tempo matéria quintessenciada, têm aumentado paulatinamente - no rastro das curas de encarnados e desencarnados. Levantados os véus que faziam os mistérios, o novo campo se ilumina de fascinante claridade e as explicações e descobertas pululam. Sabemos que estamos começando, porém. São os primeiros passos, permitidos e apoiados pelos nossos Mentores Espirituais. Por enquanto, concentramo-nos na acumulação de dados e experiências que um dia, talvez daqui a anos, possam ser dados a público.

Alguma coisa já nos aparece como definitiva - resultado de nossa vivência. Todos nós, todos os grupos da "Casa do Jardim" nos sentimos trabalhando no bojo de uma nova visão da Ciência Médica, uma Medicina estratificada em dimensões, níveis ou horizontes de Energia. Por necessidade de definição e delimitação, os níveis poderiam ser vistos assim:

PNEUMIATRIA -	dimensão do Espírito
PSIQUIATRIA -	dimensão astral (alma)
ETERIATRIA -	dimensão energética (corpo etérico)
MEDICINA CLÁSSICA -	corpo físico

Como bem se pode notar, nosso perseverante trabalho de quase um quarto de século, com as pesquisas e achados a que nos levaram os Irmãos do Mundo Maior, está apontando na direção de uma Medicina Integral, em que o Homem é visto como um continuum eterno.

Prosseguiremos. Esperando que nos ultrapassem os mais competentes, nesse caminho que é de nós todos, humanos.

Espírito / Matéria

Casos Ilustrativos

Caso nº 1

Em 1978, numa noite de trabalho espiritual no Centro Espírita Léon Denis, procurou-nos um colega psiquiatra que buscava resolver um problema clínico surgido em pessoa da família. Angustiado, com manifesto constrangimento em recorrer a um centro espírita, pedia-nos auxílio.

Seu pai estava com cirurgia marcada: teria de amputar uma das pernas, afetada por doença que impedia a circulação sanguínea, com iminência de necrose. A Medicina se revelara impotente para debelar o mal, apesar de todos os recursos e do arsenal terapêutico empregado. Nem mesmo diagnóstico preciso havia sido feito.

O simples fato da amputação apontava para a existência de algum processo patológico grave, irreversível. Perguntamos ao colega qual o estado do paciente, sua idade, histórico da doença etc.

Tratava-se de cidadão de 59 anos, até então saudável e que nunca havia tido o mínimo sintoma de deficiência circulatória, geral ou das extremidades. Constantes sanguíneas: normais. Diabetes: não era portador. O mal se manifestara havia pouco tempo, e se agravara apesar dos intensos tratamentos a que se submetera.

Perguntamos ao colega se ele era espírita. Algo ruborizado ante nossa irreverência em relação aos seus conhecimentos científicos, respondeu que não, que nada conhecia de Espiritismo. Nunca entrara em centro espírita.

Convidamo-lo a entrar na pequena sala para presenciar, sentado a um canto, o desenrolar dos trabalhos. Pedimos que não se assustasse com o que iria ver e ouvir, pois nunca se sabe, ao se iniciar uma sessão, que tipo de espíritos hão de se manifestar. Avisamos, com bastante ênfase: nós não fazíamos milagres, tampouco curas espetaculares; se cura houvesse, seria pela misericórdia divina. Seu pai era portador de moléstia física e, conseqüentemente, o tratamento pertencia à Medicina clássica. Nosso trabalho era de ordem espiritual. Mas nos colocávamos à disposição de nossos amigos, médicos desencarnados, para auxiliá-los. Se a causa da doença fosse espiritual, teríamos mais liberdade de tratar do caso.

Compreendidas essas premissas, fizemos a abertura dos trabalhos e passamos a atender enfermos encarnados. Costumamos colocar o nome da pessoa num papel e, chegada sua vez, pronunciamo-lo em voz alta. Abrimos sua frequência vibratória através de emissão de pulsos energéticos (contagem até sete). E esperamos algum momentos, até que surja a primeira manifestação das entidades que obsediam o enfermo.

Ao abrirmos a frequência do pai do colega, apresentou-se logo, incorporado em um dos médiuns, espírito que gritava de dor, dizendo que lhe haviam amputado a perna. Tão aflito estava, sofrendo dores tão intensas, que não tinha condições de responder às nossas perguntas.

Para não prolongar o sofrimento do espírito, projetamos forte jato de energias visando acalmá-lo e, principalmente, reconstituir, por completo, a perna amputada. Com três projeções energéticas, em pausada contagem até sete, o desencarnado acalmou-se de repente. Mostrou-se admirado pela cessação da dor, mas ainda temia tocar no coto da amputação.

Como sempre fazemos nesses casos, afirmamos que ele estava curado. Não precisava temer: nunca mais teria dores de qualquer espécie. Insistimos. Pedimos que tocasse, apalpassemos demoradamente a perna, para se certificar de que ela estava ali, perfeita e sadia.

Assombrado, o espírito não queria acreditar no que via e sentia. Mais calmo, revelou seu nome. E sua história.

Fora grande amigo do pai do psiquiatra ali presente. E também sofrera amputação de uma perna, após longa e dolorosa enfermidade.

Contou-nos que, "depois de um prolongado sono cuja duração ignorava", despertou, muito fraco, num lugar estranho onde pessoas desconhecidas pouco ligavam para seus pedidos de auxílio. Sentindo-se abandonado, vagou durante algum tempo até encontrar um "peregrino" (sic) de burel longo, que procurou ajudá-lo: levou-o para lugar mais ameno, onde havia um regato límpido correndo entre arbustos muito verdes, mas pequenos e ralos. O peregrino sugeriu que ele deveria se recolher a um hospital, para tratamento adequado.

Ao ouvir a palavra "hospital" ele tratou de fugir; havia recém saído de um deles, onde sofrera muito, e sem resultado. No entanto, "coisa estranha!" (sic) bastou falar em sua doença e logo vieram as dores na perna. Sentiu-se fraco, também. Extremamente fraco. Dispnéico. Com profundo mal-estar.

O peregrino interveio. Tomou-o nos braços e deitou-o na grama, dizendo-lhe coisas incríveis. Tiveram uma longa conversa em que o desconhecido quis convencê-lo de que ele já havia morrido, e asseverou que ele se encontrava assim porque sua situação espiritual não era muito boa. Aquele lugar não era adequado para uma criatura na sua situação, pois estava infestado de seres impiedosos.

Todas essas revelações soaram falsas para o nosso amigo - ele nos confessou. Católico, repeliu tudo, com bastante energia. Desde quando um morto tem dor nas pernas? E que história era aquela de já estar morto, se até roupa ele vestia, a sua própria roupa? Se havia naquele lugar algum ser impiedoso, só poderia ser aquele peregrino (ou monge, ou sabe lá o quê). Voltou as costas e se arrastou, com as energias que ainda lhe restavam, para bem longe. Só parou quando não viu mais o outro.

Perdeu a conta do tempo em que permaneceu naquele lugar.

Um dia, já descrente, lembrou-se de sua antiga devoção à Virgem Santíssima. Veio-lhe vontade de rezar. Orou, então. Orou mais uma vez. Para sua surpresa, um bem-estar o invadiu por inteiro, e sussurros angelicais roçavam seus ouvidos, predispondo-o à meditação. Recordou, então, a infância distante, a vida que levava, os problemas ... Chorou, afundado nas lembranças carinhosas. Lembrou-se dos amigos, daqueles que tanto o haviam favorecido nos últimos anos de sua existência. Sentiu-se sonolento. E, cansado e fraco, mergulhou em longo e profundo sono.

Ao acordar, viu-se movido por estranha força que o levantava do chão e o levava, lentamente, para uma cidade movimentada, repleta de gente e veículos. Logo percebeu era sua velha Porto Alegre! A lembrança do amigo, então, se fez mais forte. Mas bastou pensar nele para que seu deslocamento se acelerasse. Quase que imediatamente se viu diante da casa, que tão bem conhecia; entrou sem cerimônia.

O amigo lia um jornal. Emocionado, ele se aproximou e abraçou prolongadamente aquele ser tão querido como um irmão. Falou, falou-lhe aos borbotões, mas - coisa estranha! (sic) - o amigo continuava a ler seu jornal, imperturbável. Apenas abanava uma das mãos sobre o rosto, como se quisesse afastar algum inseto importuno!

Chocado com essa inexplicável indiferença, sentou-se numa cadeira em frente, aguardando os acontecimentos. O amigo não lhe dera atenção, mas não o expulsara dali, o que já era muito bom. Sem ter para onde ir, doente e sem condições de se locomover, resolveu permanecer naquele lar que outrora lhe fora tão hospitaleiro.

Embora razoavelmente instalado, porém, as dores continuavam. Só tinha alguma melhora quando se aproximava bastante do amigo, ocasião em que um calor muito bom o invadia. Notou

Espírito / Matéria

que o velho "amigo" começou também a sofrer de uma das pernas, com os sintomas que ele tão bem conhecia. Foi com desolação que soube que o amigo teria de se submeter também à amputação.

De repente, no entanto - ele não entendia como - estava ele ali, num lugar que não era hospital, e onde lhe haviam recomposto a perna, em operação sem dor, sem anestesia, às claras e rapidamente.

Este foi o longo relato do espírito.

*

Esclarecemos-lhe a respeito de seu estado e de sua atual situação. Revelamos-lhe que, se ele tivesse aceitado as sugestões do "peregrino" (que o atendera, assim que despertara do sono da morte física), ele agora estaria em condições espirituais bem melhores, e provavelmente passeando nos jardins de um hospital.

Compreendendo bem, agora, tudo que lhe acontecera, concordou em ser conduzido ao Hospital Amor e Caridade, para tratamento definitivo. Lamentava, profundamente, ter sido a causa involuntária da enfermidade do amigo. Prometeu que, assim que pudesse, haveria de tudo fazer para reparar o mal que inconscientemente provocara.

* * *

Vejamos agora aquilo que o espírito não sabia. Com nossa apreciação.

Ao desencarnar, ele se viu em lugar inóspito do Umbrai. Foi parar ali por ação automática da Lei do Peso Específico Espiritual: assim que despreendido do corpo físico flutuou, inconsciente, até o lugar compatível com sua densidade magnética. Ali chegou, acordou. Como não era pessoa maldosa, não tinha inimigos à sua espera; não sofreu, por isso, agressão de desencarnados predadores. Mas, desconhecendo a realidade do mundo espiritual, não aceitou as ponderações do espírito protetor ("peregrino") que o havia socorrido; foi preciso que conhecesse essa realidade pelos seus próprios meios, pois no mundo espiritual o livre-arbítrio é Lei, e respeitado.

Quando pensou no amigo, foi atraído. E o resto já se sabe. Sua presença desencadeou no outro um estado de ressonância vibratória que se acentuou com o tempo. A ação magnética, desarmônica, perturbou a fisiologia tissular na mesma área do organismo do amigo, desencadeando a enfermidade. Eua síndrome, desconhecida da Medicina, nós a descreveríamos em 1975, denominando-a "indução espiritual". Trata-se, como já vimos, de processo pelo qual um desencarnado pode causar enfermidades em encarnados, apenas pela presença contínua ao lado destes, mesmo que não tenha intenção de causar mal.

Caso simples. Bastou afastar o indutor para que o paciente se recuperasse.

O tratamento foi feito à distância, em apenas uma sessão. O colega psiquiatra, que com certo receio assistia os trabalhos, confirmou, bastante admirado, detalhes do relato do espírito e a identidade deste.

Resultado: Uma semana após, o paciente foi considerado fora de perigo - tendo sido suspensa a cirurgia. Em dois meses estava completamente curado.

Tivemos oportunidade de conhecer o paciente, em 1984. Gozava de perfeita saúde.

Este caso mostra as enormes possibilidades da aplicação da dialimetria no tratamento de espíritos desencarnados.

Para nós também foi assim. Tendo sido o primeiro, apontou-nos o caminho e aguçou-nos a curiosidade para que chegássemos, com o auxílio e permissão do Mundo Espiritual, à descoberta da Lei e das técnicas de aplicação da Dialimetria.

Espírito / Matéria

Caso nº 2 - Dialimetria aplicada em paciente encarnado.

Paciente: F. R. S., sexo feminino, cor branca, casada, 29 anos.

Data do atendimento: 06.12.1986.

História clínica

Salpingite crônica na trompa esquerda, com forma tumoral envolvendo o ligamento largo, ovário, etc. - e cirurgia já programada para dentro de poucos dias. Ao exame do abdome, mesmo superficial, apresenta tumor palpável e dolorido no quadrante inferior esquerdo. Persistente corrimento purulento que, ao exacerbar-se, alivia as dores abdominais. Paciente sob efeito de antibióticos.

A história patológica começou após curetagem uterina, há alguns anos, para drenar o endométrio de restos de um aborto espontâneo.

Tratamento

Aberta a frequência de F. R. S., constatamos que seus corpos etérico e astral se encontram envolvidos por uma espécie de goma esverdeada e fétida, consequência de desregramentos sexuais. Nossa primeira providência é fazer cuidadosa limpeza desses dois corpos.

Passamos a tratar o corpo físico.

É aplicada dialimetria de modo a obtermos o maior afastamento possível das moléculas do corpo etérico (com afrouxamento máximo da coesão molecular). O tratamento se completa com intensas projeções de energias esterilizantes, de cor verde.

A essa primeira aplicação se sucedem mais duas, a intervalos de uma semana.

Resultado

A paciente começou a melhorar desde a primeira aplicação.

O médico suspendeu o ato cirúrgico, em face da recuperação.

Caso nº 3 - Dialimetria aplicada em paciente encarnado.

Paciente: E. S. B., sexo masculino, cor branca, solteiro, 26 anos

Data do atendimento: 20.05.87

História clínica

O paciente se apresenta apoiado em muletas: sofre, há anos, de osteomielite coxofemoral extensas no membro inferior esquerdo, de onde supuração intensa se exterioriza por algumas fistulas. Já sofreu quatro cirurgias que trouxeram alívio mas não debelaram o mal.

Espírito / Matéria

Exame

Aberta a frequência de E. S. B., constatamos que não há assédio de obsessores, no presente. Como sempre fazemos nesses casos, abrimos a frequência do Passado do rapaz. (Isto é, passamos a investigar encarnações anteriores.)

Seu passado aparece turbulento, principalmente na penúltima encarnação, quando feriu gravemente um dos desafetos, deixando-o aleijado de uma perna. Distribuiu, nessa existência, violências sem conta ao seu redor. E todas as suas vítimas permaneceram paralisadas no Tempo, com a carga inteira de seus sofrimentos.

Tratamento

Procuramos todas as vítimas do Passado e as tratamos, aliviando-lhes as dores. Com isso, E. S. B. também se aliviava das consequências de ressonâncias com seu próprio Passado cruel e agressivo, de ódios, sofrimentos e desarmonias que - sempre - acarretam mal-estar, angústias e outras sérias consequências ao culpado.

Só depois de havermos tratado o Passado do doente é que começamos o trabalho propriamente dito, no corpo.

Aplicamos a dialimetria no segmento comprometido na perna esquerda, e projetamos fortes jatos puntiformes de luz verde, para esterilizar em profundidade a área afetada. Enquanto isso, E. S. B. desdobrado, era atendido no H.A.C. por médicos desencarnados que lhe tratavam o corpo astral.

O tratamento repetiu-se quinzenalmente durante três meses.

Resultado

Imediato.

Os poucos focos purulentos foram se fechando, as dores cessaram. O caminhar se tornou mais firme, a ponto do paciente deixar as muletas, quando em casa. Continua em tratamento.

Caso nº 4 - Dialimetria aplicaria em paciente encarnado.

Paciente: M. R. A., sexo feminino, 28 anos, branca., casaria.

Data do atendimento: 28.06.86

História clínica

Desde o casamento, há 8 anos, começou a ter dores intensas nos seios, que se apresentam continuamente ingurgitados, endurecidos e dolorosos à apalpação, sobretudo durante as menstruações.

Espírito / Matéria

O diagnóstico médico traduziu-se por "mastopatia crônica" devido a disfunção hormonal, causada por ação de anticoncepcionais tomados indiscriminadamente. A mamografia revelou apenas ingurgitamento das glândulas lactíferas, mas sem tumores neoplásicos malignos.

Tratamento

Sem prejuízo do tratamento médico a que M. R. A. se submetia, aplicamos a dialimetria na área afetada. Enquanto isso, médicos espirituais faziam aplicações fisioterápicas na paciente, desdobrada e conduzida ao H.A.C..

Resultado:

Já na segunda aplicação desapareceram as dores e os ingurgitamentos glandulares. Foram feitas três aplicações a intervalos de 15 dias.

III - Pneumiatría

Se o homem tivesse plena consciência do enorme potencial de energias que reside nele - potencial que é seu corpo físico - ficaria assombrado pelo poder de realização que sempre possuiu, sem aproveitar. Que dizer, então, do alcance de todo esse potencial, se essas energias forem transferidas e colocadas em ação no mundo astral? No entanto, isso ainda não é tudo. Esse cabedal energético do corpo físico existe também, em estado quintessenciado, no corpo astral de todas as criaturas humanas. E, além dessas, muitas outras energias temos, à nossa disposição.

Dentro de nós, no escaninho de nossa consciência cósmica, guardamos poderes divinos que dormem, latentes. É preciso que os despertemos, conscientizando-nos dessa fabulosa e natural realidade, consequência da Presença Divina em nós, em nossa Vida. Somos uma sagrada fonte de infinitas energias; elas são inerentes ao nosso ser, fazem parte de nossa essência. Toda nossa caminhada evolutiva se faz em direção a essa fonte - para que a alcancemos, liberando e usando essas energias. Quando isso acontece, quando nos confundimos com a meta que é essa fonte, as liberadas energias crísticas realizam milagres tão portentosos como os que Jesus praticou. Não foi em vão que o Divino Mestre nos disse: **"vós sois deuses ..."**

Encarnado, o espírito está envolto nas densas faixas vibratórias que constituem o corpo físico, este escafandro de carne que todos vestimos ao encarnar e que nos dá condições de atuar ativamente neste Planeta. Revestidos da grosseira densidade da Matéria, ficamos em condições de moldá-la, modificá-la e agir sobre ela a nosso bel prazer. Em contrapartida, porém, nossa consciência e percepções se limitam pelo sólido horizonte de tudo físico, denso, material.

A evolução espiritual, por isso mesmo, é processo de extraordinária complexidade, em que o espírito peregrina por infindáveis espaços durante tempo imensamente longo. A ascensão só se completa após milênios de polimento o diamante humano, então polido e lapidado, terá o mesmo brilho e transparência da Luz. Todo esse tempo é gasto, na verdade, na lenta desmaterialização, pois evolução implica afastamento da matéria física quanto mais evoluído o espírito, menos materializado.

Espírito / Matéria

Esse grau de desmaterialização só pode ser notado e aferido na dimensão astral. No plano físico estamos todos em iguais escafandros de carne, embora em processo de constante desvinculação deles, na paulatina apreensão dos valores eternos. Mas todos nós temos um encontro marcado com a definitiva iluminação da consciência, que resultará em permanente e inarredável sintonia com nossa própria Essência, com a conseqüente compreensão de nossa destinação cósmica.

Nesse estado, começamos a assimilar os valores eternos. E entramos automaticamente, na medida que progredimos a cada passo do Caminho, em gradativa plenificação crística que nos envolve em natural e límpida sabedoria: o Conhecimento, nesse nível de consciência, é mais Amor do que Conhecimento, razão porque proporciona imensa felicidade.

Instalados nesse estágio, a matéria deixou de ter o valor que a maioria de nossos irmãos humanos lhe confere; e sabemos disso, e amorosamente compreendemos os irmãos que ainda não penetraram neste santuário consciencial em que transluz uma paz feita de amor, harmonia, luz, esperança, felicidade ...

Esse é o sendeiro de todos os homens, quer o conheçam, quer não. Até reconhecê-lo, no entanto, quanto esforço nossa ignorância desperdiça, quanto tempo é perdido!

Interessante é que, às criaturas ainda imersas no torvelinho das paixões, de nada adianta apontar o Caminho: não acreditam nele. Tampouco estão preparadas para trilhá-lo; ao ingressar nele, têm de passar pela "porta estreita" por que não pode transitar nossa volumosa bagagem de ilusões e quinquilharias egoístas, que alimentam nosso apego aos sentidos. Somente quando aprendemos a nos alimentar da Luz espiritual começamos a ter condições de avaliar a importância do Caminho que é cada instante de nossa Vida - seguindo-o alegremente.

Quase sempre nos encontramos bloqueados, presos à Matéria, aos interesses e coisas de nosso dia-a-dia. Não vemos como nos alçar à altura do Espírito. Mas chega o momento em que uma chama viva penetra em nós, animada de energia desconhecida - seja pelos caminhos do coração, freqüentemente pela dor moral ou física, ou pelos do cérebro (o que é mais difícil de acontecer, pois ninguém se volta para Deus seguindo o raciocínio frio), através de alguma iluminada percepção de nossa realidade cósmica. Esta chama viva abre brechas em nosso Ego, derruba nossos monturos, barreiras e preconceitos, transforma, plenifica e nos converte em crentes. Esse "estalo de Vieira" caracteriza a vivência de algo transcendental, que nos eleva do chão da Matéria aos planos sagrados do Espírito.

Vivendo a Religião, passamos a viver os valores espirituais. Ninguém mais, então, poderá mudar o curso de nossa vida. E, a medida que nos aproximamos da Luz, mais se robustece nossa Fé e mais firmes se tornam nossas passadas no Caminho. Com Paulo, os apóstolos, místicos e mártires de todas as épocas, estaremos dispostos a perder tudo, os afetos mais puros e o próprio corpo, para não renunciar à Divina Chama da Verdade, acesa em nós.

Uma vez divisada esta Chama, qualquer espírito - encarnado ou desencarnado - há de voltar as costas aos interesses e cuidados materiais para buscar somente a paz e felicidade da Luz Crística.

Em desencarnado esse processo de despenamento de consciência pode ser muito mais fácil, não por causa do maior ou menor interesse do espírito (que, na maioria das vezes, nada sabe disso), mas porque podemos intervir de modo decisivo, auxiliando-o a encontrar, em si próprio, o seu Caminho. Nem mesmo será preciso levá-lo a algum lugar santificado, que lhe desperte forte emoção e devoção religiosa (como às vezes também fazemos, com sucesso). Basta guiá-lo na busca do Caminho nele próprio, fazendo com que procure - e encontre - o Cristo que reside nele.

O resultado é sempre maravilhoso. A plenitude da momentânea ação da Chama Crística - que é ele próprio - constitui experiência viva, real e imarcescível. O espírito toma novo rumo como

Espírito / Matéria

ser em evolução, passando a aceitar as orientações e os convites afáveis de mais alto. Sempre tivemos mais resultado com uma simples viagem à Essência Crística do que com horas de dialética kardecista. A essa técnica denominamos pneumiatría, ou seja, a cura pelo próprio Espírito (em grego, *pneuma*). A pneumiatría não pode, entretanto, ser usada em todos os desencarnados, pois só a partir de certo grau de harmonização é que será possível a sintonia com o Eu cósmico. Deverá ser aplicada somente naqueles que, não sendo vingativos, perversos, perseguidores contumazes ou magos negros, estejam já desligados de interesses materiais e possuam um pouco, pelo menos, de boa vontade.

A técnica

Uma vez preparado o desencarnado e constatada sua disposição favorável, projetamos sobre ele um campo muito intenso de energias luminosas, sobretudo sobre a cabeça, fazendo contagem pausada e mais prolongada (até 21 ou 33), em que empregamos toda a energia de nossa vontade para que ele seja arrebatado aos planos crísticos dentro dele próprio. Com uma ou duas tentativas, conseguiremos. O espírito costuma cair em êxtase, não querendo sair mais dessa situação luminosamente pura, de paz e bem-estar jamais sonhados (e que só haveria de experimentar, normal e definitivamente, depois de longo processo evolutivo). Neste estado de absoluta e indizível felicidade, pode acontecer que chore de alegria ou caia de joelhos, dando graças ao Senhor pelo que sente e vê.

Aproveitamos esses momentos para doutriná-lo. O que, aliás, agora é fácil: as palavras tomam-se vivas, indeléveis, de significação espiritualmente iluminada. Fazemos, em seguida, com que o espírito retorne ao seu estado vibratório normal. O êxtase, no entanto, haverá de ser, doravante, uma perene saudade nele. Vislumbre da meta, luz inesquecível impressa em sua lembrança, há de firmá-lo a persistir no rumo da luz.

Como se vê, a técnica consiste em elevar momentânea e artificialmente o estado vibratório do espírito, levando-o a níveis crísticos por ação de poderosos campos energéticos disparados pela mente do operador e, evidentemente, potencializados pelo Mundo Maior. Como se trata de situação artificial, com fins de instrução e esclarecimento, só durará enquanto atuar a energia sustentadora; o espírito há de voltar ao seu estado natural mesmo sem interferência do operador.

Novamente alertamos: não se atribua à contagem, aos números que se pronuncia em voz alta e pausadamente, qualquer propriedade mágica ou conotação mística. A cada número projetamos um jato de energias, da mesma forma que trabalhadores braçais, carregando um grande peso, cadenciam seus esforços associando-os a sons, para levantar ou empurrar com mais facilidade.

Não há mágica. Não há mística. A energia é, em última análise, a do Cristo em nós (a mesma que vive, neste exato instante, no leitor).

IV - Utilização dos Espíritos da Natureza

Todos os reinos da natureza são povoados por seres vivos imateriais, que vivificam e guardam essas dimensões vibratórias que constituem seu habitat. Os orientais conheciam essas entidades desde a Antiguidade; denominavam-nas "espíritos da natureza". Países não latinos da Europa, sobretudo os nórdicos, tiveram suas sagas literárias povoadas por relatos de encontros com gnomos, duendes, fadas, silfos etc., e de suas relações com mortais.

Até quanto sabemos, esses seres fazem sua evolução no astral; não encarnam entre os humanos.

Entre nós, a Umbanda e nosso folclore indígena nos dão conta da existência dos sacis-pererês, iaras, boitatás, caiporas e outros espíritos da natureza. Iemanjá, cultuada nos terreiros da Umbanda, preside o chamado "povo do mar" - espíritos da natureza denominados sereias, ondinas e outros. O próprio fogo, irresistível energia dissociativa, contém as conhecidas salamandras, seres ativíssimos que foram tão invocados pelos alquimistas medievais, como fonte de energia transformativa.

Em princípio, todos os espíritos da natureza podem ser utilizados pelos homens nas mais variadas tarefas espirituais, para fins úteis. É bastante conhecida, por exemplo, a limpeza que se faz, em terreiros de Umbanda, de ambientes "carregados", isto é, infestados de materiais e substâncias deletérias destinados a prejudicar pessoas. Nessas ocasiões, os pretos-velhos invocam Iemanjá e pedem licença para que o povo d'água limpe esses ambientes (lar, escritório, terreiro etc.), levando para o fundo do oceano a carga nefasta. Videntes percebem quando as sereias chegam em grande onda marítima, com longas redes de malha fina, arrebatando tudo que for daninho. Em nossos trabalhos espirituais costumamos usar essa prática salutar, principalmente por ocasião do encerramento.

Os espíritos da natureza - todos - são naturalmente puros. Não se contaminam com dúvidas dissociativas, egoísmo ou inveja, como acontece com os homens. Predominam, neles, inocência e ingenuidade cristalinas. Prontos a servir, acorrem solícitos ao nosso chamamento, desejosos de executar nossas ordens. Nunca, porém, devemos utilizá-los em tarefas menos dignas, ou a serviço de interesses mesquinhos e aviltantes. Aquilo que fizerem de errado, enganados por nós, refluirá inevitavelmente em prejuízo de nós próprios (Lei do Karma). Além disso, devemos usá-los na justa medida da tarefa a executar, para que não se escravizem aos nossos caprichos e interesses. Nunca esqueçamos de que eles são seres livres, que vivem a Natureza e nela fazem sua evolução. Podemos convocá-los ao serviço do Amor, para o Bem de nossos semelhantes - já que, com isso, lhes aceleramos a evolução. Mas é preciso respeitá-los, e muito. Se os usarmos como escravos, ficaremos responsáveis por seus destinos, mesmo porque eles não mais nos abandonam, exigindo amparo e proteção como se fossem animaizinhos domésticos. Com isso, podem nos prejudicar, embora não se dêem conta disso.

As Leis Divinas devem ser observadas. Terminada a tarefa que lhes confiamos, cumpre liberá-los imediatamente, agradecendo a colaboração e pedindo a Jesus que os abençoe.

Espírito / Matéria

Caso Ilustrativo

(Utilização dos espíritos da natureza)

Corria o ano de 1984 quando nos procurou uma senhora sobremaneira angustiada com a situação financeira do marido e também pelo estado enfermício em que este se encontrava, há já quatro meses.

Disse que tudo "dava errado" nos negócios do esposo, a ponto de começarem a escassear as avultadas economias do casal, perdidas, em grande parte, em negócios que fracassavam inexplicavelmente e contra todas as expectativas favoráveis. Até o carro, novo, quase foi demolido em um acidente. Mas a maior preocupação dela era com o estado de saúde do marido, lentamente agravado nos últimos tempos.

Tratamento

Assim que aberta a frequência da família, apresentaram-se dois espíritos deformados, exus, gritando impropérios e nos desafiando. Reduzidos imediatamente a impotência, foram conduzidos, sem perda de tempo, a estâncias de recuperação.

Afastados os exus, apresentou-se o chefe das hostes das sombras. Calmo e muito confiante, desafiava-nos a desmanchar o trabalho que lhe haviam encomendado. (O trabalho maléfico fora feito em duas partes: uma aqui no Rio Grande do Sul e outra na Bahia.)

Convidado a desfazer a magia, riu do que julgava ingenuidade nossa. Disse que se ele mesmo quisesse desmanchar o mal, não poderia, pois fora preparado cuidadosamente e jogado no mar. Agora, quem haveria de achá-lo nas profundezas do oceano? - perguntava. Sobranceiro, ria gostosamente.

Procuramos mostrar que ele estava enganado. Quando se opera no Bem, tudo é mais fácil. No caso, bastaria convocar os espíritos da natureza para que eles nos atendessem imediatamente.

Das palavras, passamos à ação. Invocamos Iemanjá e pedimos que ela autorizasse o povo dos oceanos a nos trazer o malefício; rogamos que ela não permitisse a permanência de foco tão negativo em seus domínios. Bastou fazer a sintonia vibratória da mente do mago com as forças vivas do mar para que todo o "trabalho", saltasse no plano astral - ante seus olhos estupefatos, trazido pelas sereias.

Apavorado, viu o búzio cheio de objetos da vítima (inclusive fios de cabelo), além de encantamentos em forma de sentenças, fitas e o nome do cidadão escrito em papel recoberto por cera. A concha também estava protegida por grossa camada de cera, que a isolava da água salgada.

O mago foi obrigado a desfazer tudo; os restos, queimamo-los imediatamente. Assim que o mago terminou, ele próprio foi reduzido à impotência e recolhido, inconsciente, a lugar apropriado à sua recuperação.

Como se vê, podemos - em tese - desmanchar qualquer trabalho de magia negra em qualquer região da Terra, com o concurso dos espíritos do reino onde o malefício tiver sido colocado. Basta saber convocá-los. Normalmente, médiuns desdobrados os acompanham nas tarefas de levantamento de trabalhos de magia negra, auxiliando-os nas limpezas.

Não há mistério nisso, qualquer pessoa pode comprovar. Valemo-nos das Leis que Deus criou para todos os seres; em nossos trabalhos, frequentemente somos ajudados pelas ondinas, sereias, gnomos, salamandras, sacis e outros espíritos da natureza. As salamandras, por exemplo, nós as usamos para queima de material deletério dos doentes, principalmente substâncias e

Espírito / Matéria

excrescências de tumores, cancerosos. Tudo é fácil, muito fácil de ser feito. No entanto, a maioria dos espíritas nem mesmo acredita nesses seres!

V - Arquecriptognosia

A palavra tem origem no grego e significa conhecimento de algo antigo e escondido (no Tempo). Diz respeito, mais precisamente, ao desvendamento de textos antigos, de passado remoto, já desaparecidos na voragem das eras.

A arquecriptognosia surgiu por acaso, por ocasião do atendimento de uma paciente, durante o ano de 1980.

Uma senhora nos procurou em busca de auxílio porque seu lar "virara um inferno" (sic) após a morte do esposo, médico conceituado. A filha mais moça viciara-se em tóxicos e causava grande preocupação; influenciada pela geral dissolução de costumes desses nossos dias de decadência, arrogou-se prematura independência e se afastava de casa por dias seguidos, sem dar satisfações à angustiada mãe. O filho mais velho também se desviara: trocou os estudos pelas más companhias. A própria casa em que moravam, apesar de nova e bem construída, apresentava inexplicáveis sinais de envelhecimento, perdendo grandes porções de reboco interno; isso causava estupefação ao construtor, que dizia não entender fenômeno assim insólito. Além disso - o mais importante - a senhora nos disse "sentir no ar" algo pesado, sensação de desespero, angústia e impotência, parecendo que tudo estava girando ao seu redor.

Enquanto da nos relatava, por telefone, os males que a afligiam - sobretudo a angústia moral e o temor - esboçávamos a conclusão de que deveria se tratar de mais um caso de magia negra, dada a semelhança com inúmeros outros casos.

No dia apazado pata o atendimento, a paciente presente, abrimos-lhe as frequências visando faixas de magia negra. Nada apareceu, no entanto.

Intrigados, descerramos-lhe as portas do Passado. Assim que fixada a frequência, duas médiuns se viram envolvidas pelo turbilhão de intensa tempestade de areia que mal as deixava respirar. Tal era a violência do vento e da areia turbilhonante que não podiam identificar em que lugar se encontravam.

Procuramos sossegá-las, incutindo-lhes confiança e acalmando-lhes os temores. Elas começaram, então, a divisar um túmulo de pedras em pleno deserto, com uma inscrição em um dos lados. Não conseguiam atinar com a origem da tumba e da insólita inscrição, que informaram ser composta "por silhuetas de pequenos patos, uma espécie de penas estilizadas, círculos de cordas, linhas quebradas em dente de serra ... etc." Tratava-se de inscrição hieroglífica, não havia dúvida.

Perguntamos às duas médiuns se podiam traduzir o que viam. Elas acharam graça, pois não tinham o menor conhecimento da língua egípcia, quando mais de hieróglifos.

Explicamos, então, que deveria ser muito fácil conhecer o significado dos sinais gráficos de qualquer escrita. Eles constituíam a parte objetiva do significado subjetivo, oculto, ligado à forma e disposição dos símbolos. Para captar o significado, portanto, elas deveriam penetrar nessa realidade subjetiva.

Pedimos que elas se afastassem, ficando a uns poucos passos do túmulo, e olhassem atentamente para a inscrição. Não deveriam se fixar nos sinais, e sim no conteúdo. Enquanto isso, nós lhes faríamos projeção energética para sintonia com o significado subjetivo, por ressonância de frequência.

Espírito / Matéria

De repente, ambas as médiuns, ao mesmo tempo, começaram a ler a inscrição, como se estivesse escrita em Português:

Todo aquele que ultrapassar os limites do seu Destino terá porvir tempestuoso.

Tão curiosa nos pareceu a inscrição que resolvemos investigar as causas da advertência. Descobrimos, então, a origem das vicissitudes de nossa paciente.

Na época de RAMSÉS III (1197 - 1165 a.C.), nas margens do Nilo e próximo a Tebas (Alto Egito), uma linda jovem vivia em miserável cabana de pescadores, cercada de caniços. Mantinha sua vida miserável alimentando-se da pesca, pássaros aquáticos e escassa plantação, mesmo gênero de vida que levavam suas companheiras de aldeola. O viço agressivo de sua juventude, a pele acetinada mas queimada de sol faziam sua beleza rústica destacar-se entre as outras jovens.

Certo dia, quando ela pescava entre os caniços, a barca do faraó passou lentamente junto à margem. O soberano divisou-a entre a vegetação e, impressionado com sua beleza selvagem, ordenou a um oficial que fosse convidá-la a viver no palácio, em seu harém.

Refestelada na nova vida em que o Destino a colocara, passou a desfrutar da nova situação com todo fogo de seu egoísmo desenfreado. Livre, poderosa, rodeada de fâmulos, assim que teve oportunidade foi visitar sua humilde aldeola. Não por saudade, mas desejando mostrar a seus antigos desafetos o poder que agora tinha. Para isso, já havia conquistado a amizade de oficiais inferiores da guarda real, que a conduziram, com pequena escolta de três homens, ao paupérrimo lugarejo. Tão logo chegou, fez com que os soldados espadeirassem alguns de seus antigos inimigos, incendiando-lhes as choças. Os esbirros aproveitaram a oportunidade para mostrar serviço e, com mão pesada, cumpriram as ordens - enquanto ela ria de gozo, recostada na liteira. Pudemos ver as cenas em que crianças nuazinhas corriam espavoridas, aos gritos, em todas as direções. O objetivo da moça não era propriamente matar, mas alardear poder, castigando os pobres autores de antigas rixas sem importância. Durante algum tempo as incursões se sucederam, sempre acompanhadas de dores, correrias e atropelos das vítimas, que a excomungavam, amaldiçoando-a com ódio cada vez mais intenso.

Muito tempo depois, ela desencarnou.

Por não pertencer à nobreza, não teve o direito de ser sepultada no Vale dos Reis. Foi enterrada no deserto, em túmulo modesto que recebeu a terrível e verdadeira sentença dos sacerdotes que, desde há muito tempo e silenciosos, observavam sua conduta.

Realmente, pelos atos violentos ela ultrapassara seu Destino, que deveria ser igual ao de outras anônimas pescadoras das margens do grande rio. Além disso, sendo plebéia e não desempenhando cargo oficial, não deveria dispor de qualquer espécie de poder executivo, mesmo nas alturas sociais a que fora guindada. O uso do poder para infligir dor e desassossego caracterizou o abuso, com ultrapassagem dos limites de seu Destino. Todo o mal que semeara agora estava voltando para seu redor, como viva força negativa, exatamente como nos advertem as Sagradas Escrituras:

"Sabei que vossos pecados vos encontrarão."

Números, 32:23

Provavelmente, ela já tivera oportunidade de resgatar, em encarnações anteriores, grande parte do mal semeado no Passado. Ficaram para o "final dos tempos" (época atual) as vibrações desarmônicas que agora a assediavam.

Como tratamento, envolvemo-la em campos vibratórios positivos, fixando-a em frequência de harmonia. Apagamos de seu cérebro (por despolarização dos estímulos da memória) as lembranças angustiosas do Passado, para que não sintonizasse com elas por ressonância vibratória.

Espírito / Matéria

Aconselhamo-la a que se ativesse aos padrões de conduta preconizados nos Evangelhos, mantendo pensamentos positivos e vigilância constante. Orientamo-la para que compreendesse: dívidas karmicas, qualquer que seja sua natureza, só se pagam com amor - através da prática da caridade e nos dedicando ao Bem com todas as nossas energias. (É um erro pensar que karma se paga com sofrimento.)

Seguindo essa orientação e recebendo passes regulares, a paciente conquistou a paz. Recobrou a confiança e foi abençoada com as luzes da fé viva. Curou-se.

Essa senhora, no entanto, jamais poderia imaginar que, pela própria necessidade de atendê-la em profundidade, haveríamos de descobrir outra técnica anímica de investigação psíquica, técnica da maior importância - principalmente cultural. Nosso novo instrumento nos permitiria investigar o Passado, mesmo o mais remoto, através da leitura e tradução de inscrições. Ao mergulharmos no Passado estamos, na realidade, entrando em outra equação de Tempo, revivendo eras já sepultadas nas dobras dos séculos. Tudo se transforma de novo em Presente, dadas as condições dimensionais. Condições estas, novas, mas regidas por leis matemáticas que as tornam passíveis de ser manipuladas, porquanto redutíveis a equações.

Assim refletindo, resolvemos fazer algumas investigações, por curiosidade histórica.

Os resultados nos assombraram. Pudemos traduzir uns poucos textos antiqüíssimos, pintados em paredes de templos. Estes, por exemplo, lidos em uma das criptas do Templo de Karnak (ca. 1500 a.C.), templo já desaparecido:

"O Bem e o Mal caminham juntos; quem andar por um dos caminhos dificilmente trilhará o outro."

"Não temos outra alternativa, pois nessa andança ou ganha-se a Coroa ou perde-se a cabeça."

Este outro foi visto à frente de uma imagem de faraó:

"Tu és Rei porque sempre foste Rei. Tu és o abençoado dos deuses, que protegem teu Destino assim como a lua preside as realizações das criaturas."

Infelizmente, com nosso trabalho dedicado por completo ao atendimento de enfermos, não temos tempo e condições de fazer investigação sistemática do Passado, explorando suas perdidas riquezas culturais. É nossa intenção, todavia, vasculhar antigos templos egípcios com mais vagar, assim que for possível.

Esperamos que outros investigadores se dediquem a esse filão e, com mais técnica e tempo, desenterrem do Tempo perdidos tesouros de sabedoria.

Conclusão

Tudo que vimos até aqui, tudo que se mostrou, resolveu, comentou, revelou; tudo quanto estudamos e analisamos é de interesse vital para todos os humanos - temos certeza - e, por isso mesmo, fascinante. Os aspectos científicos dos fenômenos abordados são importantes e válidos, sabemos. As equações matemáticas que embasaram muitas de nossas pesquisas e achados falam a Verdade em sua frieza lógica, e estão bem aplicadas; mas tudo isso de nada valerá (e toda esta obra também) se não tiver o Amor como causa e o Amor como objetivo.

O Amor deve ser o Alfa e o Ômega da ação humana, pois só Ele dá consistência eterna.

Baseados neste princípio, programamos um trabalho que dura mais de vinte anos, durante os quais temos procurado não nos afastar da essência do Evangelho e do maior de todos os mandamentos: o do Amor. Este livro é apenas subproduto de nosso trabalho assistencial; só foi

Espírito / Matéria

escrito porque esse trabalho precisa ser ampliado, de modo a abranger, se possível, todos os necessitados do Planeta - encarnados e desencarnados.

Não tem importância, portanto, o que esta obra possa ter de importante. Por mais valor que da tenha, será ultrapassada pela de outros que nos sucederão. É preciso que seja assim, pois ela visa a caridade, e a caridade que ela ensinará, esta sim, há de ser inextinguível. Já disse o apóstolo Paulo: "*a caridade jamais passará*". Transcrevemos, como "ômega", seu "Hino à Caridade":

*Aspirai aos dons mais altos. Aliás, passo a indicar-vos
um caminho que ultrapassa a todos.
Ainda que eu tivesse o dom da profecia,
o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência,
ainda que eu tivesse toda a fé,
a ponto de transportar os montes,
se não tivesse a caridade eu nada seria.
Ainda que eu distribuísse todos os meus bem aos famintos,
ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas,
se eu não tivesse a caridade, isso de nada me adiantaria.
A caridade é paciente, a caridade é prestativa,
não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho.
Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse,
não se irrita, não guarda rancor,
não se alegra com a injustiça
mas se regozija com a liberdade.
Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.
A caridade jamais passará.
Quanto às profecias, desaparecerão.
Quanto às línguas, cessarão.
Quanto a ciência, também desaparecerá.
Pois o nosso conhecimento é limitado,
e limitada é a nossa profecia.
Mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá.*

*Quando eu era criança, falava como criança,
pensava como criança, raciocinava como criança.
Depois que me tornei homem, fiz desaparecer
o que era próprio da criança.
Agora vemos em espelho e de maneira confusa,
mas depois, veremos face a face.
Agora o meu conhecimento é limitado,
mas, depois, conhecerei como sou conhecido.
Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade,
Estas três coisas.
A maior delas, porém, é a caridade.*

I Cor 12:31 - 13:1 a 13

* * *

Espírito / Matéria

Todas as palavras deste livro foram escritas para se tornarem instrumentos de caridade nas mãos dos que trabalham na Seara do Cristo. Elas nasceram da caridade. E para ela devem retornar.

Índice

I - Parte

Ciência do Espírito	Página
1 – Generalidades	19
2 - Ciências psíquicas, um desafio	19
3 - As raízes da insegurança	20
4 – <i>Eppur si muove!</i>	21
5 - O admirável velho mundo novo	22
6 - O porquê deste livro	23
7 - Conhecimento do Espírito, ciência experimental	24

O Homem - Espírito

1 - A sabedoria dos antigos	27
2 - O setenário - origem e importância	28
3 - O bloqueio espírita	29
4 - Os sete corpos, ou campos, ou dimensões	29

I - Corpo Físico	30
-------------------------------	-----------

II - Corpo Etérico

1 – Constituição e propriedades – O ectoplasma	31
2 - Doenças etéricas	32
3 - Os conhecimentos dos teosofistas	32
4 - Uma ponte entre o físico e o astral	33
5 - Efeito Kirlian	33

III - Corpo Astral

1 – Importância e densidade	34
2 – A erraticidade	35
3 - O "Purgatório"	35
4 – Os médiuns astrais	36
5 - Fenômenos de desdobramento	36
6 - O "cordão de prata"	37
7 - O desdobramento apométrico	37
8 - Propriedades e funções do corpo astral	38
9 - Alimentos e "morte" do corpo astral	38

Espírito / Matéria

IV - Corpo Mental	Página
1 - Mental concreto e mental abstrato	39
2 - Aura - projeções mentais	40
3 - Outras propriedades	40
4 - Ressonância mental	41
5 - As "noures"	42
6 - O que nos reserva o estudo do corpo mental?	42
7 - Tempo e Espaço não existem na dimensão mental	43
V - Corpo Buddhi	43
VI - O Corpo Átmico ou Espírito Essência	44
Leituras:	
Nohtixon	
(O pensamento como trabalho do Espírito)	47
Os Chakras	
1 - Chakra básico e Kundalini	52
2 - Chakra esplênico	52
3 - Chakra umbilical	52
4 - Chakra cardíaco	52
5 - Chakra laríngeo	53
6 - Chakra frontal	53
7 - Chakra coronário	53
8 - Os plexos	53
9 - A tela búdica ou tela etérica	54
A Medicina e O Homem – Espírito	57
O Espiritismo	59
O Inútil Conflito do Espírito	60
O Conhecimento Rumo ao Absoluto	62
1 - O átomo, ontem e hoje	63
2 - A caça à energia primordial	63
3 - Pensamento, nossa mais óbvia energia	64
4 - Deus no horizonte	64

Espírito / Matéria

Matéria - Energia - Espaço (Um trinômio Intercambiável)

Página

1 - Origem da matéria	67
2 - O nascimento do Fóton	68
3 - Fóton - Elétron	68
4 - Momento de inércia: Massa unitária do magnetismo?	69
5 - Espaço, reservatório de infinita energia	70
6 - O enigma do Espaço	71
7 - Ciência sem espaço	72

Karma, A Grande Lei Cósmica

O Resgate Kármico

1 - Conhecimento da desarmonia produzida	73
2 - Aquiescência em resgatá-la	74
3 - Valor da desarmonia	75
4 - Ressarcimento	75
Perguntas e respostas visando ilustrar	75
5 - A vida do Homem-campo das Leis Kármicas.	76

A Vida Vem De Deus	79
---------------------------------	-----------

Apometria

I - Generalidades

1 - Origens da Apometria	81
2 - Utilidade da Apometria	82
3 - Os cuidados. A assistência espiritual	83
4 - O tratamento	83
5 - Os obsessores. A desobsessão apométrica	84
6 - As síndromes "novas"	84

Casos Clássicos De Desdobramento	87
---	-----------

II - Apometria Aplicada	92
--------------------------------------	-----------

1 - O poder da mente	92
2 - Contagem energia em pulsos	94
3 - Vantagens da técnica apométrica	95
4 - Apometria versus Magia Negra	96
5 - Regras de ouro da apometria	96

Espírito / Matéria

III - As forças empregadas na apometria	Página
1 - A força mental	97
2 - A força <i>zeta</i>	97
3 - As energias em ação.....	98
4 - Mecânica quântica versus Magia Negra	99
 IV - Apometria e sistemas oscilantes espirituais	 102
1 - Acoplamento	102
2 - Ressonância vibratória	103
 V - Nós, os mediadores	 106
1 - A cura de enfermidades físicas	107
 VI - Leis da apometria	 109
1 TM - Lei do desdobramento espiritual	109
2 TM - Lei do acoplamento físico	109
3 TM - Lei da ação à distância	110
4 TM - Lei da formação dos campos-de-força	112
5 TM - Lei da revitalização dos médiuns	113
6 TM - Lei da condução do espírito desdobrado	113
7 TM - Lei da ação dos espíritos desencarnados	114
8 TM - Lei do ajustamento de sintonia dos espíritos desencarnados	115
9 TM - Lei do deslocamento de um espírito no espaço e no tempo	116
10 TM - Lei da dissociação do espaço-tempo	116
11 TM - Lei da ação telúrica	117
12 TM - Lei do choque do Tempo	123
13 TM - Lei da influência dos espíritos desencarnados	124
 II - Parte	
 Ação Maléfica dos Espíritos Desencarnados	
Introdução	 129
 I - Síndromes Psicopatológicas	
A - Indução de campos vibratórios negativos sobre encarnados	 131
1. Magnetismo, eletromagnetismo e indução espiritual	131
2. É preciso tratar os espíritos	132
3. O perigo da simbiose	133

	Página
Casos ilustrativos	134
B - Pseudo-obsessão	135
C - Obsessão propriamente dita	135
1. A avassaladora importância da obsessão	136
2. Etiologia e tratamento	136
3. Uma doença com raízes na Eternidade	137
4. Obsessões simples e complexas	138
5. Magia negra	139
Casos ilustrativos	
1. Obsessão simples	140
2. Obsessão complexa	142
3. Obsessão complexa	144
4. Obsessão complexa	146
5. Obsessão complexa	147
D - Tipos de ação obsessiva	
a) Ação de desencarnado sobre desencarnado	149
b) Ação de desencarnado sobre encarnado	149
c) Ação de encarnado sobre desencarnado	149
d) Ação de encarnado sobre encarnado	150
e) Obsessão recíproca	150
E - Tipos de obsessão	
a) Ação eventual, transitória de desencarnado sobre encarnado	152
b) Obsessão propriamente dita	153
c) Magia negra	159
d) Presença de campos magnéticos negativos, sem a assistência de obsessores desencarnados	157
e) Aparelhos parasitas fixados no sistema nervoso	158
1. Como funcionam	158
2. Um caso "estranho"	160
3. Obsessores, aparelhos e obsediados	161
f) Aparelhos fixados no corpo, visando provocar enfermidades localizadas	161
g) Obsessão indireta	163
h) Obsessão paradoxal	163
i) Arquepadia	164
Casos ilustrativos:	
I - Processo obsessivo visando a destruição do corpo físico	166
II - Aparelho parasita fixado no sistema nervoso	168
III - Idem	171
IV - Idem, caso recente	175
V - Magia negra (especial)	176

	Página
Leituras:	
A célula do Dr. Teofrastus	179
Magia negra - casos relatados por ALBERT DE ROCHAS	180
Exús	182
O "desmancho"	182
F - Tipos de obsessão complexa	
1 - Processos de destruição do corpo físico, com ou sem destruição da tela búdica	184
- Tela búdica	189
2 - Processo de perturbação das realizações humanas e de levar à morte - Magia negra	185
G - Etapas do processo obsessivo (Ação sobre a mente)	187
I - Ação perturbatória passageira e eventual	188
II - Fascinação	189
III - Domínio da mente	189
IV - Subjugação	189
II - Fenômenos Anímicos Auto-Obsessivos	
a) Ressonância com o passado	191
- Tratamento	192
- Caso ilustrativo	193
b) Recordação tormentosa, fragmentária, de encarnação anterior ...	197
- Tratamento	197
c) Correntes mentais parasitas auto-induzidas	197
d) Estigmas kármicos físicos formando núcleos obsessivos	199
e) Estigmas kármicos psíquicos formando núcleos obsessivos	201
f) Desajustes reencarnatórios	202
g) Viciação mental-emocional	203
h) Animismo descontrolado	204
III - Parasitismo	207
IV – Vampirismo	209
V – Simbiose	211
VI - Mediunidade Reprimida	
1. Conceitos	213
2. Médiuns - Missão com problemas	213
3. Construir-se para construir	214
4. O caminho certo	215
5. A mediunidade no contexto da Eternidade	216

	Página
Casos ilustrativos	
Caso nº 1	217
Caso nº 2	218
Caso nº 3	218
Caso nº 4	219
Caso nº 5	220
Caso nº 6	221
Caso nº 7	221
VII - Mediunidade Descontrolada	223
VIII - "Efeito de Arraste" do Espírito Desdobrado	225
IX - Fixação de Desequilíbrios Mentais	227
X - Efeito de "Franjas de Onda" Maléficas sobre Encarnados .	229
XI - Efeito de "Refração de Onda" de Natureza Maléfica	233
XII - Hipnotismo Usado Na Obsessão	235

III - Parte

Técnicas Operacionais

Introdução	241
Tratamentos de espíritos	242
I - Despolarização dos Estímulos da Memória	
- Descoberta da Lei. Desenvolvimento da técnica	245
- Os resultados. E cuidados	247
- Importância da assistência espiritual	249
Casos ilustrativos	
- Caso nº 1	249
- Caso nº 2	251
- Caso nº 3	254

	Página
II - Dialimetria - Eteriatria	257
1. Algumas reflexões	258
2. Cura e energia	259
3. Definição. <i>Modus operandi</i>	260
4. A técnica	262
5. O Futuro e a Dialimetria	262
 Casos ilustrativos	
- Caso nº 1	264
- Caso nº 2	267
- Caso nº 3	268
- Caso nº 4	269
 III - Pneumiatria	271
- A técnica.....	273
 IV - Utilização dos Espíritos da Natureza	275
Caso ilustrativo	276
 V - Arquecriptognosia	279
Conclusão.....	283

Bibliografia

1. Albert de Rochas - *L'Extériorisation de la Sensibilité* (Paris, 1912) Trad. Edicel - 1971
2. Alexandre Aksakof - *Animismo e Espiritismo* - Ed. FEB
3. André Luiz - *Obreiros da Vida Eterna; Libertação; Os Mensageiros; Missionários da Luz* - Ed. FEB
4. Antônio Freire: - *Da Alma Humana* - Ed. FEB
5. Arthur Koestler - *O Fantasma da Máquina*
6. Dr. Baraduc - *La Force Vitale* (Paris, 1912)
7. C. E. M: Hansel - *E. S. P. and Parapsicology* - Prometheus Books, New York, 1980
8. E. Guemey and F. W. H. Meyers - *Visible Apparitions* - Nineteenth (1972)
9. Eliphas Levi - *Dogma e Ritual da Alta Magia* - Ed. Pensamento, 1924
10. Ernesto Bozzano - *Desdobramento - Fenômenos de Bilocação* - Ed. Calvário, 1972
11. Evangelho (*Novo Testamento*)
12. G. N. M. Tyrrel- *The Personality of Man* - London, Pelican Books
13. Gabriel Dellanne - *Les Apparitions Materialisés de Vivants et des Morts* (1911)
14. Gumeys, Meyers and Podmore: - *Phantasms of the Living* - London, 1886
15. Hector Durville: - *Le Fantôme des Vivants* - 2 vol., Paris, 1909
16. Horacio Macedo - *Dicionário de Física*
17. Huberto Rohden - *O Homem*
18. Isaías - Profetas (*Velho Testamento*)
19. Manuel Philomeno de Miranda - *Nos Bastidores da Obsessão* - Ed. FEB, 1972
20. Pierre Teilhard de Chardin - *O Fenômeno Humano*
21. Pietro Ubaldi - *Noures*
22. Waldo Vieira - *Projeções da Consciência* - Ed. Lake:, 1983.
23. William Crookes - *Katie King*